

"EMOCIONANTE, CATIVANTE,
GRATIFICANTE"
STEPHANIE LAURENS

UMA SEDUÇÃO EM
Escarlata
SARA BENNETT



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

"EMOCIONANTE, CATIVANTE,
GRATIFICANTE"
STEPHANIE LAURENS

UMA SEDUÇÃO EM
Escarlata
SARA BENNETT





UMA SEDUÇÃO EM
Escarlata

SARA BENNETT

1ª Edição



2024

Ribeirão Preto/SP



Título original: A Seduction in Scarlet
Copyright © 2008 by Sara Bennett
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Pedro Esteves
Revisão: Hanne Krempi e D Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
FICHA CATALOGRÁFICA

B471lbe

Bennett, Sara
Título: Uma Sedução em Escarlata (recurso eletrônico) - ©2024
Leabhar Books Editora Ltda- Ribeirão Preto - SP
Tradução de: A Seduction in Scarlate © 2008 Anne Gracie.
Formato: E-book
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-280-0

1. Romance histórico. 2. Austrália. 3. Esteves, P. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.
CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Dedicatória

A decorative flourish consisting of symmetrical, swirling scrollwork and floral motifs, centered below the title.

Para Joy



Aphrodite's Club

Londres

Final da primavera de 1850

Aphrodite, a famosa cortesã, sentou-se em sua cadeira de estilo egípcio, com os olhos escuros brilhando de curiosidade — Lady Ellerslie. Não é sempre que uma mulher de sua posição e influência vêm me ver no meu clube. Por favor, diga o que quer de mim, e farei isso se tornar realidade.

— Madame, se ao menos isso fosse tão simples.

— Mas talvez seja. Diga-me e veremos.

Portia, Lady Ellerslie, hesitou, e, por um momento, sua calma bem-educada vacilou, dando à cortesã um vislumbre da emoção fervilhante que ela estava tentando tanto esconder — Estou contando com sua discrição. — disse com serena dignidade.

— Somos todos muito discretos aqui, milady.

Pareceu tão simples no cabriolé, a caminho daqui, mas agora estava cara a cara com a mulher... Não, isso definitivamente não era simples. Mas ela já havia se decidido e, assim que decidia algo, ia em frente. Além do mais, qual era a alternativa? Rastejar de volta para casa e não fazer nada? Não poderia suportar isso, nem por mais um dia, nem por mais um momento.

Nem por mais uma noite.

Portia respirou fundo — Sou uma viúva, madame, como sabe. A minha posição é tal que devo ser extremamente cautelosa, razão pela qual vim aqui hoje num coche de aluguel, usando véu e um nome falso.

Aphrodite inclinou sua cabeça, mas seus olhos diziam que havia ouvido tudo isso, muitas vezes antes. Isso dava à Portia algum conforto. Não estava sozinha, afinal; havia outros como ela, que estavam desesperados para escapar das restrições que a sociedade lhes impunha.

Escapar?

Não, escapar era impossível. Mas, talvez, apenas por um breve momento, poderia esquecer o que era esperado dela e fingir ser outra pessoa.

— Gostaria de um pouco de café ou chá? — Aphrodite cochichou quando Portia não continuou — Um copo de algo mais forte, talvez, para lhe dar coragem?

— Não, por favor, não quero nada para beber. — Portia disse frustrada, suas mãos enluvadas apertando sua bolsinha. De repente, as palavras saíram dela, como uma represa que se rompeu: — A senhora está sendo educada, e não quero educação e boas maneiras; não quero ser cercada e sufocada com boas intenções; não quero fingir ser feliz quando estou triste e conter minhas lágrimas e minha raiva, para ser tão...tão desprovida de emoção, porque, no mundo em que vivo, não é adequado mostrar o que realmente se sente...

Aphrodite sorriu e seus olhos escuros brilharam — Continue, Lady Ellerslie.

Seus sentimentos íntimos, uma vez libertados, não poderiam ser contidos, nem seu sentimento de desespero — Madame, apenas por uma noite, por uma hora, quero ser uma mulher viva novamente e não um monumento de mármore para meu falecido marido.

O silêncio pairou pesadamente na sala pequena e chique. Portia desejou que pudesse desviar o olhar da cortesã, mas isso seria covardia, uma negação das palavras que acabara de dizer, então manteve seu olhar parado e firme, como se não estivesse tremendo em suas botas.

— Vou lhe contar um pequeno segredo, — Aphrodite respondeu, sua voz conspiratória — a senhora não é a única dama inglesa de qualidade que vem aqui buscando minha ajuda, e não será a última.

— Não sou? Para onde o mundo está indo?! — soou como a rainha Victoria, como pretendia, mas seu sorriso aliviou a dor.

— O mundo é moldado por homens, milady. Vou lhe direi o que disse às outras. Não há absolutamente nada errado com uma mulher desejando satisfazer suas necessidades sensuais; é uma coisa natural. Mas, na sua situação, está correndo um risco maior, e poderia ser mais seguro, e mais conveniente, se arranjasse um amante do seu próprio círculo. Um amigo? Um criado?

Portia balançou sua cabeça — Não. Devo ser irrepreensível, madame, e se o menor cochicho chegar aos ouvidos da minha família ou do palácio... Não posso manchar a memória honrosa do meu marido. A senhora compreende que, meramente por estar aqui hoje, coloquei tudo em risco?

Aphrodite inclinou sua cabeça — A senhora deve ser vista como defensora da pureza e da feminilidade vitoriana. — zombou suavemente — Entendo muito bem, milady, e simpatizo com seu dilema. A senhora foi colocada em um pedestal, e é solitário lá em cima. Especialmente se for uma mulher sensual, e penso que é. Me perdoe, mas não pode se casar novamente? Faz dois anos que Lorde Ellerslie morreu.

Portia se perguntou se tal pergunta era impertinente. Provavelmente era, mas não se importava. Esta era a conversa mais franca que já teve com uma mulher em muitos anos, talvez em toda sua vida. Não percebeu até agora que tais conversas eram sequer permitidas. Talvez não fossem.

O pensamento de que pudesse estar quebrando uma daquelas intermináveis “regras” a fazia sentir-se deliciosamente perversa.

— Não acho que um novo casamento meu seria bem-visto. Sou o epítome da viúva fiel, de luto por seu marido herói, e, se eu me casasse novamente, então o encanto seria quebrado. Victoria, Sua Majestade, a Rainha, prefere que eu fique como estou. Ela gosta de me dizer que sou uma referência que os outros podem seguir. Bretanha nas vestes de viúva.

Infelizmente, era tudo verdade. Mas isso era o que ela não queria, afinal. A ambição e o orgulho de sua mãe a trouxe a este ponto, e seu próprio senso de

obrigação. Será que ela realmente gostaria de trocar de lugar com alguma esposa de casa de campo, feliz e casada? Se estava presa, então era uma armadilha criada por ela, a qual se contentava em habitar, na maior parte do tempo, pelo menos.

— Então, a senhora não quer arranjar um amante e não pode se casar de novo. Em vez disso, veio até mim. Deixe-me adivinhar, a senhora quer uma noite de paixão, mas sem qualquer vínculo ou convenção. Apenas um estranho, em um dos lindos boudoirs, com pouca ou nenhuma conversa, e, depois, adeus para sempre.

Se Portia fosse do tipo que corava, poderia tê-lo feito agora, mas o dela era a beleza fresca e clara da rosa inglesa, e ela havia se tornado muito hábil em esconder seus verdadeiros sentimentos por trás disso.

— Acertou, Madame Aphrodite. Isso é exatamente o que quero.

— Conexão com um homem que não conhece? — a cortesã perguntou, falando francamente.

Portia ergueu seu queixo para que não houvesse dúvida — Sim.

Aphrodite sorriu — Não estou tentando chocá-la, milady. Gosto de ser franca com meus clientes, e assim não haverá mal-entendidos.

— Sou grata pela sua franqueza. Não é algo com o qual eu esteja acostumada. Acho isso agradável, madame.

— Então me deixe ser clara novamente. Não é virgem? Pergunto por que seu marido era muito mais velho. Ele ainda era capaz?

Mesmo a mãe dela não lhe perguntou tal coisa. Sua mãe provavelmente teria desmaiado se ela tivesse discutido o desempenho de seu marido no quarto. Portia ficou encantada por poder contar em alta voz segredos que escondeu por dez anos — Ele era capaz, mas eu era virgem antes de se casar. Quando garota, fui mantida tão confinada, que não haveria nenhuma chance de perder a virgindade. Mas eu não estava interessada nos jovens ao meu redor. Era uma garota séria, não inclinada a voos de fantasia ou sonhos amorosos, e meu futuro foi martelado em mim tão intensamente, que acreditei que não tinha outra chance senão casar-se bem. A sorte da família dependia de mim, madame, e ouvir uma coisa dessas dia após dia...bem, levei isso a sério.

Isso era verdade; bem, quase. Houve um homem...um garoto. Alguém por quem ela havia, brevemente, se apaixonado e desejou se entregar, do jeito sonhador e inocente dos inexperientes. Não que o garoto soubesse disso. Mal se falavam, mas ela fantasiou com ele durante todo o verão. Chegado o outono, estava casada. Ela não pensou nele por anos, sua vida mudou tanto, e depois, um dia, lá estava ele. Dentro de sua cabeça. Seu jovem e inocente amor...só que agora seus sentimentos já não eram tão inocentes.

Aphrodite não precisava saber disso. Nem que ele tivesse assumido um papel de liderança nas fantasias que ela tinha sozinha, à noite. Fantasias sombrias e maliciosas.

— Depois que me casei com meu marido, eu... descobri que gostava da parte física do meu casamento, mas, como disse, meu marido era muito mais

velho do que eu, e, em pouco tempo, ficou muito doente para cumprir o papel de marido. Ele ficou doente por muitos anos, antes de morrer. Isso não quer dizer que eu me ressinta do meu tempo como sua enfermeira, mas não havia intimidade física entre nós.

— Eu vejo, milady. Amou-o, mas, agora que ele se foi, e por causa do público, da rainha, de sua família, deve se manter uma viúva perpétua.

— Sim.

— Ele foi um herói nacional. Desejam preservar o que sobrou dele.

— Não pretendo denegrir seu nome; nunca faria isso. Mas tenho vinte e sete anos e não quero envelhecer ainda. Quero sentir o que é ser uma mulher novamente. Acho que se eu pudesse passar algum tempo com um homem jovem e viril, e experimentar o que outras mulheres consideram natural, ficaria satisfeita. Uma vez seria o suficiente.

Os dedos cheios de anéis de Aphrodite bateram no braço da sua cadeira.

— Espero que esteja certa, mas, em minha experiência, ‘uma vez’ às vezes é o início de algo, ao invés do fim. — sua voz assumiu um tom de advertência.

Portia sorriu, confiante de que estivesse em controle — Estou disposta a assumir esse risco.

Capítulo 1



Era muito cedo para ir para casa, Marcus decidiu, enquanto caminhava pelo Covent Garden. Além do mais, Sebastian e Francesca estariam lá, brilhando de felicidade conjugal. Desde que seu irmão se casou, não queria ir a nenhum lugar, a menos que Francesca estivesse com ele, em resumo, tornara-se um completo chato. Aqui estava, Marcus pensou, livre da administração de Worthorne Manor e de um breve e desastroso período nos Hussars, pronto para experimentar tudo o que Londres tinha para oferecer, e com ninguém com quem compartilhar isso.

Essa noite, Sebastian veio para o seu quarto — O que está fazendo com sua vida? Está perdido. — disse.

Marcus deu de ombros, sorriu e disse ao seu irmão que estava com inveja.

— Nem todos têm um propósito. — respondeu, escolhendo seu colete — O que acha? Este, ou o novo de Bond Street?

Sebastian suspirou, balançou sua cabeça e desistiu, por enquanto.

Depois, ele esteve no teatro e desfrutou de um jantar com muita bebedeira, com alguns de seus amigos do regimento, mas foram chamados de volta ao quartel, e agora estava completamente sozinho. Embora normalmente isso não o teria incomodado, Marcus, esta noite, estava angustiado. Talvez devesse visitar um dos prostíbulos e passar uma hora ou duas? Ou frequentar um dos salões de jantar no Strand, onde garotas de meia-calça cor de pele e saias curtas levantavam suas pernas? Considerou suas opções.

Uma mulher bonita, passando em um vestido e chapéu caros, sorriu, olhando-o pelo canto de seus olhos. Marcus reconheceu o olhar. Ela estava exercendo sua profissão, procurando por um cavalheiro rico para passar a noite. Só por um momento, considerou ser aquele cavalheiro e, então, repentinamente, lembrou-se de que tinha um compromisso, afinal. Procurou no bolso de seu colete — ah, aqui estava! Um convite do exclusivo Aphrodite's Club.

— Uma noite de prazer, em que pode experimentar as delícias que temos disponibilizado, com exclusividade! — leu em voz baixa.

Experimentar as delícias...

Sorriu. Isso parecia exatamente o que precisava. Talvez algumas das delícias de Aphrodite fossem acalmar a agitação em sua alma e restaurar sua habitual natureza despreocupada. Decidido, chamou um cabriolé que passava e partiu para o Aphrodite.



Portia sentia como se todos no quarto a estivessem olhando, não diretamente, mas com olhares curiosos e rápidos. Mas não podiam vê-la; o véu cobrindo seu rosto garantia isso. Ela podia muito bem ser invisível.

O conhecimento lhe dava poder e sensação de segurança. Estava livre para

olhar, julgar e fazer sua escolha, e ninguém saberia. Para alguém que passou grande parte de sua juventude com os olhos de outros sobre si, olhando-a e julgando-a, isso era incrivelmente libertador.

Quase não veio esta noite.

Victoria, Sua Majestade, a Rainha, estava se sentindo mal, e Portia esperava uma convocação ao palácio, para se sentar com ela. Felizmente, esta não veio. Portia sentiu partes iguais de alívio e culpa por isso. Victoria estava engordando novamente e frustrava-a não poder fazer todas as coisas que desejava. Assim, contava com suas amigas e damas de companhia para distrair sua mente, de seu corpo cada vez mais espesso. Mas, esta noite, o príncipe Albert ficou ao lado dela, e Portia não era necessária.

Depois do jantar, foi cedo para a cama, alegando dor de cabeça. Sua mãe, cujas dores de cabeça eram terríveis, não precisou ser convencida e a deixou ir sem reclamar. Hettie, sua fiel criada e única confidente, a estava esperando. Seu rosto simples e bem-humorado estava enrugado de preocupação.

— Tem certeza, *lieben*? Pode mudar de ideia.

— Hettie, disse que me ajudaria!

Esta tomou-lhe a mão, apertando-a — E ajudarei. Contanto que não esteja esperando encontrar o amor.

— Amor? — ergueu uma sobrancelha — Estou buscando paixão, Hettie. Um corpo quente segurando o meu. Quero me sentir como uma mulher, em vez de um monumento. Isso é errado?

— Não, *lieben*, claro que não. Venha e me deixe ajudá-la a se vestir...

Quando Portia ficou pronta, Hettie envolveu-a apertado em uma capa preta, depois ela entrou na carruagem alugada que a aguardava.

Agora, aqui estava ela, no elegantíssimo salão de Aphrodite.

Havia muitos cavalheiros presentes. Alguns eram bonitos, mas a maioria não era. Portia não esperava um deus. Estava procurando por aquela coisa certa, aquele momento de atração, aquela faísca que dizia que era esse. Por trás do véu, o olhar dela viajava de homem para homem. Esse, muito pequeno, esse, muito gordo, esse, cuja voz era muito alta, esse olhando para seu relógio de bolso, como se tivesse que estar em algum outro lugar...

Estava buscando defeitos? E se não o encontrasse?

Movia-se um pouco inquietamente, e a seda escarlata farfalhava em volta dela. O vestido era apertado e decotado, dando ao seu corpo magro uma nova voluptuosidade e fazendo-a sentir-se surpreendentemente sensual. Hettie anunciou que esse era um vestido para usar em um encontro, como se ela soubesse, e nenhum homem conseguiria resistir a ela. E o brilho da cor... fazia tanto tempo que não usava nada exceto luto e meio-luto.

Sonhou com o vestido na noite passada. Um de seus sonhos inquietos e febris, em que um homem a abraçava e a acariciava na escuridão. E então, quase no fim, ele se virava para a janela e o luar caía sobre seu rosto, e ela via que era ele. Marcus Worthorne. Sua fantasia de dezessete anos, daquele verão, há muito tempo.

Portia suspirou e se perguntou se esse era seu problema. Não queria apenas qualquer homem, queria alguém que não existia. Porque, é claro, o Marcus Worthorne que cresceu e se desenvolveu em sua mente não era o garoto que ela conheceu aos dezessete anos. Ele não era real. Não podia existir.

Quando ela chegou à noite, Aphrodite a saudou e falou-lhe discretamente.

— Não se preocupe se não houver ninguém aqui que te agrada. Há sempre uma próxima vez.

Mas Portia sabia que era muito possível que pudesse não haver outra chance.

Nunca.

Poderia não reunir a coragem novamente, ou as circunstâncias poderiam intervir para impedi-la. Este era seu momento, e tinha que aproveitá-lo ao máximo. Tinha que aceitar tudo que o Destino lhe desse.

Então, aqui, sentou-se em sua cadeira, em seu vestido de seda escarlate, com babados de renda na bainha, e um véu escarlate cobrindo seu rosto e cabelo. A taça de champanhe que ela segurava em sua mão foi substituída três vezes. Ou foram quatro? Não contava mais. Estava sentindo-se tonta, mas essa não era uma sensação desagradável. Era mais ou menos como flutuar em uma nuvem quente e confortável, enquanto, em todos os lados, os convidados de Aphrodite se moviam e conversavam, fazendo suas escolhas. Com certeza, isso era muito mais honesto do que o terrível baile de debutantes do qual ela se lembrava de frequentar quando garota. Se uma mulher ia se vender ao lance mais alto, então que se deixe isso exposto...

Virou sua cabeça, exatamente quando ele se moveu, em seu campo de visão. Seu mundo giratório parou abruptamente. As visões e os sons em volta dela se fundiram em um borrão irreconhecível.

Querido Deus, não pode ser...

Aphrodite era uma bruxa? De que outra forma ela poderia saber? Mas claro que a madame não sabia. Ela se colocou nas mãos do Destino e este lhe deu um estranho e surpreendente presente. Marcus Worthorne, o homem de seus sonhos, estava de pé no salão, aqui no Aphrodite's Club.

Marcus não havia visitado Aphrodite antes. Isso não queria dizer que não tinha visitado casas de diversão e prostíbulos, apenas não essa em particular. Conhecia Aphrodite, é claro, a cortesã era a mãe biológica de sua cunhada. Mas, visitar seu clube... não, ele não fez isso, não sentiu que isso fosse muito adequado. Agora, com o convite em seu bolso, a situação mudou.

Aphrodite, uma versão mais velha de Francesca, sorria-lhe enquanto entrava no salão, mas ela não lhe mostrou nenhum favor especial. Bom. Preferia assim. Isso era estritamente privado, nada a ver com relações familiares.

Por um tempo, rondou pelo salão brilhante e extravagante, desfrutando da companhia de lindas mulheres, bebendo seu champanhe. Era como se tivesse entrado em um conto de fadas, no qual as princesas vestiam muito pouco e estavam preparadas para tornar todos os seus sonhos realidade, se seus bolsos

fossem fundos o suficiente.

Bem, o que havia de errado com isso? Não era como se estivesse procurando por uma esposa respeitável, pelo amor de Deus. Apenas algumas horas de prazer, com uma companheira buscando o mesmo. Poderiam desfrutar um do outro e seguir caminhos separados. Mas qual mulher? Essa era a pergunta difícil. Eram todas encantadoras, todas charmosas; isso tornava impossível escolher.

E então ele a viu.

Ela estava usando escarlate, um vestido que se moldava às suas curvas, o corpete tão baixo, que seus seios quase saíam. Poderia ter parecido cafona, mas a postura da mulher era tão majestosa, tão segura, que Marcus pensou que ela poderia muito bem ter usado um saco de pano e, ainda assim, ter o porte de uma rainha. Desejou que pudesse ver seu rosto, mas o véu que ela usava sobre a cabeça alcançava seus ombros, e não podia ver através dele. A mulher misteriosa estava sentada ao lado de uma estátua dourada de Cúpido, e estava tão parada, que ela mesma poderia ter sido uma estátua. Embora não pudesse ver o rosto dela ou os seus olhos, Marcus tinha a mais estranha sensação de que ela o estava observando.

Fez outro circuito pela sala. As mulheres ainda eram lindas e, sem dúvida, queriam agradar, mas, agora, todas pareciam iguais. Não sabia o que estava errado com ele, esta noite, mas seus passos o levaram de volta para a dama vestida de escarlate.

Estava intrigado com ela. Estava sentada, tão parada, mas não era como uma coisa de pedra. A pele dela parecia tão quente, tão macia, tão palpável. E ele queria tocá-la.

Ela se moveu.

Apenas uma pequena mudança de posição, mas o suficiente para fazê-lo pensar que estava muito atenta a ele. Talvez ela estivesse tão interessada nele quanto ele nela? Pensou que seria divertido descobrir, fazer um pequeno teste com ela...

Começou a rondar o quarto novamente, mas, desta vez, manteve um olho discreto nela. O rosto debaixo do véu virou um pouco para seguir seu progresso? Uma das lindas demimondes esfregou-se nele, sorrindo, acariciando seu braço, enquanto lhe falava. Ele se inclinou, dando-lhe sua completa atenção, fazendo uma piada. Ela riu e bateu no braço dele, com o leque pintado.

Marcus olhou para a mulher vestida de escarlate. Oh, sim, ela estava definitivamente o olhando. Sua cabeça estava virada para ele, e ela estava se inclinando para frente em sua cadeira, para observá-lo melhor, no meio da multidão. Como se não quisesse que ele notasse seu interesse, ela se virou rapidamente, presenteando-o com a curva elegante de seu ombro, casualmente levantando sua taça de champanhe para seus lábios.

Continuou andando, conversando com outras lindas mulheres, e depois outras, mas o jogo perdeu a graça, quando a dama de escarlate não o olhou

novamente.

— Basta. — murmurou, repentinamente impaciente com ela e consigo mesmo. Partiu em direção a ela, abrindo caminho entre os pequenos grupos de convidados, seu olhar fixo nela, como um felino selvagem caçando.

Ela ouviu sua aproximação, ou talvez a tenha sentido. Virou-se para ele, pouco antes dele alcançá-la. Viu o corpo dela enrijecer, como se estivesse se preparando. Era tímida? Mais provavelmente não estava acostumada com o ambiente. Uma visitante de primeira viagem. Uma inocente.

Marcus sorriu. Isso estava ficando cada vez melhor.

A vista de onde ele estava era realmente maravilhosa. Seus seios se avolumavam sobre o corpete de seu vestido, grandes e perfeitos, sua pele como leite. Uma senhora, então, nem velha, nem enrugada. Perguntou-se se ela sabia o efeito que estava tendo sobre os homens na sala. Se ela percebia quão desesperadamente, ele queria estender a mão e abaixar o decote escarlate, um pouquinho, para que os picos de seus seios deliciosos ficassem expostos, para seu olhar e suas mãos. E sua boca.

— Sua taça está vazia. — disse, sua voz profunda, suave e íntima. — Autorizar-me-ia a lhe trazer outra?

O véu parecia frágil, mas era, na verdade, surpreendentemente impenetrável; só podia ver o pálido borrão de suas feições. Ela estava escondida dele, e ele achava isso frustrante. Queria ver seus olhos. Queria olhar em sua boca. Queria conhecê-la.

Ela não disse nada.

— Parece que nós dois não temos compromisso. — continuou, como se o silêncio dela não lhe importasse — Somos observadores enquanto o mundo passa. Prefere observar, é por isso que está aqui? Para observar?

Ainda nada.

— Se quiser se juntar a mim, prometo-lhe que posso ser uma companhia fascinante. — deu um passo à frente, e a cabeça dela se inclinou, para mantê-la à vista. O perfume dela o alcançou, alguma coisa almiscarada e doce, provocando seus sentidos. A mão dela se levantou, pairando sobre seu decote, como se para preservar sua modéstia.

— Não, não. — ele murmurou, roucamente — A senhorita é aquilo do que os sonhos são feitos. Não estrague isso, bancando a puritana.

Pensou ter visto o brilho dos olhos dela. Ela hesitou, e depois sua mão voltou para o seu colo.

— Obrigado. — sorriu como se já fossem amantes, seus olhos tão quentes quanto seu desejo — Posso? — antes que ela pudesse se mover novamente, ele se agachou e levantou sua mão na dele, erguendo-a para seus lábios. Ela estava usando luvas, mas sua carne era quente, debaixo do tecido fino. Ela não o queria tão perto, ele podia dizer, e, quando a soltou, ela fechou seus dedos apertados e o dispensou, virando sua cabeça.

Marcus deu um passo para trás — Quer ficar sozinha?

— Nada.

— Uma pena. — deixou seu olhar percorrê-la uma última vez, guardando-a na memória — Acho que teríamos gostado da companhia um do outro.

Ele se curvou, mais sóbrio agora, mas, enquanto se afastava, lutava com uma profunda sensação de desapontamento. A dama velada o intrigava. Ele a queria. Marcus zombou de si mesmo. Por que estava buscando o impossível? A sala estava cheia de mulheres. Estava sendo ridículo e infantil, querendo a única que não podia ter. Bebeu mais algumas taças de champanhe e olhou, enquanto algumas das mulheres realizavam uma exibição elegante atrás de uma cortina fina, uma representação nua do nascimento de Vênus, em uma concha de papel machê. Não estava exatamente interessado e achou tudo isso bastante ridículo.

Era hora de partir, antes que ficasse tão bêbado, brigão e com pena de si mesmo.

Estava pegando seu chapéu e casaco, quando Aphrodite veio deslizando em sua direção, em sua seda preta, suas joias brilhando em seu pescoço, seu lindo rosto atemporal.

— Marcus, — ela pediu — por favor, não saia ainda.

— Acho que devo, madame. — retrucou, educado, mas firme.

— Meu clube não te agrada?

— Seu clube é magnífico. Suas garotas são lindas.

— Mas não está com vontade de ser agradado por mera beleza, *oui*? Quer algo a mais. Mudaria de ideia, se soubesse que há uma certa dama que deseja muito sua companhia?

— Tenho certeza de que há outros cavalheiros que seriam mais apreciados que eu...

— Falo da dama no véu, Marcus.

— A dama de escarlate?

— Está surpreso? — sorriu — Ela ficou muito atraída, *mon ami*. Essa é uma comissão especial. A identidade dela é um segredo, e ela usará o véu, enquanto estiverem juntos. Uma noite, Marcus, isso é tudo de que ela precisa. Pode dar-lhe uma noite, para ela lembrar pelo resto de sua vida?

Marcus tirou seu chapéu e o entregou a ela, com um olhar engraçado — Acho que posso fazer isso, madame.

Capítulo 2

Portia não conseguia ficar parada. Depois que disse a Aphrodite qual homem preferia, a cortesã a levou para esse quartinho sensual, para esperar. Pela décima vez, seu olhar se voltou para a cama, colocada discretamente em um canto sombrio, as almofadas fofas disfarçadamente saindo de trás das cortinas exuberantes, a razão pela qual estava aqui. E, pela décima vez, pensou sobre fugir e esquecer a coisa toda. Mas venceu seu medo. Porque isso era o que queria, isso era o que desejava.

Quero me sentir como uma mulher novamente. Quero sentir. E Marcus estar aqui... é como se fosse para ser.

Marcus Worthorne era perfeito. Oh, sim. Pensou novamente em seus olhos sobre ela, queimando sua pele. Sentiu como se ele a estivesse tocando, e uma dor quente acendeu em sua barriga. Fantasiou com ele por tanto tempo, mas, mesmo em seus sonhos mais loucos, alguns deles realmente muito loucos, não esperava que ele se tornasse alguém tão perfeito.

Quando tinha dezessete anos, parecia distante e inalcançável. Talvez essa tenha sido parte de sua atração. Sequer sabia que ela existia e, mesmo agora, provavelmente não a teria reconhecido como a garota tímida, que ocasionalmente encontrava pelo caminho, enquanto cavalgava, ou a jovem que se embarçou tanto naquele dia, na igreja. Mas certamente a reconheceria como a Dama Ellerslie; toda a Inglaterra reconhecia.

Marcus, o garoto, já prometia ser um belo homem, o do tipo que ela sempre admirou secretamente. Alto, de ombros largos e quadril magro, com uma aparência arrogante, de alguém que não se preocupava com nada. Ah, não, ele não se preocupava com o que a vida poderia lhe reservar. Na verdade, Portia duvidava que sua vida consistisse em algo mais do que ociosidade e prazer. Completa e totalmente o oposto dela, que era prisioneira de sua própria consciência.

Mas, o que isso importava? Foi o olhar quente em seus olhos que atraiu seus sentidos, o som de sua voz que causou arrepios na espinha dela. Marcus era um homem que sabia como agradar uma mulher, e podia lhe dar o tipo de prazer com que sempre sonhou. E depois partir, sem pensar duas vezes.

Perfeito, lembrou a si mesma. Ela não exigia quaisquer promessas falsas, ou qualquer fingimento que haveria um próximo encontro, na verdade, tais coisas seriam um insulto. Era prazer simples e descompromissado que queria. Haveria tempo suficiente para lembrar do mundo fora desse quarto, quando saísse do clube. Mas, por enquanto, queria esquecer tudo, apenas por uma hora ou duas, e Marcus Worthorne poderia ajudá-la a fazer isso admiravelmente.

A porta abriu.

Ele ficou parado por um momento, delineado pela luz de gás do salão, e ela

se perguntou se fez isso de propósito, porque sabia o quão bonito era. Mas então percebeu que o homem estava mais interessado em olhá-la, sentada no sofá perto do fogo, do que em fazer uma pose.

— Posso me juntar a senhora — sua voz possuía o mesmo tom divertido de que ela se lembrava, só que agora estava mais profunda, com um toque de sedução. Portia estremeceu, inconscientemente reagindo a ele. Uma confusão de lembranças encheu sua mente, mas as bloqueou, lembrando-se de quem era e da sua posição no mundo. Havia ascendido muito desde suas origens, e, embora ele não fosse saber disso, o lembrete lhe ajudou a restaurar a calma.

— Sim, por favor, faça-o. — murmurou, sua voz pouco mais que um cochicho.

— Irreconhecível.

Ele fechou a porta atrás de si e caminhou em sua direção, com o andar gracioso e solto, que ela notara no salão. As protegidas de Aphrodite também notaram isso. Ele era o tipo de homem que sempre seria notado. Mulheres olhariam para ele e o desejariam. Talvez fossem até sonhar com ele se apaixonando por elas, mas Portia tinha certeza de que ele nunca as amaria. Em vez disso, partiria seus corações.

— Não fomos apresentados. — disse, sorrindo-lhe.

A luz da lareira era bajuladora, lançando sombras sobre a pele dela, aquecendo sua carne, e, dessa vez, ela não tentou se esconder de seu olhar — Não precisamos de nomes. — retrucou.

— Está certa. — sentou-se na sua frente.

Seus olhos eram castanhos, com um toque dourado. Inteligentes, mas com um brilho cínico, que reforçava sua crença de que ele não levava a vida muito a sério. Mas, então, crescendo em uma família rica e nobre, nunca precisou fazê-lo. De certa forma, ela o invejava e a sua maneira despreocupada. Devia ser reconfortante ser tão egoísta, mas sabia que nunca poderia ser como ele.

— Gostaria muito de ver seu rosto. — comentou baixinho, naquela voz que a fazia pensar em amar.

— Não.

— Não acha que pode confiar em mim? Sou bom em manter segredos.

Era? Isso não importava. Não confiaria nele com o dela.

Ele deve ter lido a resposta em seu silêncio, porque deu de ombros e sorriu, como se isso não o preocupasse, de qualquer maneira. Estendendo uma mão, tocou os dedos dela, apoiados no braço do sofá. Ela podia senti-lo através de sua luva fina. Por um momento, simplesmente alisou o tecido rendado com seu dedão, acariciando suavemente. Estava olhando-a debaixo de suas pálpebras semicerradas, tentando avaliar a sua reação.

— É uma mulher muito bonita.

— Como o senhor sabe?

— Tem um ar.

— Um ar de quê? — zombou.

— Autoconfiança. Espera ser admirada.

Era esperto. Tirou sua mão, verificando se seu véu estava firmemente no lugar.

— Não se preocupe, — declarou — não espiei. — por um momento, seu olhar a acariciou lentamente, e então ele falou com uma voz preguiçosa — Posso fazer algo que estive desejando, desde que a vi?

Ela ainda estava mexendo em seu véu, mas ele não esperou por sua resposta. Em um movimento repentino e rápido, ficou de pé, alcançando-lhe as mãos, puxando-a suavemente para uma posição levantada, na frente dele.

Portia deu um suspiro, chocada, apesar de tudo. No mundo dela, cavalheiros não tocavam damas, e nunca com tanta maestria. Percebeu que, debaixo de toda essa roupa bonita, ele devia ser musculoso. Abriu sua boca para repreendê-lo e então a fechou novamente. Não era isso o que ela queria? Não era por isso que estava aqui? Não havia volta agora, lembrou a si mesma, com um tremor de excitação.

— O que é que quer fazer? — cochichou, dando um passo para trás, dando-se espaço para respirar.

— Isso. — ele disse e, antes que ela pudesse reagir, deslizou um dedo debaixo do decote dela e suavemente o puxou um pouquinho para baixo.

Ela não lutou. Não levantou as mãos para se cobrir, ou gritou, ou esbofeteou seu rosto. Ficou olhando-o, seminua agora, e orgulhosa, como uma rainha.

Ele lembrou de respirar — Desculpe-me. — ouviu-se dizer. Desculpar-se não era algo que fazia frequentemente, mas o comportamento dela o fez querer implorar por seu perdão.

— Por quê? — ela perguntou, naquele cochicho rouco, que o estava enlouquecendo-o — Disse que queria fazer isso.

— Eu deveria ter mostrado mais cavalheirismo. — respondeu — Geralmente mostro.

— Poderíamos começar novamente, se quiser?

Ele riu sem humor — Acho que não. — era difícil não poder ver o rosto dela, olhar em seus olhos, embora pudesse ver algo dela contra a luz da lareira, o formato de sua bochecha, a curva de seu queixo.

Estendeu a mão e tocou seu seio, e depois abaixou sua cabeça para saboreá-la. Ela fez um som, um ronronar em sua garganta, e ele sugou seu mamilo em sua boca, acariciando o botão endurecido com sua língua. As mãos dela fecharam-se sobre sua cabeça, os dedos quase doloridos, enquanto os passava pelo cabelo dele.

Aquele perfume exótico emanava da pele dela, almiscarado e sedutor.

— Ainda quer que eu pare? — ele perguntou, deslizando suas mãos sobre seus ombros, acariciando suas costas.

— Não, não quero que pare.

Ele soube então que ela era sua.

Portia tremeu. Ele encontrou os fechos de seu vestido e os removeu rapidamente. Nem havia começado a tirar a roupa, então ela o fez. Mãos

inicialmente inseguras, depois ganhando confiança, ela tirou sua gravata borboleta e desabotoou sua gola. A garganta dele era forte e masculina, e ela sentiu vontade de beijá-lo debaixo de seu queixo e ir descendo. Em vez disso, colocou suas mãos debaixo do fino tecido de luxo de sua camisa e tocou sua pele. Ele era quente, e havia pelos crescendo em seu peito. Ela não conseguia lembrar se seu marido tinha pelos no peito; não achava que o tivesse visto inteiramente nu.

Levantou-lhe a camisa para uma olhada melhor. Havia uma linha de pelos pretos percorrendo sua barriga e desaparecendo debaixo da cintura de suas calças. Levantou o tecido mais alto e descobriu que havia uma mecha de pelo preto em seu peito. A pele dele era limpa e quente, e surgiu novamente o desejo de pressionar sua boca contra ele e saboreá-lo. De fazer todas as coisas que sonhou e desejou fazer.

Mas ele tinha outras ideias.

Seu vestido de seda estava enrolado em volta de seus pés, e ele se ajoelhou diante dela. Bons céus, o homem estava lambendo a parte interna de sua coxa, sua língua quente e molhada, enquanto se aproximava cada vez mais...

A cabeça de Portia caiu para trás e ela deu um gemido, que veio das profundezas do seu interior. Todos os seus desejos reprimidos e vontades secretas vieram à tona, e ela sentiu os princípios de um prazer tão consumidor, que seus joelhos dobraram.

Ele a levantou.

Ela sentiu o encosto do sofá deslizando contra suas coxas, e então ele repousou os quadris dela em cima dele, segurando-a firmemente para que não caísse. Começou a beijá-la, pequenos beijos de borboleta subindo para a parte interna de suas coxas. Tentou sentar-se ereta, mas a maneira como ele a posicionou a deixou incapaz. Ele estava apertando seus quadris, mantendo a parte inferior do corpo dela ancorado, mas a parte superior estava fraca e sem apoio. Caiu para trás, arqueando-se, suas pernas abertas.

Ele fechou sua boca sobre a dela.

O êxtase irrompeu. Ela pode ter gritado.

Portia não se lembrou de muito por vários momentos. Ainda estava inundada com aquele turbilhão de prazer, como se tivesse repentinamente sido levantada de Londres e girada em torno das estrelas, antes de ser colocada gentilmente de volta no chão.

Lentamente recuperou a consciência, piscando e se perguntando por que o quarto tinha a aparência de renda. Percebeu então que ainda estava usando seu véu. Nada mais, apenas o véu. E estava deitada na cama que ocupava o canto sombrio do quarto.

Marcus Worthington estava ao lado dela, e estava nu. Podia sentir seu corpo grande e quente pressionado ao dela, seus dedos preguiçosamente acariciando sua barriga, seus seios, enquanto a esperava recuperar a consciência — Estava com muito desejo. — ele disse, e houve um inconfundível tom de presunção masculina em sua voz.

— Sim, eu estava. — não adiantava nega, e por que deveria?

— Estou feliz por poder ser útil. Agora é minha vez. — e assim estava em cima dela, seu corpo quente e pesado. Ele era um homem grande, e ela se perguntou se deveria ter medo, mas não havia nada de assustador nele, não se sentiu ameaçada. Ele estendeu a mão entre eles, dedos acariciando, provocando a fonte do prazer dela — Diga-me quanto estiver pronta. — pediu, enquanto ela dava um gemido.

Agora. Mas ela não disse isso. Sua garganta estava apertada enquanto lutava com a vontade de implorar e gritar por mais, e sua pele estava úmida e febril, enquanto aqueles desejos reprimidos subiam à superfície novamente. Abriu suas coxas, instintivamente pressionando-se para cima, para estar mais perto desses dedos maliciosos.

— Gosta disso? — murmurou, seu hálito quente em sua bochecha, através do véu. Ele se mexeu ligeiramente, e ela sentiu seu membro masculino buscando entrada — Deixe-me beijá-la. — aquela voz demoníaca cochichou — Fecharei meus olhos. Juro. Deixe-me levantar o véu, apenas o suficiente para beijar sua boca.

— Não.

Ele a penetrou um pouco, provocando-a, retirando novamente. A ponta de seu membro a acariciou, e ela enfraqueceu.

— Deve apenas beijar minha boca. — cochichou.

Ele ergueu o véu, apenas o suficiente para descobrir seu queixo e sua boca. Sentiu seu dedo percorrendo seus lábios e então seu hálito quente sobre eles. Em seguida, ele a beijou. Não houve alívio nisso, apenas o saque de sua boca na dela, desfrutando-a plena e vigorosamente.

Um momento depois, seu corpo penetrou profundamente no dela, e o prazer estremeedor tomou conta dela novamente, tão intenso, que dessa vez sequer conseguiu gritar. Maravilhoso. E pensar que poderia nunca ter conhecido isso, que poderia ter ido para o túmulo apenas com seus sonhos como companhia. A realidade era muito melhor.

Marcus deu um grito rouco, desfrutando dela tanto quanto ela estava desfrutando dele, totalmente perdida no momento. Sem emoções, sem amor, ou recriminações, sem pensamentos sobre o futuro. Apenas o agora.

Exatamente o que queria.

Deve ter cochilado, porque, quando acordou, ele estava deitado ao seu lado, sua respiração profunda e silenciosa.

Queria tocá-lo, acariciar com a ponta do dedo sua bochecha, até seu queixo quadrado e viril. Queria explorar a largura de seu peito, com todos esses fascinantes pelos pretos, e a planície plana de sua barriga, e tudo o que havia embaixo. Mas agora acabou. Era hora de partir, antes que a noite, que havia sido tão maravilhosa, se tornasse inadequada e fosse estragada. Iria saboreá-la, no entanto. Quando estivesse sentada, muitíssimo entediada, em uma das inúmeras funções a que deveria comparecer, lembraria e daria um sorrisinho secreto.

Era apenas uma pena que não poderia vê-lo novamente.

Por que não?

O pensamento veio do nada; astuto, perigoso.

Abruptamente, Portia saiu da cama e se levantou, seu coração batendo forte. Esse não era o plano; nunca foi o plano. Uma vez, sim, mas mais que uma vez, era arriscado demais.

Dedos longos e poderosos apertaram-se em volta de seu pulso fino. Assustada, prendeu sua respiração e, quando se virou para ele, ele estava olhando-a através de olhos semicerrados, naquela maneira preguiçosa e provocativa que ela já estava começando a gostar.

— Oh, não, não ainda, minha dama. Não terminamos.

— Tenho que ir. — pretendeu ser firme, mas sua voz traiçoeiramente vacilou.

— Tem? — sua boca curvou-se em um sorriso. Rolou de costas e se espreguiçou, os músculos poderosos em seus braços e pernas se contraíram, não conseguia tirar seus olhos dele. Portia não se lembrava de mover-se, não lembrava de fazer a escolha, mas, a próxima coisa que percebeu é que estava subindo em cima dele, pressionando-se nele, toda aquela pele dura e nua debaixo de seu corpo nu.

Ele sorriu, estendendo a mão para acariciar suas costas, seguindo a curva de seus quadris, descendo suas nádegas arredondadas. Sentiu-o endurecer contra suas coxas e, com um sorriso próprio, inclinou sua cabeça e levantou seu véu, apenas o suficiente para que pudesse saborear a pele dele.

— Bem, talvez ainda não. — murmurou, sentindo-o tremer contra seus lábios e língua — Talvez eu possa esperar um pouco mais.

— Marcus. — ele gemeu — Este é o meu nome.

Eu sei, pensou, mas não disse em voz alta. Em vez disso, sentou-se, apoiando suas mãos sobre os ombros dele, e olhou para baixo, para ele, através da segurança de seu véu.

— É meu por esta noite. — disse, sua voz sedutora e poderosa — Posso realizar todas as minhas fantasias, praticar minhas imaginações mais loucas e ninguém jamais saberá.

Exceto ela... e Marcus.

— Por favor, faça-o. — incentivou, e seu sorriso foi puro convite.

Capítulo 3

— Marcus? Que horas entrou?

Este abriu um olho, esperando que não fosse a voz do seu irmão, mas infelizmente era. Desde que Sebastian se casou, ele se tornou um chato de primeira linha, quando se tratava da hora de dormir. Mas, por outro lado, pensou, se ele tivesse uma esposa tão deliciosa quanto Francesca para se deitar, poderia estar um pouco mais interessado.

— Isso é bacon que estou cheirando?

— Provavelmente. Vem para o café da manhã ou ficará deitado aí, em minha biblioteca, a manhã inteira?

A biblioteca pareceu um lugar tão bom quanto qualquer outro para refletir sobre as experiências da noite anterior, a misteriosa dama com corpo de deusa. Oh, sim, houve muito em que pensar, incluindo porque contou seu nome. Era o cenário perfeito. Sem nomes, sem compromissos, nem mesmo a necessidade de fingimentos educados. Apenas contato corporal, quente e excitante. E então ele teve que complicar as coisas, dando-lhe seu nome.

Por que, diabos, fez isso?

Melancolicamente, seguiu Sebastian até a cozinha e se atirou em uma cadeira, ainda conseguindo parecer amável. Seu irmão, depois de olhá-lo de soslaio, começou a servir-lhe uma xícara de café.

— Recebi uma carta de meu gerente, Grieves, ontem. Há um problema com alguns dos inquilinos de Worthorne Manor.

— Precisam das mãos deles seguradas? — Marcus retrucou — Sei o que está fazendo, Seb. Está tentando encontrar algo para eu fazer, para me manter ocupado. Não preciso de sua ajuda. Posso cuidar da minha própria vida.

Sebastian começou a empilhar um prato com uma seleção do aparador — Parece-me que não está cuidando dela muito bem. Meses se passaram, desde que deixou os Hussars, e ainda não decidiu um novo curso de ação, uma nova carreira.

— Passou oito anos jogando, irmão. Só passei um ano até agora. Penso em uma carreira como um novo par de botas... tem-se que encontrar aquele que cabe, sem beliscar.

Sebastian irritou-se e colocou o prato na frente de seu irmão.

Marcus lhe deu um sorriso encantador de agradecimento e começou a comer. Seus esforços, noite passada, certamente lhe deram apetite. Perguntou-se o que ela, a mulher misteriosa, a dama de escarlate, estava fazendo naquele momento. Estava deitada em sua cama, toda quente e desejável, enquanto suas criadas preparavam as coisas? Ou seu marido estava deitado ao lado dela, se perguntando por que não parecia tão animada quanto de costume?

Não! Agora ele foi e estragou a imagem. Sem marido, então. Estava sozinha, bebendo sonhadoramente seu chocolate quente e pensando nele.

Estava lembrando o prazer que experimentaram juntos, no Aphrodite's Club. Agora, sua mão havia deslizado debaixo da roupa de cama e estava descendo pela curva suave de sua barriga, cada vez mais perto da... Sebastian pigarreou seriamente.

— O que é isso, irmão? — Marcus disse, abafando um bocejo.

— Estava sentado aí, com sua boca aberta. Pensei, por um momento, que fosse começar a babar. Esteve com uma mulher, noite passada, presumo?

Marcus riu — Claro que estive.

— E quer vê-la novamente? Conheço esse olhar vidrado em seus olhos, Marcus. Desejo não combina contigo. Já é hora de considerar ter uma visão séria das mulheres e encontrar a certa para se estabelecer.

O sorriso de Marcus foi orgulhoso — Eu levo as mulheres a sério. Se perguntar, para qualquer uma das minhas mulheres, se ela não foi levada realmente muito a sério, lhe dirá que foi. Completa e rigorosamente. Para ambas as nossas satisfações.

— E quem é sua mais nova amada? Diga-me que não é outra atriz. Não lembra do histrionismo que teve que suportar, quando disse adeus para a última? Sem mencionar o custo para mantê-la feliz. — Sebastian continuou listando os amores de seu irmão e suas próprias objeções a eles, mas Marcus não estava escutando.

Estava pensando sobre a dama de escarlate.

Gostaria de poder contar a Sebastian tudo sobre isso, se ao menos pudesse fazer uma aposta com ele. Porque sabia que as chances eram boas de, embora seu acordo tivesse sido apenas uma noite, sua deusa pedir para vê-lo novamente. Mulheres tinham tendência a querer repetir a experiência.

E ele aceitaria.



Os pés de Portia percorreram rapidamente a galeria em direção a seu quarto. Esta manhã, ela foi um redemoinho doméstico, terminando suas obrigações em tempo recorde. Até mesmo respondeu às várias cartas que evitou por uma semana, e fez as contas da casa, um dos desafios que particularmente detestava, mas ninguém mais parecia capaz, ou inclinado a fazê-lo. Agora, estava subindo para trocar de roupa, antes de chamar a carruagem, para que pudesse fazer uma visita agendada à Victoria.

Hettie a estava esperando com um sorriso — O cetim cinza, *lieben*, ou o crepe lilás?

Portia só recentemente abandonou seu preto de viúva para meio-luto, em tons de cinza, lilás e outros suaves. Sabia que deveria, por direito, estar voltando para cores mais brilhantes, depois de dois anos, mas, quando mencionou isso para Victoria, a rainha pareceu tão triste e desaprovadora, que não tocou no assunto novamente.

— Obrigada, Hettie, o cinza servirá e usarei o casaco combinando. Duvido que ficarei para o jantar, mas nunca se sabe, então, dirá à minha mãe onde estou, se eu não voltar?

— Sua mãe ainda está no quarto dela. Está com dor de cabeça. Deve ser contagiosa. — Hettie respondeu em uma voz calma, mas seus olhos estavam interrogativos.

Portia não falou da noite passada.

— Minha mãe está piorando. Ontem, esqueceu o nome do meu pai. Semana passada, não conseguia se lembrar onde nasceu. Eu não ficaria surpresa se um dia ela acordasse e não soubesse quem é. Ou quem sou.

— Ela está esquecida, só isso. — Hettie tranquilizou.

— Eu mencionei a memória dela para o doutor Bryant, mas ele não está preocupado, e acho que devo ouvir seu conselho. — Portia respondeu em uma voz que dizia que não concordava inteiramente com o médico. Sabia que sua mãe não era ela mesma ultimamente, que não era ela mesma há algum tempo, aliás. Sua mente, antes tão aguçada e amarga, agora estava envolta em nuvens. O pânico nos olhos dela era de partir o coração de ver. Quando uma palavra ou um nome escapava-lhe, e ela percebia que não podia ser encontrada, perdia sua paciência, em vez de admitir o que aconteceu.

E o que podia ser feito? O doutor Bryant disse que isso era um sinal natural de envelhecimento e não havia cura. Portia, apesar de toda sua riqueza e posição, era incapaz de fazer o tempo retroceder. Tinham que aceitar isso, decidiu.

— Está com ótima aparência, hoje. — Hettie disse calmamente, mas não pareceu completamente feliz por isso.

Portia foi para o espelho e começou a arrumar seu cabelo. Seu reflexo a olhou e, por um momento, ficou surpresa com o que viu. Uma noite de excesso físico podia realmente efetuar tal transformação? Estava brilhando, sua pele fresca e saudável, seus olhos, um azul espetacularmente brilhante. Parecia que andava visitando as amadas Scottish Highlands de Victoria.

— Estou, não estou?

— O que dirá se Sua Majestade lhe perguntar o que está fazendo para melhorar sua aparência?

Portia riu e, então, chocada, mordeu seu lábio. Ela não ria desde que tinha dezessete anos.

— Milady! — Hettie ficou chocada.

— Vou... vou me comportar bem agora, Hettie, eu lhe prometo.

Cumpriu seu desejo mais sombrio e se safou com isso, mas nunca, jamais, deveria arriscar tal coisa novamente.

Marcus.

Por que lhe contou seu nome? Ela não pediu. Preferiria que permanecessem estranhos, pelo menos aos olhos dele. Não queria ficar tentada a procurá-lo ou a pedir por uma repetição. Um segundo encontro, com certeza, seria um desapontamento; era lógico que não poderia estar à altura do primeiro.

Não, não tinha planos de arriscar uma segunda vez.

— É melhor assim. — Hettie disse, e Portia percebeu que falou em voz alta.

— Se fosse flagrada em tal lugar, com tal homem, *lieben*, a desgraça...

Portia estremeceu — Minha mãe nunca me perdoaria. Embora, novamente, ela provavelmente esqueceria, depois de uma semana.

— Sua Majestade, a Rainha, nunca a perdoaria.

Portia considerava Victoria sua amiga, mas não tinha ilusões sobre o que isso significava. Pessoas poderosas, especialmente na realeza, eram motivadas por questões maiores do que meras preferências e amizades. Se caísse em desgraça, Victoria a jogaria para os lobos.

— Está certa, Hettie. Não posso arriscar. Não tenho planos de fazê-lo. Está acabado.

— Ótimo. — mas havia uma pequena dobra entre as sobrancelhas de Hettie, como se não acreditasse nela completamente.



Victoria insistiu para que Portia ficasse para o jantar. Os pequenos príncipes e princesas puderam se sentar à mesa com ela, e a família real era uma bela imagem de felicidade doméstica. Vitória e seu príncipe consorte levavam uma vida muito diferente da dos monarcas anteriores, que escandalizaram o povo britânico, com suas devassidões e extravagâncias. Victoria e Albert se esforçavam para mostrar que eram obedientes às leis de Deus e dos homens e para dar o exemplo a seus súditos. Essa nova era vitoriana seria muito diferente das eras reais anteriores.

Claro, havia muitos que zombavam. Alguns membros da aristocracia consideravam tais ideias de respeitabilidade muito da classe média, e outros apenas elogiavam a insistência real em comportamento adequado e livre de escândalos, enquanto privativamente continuavam como sempre foram.

Portia poderia imaginar o que Marcus Worthington pensaria sobre isso. Ele se perguntaria por que tanta algazarra. Diferente dela, as opiniões de outras pessoas e as exigências da sua própria consciência não lhe causariam falta de sono. Mas ela sempre foi “boa”; uma pequena dama comportada. Até a noite passada...

— Está sorrindo, Lady Ellerslie. Pelo que está sorrindo? Deve compartilhar sua piada conosco. Insisto!

Portia estava momentaneamente sem palavras, mas tinha há muito tempo aprendido como fingir e o fez agora — Estava sorrindo porque me perguntei se deveríamos continuar com a pequena peça que estivemos ensaiando na última vez que estive aqui, Majestade, só isso.

— As crianças ficaram entusiasmadas. — Victoria, grávida há meses, bateu palmas — Que ideia esplêndida! Meu querido Albert poderia se juntar a nós. Fará bem a ele tirar um momento do trabalho.

Albert foi chamado e chegou devidamente. Ele se distraiu de suas falas, entretanto, e, quando questionado, admitiu que estava preocupado com uma grande reunião que ocorreria em Soho. Alguns dos pobres da classe trabalhadora exigiam que as terras pertencentes aos poucos ricos lhes fossem entregues, para que pudessem partilhar a riqueza e conseguir

empregabilidade. Tais ideias radicais não eram novas na Europa, mas eram preocupantes para o casal real e o governo.

— Se essas pessoas desejam viver em uma república, deveriam atravessar o canal para a França. — Victoria disse insensivelmente — Não me esqueci de como cantam ‘La Marseillaise’ no Sadler’s Wells, em vez de ‘God Save the Queen,’ e não os perdoei por isso. Tal grosseria e desrespeito são intoleráveis para mim.

— Não podemos ignorar tais questões apenas porque são desagradáveis. — Albert a repreendeu gentilmente — Existem esses na Grã-Bretanha que planejam a destruição de todos nós. Desejam a revolução e usam os pobres e insatisfeitos como suas ferramentas. Ficariam felizes em trazer a guilhotina para a Trafalgar Square e colocá-la em uso.

— Por favor, não quero falar sobre isso na frente das crianças. — Victoria disse em voz baixa, estremecendo — Vamos aproveitar a peça. Lady Ellerslie não deseja ouvir tais coisas, tenho certeza.

Albert lançou a Portia um olhar que dizia que entendia que era sua esposa que não desejava ouvir tais coisas, mas seu sorriso foi gentil. Ele era, de muitas maneiras, um humanista e um pensador progressista, mas, como Victoria, temia a menor mudança na situação atual. O rolamento de cabeças aristocráticas francesas em cestas ainda estava muito claro na memória. O casal real acreditava, como muitos ingleses, que o homem devia jurar fidelidade à rainha e ao seu país e obedecer às suas leis, enquanto a mulher deveria ser obediente ao seu marido.

Essas eram as regras, e aí de quem ousasse desobedecê-las.

— Se seu marido ainda estivesse vivo, — Albert disse — teria marchado com o exército contra esses agitadores e feito com que fugissem como os covardes que são.

— Com certeza, teria. — Portia murmurou obedientemente.

— É importante que o lembremos. — Victoria acrescentou, ficando um pouco chorosa — Sua presença nos ajuda a fazer isso, Portia. Vê-la nos lembra de Lorde Ellerslie e de tudo o que é bom na Inglaterra.

— Ficou feliz. — Portia respondeu. Ela era a Grã-Bretanha em vestes de luto, assim como disse para Aphrodite. Uma imagem perfeita de feminilidade para outros admirarem e aspirarem.

Mas não era perfeita. Quebrou as regras. E, agora, a lembrança de Marcus Worthington estava tão deliciosamente instalada, que teve que abaixar seu olhar, no caso de a rainha pegar o eco dessas imagens sensuais refletido em seus olhos. As coisas que ele fez com ela, e ela com ele! Portia tinha certeza de que lembraria delas pelo resto de sua vida.

Vários dias depois, Portia não estava mais sorrindo. As lembranças e os prazeres de sua noite com Marcus não estavam desaparecendo; em vez disso, voltaram-se contra ela. Em vez de aliviarem seus dias chatos, estavam ocupando cada pensamento dela. E as noites... ele vinha até ela, na cama, mas agora não era alguma fantasia vaga de seu passado. Um íncubo trazendo

prazeres sombrios e maliciosos. Ele era real, sólido, o homem que se tornou.

Nos seus sonhos, ele prometia levá-la para alturas que nunca conheceu, mas, embora lhe implorasse de novo e de novo, ele sempre desaparecia, deixando-a insatisfeita. Começou a ficar com medo de que pudesse gritar seu nome durante o sono. E se alguém a ouvisse? Nas manhãs, quando acordava com sua carne doendo de desejo, automaticamente se voltava ansiosamente para ele.

Mas ele não estava lá.

Para sua consternação, estava achando cada vez mais difícil ignorar aquela voz sincera dentro de sua cabeça, dizendo-lhe que o único jeito de se livrar era fazer novamente. É por isso que ela não deveria se divertir como as outras mulheres? Não era justo esperar que fosse uma santa. Esse era Marcus Worthington, afinal, não apenas qualquer homem. Se fosse qualquer outra pessoa, Portia tinha certeza de que não estaria tendo essa crise.

Hettie a estava olhando, com preocupação cada vez maior.

— Ela me avisou.

— Quem te avisou do quê? — perguntou a senhora, com um de seus preocupados olhares de soslaio.

— Às vezes, uma vez é o início de algo em vez do fim. — citou.

As sobrancelhas de Hettie se ergueram muito — Não está pensando em visitar aquele homem novamente, *lieben*?

— Acho que devo.

— Mas por quê? Disse que nunca o veria novamente!

— Porque ele está me distraindo. — falou furiosamente — É como se ele tivesse despertado algo dentro de mim, que não consigo banir. *Devo* vê-lo. Apenas mais uma vez. Desta vez, realmente será a última, lhe prometo. Hettie, não estou pedindo por sua permissão. Vou vê-lo, com ou sem sua ajuda. — mas Portia sabia que queria o apoio de Hettie, se não sua compreensão.

Por um longo momento, a senhora ficou calada e muito séria, e então concordou.

— Está se arriscando muito, mas, se é o que deseja, então vou ajudá-la.

Portia apertou-lhe a mão — Obrigada. Não há mais ninguém em quem eu possa confiar.

— Eu sei disso, *lieben*. Está muito sozinha. Talvez seja por isso que tem fixado seus pensamentos em um homem como esse; um homem que não lhe vê como nada mais que outra conquista, em uma longa fila de conquistas.

Mas Portia parou de ouvir. Já estava ocupada, planejando com antecedência. Escreveria um bilhete discreto para Aphrodite, pedindo-lhe para arranjar um segundo encontro. Sim, isso é o que faria...

Repentinamente, ocorreu-lhe que Marcus poderia já estar comprometido. O desapontamento resultante a deixou fisicamente doente, antes de conseguir raciocinar. Não, em seu coração, sabia que isso não poderia acontecer. Ele queria vê-la. Ele viria.

Marcus Worthorne estava tão fascinado por ela quanto ela por ele.

Olhava, tristonho, para seu conhaque, enquanto as vozes em volta aumentavam e diminuïam. O White estava cheio de seus amigos, homens que conhecia bem, mas havia respondido a nenhuma de suas saudações, e, depois de um olhar para seu rosto, deixaram-no em paz. Esteve em um humor estranho toda a semana. Várias vezes, saiu para passar uma noite na cidade, apenas para voltar para casa antes da meia-noite, tendo achado as mulheres chatas e a conversa tediosas.

— Bom Deus, pode ter mudado? — seu irmão falou lentamente, olhando-o com descrença cínica.

— Pensei que me quisesse em casa antes do amanhecer. — Marcus retrucou.

— Todas as damas bonitas estão ficando em casa, esta noite?

Marcus grunhiu, mas a verdade era que havia muitas damas bonitas interessadas nele, apenas não a que ele queria.

Agora, esfregou sua testa e tentou não gemer alto. Nenhuma mulher o afetou assim antes, não conseguia entender por que isso aconteceu. Estava obcecado por uma mulher, cujo rosto e nome eram um completo mistério.

Quase podia odiá-la, porque arruinou completamente seu prazer na capital. Disfarçada, sutilmente, a dama de escarlata rastejou para dentro de sua mente, para dentro de seus sentidos, e, antes que percebesse, estava em toda a parte.

— Aborrecidíssimo, é o que isso é. — resmungou para si mesmo, girando seu conhaque em sua pesada taça de cristal.

Não havia nada que pudesse fazer quanto a isso também. Tentou. Esta noite, voltou ao Aphrodite's Club, tentando obter o nome com a mãe de Francesca, mas ela apenas lhe deu seu sorriso de esfinge e disse: — Não lhe posso revelar isso, Marcus. Conhecia as condições antes de concordar com o encontro. Era uma noite e apenas uma noite.

— Mas não pode torcer um pouco as regras para a família? — deu-lhe seu olhar mais atraente.

Aphrodite balançou sua cabeça — Menino levado. Não, não posso contar. Nem mesmo para você, Marcus.

Saiu, frustrado, e terminou aqui no White's.

O conhaque estava começando a embebedá-lo, e sabia que deveria ir para casa. “Casa”, onde seu irmão e cunhada estavam tão apaixonados, que o faziam sentir-se mais solitário do que nunca.

Surpreso, balançou sua cabeça para tentar clareá-la.

Solitário? Quando já estive solitário? A vida era uma aventura, e ele era um homem que a seguia aonde o levava. Tinha amigos, amantes e um inimigo ou dois. Marcus Worthorne *nunca* esteve solitário...

— Aphrodite disse que eu te encontraria aqui.

A voz era familiar. Cansadamente, Marcus olhou para cima. Nariz de boxeador, olhos cinzentos e duros. Conhecia o rosto, mas não conseguia lembrar o nome.

— Jemmie Dobson. — o homem o ajudou — Ela me enviou para encontrá-lo, senhor. Para lhe dizer que é um sujeito sortudo.

— Sempre fui. — gaguejou.

— Parece que sim. Um bilhete foi enviado ao clube, há apenas uma hora. Sua amada quer vê-lo novamente.

Demorou um pouco para as palavras serem absorvidas, e então Marcus sorriu.

— Quando? — exigiu, tentando se levantar e caindo.

Dobson pegou seu braço, equilibrando-o — Quando estiver mais sóbrio. — disse secamente — Venha, vamos para sua casa.

— Eu sabia que ela iria querer me ver novamente. — Marcus anunciou com certeza, enquanto Dobson o ajudava a alcançar a porta — Mulheres sempre querem.

Como pôde duvidar de si mesmo, mesmo que por um momento? Com seu véu e seu mistério, esqueceu que ela era apenas uma mulher, e sempre teve completa confiança quando se tratava de seu domínio sobre o sexo frágil. Com alívio, colocou os sentimentos estranhos que esteve experimentando no fundo de sua mente.

E começou a ansiar por outro encontro com sua deusa.

Capítulo 4

Portia sentiu suas mãos tremendo. Apertou-as com força, até que pararam. Não havia necessidade de ficar ansiosa. Essa era sua decisão e estava em completo controle da situação. Foi ela que pediu outra noite com Marcus... e ele concordou com suas condições.

Levantou-se, a seda escarlate farfalhando. Marcus solicitou, em sua aceitação à sua oferta, que ela usasse o mesmo vestido. Ficou lisonjeada pelo seu pedido. Além do mais, isso tornava tudo agradavelmente irreal, como se estivessem pisando fora da vida real e entrando em sua própria fantasia particular.

Agora, o seu corpo estava tremendo; pequenos arrepios. O que havia de errado com ela? Mas sabia. Marcus Worthorne, ele era o que havia de errado. Tornou-a sua, de uma maneira que ela não esperou ou desejou. Desejava por seu toque como um viciado em ópio desejava pelo cachimbo. Sua aparência renovada desapareceu e ela ficou pálida e com os olhos vazios. Portia o queria com tal intensidade, que temia que ele fosse ouvir isso em sua voz, mesmo que não pudesse ver seu rosto atrás do véu.

Está sendo ridícula.

Ele era um homem, nada senão um homem. Ela se sentava para jantar com pessoas de todo o Império; príncipes e princesas, sultões e sultanas, arquiduques e suas duquesas. Conversou com primeiros-ministros e trocou opiniões com poetas, escritores e compositores famosos. O que era Marcus Worthorne em comparação a eles?

Fechou seus olhos e respirou fundo, uma vez e depois outra. Assim era melhor. Sentia-se mais calma agora. Sentia-se como Lady Ellerslie. Depois de um momento, se encontrou à deriva, seus pensamentos retornando ao passado, e deixou isso acontecer.

Um longo caminho de árvores lançava sombras salpicadas na superfície da estrada. Olhou ao longo dela, meio temerosa de que já o tivesse perdido. Acordou cedo propositalmente para fazer sua caminhada matutina, quando sabia que ele estaria cavalgando. Mas, e se esta manhã ele tivesse cavalgado ainda mais cedo? Ou se não estivesse cavalgando?

Respirou profundamente, dizendo a si mesma que estava sendo ridícula. Claro que ela não o havia perdido, e se tivesse... sempre havia o amanhã.

OuvIU a batida dos cascos, antes que visse o animal se aproximando. Um grande cavalo baio e, em cima dele, Marcus Worthorne, seu cabelo preto despenteado pelo vento. O garoto por quem ela ficou com o coração partido durante todo o verão. Sua batida cardíaca acelerou, suas palmas ficaram úmidas. O que diria quando ele falasse com ela? Ele teria aquele brilho em seus olhos, como se a achasse infinitamente fascinante, ou uma pequena piada?

Mas, para a sua consternação, ele estava perdido em seus próprios pensamentos, e não a viu, até quase estar em cima dela. Ele xingou e aproximou sua montaria — *O que está fazendo, garota?* — exigiu, encarando-a. Seu lindo rosto estava bronzeado pelo longo verão, e ela podia ver o v de sua garganta, porque sua camisa estava desabotoada e ele não usava gravata.

Se ela pretendia deslumbrá-lo com sua inteligência, este era o momento para fazê-lo, mas sua voz parecia ter sumido. Encontrou-se olhando-o como uma criança para o sol.

Os olhos dele se apertaram. Eram castanhos, embora mais dourados do que verdes ou marrons — *Eu te conheço?* — perguntou, sua arrogância misturada com riso. Sua boca se contraiu.

Para sua surpresa, ela conseguiu falar, afinal — *Sou a filha do reverendo Stroud, senhor.*

Deu-lhe um lento sorriso, como se sua identidade fosse motivo de diversão para ele — *A filha do vigário.* — disse.

— *Sim, senhor.* — ele sabia quão avidamente ela o olhava na igreja, seu olhar acariciando seu contorno, enquanto seu pai lia seu sermão? Sua alma imortal estava provavelmente em perigo por causa dele, e ele nem sabia quem ela era. Essa foi uma percepção humilhante.

— *E o que está fazendo aqui fora, de manhã, tão cedo?* — perguntou — *Eu não teria pensado que havia muitas famílias necessitadas por aqui.*

— *Estou apenas dando uma caminhada, senhor.*

— *Há, um corpo saudável significa uma alma saudável.*

— *Exatamente, senhor.*

Ele estava rindo dela, podia ver isso em seus olhos, mas, repentinamente, ficou sério — *Acabo de me lembrar... há algo a um ou dois quilômetros abaixo, nesta estrada. Um acampamento de ciganos. Tome cuidado, Srta. Stroud. Esses homens são patifes.*

Ele estava preocupado com ela. Portia ficou emocionadíssima — *Obrigada, senhor.*

Ele parou por mais um momento, segurando o cavalo agitado, e ela o achou o garoto mais lindo que já viu. Mas ele já tinha perdido o interesse nela; podia ver em seu rosto, enquanto seu olhar se desviava para o outro lado da rua — *Bom dia, Srta. Stroud.*

— *Bom dia, senhor. Talvez eu vá vê-lo na igreja?*

Balançou sua cabeça para ela, breve, evasivamente, e, com um chute de seus calcanhares, ele e seu grande cavalo baio partiram.

Ela se levantou, olhando-o partir. Seu coração doeu. Estava apaixonada por Marcus Worthorne, e isso tudo era tão agridoce e trágico, porque ele não correspondia aos seus sentimentos. Na verdade, mal sabia que ela estava viva.

Não foi amor o que ela sentiu. Portia sabia disso agora. Foi a fantasia de uma garota jovem por um garoto, que nunca teve a chance de atrair. Foi seu

enorme desinteresse que o tornou tão atraente. Se, anos mais tarde, ele não tivesse se tornado sua própria fantasia noturna, provavelmente o teria esquecido, tão completamente quanto ele a esqueceu.

Mas, agora, a fantasia era real. Marcus Worthorne, o íncubo, estava ameaçando sua paz de espírito. Ele *deve* ser exorcizado. Esta noite, se livraria dele, de uma vez por todas.



Marcus encontrou o olhar de Afrodite, quando esta parou do lado de fora da porta — Lembra das regras, Marcus?

— Perfeitamente, madame.

Ela sorriu e abriu a porta, ele entrou.

O quarto estava iluminado por um candelabro, e a luz era muito mais suave e romântica que as modernas luminárias a gás. Sua dama misteriosa estava sentada no sofá, exatamente como esteve da última vez, e usava o mesmo vestido. Ficou satisfeito por ela ter concordado com a questão do vestido. Esteve sonhando com ela vestida de escarlate, e vê-la em qualquer outra coisa teria arruinado a fantasia.

Ela não se virou, enquanto ele fechava a porta lentamente atrás de si, mas, com o véu cobrindo seu rosto, não podia dizer se ela percebeu sua presença. Ele, certamente, percebeu a dela. Estava prestando atenção nela, com uma determinação que era nova para ele, cada sentido e fibra de seu ser concentrado.

Havia algo mais que chamava a atenção também.

Marcus sorriu enquanto se aproximava. Ele a queria e não pretendia desperdiçar tempo com conversa fiada — Minha dama?

Ela pulou. Não sabia que ele estava lá, afinal. Mas, em um momento, ela recuperou sua pose, sua voz baixa inalterada.

— Marcus.

Ela o surpreendeu. Seu nome em sua boca era muito mais sensual do que qualquer coisa que tenha ouvido ao longo dos anos. Sentia-se tonto com desejo.

— Estou feliz que tenha mudado de ideia. — disse.

Ela abaixou sua cabeça — Aphrodite deixou champanhe. — comentou, quando ele permaneceu calado — Servir-me-ia uma taça?

Ele olhou em volta, encontrou a garrafa e fez as honras. Os dedos enluvados dela esfregaram os dele, enquanto pegava a taça e murmurava um educado obrigada. Levantou seu véu ligeiramente com a outra mão e bebeu.

Olhou sua boca.

— Por que mudou de ideia? — perguntou-lhe, imóvel.

Ela tomou outro gole e se levantou, extremamente graciosa, a seda escarlate farfalhando em sua volta. Aproximou-se dele, quadris balançando suavemente, abaixando sua taça enquanto vinha. Estendeu a mão, esfregando ligeiramente seu ombro, depois seu queixo, seus dedos fazendo promessas.

— Preciso de mais. — falou.

Marcus abaixou sua própria taça, olhando-a debaixo de seus cílios.

Ele a sentiu prender sua respiração, enquanto deslizava seu braço em volta de sua cintura, e a puxava com força contra ele. Não havia dúvida das provas de sua paixão, se ela precisasse de provas. Pôde ouvir sua risadinha, e então a suavidade quente do corpo dela, enquanto se inclinava sobre ele. Seus braços se dobraram em volta do pescoço dele e ela puxou sua cabeça para baixo, para a dela. Ele disse a si mesmo que conseguia ver o brilho dos olhos dela através do véu.

— Deixe-me ver seu rosto.

— Não.

— Então, me deixe ter sua boca. — estava frustrado e não conseguia esconder isso.

Ela levantou o tecido rendado, e ele viu que dava um sorriso provocador. Com um rugido, tomou seus suaves lábios rosados.

Ela não era uma parceira passiva, sua misteriosa dama. Retribuiu seu beijo, sua língua duelando com a dele, fazendo pequenos sons de desejo em sua garganta. Ele deslizou sua mão debaixo do véu, segurando sua nuca. O cabelo dela estava preso, mas conseguia sentir os fios sedosos e ansiava por soltá-los, enredar as mãos neles, apreciar sua cor. Claros, sabia, lembrando muito bem os cachos entre as coxas dela. A cor de mel.

Ela parou de beijá-lo e estava olhando para seu rosto, como se sentindo sua abstração — O que é isso? Mudou de ideia?

— De jeito nenhum. — tomou-a em seus braços, rindo, quando ela fez um ronronar em sua garganta, e caminhou para a cama — Estava tentando decidir que parte sua quero explorar primeiro.

Jogou-a sobre as cobertas suntuosas, e ela caiu entre as almofadas e os travesseiros, com uma risada ofegante. Suas saias levantaram, mostrando longas pernas cobertas de meias e ricas anáguas. Ele começou a tirar seu casaco e depois mudou de ideia, não conseguiu esperar e se atirou ao lado dela.

Olharam-se, sem fôlego, e foi como se ele estivesse no limite de algo que nunca sentiu antes.

— Sabe que não existe futuro nisso. — ela disse, como se quisesse convencer a si mesma e a ele — Somente este momento. Somente agora.

— Eu sei. — respondeu, sua voz profunda e sensual — Não sou o tipo de homem do “para sempre”.

— Bom. — cochichou, tracejando sua boca com a ponta do dedo. Ele o mordeu, forte o bastante para ela sentir seus dentes, e então se abaixou, levantando suas saias e anáguas, a palma da mão deslizando sobre sua coxa.

— Não vou despi-la. — murmurou — Mal posso esperar.

— Nem eu posso. — ela arfou.

Ele subiu em cima dela e ela o embalou com suas coxas. Marcus tirou seu peso de cima dela e, quando ela olhou para cima, ele a estava olhando, como se pudesse penetrar o véu. Isso a desconcertou e ela o empurrou para baixo,

acariciando seu queixo, sua garganta, provando sua pele.

Quero me livrar dele...

Ele se moveu contra ela, preenchendo-a, e as palavras saíram de sua cabeça, enquanto o prazer a consumia.

Portia não acreditava que este segundo encontro entre eles pudesse ser tão extraordinário quanto o primeiro. Esperava que fosse um desapontamento, *quis* que fosse. Então, teria sido muito mais fácil não o ver novamente. Mas, agora, conforme os sentimentos dentro dela cresciam, conforme se perdia no dar e receber do êxtase, sabia que estava errada.

Foi melhor do que antes.

Marcus conseguiu arrancar até a última sensação de tremor de seu corpo. Ele derramou champanhe sobre a pele dela e o lambeu, sua língua áspera e deliciosamente erótica. Ela fez o mesmo com ele, deliciando-se na sensualidade disso, explorando seu corpo, de uma maneira que nunca fez com um homem antes.

Exceto em seus sonhos.

Portia arfou e gemeu enquanto ele envolvia seus braços em volta dela, penetrando-a mais uma vez, investindo contra ela. Esforçou-se para atingir seu pico, apesar de estar cansada e saciada. Estava quase livre dele; sabia disso. Mais uma vez seria o suficiente. Enquanto a levava ao êxtase, arqueou-se contra ele, agarrando-se e gritando seu nome, enquanto subia em direção ao seu objetivo. E então isso veio, e ela estava caindo, caindo no nada. Um lugar onde Marcus Worthorne, e o desejo que gerava nela, já não existiam.

Conseguiu isso.

O coração dela estava batendo. Ficou deitada ao lado dele, nos destroços da cama, espremida, além de qualquer desejo físico ou de qualquer uma das armadilhas que o acompanhavam, e sabia que estava acabado. Desta vez, realmente estava.

— Quero vê-la novamente.

Sua voz estava rouca com exaustão. Não queria lhe responder. Não queria olhá-lo. Ele esfregou o ombro dela com seus dedos, e ela lutou para não se afastar. Mas ele deve ter sentido a mudança nela, porque se apoiou sobre seu cotovelo e se inclinou sobre ela.

Seu rosto estava na escuridão, mas a luz das velas do quarto atrás dele iluminava suavemente sua nudez. Marcus tinha proporções tão perfeitas, seu corpo, em forma e forte, devido a uma vida de exercícios. Podia parecer ocioso, mas não era. Em contraste ao seu corpo tenso e musculoso, o dela parecia frágil, macio e maravilhosamente feminino.

— Não terminamos um com o outro, ainda. — disse-lhe.

— Terminamos. Não existe mais *nós*, Marcus. Quando eu sair daqui, nunca mais nos encontraremos.

— Tem certeza? — zombou. Havia um brilho em seus olhos.

— Sim! Sim, tenho.

Ele sorriu, e ela não entendeu, não, até ele olhar para baixo. Portia seguiu

seu olhar e, com um arrepio de choque, percebeu que seus dedos estavam entrelaçados com os dele. Estavam de mãos dadas.

Ele riu, mas ela estava chocada. Arrancou sua mão e saiu da cama.

Suas roupas estavam espalhadas pelo quarto e ela estava nua, mas as pegou, como se fosse algo que fazia todos os dias. Deixando-o olhá-la. Deixando-o pensar nela quando ela se for.

Talvez fosse a vez de Marcus sonhar com ela.

Ela ajustou seu véu diante do espelho sobre a lareira. Conseguia ver o reflexo da cama atrás dela, nas sombras, e o amado que estava abandonando. Quando ficou satisfeita, Portia se obrigou a virar-se casualmente para ele.

— Gostei muito do nosso tempo juntos.

Ele não disse nada, mas ela sentiu sua atenção.

— *Adeus*, Marcus. — disse, colocando ênfase na primeira palavra.

E então saiu e fechou a porta.

Capítulo 5

Depois que ela se foi, Marcus levantou da cama e começou a se vestir. Tomou seu tempo; não estava com pressa. Sentia-se maravilhosamente saciado, mas sabia que isso não duraria. Iria querê-la novamente de manhã, e, apesar de ela fingir que realmente era adeus desta vez, ele era arrogante o suficiente para acreditar que ela também o desejaria. Mas, desta vez, não a deixaria providenciar o reencontro.

Assumiria o controle.

O salão estava tão movimentado como sempre. Marcus reconheceu um príncipe estrangeiro visitante sendo acariciado por várias mulheres lindas. Aphrodite estava de olho nele, mas, quando viu Marcus se preparando para partir, se aproximou.

— Marcus? Ainda há muito champanhe para beber e garotas lindas. — tinha uma expressão provocativa e um brilho nos olhos, como se soubesse muito bem que as “garotas lindas” dela tivessem perdido sua atratividade. Ele não sabia por que ela achava isso tão divertido.

— Obrigado pela oferta, madame, mas meu irmão está me esperando. Desde que ele e sua filha se casaram, não quer nada mais do que me ver preso em uma felicidade doméstica parecida.

— Ah, sim, são muito felizes, o casal perfeito. E recebo um pequeno pedaço do crédito por fazer isso acontecer, *mon ami*. Sou formidável quando se trata de felicidade da minha família e suas famílias.

Marcus não tinha certeza se gostava do olhar nos olhos negros dela, ou da maneira que estavam fixos nele.

— Estou feliz com a minha vida do jeito que está. — apressou-se em dizer.

— E de que jeito está? — ela perguntou, a cabeça inclinada para um lado.

— Descompromissada.

— Oh, *mon ami*, tem muito para aprender.

Felizmente, naquele momento, ela foi interrompida por um de seus funcionários e, com um murmurado adeus, a madame o deixou. Marcus saiu para o ar frio da noite, com uma sensação de alívio. Londres fervilhava ao seu redor, florescendo, mesmo àquela hora tardia. Diligências e coches de aluguel passavam, barulhentos, e as pessoas passeavam de braços dados, os nobres vestindo a última moda e recém-saídos dos teatros do West End, os pobres apressando-se em suas melhores roupas esfarrapadas, para assistir às peças baratas e aos cantos que se encontravam no East End.

Um malabarista estava realizando uma performance improvisada para a multidão que se reuniu em volta dele. Estava jogando laranjas no ar, para a alegria das crianças, e, quando uma caiu, rolando e batendo nos paralelepípedos irregulares, correram gritando atrás dela.

Marcus passou, profundamente envolvido em seus próprios pensamentos.

A dama de escarlate o intrigava. Admitia isso. Se o envolvimento continuasse ou não, queria saber quem era, e por que era misteriosa sobre sua identidade. Ela estava fazendo esforços extraordinários para mantê-la secreta. Por quê? Ele não era familiar com a alta sociedade londrina, achava-a enfadonha, e provavelmente não reconheceria o nome dela, se a visse. Então, por que o segredo?

Bem, amanhã de manhã, esperava ter a verdade na palma de sua mão e, então... apertou seus dedos para fechar um punho, ele a teria! Sorriu para si mesmo; seria sua vez de definir o ritmo.

Mas isso não funcionou exatamente como imaginou. Na manhã seguinte, Martin O'Donnelly, o ex-valete de seu irmão e agora dono da Thorne Detective Agency, não podia ser encontrado em lugar nenhum. Quando Martin não o procurou como combinado, Marcus foi procurá-lo, apenas para descobrir que estava fora da cidade, em outra investigação.

Frustrado, Marcus foi para casa para ficar emburrado.

Conforme os dias passavam e ainda não surgiam notícias de Martin, ele ficava cada vez mais desesperado. E se Martin não soubesse quem a deusa era? E se ele perdesse sua primeira e única chance de descobrir sua identidade?

— Terei que ir a todos os eventos tediosos de Londres para encontrá-la novamente!

— O que foi isso? — Sebastian o estava olhando durante seu jantar — Está falando sozinho, irmão?

— Evidentemente. — Marcus riu, embaraçado.

— Acredito que isso seja o sinal de uma mente inquieta. — Francesca disse amenamente.

— Por mera questão de interesse, Fran, quantos *soirées*, jantares e bailes haverá lá em Londres, esta semana?

— Todos, quer dizer?

— Aqueles que importam. Os assuntos da sociedade.

— Dúzias, acho. Por quê? Há algum em especial em que esteja interessado?

— Não. — isso seria complicado. E como ele saberia que a reconheceria quando a visse? Depois de dois encontros intensos, poderia fechar seus olhos e sentir o formato dela contra suas palmas e sua boca, sentir seu perfume e provar sua pele, mas isso não era a mesma coisa de ficar cara a cara com alguém, em um salão de baile lotado. Poderia não ter a chance de chegar perto o suficiente para tocar, e não podia ir cheirando cada mulher em Londres, buscando por um perfume específico. E, quanto ao gosto... seria preso e levado diante dos juízes por abuso sexual, se não fosse mandado para um hospício.

— Está se comportando muito estranhamente ultimamente, irmão. — Sebastian disse, como se tivesse lido seus pensamentos — Há alguma coisa que precise desabafar?

— De jeito nenhum. Tenho um enigma que estou tentando resolver, mas não tema, eu o resolverei. *Devo*. — acrescentou, em voz baixa.

— Se desejar ir a qualquer *soirée* ou baile específico, Marcus, tenho certeza de que não haverá dificuldade. É solteiro, bonito e irmão do Conde de Worthorne. — Francesca continuou, seus olhos pretos brilhando.

— Obrigado, minha querida, mas esqueceu de mencionar irresponsável e duro.

— Bobagem, isso não tem importância. Contanto que não deseje se casar no círculo da realeza, a maioria das garotas poderia aceitar um pouco de irresponsabilidade, e existem várias herdeiras procurando por uma entrada na aristocracia, filhas de proprietários de fábricas e coisas do gênero, então, não precisa se preocupar com sua situação financeira.

— Vou deixá-la saber.

Foi a um baile, naquela noite, dançou, sem vontade, com várias damas atraentes e interessadas, sob os olhos vigilantes de suas mães e de um marido ciumento. Caminhou pelo salão, uma taça em sua mão, certo de que a reconheceria.

Não a reconheceu.

Não havia ninguém lá que o lembrasse remotamente da sedutora de escarlate, e voltou para casa, ainda mais frustrado do que antes. Podia desistir, supôs, mas sabia que isso era impossível. O único caminho aberto para ele era continuar sua busca.

Mas, no fim das contas, foi desnecessário iniciar uma rodada selvagem e desesperada de compromissos sociais. Na manhã seguinte, Martin finalmente veio vê-lo.

— Uma bebida, Martin? — Marcus perguntou, aproximando-se do decantador e servindo-se de um gole.

— É um pouco cedo para mim, obrigado, Sir.

— Nunca é muito cedo.

— Desculpe-me, sir, por demorar tanto para vir informá-lo. Ouvi que esteve perguntando por mim e... várias vezes. Se soubesse quanta pressa tinha de me ver, eu lhe teria escrito, em vez de esperar até voltar.

— Esqueça, está feito agora. — Marcus disse, com um tom de impaciência.

— Agora me diga, o que descobriu?

Martin lhe deu um olhar curioso — A dama em questão é uma amiga sua, sir?

— Claro. — pigarreou — Bem, vamos apenas dizer que quero que ela seja. Venha, Martin, não seja tímido, me fez sofrer tempo o suficiente. Me conte o nome dela.

Martin mexia-se nervosamente — Sei que ela vive em Grosvenor Square.

Marcus esperou, mas Martin não disse mais nada — E?

— É a casa do falecido Lorde Ellerslie.

— Lorde Ellerslie? O herói nacional?

Sua deusa era um membro da família de Lorde Ellerslie? Imediatamente,

descartou a ideia de que ela pudesse ser criada ou empregada doméstica. Não, sua dama era algo além disso.

— Mas quem é ela, Martin? — perguntou, frustrado — Quero saber o nome dela, homem!

— Ela estava usando um véu e uma capa, Sir. Eu a segui até a casa, mas não tive tempo para fazer quaisquer perguntas, porque tinha que sair da cidade. Lamento, mas lhe contei tudo o que sei.

Marcus deu uma volta pela sala, procurando em sua memória por informações sobre a família Ellerslie. Não havia muitas. Sabia que o velho morreu, dois anos atrás, embora, pelo modo como ainda se falava dele, não saberia disso. Foi um herói da Guerra da Península e de Waterloo, e depois, uma força dominante em casa. A rainha Vitória o adorava e lhe deu um funeral militar completo, com tambores abafados, um caixão coberto com uma bandeira numa carruagem de armas e muitas pessoas cabisbaixas em luto. Fora isso, Marcus não sabia de nada. Ele mesmo certamente nunca frequentou círculos sociais tão rarefeitos, nem tinha qualquer desejo de fazê-lo.

— Muito bem, Martin. Obrigado. Posso precisar dos seus serviços novamente, então, pelo amor de Deus, fique na cidade. E não conte ao meu irmão sobre nada disso. É pessoal.

— Claro, Sir.

Marcus considerou seu próximo passo. Francesca certamente teria as informações de que precisava. Ele a procuraria e falaria com ela, agora mesmo. Mas, para aumentar sua irritação, ela estava fora, e novamente teve que esperar. A primeira chance que teve para tocar no assunto foi à noite, quando se reuniram na sala de estar, esperando pelo chamado para o jantar.

— Por que quer saber sobre os Ellerslies? — sua cunhada exigiu com um olhar penetrante, que o lembrou desconfortavelmente de sua mãe.

Marcus deu de ombros e lhe deu um sorriso constrangido — O nome surgiu Ah, por favor, Fran!? Sabe tudo sobre todos. Não me faça implorar.

Ela sorriu de volta, entretida por ele, como sempre ficava. Disse-lhe muitas vezes que pensava nele como seu irmão. Com uma família de duas irmãs, ela sentia falta da companhia masculina, que um irmão poderia oferecer e lhe agradava passar tempo com Marcus.

— Lorde Ellerslie se casou duas vezes. Sua primeira esposa era uma Gordon, aristocracia escocesa inferior. Só conseguiram ter um filho, uma filha, Lara. Ela se casou com Arnold Gillingham. Eles vêm de uma boa família, com dinheiro, mas não alcançou as alturas que foram preditas para ele. Não sei por quê. A segunda esposa do lorde Ellerslie, agora sua viúva, era muito mais jovem do que ele. Portia Stroud, um pequeno ratinho do campo, que desabrochou em uma... uma...

— Um rato não pode desabrochar. — Marcus disse — Agora, se dissesse que ela foi uma lagarta, poderia ter falado de borboletas.

— Pare com isso. — ela riu — Independentemente do que ela foi, é uma

grande lady, agora. Sua Majestade, a Rainha, considera-a sua amiga, e é amada em toda parte.

— Isso é tudo que resta? Só a filha e a viúva circulando naquela grande casa?

— Bem, a filha mora em outro lugar, então, apenas a viúva. Mas há duas irmãs idosas. Uma delas se casou com um almirante, e a outra, com o dono de uma fábrica. — torceu seu nariz, fingindo desgosto — Comércio, meu querido.

— É isso?

— Em uma família como os Ellerslies, haveria muitos familiares atingidos pela pobreza, em visitas prolongadas. Primos, primos de segundo grau. Parasitas sem ter para onde ir.

— Como lembra de tudo isso, Fran?

— Sou interessada, penso. — respondeu — Famílias significam muito para mim, mesmo quando são de outras pessoas.

Ele estendeu a mão para pegar a dela, levantando-a para seus lábios — Se eu soumos sua família agora.

Ela sorriu e balançou sua cabeça para ele, mas estava comovida. Ele também falou sério. Gostava muito dela e de seu irmão, mas não sabia se precisava deles da maneira que Fran precisava de sua família. No final das contas, não tinha certeza se precisava de alguém, o que não era algo de que se orgulhasse particularmente.

— Marcus, me dirá por que queria saber sobre a família Ellerslie? — Francesca perguntou, prendendo-o com seu olhar penetrante novamente.

— Curiosidade, só isso.

Não acreditou nele, mas não pôde fazer mais nenhuma pergunta porque, neste momento, Sebastian chegou. Quando todos foram jantar, Marcus ficou ocupado, se perguntando qual deveria ser seu próximo passo. Tinha um endereço e um nome, mesmo que não fosse o dela. Ainda assim, era um começo, e estava determinado a encontrá-la.

Não era sempre que decidia algo nessa intensidade, mas havia uma nova intenção se formando dentro dele. Assumiu o controle e faria o que quisesse. Seu pai, era dito, foi um homem mandão e arrogante. Marcus mal se lembrava dele e nunca pensou em si mesmo como minimamente parecido com ele, mas talvez tivesse herdado a firmeza de caráter dos Worthorne, afinal.

— Está parecendo muito satisfeito consigo mesmo. — Sebastian disse, com um olhar desconfiado.

— Estou? Acho que estou contente. Estou desfrutando da vida na capital, irmão. Estou achando isso tudo muito interessante.

— Lembra de Duval Hall?

Marcus olhou para ele, como se fosse louco — Claro que lembro. O irmão da mamãe o possuía, tio Roger. O lugar é meu, não?

— Já estive lá?

— Deixe-me ver... não.

Sebastian suspirou — Nosso tio Roger lhe deixou Duval Hall, há mais de dez anos, e mal colocou os pés lá. Isso não lhe faz se sentir nem um pouco envergonhado?

— Mas, irmão, Duval Hall é em Norfolk.

Francesca riu e balançou sua cabeça para ele — Marcus, é um homem terrível. — disse — Não está nem um pouco curioso sobre isso?

— Realmente não. Na época, eu tinha coisas para fazer, e isso simplesmente escapou da minha mente.

— Talvez, agora, seria o momento para remediar essa negligência. — Sebastian declarou, seu irmão considerou secretamente, num tom de voz pomposo. Sebastian não costumava ser pomposo.

— Está tentando encontrar coisas para eu fazer novamente. Estou perfeitamente feliz com a minha vida.

E ele estava. Perfeitamente feliz.

— Há uma mulher, entende? — ouviu as palavras saindo de sua boca, com uma espécie de horror.

Tanto Francesca quanto Sebastian se viraram para olhá-lo.

— Uma mulher? — seu irmão repetiu constrangidamente, com um olhar para sua esposa — Não uma... uma...

— Uma dama, eu deveria ter dito. — Marcus respondeu, soando tão pomposo quanto Sebastian — Então, não quero sair de Londres, neste momento.

Trocaram outro olhar.

— É por isso que estava me fazendo todas aquelas perguntas sobre os Ellerslies? — Francesca perguntou.

— Eu gostaria de encerrar o assunto agora, se não se importa.

Pegou sua colher e começou a tomar sua sopa. Podia senti-los trocando mais olhares, mas prosseguiu com sua refeição e os ignorou. Deixe-os pensar o que quiserem, contanto que não o irritassem, tentando mandá-lo para a longínqua Norfolk.

— Suponho que não seja a Lady Ellerslie em quem esteja interessado. — Francesca falou, com um risinho para mostrar que uma mulher como aquela estava completamente fora do alcance dele.

Marcus ergueu suas sobrancelhas.

— Acontece que ela e alguns membros da família certamente irão à ópera, amanhã à noite, no Teatro de Vossa Majestade, no Haymarket. Eles têm um camarote particular. *Lucia di Lammermoor* está cantando a ópera Donizetti, com Jenny Lind no papel de Lucia. Qualquer pessoa que seja alguém estará lá.

— Ópera. — Marcus estremeceu — Obrigado, Fran, mas não. Posso ir em uma briga de mulheres e ouvir canções melhores.

— Filisteu. — Sebastian disse — Já ouviu o Swedish Nightingale cantar?

— Não.

— Bem, se ouvisse, poderia mudar de ideia.

A conversa voltou para assuntos mais mundanos, e ele finalmente conseguiu relaxar. Seus pensamentos vagaram. Talvez *fosse* passar na ópera, apenas para dar uma espiada na famosa e perfeita Lady Ellerslie e em seus parentes pobres. Sua dama misteriosa poderia muito bem ser um dos parasitas dos quais Francesca falou a respeito. Isso explicaria o medo dela de ser descoberta — a perfeita Lady Ellerslie ficaria chocada e enojada e exigiria que ela voltasse para o lugar de onde veio.

Havia uma chance aqui dele bancar o herói? Podia salvar sua deusa das circunstâncias desagradáveis e... Bem, talvez não *se casar* com ela, ele não era do tipo que se casava, mas era um amante generoso.

Levantou sua cabeça para contar a Seb e Fran sua decisão, e interrompeu um dos olhares longos e abafados deles, aqueles que significavam que estavam planejando dormir cedo. Com um suspiro, Marcus retornou à sua sopa. Mesmo a ópera era preferível do que ficar vendo o casal apaixonado.

Capítulo 6

Lucia di Lammermoor era renomada por testar as cordas vocais até mesmo dos sopranos mais talentosos. Mademoiselle Lind cantava sua parte perfeitamente. Portia, não grande amante da ópera, conhecia o suficiente para saber disso. Mas quem poderia não gostar de ouvir Jenny Lind? O país inteiro estava apaixonado por ela.

Portia estava sentada no camarote particular dos Ellerslies, com Lara e Arnold Gillingham e sua tia Jane, uma das irmãs idosas de seu falecido marido. Sabia que estava sendo examinada; sempre esteve. Os outros camarotes particulares, as bancas, os assentos... os constantes olhares curiosos daqueles que vieram à ópera, não para ouvir, mas para olhar para os ricos e famosos. Mas Lorde Ellerslie lhe ensinou a arte da indiferença educada, algo que todas as figuras públicas deviam aprender, e ela foi uma boa aluna.

No início, foi uma jovem e tímida esposa, que seu marido idoso queria proteger, mantendo-a fora dos holofotes. Mas, com o tempo, Portia percebeu que poderia superar seus próprios medos ou permanecer prisioneira deles. Escolhendo sair da sombra de seu marido, gradualmente cresceu como uma pessoa independente. Era irônico que, agora que Lorde Ellerslie estivesse morto, ela se encontrasse novamente fazendo sua vontade.

Era frustrante também. O público podia amá-la e admirá-la, mas Portia não tinha ilusões. Seus sentimentos por ela eram em grande parte devido à sua posição como a “Viúva do Herói da Nação”. Às vezes, ela mesma mal conseguia lembrar de como era antes de se casar. Estava interpretando um papel, assim como Jenny Lind, mas o dela não era por uma noite, era por toda a vida.

Lara estava cochichando para Arnold. Portia os ignorou, olhando para o palco com atenção educada, enquanto seus pensamentos iam aonde queriam. Ultimamente, durante suas apresentações públicas, sentia uma imensa satisfação em relembrar seus momentos febris com Marcus Worthington. Era impressionante como o tempo parecia voar quando estava revivendo a maneira que ele a carregou para a cama, ou a expressão em seus olhos, enquanto fazia amor com ela, ou o exato timbre de sua voz quando dizia “Mal posso esperar”.

Mas lembrar não significava que quisesse vê-lo novamente. Tendo se livrado do tentador Marcus Worthington, não o queria de volta. Quando voltou para casa, do Aphrodite, mal conseguira ficar acordada tempo o suficiente para Hettie tirar sua roupa, antes de cair em um sono profundo e sem sonhos. Na manhã seguinte, acordou revigorada e calma, e até então não houve uma ondulação naquelas águas tranquilas.

Quando Hettie lhe perguntou: — Então, isso foi o fim dele, *lieben*? — ela

conseguiu responder honestamente: — Sim.

Quando a cortina caiu no primeiro ato, tia Jane estava ficando agitada. Era a irmã mais nova de Lorde Ellerslie e, embora beirando os oitenta, estava longe de ser uma inválida. Mas era uma seguidora de sua rotina e estava pronta para a refeição — Onde estão? — exigiu na alta voz dos deficientes auditivos — Não posso ficar sem meu bolo e vinho Madeira.

— Tenho certeza de que não demorarão. — Lara murmurou, embaraçada. Olhou em volta para ver se alguém ouviu e encontrou o olhar duro de um homem em outro camarote — Faça silêncio, tia Jane.

— Não, não me calarei! — Tia Jane conseguia ouvir perfeitamente quando queria — Quando for velha como eu, entenderá a importância de manter a pontualidade. Esta pode ser a última ópera a que vou. A última vez que tomo um refresco.

Acima e em volta delas, espectadores da ópera percorriam o vasto interior, buscando suas próprias bebidas, embora alguns se contentassem em permanecer em seus assentos, olhando admiravelmente para o enorme lustre e cobiçando os ocupantes dos camarotes particulares, em busca de diversão.

— Milady?

Um dos funcionários da ópera entrou atrás delas e estava curvando-se rigidamente para Portia. Ele entregou um pedaço de papel dobrado em sua mão enluvada. Ela murmurou seu agradecimento, enquanto o pegava e desdobrava.

A escrita era um garrancho ameaçador, e parecia que as palavras pulavam para ela.

Encontre-me lá fora. Agora. Marcus.

Sua respiração pareceu parar. Sentiu-se tonta. As reclamações de tia Jane e as respostas impacientes de Lara transformaram-se em um zumbido abafado.

Não podia ser. Era impossível. Como ele poderia saber? Mesmo se a tivesse visto, não a teria reconhecido. Ela esteve usando um véu. Foi tão cuidadosa, tomou todas as precauções.

Não, não, não...

Portia se levantou, com o bilhete amassado em sua mão. Lara e tia Jane pararam sua discussão e olharam surpresas para ela. Arnold levantou uma sobrancelha elegante.

— Irei e verei o que aconteceu com nossas bebidas. — disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça — Não percebeu que era tão fácil ser mentirosa.

Tia Jane concordou — Boa menina. E diga-lhes...

Mas Portia não esperou pelas instruções da senhora. Saiu pela porta do camarote e entrou no corredor que levava à grande escadaria. Só por um momento, ficou tentada a levantar suas saias e correr. Mas para onde correria? Não havia nenhum lugar. Estava encurralada por quem e pelo que ela era. Sua única esperança era de que isso fosse algum tipo de engano e ela pudesse blefar para escapar.

Houve um passo atrás dela.

— Lady Ellerslie.

A profunda fala arrastada era tão familiar para ela quanto seu próprio rosto. Esteve fantasiando sobre isso, apenas momentos antes, enquanto o Swedish Nightingale cantava. Portia respirou fundo, sua mente ficou repentinamente fria e clara. Deveria ser descarada, fingir que ele estava enganado, convencê-lo de que tinha a mulher errada.

Endireitou suas costas e se virou para enfrentá-lo.

Marcus Worthorne estava apoiando seu ombro contra a parede, olhando-a. Seus olhos, mais dourados que castanhos, brilhavam, com uma alegria imensa. Como se, pensou, ele tivesse acabado de ganhar uma fortuna nas cartas. O homem parecia muito satisfeito consigo mesmo realmente, e ela soube, com o coração apertado, que isso não era um bom presságio para ela.

Portia parecia não saber se ficava e lutava ou corria para a grande escadaria. Deus, era bonita. Ele teria se contentado com razoavelmente bonita, mas esta mulher era um anjo. Olhos azuis brilhantes, cabelos dourados e traços perfeitos. Queria rasgar cada costura dela e tê-la nua em seus braços.

Não conseguiu vê-la direito de seu camarote, do outro lado do teatro, mas, durante o tempo que levou para o primeiro ato terminar, viu o suficiente para saber que era ela. A maneira como se movia, o modo como se comportava, a postura de seus ombros. A verdade era que a reconheceu no instante em que levantou seu olhar e viu sua chegada, algo estalou em seu cérebro, e o resto do tempo apenas desfrutou da visão.

Foi Fran que providenciou para ele emprestar o camarote de ópera de sua irmã, Vivianna. Chegou cedo, todo trajado com roupa de sair, e se sentou no canto, meio protegido pelas cortinas, e esperou. O grupo Ellerslie atrasou-se. Enquanto ocupavam seus lugares, todos os olhos estavam sobre eles. Então, os murmúrios começaram — É Lady Ellerslie.

— Portia.

— É Portia.

Houve uma salva de palmas. Ela ouviu, sorrindo e curvando a cabeça, tão majestosa quanto uma rainha.

E foi então que ele soube quem era sua misteriosa dama. Era Portia, a Portia, Lady Ellerslie, “Viúva do Herói da Nação”.

Fazia todo o sentido, muito mais do que se ela fosse uma parente pobre e humilhada. Não era de admirar que estivesse com medo de que sua identidade fosse descoberta. Não é de admirar! Se se soubesse que um modelo de viuvez tão puro e angelical estava visitando um bordel para passar o tempo com um vagabundo como ele, estaria acabada. Completamente destruída. Bom Deus, ele mal conseguia acreditar. Mas sim, era ela. Distraidamente, sua mente encheu-se com imagens do corpo dela encaixado no dele, o som de seus gritos suaves de prazer e gemidos de paixão. O cheiro dela; seu gosto.

Oh, sim, sua deusa misteriosa era definitivamente Portia, Lady Ellerslie!

E saber quem ela era apenas tornava tudo muito mais excitante. Sentiu-se mal, como se tivesse feito algo ruim, mas não queria parar. Pensar nisso o fez

querer fazer tudo novamente.

— Eu te conheço?

A voz dela interrompeu seus pensamentos. Pareceu orgulhosa e irritada, como se ele fosse um inseto irritante. Marcus sorriu. Então, essa seria a maneira disso. Ela lutaria. Muito mais interesse do que correr.

— Oh, sim, me conhece. Intimamente.

— Está enganado.

Ele se endireitou, e ela, imediatamente, ficou tensa, ficando ainda mais cautelosa. Achava que iria agarrá-la e estuprá-la aqui? Sorriu. Bela ideia, mas se orgulhava de ser mais sutil do que isso.

— Confie em mim. Sou muito discreto.

— Nem te conheço!

As bochechas dela estavam coradas, seus olhos brilhando. Em um momento, pediria ajuda para expulsá-lo. Não duvidaria isso dela. Parecia determinada a levar adiante sua fantasia de que eram estranhos. Supôs que, em sua posição, ela não tinha muito escolha.

— Por que fez isso? — perguntou-lhe, curioso — Por que arriscar tudo? Não que eu esteja reclamando, veja bem. Estou feliz que me escolheu.

— É louco, obviamente, e não sei do que está falando.

— Não vou parar. Eu te quero, Portia, e vou tê-la novamente. E de novo.

— Acho que está me confundindo com outra pessoa. — cochichou, mas ele pôde ver que estava começando a perder sua determinação, ao perceber que sua estratégia não estava funcionando.

— Gostamos da companhia um do outro, Portia. Deveríamos continuar nos vendo. Podemos ser tão discretos, quanto quiser. Sou o mestre da discrição.

— Deixe-me em paz.

— Não, não a deixarei em paz. Não posso. Vou convencê-la a mudar de ideia.

Ela balançou a cabeça — Não pode.

— Posso.

Estendeu a mão e acariciou sua bochecha, com as costas de seus dedos.

Ela congelou.

Estava olhando nos olhos dela e lendo o que havia lá, atrás da máscara que usava. Viu um vislumbre de sentimento? Um indício de desejo?

— Não desistirei. — murmurou. O hálito dela estava quente e docemente perfumado. Deixou sua boca pairar sobre ela, prometendo os beijos quentes e profundos que desfrutaram no Aphrodite's Club. Nunca quis nada mais do que cobrir os lábios dela com os seus e abraçá-la. Podia colocá-la contra a parede. Apenas por um momento, permitiu-se imaginar suas coxas envolvendo-o, seu corpo profundamente dentro dela, enquanto o Swedish Nightingale cantava.

Ela também estava pensando nisso. Tinha certeza disso. Os olhos dela escureceram e seus cílios tremularam. Arqueou para ele, apenas o suficiente para que seus seios, envoltos em seda lilás, roçassem contra sua camisa enrijecida.

— Eu te quero. — ele disse.

Os dedos dela pousaram na manga dele. Suas saias largas estavam pressionadas contra as pernas das calças dele, as muitas anáguas fazendo com que se destacassem atrás dela. Um convite irresistível estava em cada linha do seu lindo rosto e corpo.

Marcus sorriu. Se quisesse, poderia beijá-la agora. E ele queria..., mas também queria dominá-la. Destruir sua reputação não o tornaria querido por ela, nem lhe daria o que queria.

Deu um passo para trás, e ela arregalou seus olhos. Portia pareceu docemente confusa e brava.

— Boa noite, Lady Ellerslie.

Ele se curvou, depois virou e saiu, deixando-a ali, parada. Não olhou para trás. Não iria tomá-la ainda. Ela devia concordar com qualquer envolvimento voluntariamente. Devia concordar com suas condições.

As regras e restrições da alta sociedade não significavam nada para ele. Não era que gostasse de quebrá-las, apenas as ignorava, ia em frente e fazia o que queria, de qualquer maneira. Era um homem que seguia seus desejos e não conseguia entender por que outros se negavam.

Exatamente como Portia estava se negando agora, e precisava que lhe mostrasse o erro de suas decisões.



Portia estava tremendo tanto que se perguntou se cairia. Apoiou sua mão contra a parede, equilibrando-se, forçando seus pensamentos agitados a pararem. Em um momento, estava no controle e, então... o teria deixado tocá-la, beijá-la e mais. Ela, que se considerou livre dele, estava tão envolvida em sentimento, como sempre.

Ele contará, e estará arruinada! Nunca deveria ter se arriscado tanto por algumas horas de prazer.

Mas, enquanto começava a pensar claramente, mais uma vez, percebia que ele não a ameaçou com a revelação. Ele a procurou porque queria vê-la novamente. Era uma loucura impossível. Sim, ele devia ser louco!

Mas como a encontrou? Como soube quem ela era? Enganou-a, seguiu-a, quebrou o combinado deles.

Não adiantava se preocupar com tais detalhes agora, disse a si mesma, severamente. Tinha que lidar com os fatos, e estes eram claros e simples. Ele a encontrou, sabia quem era, e queria continuar lhe encontrando. De alguma forma, tinha que afastá-lo, fazê-lo entender que ele não podia ter o que exigia. De alguma forma, tinha que sair da confusão que criou.

Mas seu corpo desmentia sua cabeça fria.

Havia um desejo profundo em sua barriga, uma pulsação entre suas coxas e um formigamento em seus lábios. Estava mentindo para si mesma quando dizia que não o queria tanto quanto antes, e ele sabia disso. Mostrou-lhe simplesmente o quanto isso era mentira, ele a forçou a ver... e depois foi embora.

— Milady? — era o funcionário com as bebidas. Portia forçou um sorriso e o acompanhou até o camarote. Os olhos raivosos de tia Jane deslizaram sobre ela, mas, felizmente, estava mais interessada nos bolos de creme e vinho Madeira.

Só quando a cortina foi levantada para o próximo ato é que Arnold se inclinou e colocou algo na mão dela — Deixou cair isso, Portia. — falou calmamente.

Olhou para baixo e viu que era o bilhete amassado. Ele o leu? A expressão dela a entregou? Esperava que não. Seu sorriso estava tão calmo como sempre, enquanto o agradecia. Ele não pareceu querer uma explicação, mas então Arnold era tão convencido, que ela não esperaria que pedisse por uma. Lara os calou quando Jenny Lind começou a cantar mais uma vez.

Mas a noite estava arruinada para Portia. Sua vida estava em frangalhos e, embora gostaria de ter culpado Marcus por isso, sabia que a culpa também era dela. Ele a perseguiu, e uma parte traiçoeira e perigosa dela estava feliz por isso.

Capítulo 7

Lara enfureceu-se — Eu a odeio, Arnold. Tento ser compreensiva, mas não consigo evitar isso. Por que meu pai se casou com ela? Ele não precisava de uma esposa, especialmente a filha de um pastor, sem nada para recomendá-la.

Arnold a olhava, bebendo seu conhaque, esperando que a raiva e o ressentimento diminuíssem. O vinho no jantar não ajudou. Lara tendia a ser mais escandalosa e menos cuidadosa quando bebia.

— Tentei convencê-lo a não o fazer. Não me ouviu. Seu pai foi um soldado corajoso e general brilhante, mas ainda era um homem, Lara.

— O que isso quer dizer?

— Viu Portia e se apaixonou.

— Sentiu pena dela. — Lara retrucou — Ele não a amava. Meu pai era um homem piedoso, não um tolo.

Continuou a berrar, andando de um lado para outro, mais parecida com seu pai do que imaginava. Arnold ignorou as palavras. Tinha coisas mais importantes para se preocupar. Quando ela terminasse, ele lhe falaria sobre o favor que queria que pedisse a Portia. E não importava o quanto Lara afirmasse odiar sua madrasta, faria isso.

Sempre fazia.



— Então, quer que eu descubra o que exatamente, sir? — Martin o olhou de lado.

— Quero saber os compromissos dela para a próxima quinzena. Para que casas é convidada, quem visitará, quem a visitará, esse tipo de coisa. — Marcus acenou vagamente.

— E essa é a Lady Ellerslie? — Martin perguntou, como se não conseguisse acreditar que Marcus falava sério — A Viúva do Nacional...

— Herói. Sim, isso mesmo.

Martin pareceu querer fazer mais perguntas.

— Essa é uma questão pessoal. — Marcus lhe assegurou.

— Ah, eu vejo. — um brilho surgiu em seus olhos — E Sebastian certamente não precisa saber.

— Claro que não. Isso fica entre nós, então, correto?

Marcus concordou.

— Então, ficará feliz em ouvir, sir, que, depois do nosso último encontro, fiz um amigo na cozinha de Grosvenor Square. Por garantia.

— Oh?

— Impressionante o que um pouco de suborno pode fazer.

— Martin, apenas faça o que tiver que fazer.

Precisava de um convite para uma das casas que Portia visitaria. Necessitava estar no mesmo quarto com ela. Precisava olhar em seus olhos e

convencê-la de que continuar desfrutando da companhia um do outro valia qualquer risco. O que era a vida sem um pouco de perigo, afinal?

— Pode sempre escrever para ela, sir. — Martin sugeriu.

— Fiz isso. Minha carta foi devolvida no mesmo envelope, rasgada em pedaços. — sorriu. A ferocidade da reação dela o divertiu e agradou, em vez de desencorajá-lo. Se ele não significasse nada para ela, teria jogado a carta de lado, não rasgado. Debaixo daquela máscara fria e calma, Portia era apaixonada e ousada, e, embora estivesse fingindo respeitabilidade, Marcus estava convencido de que, na verdade, estava longe de ser respeitável.

Além do mais, ardia por tê-la em seus braços novamente e não podia acreditar que ela não sentisse o mesmo. Negar a ambos era simplesmente ridículo, quando podiam ter tanta diversão juntos. Ela simplesmente não entendia que não fazia sentido ser miserável quando ele estava aqui, disponível.

Precisava dele, e ele estava determinado a lhe provar isso.



Victoria a manteve até tarde no palácio, com recordações de Lorde Ellerslie. A rainha foi levada para a cama com o nascimento de seu bebê, outro pequeno príncipe, esse chamado Arthur. Tanto mãe quanto filho estavam bem, mas Victoria estava entediada e desejando voltar para as coisas que lhe estimulavam e interessavam. Apesar da imagem retratada dela, não era uma mulher exatamente maternal.

Enquanto ela falava, Portia assentia, sorria e enxugava uma lágrima ou duas. Às vezes, se perguntava se Victoria estava com um pouco de ciúme, já que muitas de suas frases pareciam começar com “Se eu fosse Lady Ellerslie...”. Houve uma especulação sobre a rainha e o seu primeiro-ministro, Lorde Melbourne, mas Portia honestamente acreditava que isso tinha mais a ver com a falta de um pai de Victoria do que sua necessidade de um amante. Talvez, Lorde Ellerslie tenha preenchido um papel parecido, na vida da jovem rainha.

Quando chegou em casa, na Grosvenor Square, Portia sentiu-se exausta. Não estava dormindo bem também. Desde que viu Marcus na ópera, sentia-se tão atormentada por arrependimentos e desejos melancólicos, que se perguntou se estava ficando louca.

— Milady.

Deed, seu mordomo, olhou para a sala de visitas.

— A sra. Gillingham está aqui para vê-la.

— Oh, não. — Portia lamentou, e ficou imediatamente chocada por sua falta de autocontrole. Nunca demonstrou emoção na frente de ninguém, exceto Hettie... e Marcus — Isso é, está tão tarde. — continuou, sua voz calma novamente.

— Mencionei que era tarde da noite, milady. — Deed disse, com um tom simpático em sua voz.

Lentamente, Portia tirou suas luvas e estendeu a mão para tirar seu gorro,

ao mesmo tempo, prestando mais atenção à expressão de Deed. O rosto do mordomo dela era sempre útil para determinar a atmosfera na casa — A sra. Gillingham pode ser difícil, Deed, mas ela é a única filha de Lorde Ellerslie.

— Certamente, milady. — pareceu conformado agora — Uma dama muito exigente, milady, ou assim era, quando morava aqui com Vossa Senhoria. Peço seu perdão se falo sem permissão, mas nós aqui em Grosvenor Square estamos muito felizes com a situação atual.

Isso era o mais perto que ele podia chegar a dizer que era seu criado leal e confiável.

— Obrigada, Deed. Melhor eu vê-la para que possamos mandá-la embora.

Deed quase sorriu.

Enquanto Portia atravessava o piso de mármore, em direção à sala de visitas, sentia o peso da responsabilidade sobre seus ombros — uma responsabilidade que não queria. Lara nunca gostou dela e, embora tenha tentado ao máximo formar uma amizade ou pelo menos respeito mútuo com sua enteada, fracassou. Por que Lara não podia viver sua vida, e deixá-la viver a dela? Por que tinha que criticar, julgar e transformar isso em uma disputa sobre quem seu pai amou mais?

Uma grande onda de cansaço a varreu. Não queria nada mais do que virar e subir correndo as escadas para sua cama. Puxar as cobertas sobre sua cabeça. Não mais sorrir, não mais ser educada, não mais ser Lady Ellerslie. Apenas Portia, cansada, preocupada e confusa.

Mas sabia que não podia fazer isso. Todas as pessoas na casa dependiam dela. Tinha uma obrigação com eles. Geralmente, não se importava. Na verdade, orgulhava-se de cumprir tais obrigações, o melhor que podia. Mas, esta noite, as almas aos seus cuidados pesaram muito sobre ela.

— Portia? — a voz de Lara foi estridente, interrompendo sua reflexão. Ela saiu da sala de visitas e a estava olhando — Por que está parada aí no escuro? Deed não lhe disse que eu estava esperando?

Portia esperou que Lara não tivesse lido os pensamentos caóticos em seu rosto. Seu momento de crise de madrastra seria outra coisa para guardar e jogar de volta para ela, na próxima vez que estivesse se sentindo vingativa.

— Sim, ele me disse. — respondeu calmamente — É tarde, Lara, só isso, e estou cansada. — acrescentou, seguindo-a para a sala de visitas.

— É tão tarde? — Lara devolveu ingenuamente — Eu estava no baile Fenshaws e decidi vê-la em meu caminho para casa. — tinha o nariz de seu pai, a pobre garota, mas ainda era uma mulher bonita, ou poderia ter sido, se descontentamento e ressentimento não tivessem começado a desenhar linhas ao redor de sua boca e rugas ao lado de seus olhos.

— Onde está Arnold? — Portia se sentou, forçando um sorriso educado.

— Ele tinha alguém para visitar em seu clube. Conhece os homens. — Lara sentou-se na cadeira oposta, com uma risada rouca.

Não, pensou Portia, surpresa, não conheço.

Seu pai foi um homem sério, que tinha pouco tempo para os voos de

fantasia de sua filha, e seu marido, apesar de gentil, era de outra geração. Em sua vida, só conheceu dois homens intimamente, seu marido e Marcus... E ela realmente o conheceu? Duvidava disso. Além de ser perigoso e descuidado, mais interessado em seu próprio prazer do que em qualquer outra coisa, ele era um mistério para ela, tanto quanto para o resto da humanidade.

— Está muito bonita. — Lara disse.

A elevação no tom pareceu implicar que ela pensava que sua jovem madrastra estava vestida demais. Portia, acostumada há muito tempo com comentários tão sarcásticos, já não sentia necessidade de se justificar. Esta noite, ela sequer se incomodou de responder.

— Como está Sua Majestade, a Rainha?

— Victoria está bem. O bebê está bem. Estão ambos saudáveis.

Lara estalou sua língua — Não deveria chamá-la assim. Isso demonstra falta de respeito.

— Não faça isso na frente dela, Lara. E a respeito muito. Somos amigas, acho. Tanto quanto uma rainha e uma plebeia podem ser.

— São amigas apenas por causa do meu pai. — a voz de Lara foi aguda, todo o fingimento de boas maneiras de repente se foi.

As duas mulheres eram de idades parecidas e poderiam ter sido próximas. Mas Lara não queria dividir seu pai com ninguém, especialmente com uma nova esposa. Portia presumiu que era por isso que ela se ressentia e a detestava tanto. Ainda assim, não era como se seu casamento tivesse feito ele tratar sua filha diferente, pois sempre a amou. Infelizmente, esse era o amor culpado, de um pai que estava decepcionado com sua única filha, e nunca esteve em casa tempo suficiente para descobrir suas melhores qualidades. E, instintivamente, Lara sempre soube disso.

— É no meu pai que Sua Majestade pensa quando te olha. — Lara continuou, arrogantemente — É meu pai que o povo ama. Você é apenas uma recordação.

Portia estava cansada, sua cabeça doía e estava farta. Tinha problemas o suficiente, sem ouvir os de Lara. Pela primeira vez na relação tensa delas, sua paciência a abandonou.

— O que quer, Lara? Diga-me, para que possamos parar de fingir que gostamos da companhia uma da outra. — suas próprias palavras a chocaram e ela quase desejou que voltassem, mas foi tão bom dizer a verdade em voz alta, pelo menos uma vez, e não fingir.

Os olhos de Lara arregalaram. Não pareceu ser insultada. Na verdade, havia quase um indício de admiração neles por uma fala tão franca — Muito bem, — falou lentamente — vou lhe contar. Vim aqui para lhe pedir um favor, Portia.

— Que tipo de favor?

— Não precisa ficar tão desconfiada. Se pode acolher e alimentar todos esses membros da família Ellerslie, assim como a si própria, com certeza pode atender sua enteada em um pedido.

— Só tenho um parente, e essa é minha mãe, como sabe muito bem, Lara. E seu pai não iria querer que eu rejeitasse a família dele, quando temos espaço mais do que suficiente para mantê-los. Pode “ver” a tia Jane em uma *workhouse*?

Lara deu uma risada arrogante — Esqueci que era a filha de um pastor.

— Não tenho vergonha disso. — Portia levantou seu queixo.

Lara provavelmente tinha, no entanto. Era uma arrogante, enquanto seu pai foi um humanitário, gabando-se que julgava um homem por suas ações, em vez de seu nascimento. Tudo muito bem, Portia pensava muitas vezes, e era bastante fácil dizê-lo, quando sua própria criação foi impecável. Mas, desta vez, manteve tal deslealdade para si mesma.

— Qual é o favor que quer me pedir? — perguntou novamente, curiosidade levando a melhor sobre ela.

Lara desviou o olhar, como se estivesse constrangida, mas mais provavelmente odiando ter que lhe pedir por um favor — Arnold não pedirá, então preciso pedir. Ele ouviu que há uma posição vaga na residência real... secretário para o príncipe Albert. Arnold seria perfeito para o posto. Talvez de der uma palavra no ouvido de Vossa Majestade...?

Portia suspirou por dentro.

Os olhos de Lara estreitaram — E não me diga que não tem nenhuma influência, porque sei que tem!

— Lara, Victoria tem sua própria opinião. Ela não me ouve. Por que deveria? Como disse, não sou nada senão a filha de um pastor.

Lara ignorou sua zombaria suave — Ela não gosta de Arnold. Ano passado, quando ele foi indicado por vários homens muito importantes para uma posição no Home Office, ela indicou outra pessoa. Um homem bem menos inteligente e nem de longe tão bonito.

— Ela disse que não gosta dos olhos dele.

Lara olhou para ela.

Desta vez, Portia desejou que pudesse trazer as palavras de volta. Mas talvez fosse melhor se Lara soubesse a verdade, depois não lhe pediria por favores impossíveis.

— Não pretendia magoá-la, Lara. — continuou cuidadosamente — Não foi nada que Arnold fez, lhe prometo, mas, às vezes, Victoria sente uma... uma antipatia por certas pessoas e sentiu por ele.

O rosto de Lara ficou vermelho — Oh, não me poupe! Por que ela não gosta dele, por favor? É bonito, inteligente e bem-criado. O que é mais do que pode ser dito do marido dela! Conte-me, Portia, o que ela disse?

— Apenas que ela acha seus olhos frios. Como se...

— Como se?

— Ele não tivesse coração.

Lara ficou furiosa — E ela está casada com o sombrio Albert!

— Lara, cale-se!

— Bem, é verdade! Todo mundo diz.

— Albert se importa muito com esse país.

— Gostaria que papai estivesse aqui. — cochichou, enxugando suas bochechas, mas suas lágrimas eram de raiva em vez de sofrimento — Ele teria ajudado. Sempre disse que Arnold teria sido um bom general.

Suas verdadeiras palavras foram: *Porque ele não dava* a mínima para ninguém, exceto a si mesmo, então mandaria seus homens para suas mortes tranquilamente. Mas Portia não disse nada.

— Sempre me ressentiu. — Lara disse, em uma voz baixa e raivosa.

— Lara, sabe que isso não é verdade.

— É verdade! Papai me amava mais e você odiava isso.

— Lara, por favor...

— Bem, me dará sua ajuda, quer queira ou não. Deve isso a mim. Virá na quinta-feira à noite, e ninguém dirá que não somos as melhores amigas.

— Quinta-feira?

— Minha *soirée*. Prometeu ir. Pessoas a estão esperando. Não ouse me desapontar.

— Não sei se...

— Prometeu-me! E vista preto. Quero-a de luto.

Saiu pisando duro, batendo a porta.

Portia permaneceu no silêncio que se seguiu.

Meu Deus, de *luto*, como alguma aberração em uma feira. Era de admirar que Lara não tenha colado cartazes em Londres, avisando o fato de que a “Viúva do Herói da Nação” apareceria na Curzon Street.

Faria isso. Claro que faria. Mas, em seu coração, sabia que o que dissesse ou fizesse não faria diferença. Nunca poderia fazer Lara feliz.

De repente, desejou sair da casa e não voltar. Apenas ficar andando, até ficar livre das brigas e da necessidade de constantemente pensar nos outros. Livre para fazer o que quisesse.

E o que é que quer?

Sabia a resposta. Deitar-se nos braços de Marcus Worthorne. Porque, naqueles breves momentos, sentiu liberdade, mais liberdade do que sentiu, desde que era uma criança.

Mas isso era impossível. E não adiantava pensar e querer coisas que nunca poderiam acontecer. Escolheu a sua vida, ou ela a escolheu, e tomou a decisão de aceitá-la, e não havia como voltar atrás, agora. Os encontros com Marcus continuariam com ela, memórias deliciosas, mas, qualquer ligação entre eles estava encerrada. Não poderia arriscar isso novamente.

Então, por que sentia essa sensação de perda? De sofrimento? Ou desejar por algo que nunca poderia ter?

Por que tinha que agradar a todos, menos a si mesma?



— Eu tentei! — Lara gritou, esfregando suas mãos.

Arnold permaneceu indiferente — Não foi muito pedir. — disse, petulante — Não lhe peço muito, Lara, e quando peço algo, nem mesmo tenta.

— Ela recusou. — Lara insistiu, sua voz se elevando — Se precisa culpar alguém, então culpe ela.

Arnold não disse nada.

Lara odiava o silêncio dele, mais do que suas palavras ofensivas. Nunca pôde suportar isso. Amava-o, ele não sabia disso? Faria qualquer coisa por ele.

Como sempre, não demorou muito para ela se humilhar — Por favor, me perdoe. — disse, ansiosamente.

— Perdoá-la?

— Arnold, por favor, o que quer?

— Quero que me mostre que se importa, Lara. Isso é pedir demais?

— Me importo!

— Então, deveria provar isso, não deveria?

Os lábios de Lara tremeram, mas não chorou. Arnold odiava quando chorava. Ele dizia que isso a deixava feia.

— Me diga o que fazer, — implorou — e farei.

Arnold lhe deu seu sorriso beatífico — Talvez eu tenha algo para fazer, Lara. Tenho um plano, e precisarei de sua ajuda com ele.

— Qualquer coisa, meu amor. — disse desesperadamente. Tocou a bochecha dele e o sentiu congelar. Ele não gostava de ser tocado, nem mesmo por sua esposa. Arnold, lindo como era, era um homem frio. Lara dizia a si mesma que tais coisas eram insignificantes se alguém amasse, mas, algumas noites, ficava acordada e desejava que ele fosse um pouco mais interessado no lado físico do casamento. Mesmo um beijo e uma carícia seriam suficientes; ele não precisava fazer mais.

Mas nunca lhe pediria. Não depois de uma vez, quando ele explodiu de raiva, acusando-a de ser tão baixa quanto às mulheres que se vendiam em Covent Garden, depois do anoitecer.

O amor deles foi uma união espiritual. Um encontro das mentes.

— Portia irá à *soirée*? — Arnold perguntou, interrompendo seus pensamentos.

— Sim. De preto.

Ele sorriu — Muito bom, Lara. Estou satisfeito. Todos estarão lá para vê-la. Isso será um sucesso. A viúva angelical, tão intocável, tão pura. Ou ela é?

— O que quer dizer, Arnold?

— Há algo muito erótico em Portia. Sua intocabilidade, o simples pensamento de que ela é inalcançável, torna-a tão desejável.

— Mas, Arnold...

— Não para mim, sua boba. — disse impacientemente. Balançou sua cabeça — Esqueça. Vá para a cama, Lara. Tem muito a fazer para a *soirée* de quinta-feira. Boa noite, minha querida.

Ele se inclinou e beijou sua testa, antes de se virar para a biblioteca. Sozinha, Lara subia escada acima, até a cama, lágrimas de alegria em seus olhos.

Capítulo 8

Marcus caminhava para a casa em Curzon Street. Estava espetacularmente iluminada e havia um pequeno exército de criados no estábulo, direcionando carruagens, conforme chegavam. Damas em lindos vestidos de festa e cavalheiros em casacos mais modestos se aproximavam dos criados parados rigidamente de cada lado da porta e entravam na residência dos Gillingham.

Marcus os seguiu. Não foi uma coisa fácil conseguir um convite. Durante os três últimos dias e noites, correu atrás de alguém que conhecesse os Gillinghams bem o suficiente para convidá-lo para o evento. No fim, foi forçado a implorar à Lady Annear, madrinha de Sebastian. Ela o surpreendeu, conseguindo garantir um convite em uma hora.

— Não sei por que quer ir à reunião de Lara Gillingham. — disse, dispensando seu agradecimento — Mulher terrível, esnobe e quanto ao marido... parece um poeta. Todo aquele cabelo solto e olhos comoventes. Nunca confiei em homens que se parecem com poetas.

Marcus amaciou seus punhos e não sentiu tais escrúpulos. Sabia que estava com a aparência mais elegante; o perfeito cavalheiro. Ninguém ousaria questionar suas credenciais. Só porque optava por não se misturar com os nobres, não significava que não podia, se quisesse. Tinha a criação, a educação, os contatos para encantar uma duquesa, a vinte passos de distância. Era verdade que achava situações como essa chatíssimas e as evitava como a praga, mas, desta vez, era diferente.

Portia Ellerslie tornava isso diferente.

O que diria quando ficassem cara a cara? Não esperaria que a buscasse em seu território. Poderia pegá-la desprevenida, irritá-la. Sorriu. Oh, sim, muito provavelmente a irritaria.

Antecipação o empolgava enquanto entregava o convite para o criado de peruca, esperando na porta do salão. Lá dentro, um mar de convidados parecia flutuar sob o brilho do lustre a gás.

Viu-a de uma vez, principalmente porque estava usando preto. O profundo luto dela se destacava intensamente contra as cores brancas e rosas e mais audaciosas das outras mulheres, tornando-as frívolas e um pouco chocantes. Por um momento, perguntou-se se ela vestiu as roupas de viúva como penitência por seus encontros com ele, mas duvidava disso. Não parecia como uma mulher que se punia por seus prazeres. Não houve nada furtivo na maneira que desfrutou dele, no Aphrodite's Club; ela o impressionou como sendo confiante e segura de si mesma e de seu lugar no mundo, e o que queria disso.

O criado de peruca semicerrou os olhos diante do convite, mas agora limpou sua garganta e leu em voz alta: — Sir Marcus Worthington!

Marcus olhou para ver a reação de Portia. Ela estava parada na fila, com

sua enteada e o marido desta, saudando convidados recém-chegados. Estava com um cavalheiro idoso, apertando sua mão e sorrindo solenemente, enquanto ele se inclinava para ela, mas, ao som do seu nome, a cabeça dela se levantou. Seu rosto pareceu pálido quando olhou bem nos olhos dele.

Permitiu-se um momento para absorver a visão dela, o perfeito O de sua boca e o brilho selvagem em seus olhos. Toda aquela raiva reprimida não podia lhe fazer bem... precisava ser jogada na cama, e com frequência. Mas seus verdadeiros sentimentos apenas apareceram em seu rosto, muito brevemente, e então a máscara estava de volta no lugar — educada, fria, seu sorriso falso focado no cavalheiro idoso.

Marcus desceu lentamente os degraus e se juntou à fila. Estava ansioso para ver o que ela faria a seguir.

— Sir, eh, Worthington. Boa noite! — a mulher de olhos mais atentos e nariz grande o estava inspecionando-o com curiosidade — Não acho que nos conhecemos.

— Sra. Gillingham, está magnífica. — estava, ou estaria, se não estivesse ofuscada por Portia.

— Obrigada. Não lembro exatamente onde nos encontramos...? — deu-lhe um sorriso questionador.

— Ex-Hussars. — murmurou, explicando.

— Oh! Sim, claro. Deve ter conhecido papai.

— Seu pai foi uma grande inspiração para todos nós.

Ela sorriu para ele.

Bem, isso foi fácil. Marcus se aproximou do marido. Arnold Gillingham era um cavalheiro de aparência indolente, com cabelos loiros bastante longos, olhos azuis-claros e rosto bonito, embora semelhante ao de um cavalo. Com seu ar levemente sobrenatural, dava a impressão de estar compondo poesia.

— Ex-Hussars? — ele repetiu, com um olhar frio — Conheceu meu sogro, Sir Worthington?

— A fama dele abrangeu a todos nós.

— Era de se esperar. — mas houve uma tremulação em seus olhos, como se estivesse completamente atento ao fato de que Marcus não respondeu sua pergunta — Aproveite sua noite, Sir Worthington.

Finalmente, Marcus deu o passo que o colocou cara a cara com *ela*. A orla da saia dela esfregou seus sapatos. O vestido preto de luto acentuava sua beleza pálida e a glória brilhante de seus cabelos. Pôde sentir seu cheiro, quente e adocicado, mas com um tom exótico. Ela parecia estar tentando decidir se podia recusar-se a lhe dar a mão, sem alguém notar sua falta de boas maneiras.

— Lady Ellerslie. — murmurou. Estava preparado para ficar aqui por uma hora, mas não demorou tanto tempo para ela desistir de uma vida inteira de treinamento e condicionamento.

Lenta, involuntariamente, estendeu-lhe a mão. Ele não permitiu que ela apressasse o aperto, deslizando os dedos para baixo, para agarrar os dela com

firmeza, antes de apertá-los através da luva.

Os olhos dela brilharam para ele com frustração raivosa, quando percebeu que estava encurralada por sua inabilidade de desobedecer às convenções sociais. Era sua própria prisioneira, tanto quanto dele.

— Sir Worthington. — disse através de lábios rijos e olhou diretamente além dele.

— Não imagino que nenhuma dessas pessoas saiba que tem um pequeno ponto lindo, logo à esquerda da sua coluna, onde o volume dos seus...

Ela arfou, a cor percorrendo suas bochechas. Abriu seu leque, um elaborado de penas pintadas, e o usou com bons resultados, escondendo sua emoção e se refrescando ao mesmo tempo. Por cima, seus lindos olhos azuis se estreitaram em fúria.

— Não exatamente a viúva angelical, agora. — murmurou, satisfeito de que ela tenha corado sobre sua cobertura.

— Como conseguiu um convite?

— Eu costumava ser um Hussar corajoso. Na companhia de seu antigo marido.

Olhou-lhe, tentando avaliar suas palavras como verdades ou mentiras — Está dizendo que serviu com meu marido?

— Encontrei-o, uma vez. — disse.

— Não acredito. — respondeu, em voz baixa e furiosa — Não acredito em nada do que diz. Nunca foi um Hussar, Sir Worthington...

— Mas fui, Lady Ellerslie, e elegante em meu uniforme, também...

— ... não tem a resistência necessária. Não consigo imaginá-lo esforçando-se para fazer nada digno.

Essa doeu. Estava surpreso de que se importava o suficiente para deixar. Estava começando a querer que Portia pensasse bem dele? Claro que não; nunca se importou com a opinião dos outros.

— Está enganada a meu respeito, milady. — disse com a voz arrastada e preguiçosa — Digo-lhe que venho de uma longa linhagem dos melhores da Inglaterra.

Suas sobrancelhas claras se ergueram, duvidando — Os melhores soldados da Inglaterra?

— Os melhores amantes da Inglaterra.

A boca dela se contorceu.

— Nós, os Worthingtons, nos orgulhamos de nossa habilidade com a espada.

Ela riu e depois pareceu envergonhada, como se fosse ele quem a tivesse forçado a rir.

— Portia? — a voz foi pesada, com desaprovação.

Ela paralisou e depois olhou para Lara Gillingham, com toda a aparência de uma criança apanhada em falta. Marcus decidiu que ela era completamente adorável e estava mais determinado do que nunca a desfrutar dela, até esgotarem o que quer que estivesse fervendo entre eles.

— Está atrasando nossos convidados, Portia.

— Desculpe-me, Lara. — quando se virou novamente para Marcus, o sorriso falso estava mais uma vez estampado em sua boca — Boa noite, senhor.

Haverá tempo, depois, Marcus lembrou a si mesmo, enquanto se afastava. Ela era a razão por que estava aqui e não poderia esconder-se ao lado dos Gillinghams a noite inteira. Ele a encurralaria e então... Sorriu em antecipação e pegou uma taça de champanhe.

Portia percebeu, com desespero, que mal sabia o que estava dizendo. Sua cabeça estava girando, suas mãos pareciam úmidas, dentro das pequenas luvas francesas, tingidas de preto, e seus pensamentos estavam sobre todo o lugar.

Estremeceu. Ele saiu em busca dela, confrontou-a e a encurralou novamente. Mas isso não foi o pior.

Ele a fez rir. Não apenas rir, mas rir como ela costumava a fazer, quando tinha dezessete anos. Despiu-lhe os anos, tal como pretendia despir-lhe as roupas. Podia pensar sobre os efeitos duradouros do sorriso dele, o timbre de sua voz, as promessas em seu olhar. Podia considerar o calor de seus dedos, enquanto se entrelaçavam nos dela, todos ainda mais potentes, porque ambos estavam usando luvas. Mas foi quando a fez rir que a conquistou, porque a fez esquecer que ele poderia tão facilmente trazer sua destruição. Apesar de tudo, ele a fez se divertir.

Ainda não entendia por que ele a estava perseguindo. Isso realmente era por que queria seu corpo? Ou era pura maldade, por que queria arruiná-la, para sua própria diversão? Tal ato de crueldade desmotivada não parecia o caso, mas então lembrou-se de que conhecia apenas os mínimos detalhes sobre ele.

Exceto por ter provado a maior parte dele.

Portia movia-se inquietamente. O duque idoso ao seu lado estava falando sobre seu falecido marido, e ela, que se orgulhava de nunca ter permitido que suas preocupações interiores interferissem com suas obrigações como a “Viúva do Herói Nacional”, sentiu o desejo de se virar e partir. Podia até mesmo imaginar o duque a olhando, boquiaberto.

Imperdoável!

Como podia contemplar tal coisa? De alguma forma, conseguiu permanecer ao lado do duque, o sorriso estampado em seu rosto, até que foi possível finalmente para ela educadamente se afastar.

Aceitou uma taça de champanhe de um criado que passava. O salão estava tão abafado, e o barulho da multidão fez sua cabeça doer. Olhou em volta, procurando desesperadamente.

Onde ele estava?

Sentindo-se como uma criatura caçada, andou pelo salão. Um sorriso aqui, um comentário educado ali, de vez em quando parando para ouvir aqueles que desejavam lhe falar, tocá-la... Notou que algumas dessas pessoas gostavam de tocá-la, como se fosse uma relíquia sagrada ou um amuleto de boa sorte.

Mas seu vestido preto estava quente e desconfortável, e o peso do tecido,

assim como as expectativas dos presentes, começaram a pesar sobre ela. Não importava o quanto tentasse permanecer calma, sua sensação de estar sob assédio aumentava. Eventualmente, não mais capaz de suportar isso, olhou em volta, buscando algum lugar para escapar. Alguns passos apressados a levaram para uma porta fechada e, um momento depois, Portia escapou para dentro de um quarto desocupado.

Paz e silêncio abençoados. O quarto era fresco e pouco iluminado, e ela soltou um suspiro irregular de alívio. Se tivesse que sorrir mais uma vez, ou ouvir mais uma história da esperteza e bravura de Lorde Ellerslie, poderia gritar. Lara a levaria para Bedlam, em uma carruagem fechada, para ser trancada com outros loucos. E então Marcus Worthorne teria que resgatá-la. Poderia valer a pena, se ele fosse usar seu elegante uniforme Hussar.

O pensamento absurdo a fez sorrir enquanto começava a rondar o quarto. Foi aí que percebeu onde estava; no Campaign Room. Lara reuniu as recordações militares de seu pai, mapas esfarrapados, diários e honras militares, assim como as botas que usou em Waterloo, e agora estavam todas aqui, em exposição. Portia não vinha adorar neste santuário há muito tempo.

Suas anáguas rígidas e saias de seda preta farfalhavam alto, enquanto se movia de vitrine em vitrine, espiando os conteúdos. Aqui estava uma medalha especialmente concedida pelo Príncipe Regente, e uma urna presenteada pelos prussianos. Curvou-se para ler uma página de um dos diários dele, lutando para compreender a escrita borrada, à luz da única lamparina.

Lara pendurou um retrato de sua mãe, a primeira Lady Ellerslie, em cima da lareira. De cabelos escuros e delicadamente bonita, usava o que Portia sempre considerou um sorriso sofrido. Não surpreendentemente, talvez. Em sua juventude, Lorde Ellerslie tinha a reputação de ser um mulherengo, e isso, junto com os compromissos militares, significava que nunca estava em casa. Ainda bem que a mãe de Lara era o tipo de mulher que sofria em silêncio. Portia não achava que teria sido tão tolerante, mas, quando se casou com ela, Lorde Ellerslie estava muito velho para trair, e seus dias de soldado eram passado, então, ela nunca teve que se preocupar em perdê-lo para outros interesses.

Conheceu-a e casou-se com ela em semanas. Sua mãe, a sra. Stroud, ao descobrir que o lorde estava hospedado com o irmão de um antigo amigo de escola dela, levou-a para uma visita improvisada. Anos dizendo à sua filha que cabia a ela melhorar a situação familiar e as riquezas da família, compensaram. Portia cumpriu sua obrigação, recebeu a atenção do idoso Lorde Ellerslie, e sua subsequente proposta, com serenidade.

Estavam casados no outono.

Foi carregada de Londres, como um troféu de guerra, lembrava agora. Outra das grandes conquistas do grande soldado.

Portia percebeu, com um pequeno arrepio de choque, que estava com ciúme de seu marido heroico. Não porque era amado por todos, mas porque viveu uma vida tão intensa e interessante. Fez tanto e conquistou tanto, e,

quando morreu, fez a famosa declaração de que não se arrependia. Ela sabia que não podia dizer isso.

O que fez com sua vida até agora? O que conquistou? Parecia que viveu sua vida inteiramente por causa de outras pessoas; sua mãe e seu pai, seu marido, Lara e tia Jane, e o povo britânico... Até mesmo Victoria esperava que ela se comportasse de um certo modo, que *fosse* uma certa pessoa. Onde estava Portia Stroud em tudo isso, a filha do pastor, que uma vez percorreu as estradas do campo? Desapareceu completamente atrás da máscara da mulher que se tornou?

Atrás dela, a porta abriu, e ela soube, mesmo antes dele falar, que, mais uma vez, ele a encontrou.

— Portia...

Ela virou, sua voz estranhamente aguda — O que acha que está fazendo? Isso nunca foi parte do nosso acordo!

Aproximou-se dela, daquela maneira suave e felina, como se a perseguisse, caçando-a — Vamos fazer um novo acordo, então. Nunca gostei do anterior.

— Sabe muito bem que não posso... — começou contornando-o a caminho da porta.

Ele a bloqueou — Essa palavra é uma que também não gosto. Pode fazer o que quiser, e eu também. Quem está lá para nos impedir?

— Somos de mundos diferentes. Se eu fizesse o que quisesse, logo perderia tudo. Tenho pessoas que contam comigo. Tenho pessoas que dependem de mim.

— Que maçante. — pareceu entediado.

Talvez fosse porque ela sabia que isso era verdade, ou porque, há pouco, tinha visto sua vida com uma clareza tão deprimente, mas perdeu sua paciência. Passou do ponto morno ao ponto de ebulição, em um piscar de olhos. Todos os anos de moderação e boas maneiras, — *Não mostre aos criados como se sente, Portia, não é adequado para uma lady!* — de se segurar — *Minha querida, é muito deselegante rir na frente dos outros, mesmo o seu marido. Ora, ora, não chore. Seja um pequeno general forte!* Repentinamente, foi demais, e uma neblina vermelha formou-se na frente dos olhos dela.

Avançou para ele, se para agredi-lo ou empurrá-lo, não sabia, apenas estava tão furiosa, que precisava de alguma descarga física. Ele agarrou seus punhos e a puxou, lutando, contra seu corpo. Podia senti-lo rindo e isso apenas a deixou mais furiosa.

— Solte-me, seu patife!

— Isso é o melhor que pode fazer?

— Não deveria estar aqui...

— Queria vê-la novamente, — disse, em uma voz baixa — e não pretendia esperar por sua permissão, não quando estava claro para mim que também queria me ver.

Deu uma risada raivosa. Bom Deus, seus dedos estavam tortos como

garras? As emoções surgindo nela a assustaram, mas, ao mesmo tempo, estava eufórica. Estava demonstrando seus sentimentos, e o alívio foi maravilhoso.

— Destruir-me-á — lembrou-o, e a si mesma — Perderei tudo.

Ele sorriu, maldito seja — Como assim? Não contarei a ninguém. Por acaso contará?

— Claro que não!

— Então, onde está o problema, Portia?

Soltou-a, mas apenas para que pudesse envolver seus braços em volta dela e arrastá-la para mais perto do seu corpo. Ela queria gritar. Ele inclinou sua cabeça e a beijou intensamente, tirando seu fôlego. Furiosamente, tentou mordê-lo. Ele riu, evitando seus dentes.

— Vadia. — disse suavemente e a beijou novamente.

Sua boca era quente e tinha o mesmo gosto de champanhe que ela bebeu antes. Ele beijava bem, provavelmente teve muita prática, e não demorou muito para ganhar uma resposta dela. Ou talvez ela quisesse responder. Talvez isso fosse o que quisesse o tempo todo.

Sem mais nem menos, a raiva dentro dela mudou para desejo. Necessidade ousada e estremecedora, que não podia ser negada. Agarrou seu pescoço, seus dedos, agora acariciando seu cabelo, sua pele. Fundiu-se ao corpo dele, apesar das restrições de suas anáguas endurecidas e suas saias largas.

A palma dele deslizou sobre o seio dela e apertou sua carne através do corpete forrado e do espartilho apertado. Ela mal o sentiu, mas seu corpo conhecia seu toque e queria mais.

Foi então que, tonta e sem fôlego, levantou sua cabeça e lembrou onde estavam — Não, não! — arfou, tentando escapar de seu toque.

— Por que não? É o que queremos.

— Não aqui. — disse, sua voz recuperando um pouco de sua força.

Ele olhou em volta e pareceu perceber, pela primeira vez, que tipo de sala era aquela. Sua linda testa dobrou com reprovação — Bom Deus! — resmungou — Uma tumba. Qual foi a sua ideia?

— Lara. Ela estava sempre tentando agradar seu pai, enquanto estava vivo, e ainda está fazendo isso, agora que está morto.

— Por favor, quando eu morrer, me dê um enterro viking.

— O que é isso?

— Coloque-me em um barco, ateie fogo e me empurre para o oceano. Preferiria ser comida para os peixes do que terminar em algum maldito grande mausoléu.

— O Lorde Ellerslie está enterrado em St. Paul.

— Exatamente. Quero que minha alma seja livre, não trancada em uma caixa de pedra.

Atordoad, deixou-o tomar sua mão na dele, segurando na dela como se a esperasse escapar, enquanto ele olhava em volta da sala. Aparentemente, estava considerando suas opções. Espiou a segunda porta, ao lado da prateleira de livros, e a puxou pela sala com ele, para abri-la. Dentro, ela viu a

antessala contendo uma mesa, uma cadeira e um sofá-cama, sem colchão ou roupa de cama.

Difícilmente aconchegante, mas, pelo menos, não havia nada aqui que ela reconhecesse. Esse era território neutro.

— Bem. — estava olhando-a, esperando por sua decisão.

Portia concordou.

Ele a levou para dentro do espaço apertado e fechou a porta, exatamente quando a porta externa abriu, e Lara Gillingham chamou: — Portia? Está aqui?

Não estava completamente escuro; havia uma janela alta e luz suficiente para ver o rosto dele. Olhou-o com olhos arregalados. Sorrindo, ele colocou seu dedo contra seus lábios e depois traçou o contorno de sua boca. Inclinou-se novamente e a beijou, lentamente desta vez, arrastando-a de volta para o mundo sensual, tão recentemente aberto para ela.

— Onde ela foi? — a voz de Lara, mais perto desta vez, seus passos abafados atravessando o tapete diante da lareira — Têm pessoas perguntando por ela. O que lhes digo?

— Tenho certeza de que ela veio para cá. Devo ter me enganado. — era Arnold Gillingham, soando como se não pudesse se importar menos — Esqueça-a. Venha e coma um pouco, Lara, antes que esses porcos comam tudo.

Os passos se afastaram — Eu devia ter pedido a Portia para convidar Sua Majestade.

— Venha agora, Lara! Nem mesmo Portia poderia garantir a presença da rainha em sua *soirée*.

— Por que não? Tenho certeza de que ela tem a rainha na palma da mão, assim como teve o meu pai. Sabe, não acho que ela esteve nesse quarto mais do que uma ou duas vezes, desde que ele morreu.

A porta exterior fechou com um estalo.

Marcus levantou sua boca, e Portia ouviu sua própria respiração dificultosa.

— Lembre-me de não deixar um santuário ser construído para mim, quando eu morrer. — disse, seu olhar lento examinando o rosto dela.

— Não haveria nada para colocar nele. — conseguiu dizer, trazendo à tona um eco de sua raiva anterior.

— Isso não é uma coisa grosseira de se dizer.

— Sim!

Riu dela — Bom. Está aprendendo.

— Tenho um bom professor.

Segurou o rosto dela, traçando sua beleza com seus olhos — Sou um professor *muito* bom, milady.

Quis dizer das artes sensuais. Portia achou que ele tinha o direito de ser convencido. Afinal, era tão bom em carne e osso quanto à sua fantasia de Marcus. Melhor. Esse Marcus real fazia-lhe coisas que o homem sonhado sequer imaginava, coisas que a sua imaginação não conseguia conceber.

— Agora, — disse, sério novamente — estou prestes a fazer o que estive querendo desde a primeira vez que atravessei a porta e a vi, deslumbrando aquele cavalheiro velho com seu sorriso. Tentará me impedir?

Portia balançou sua cabeça decisivamente — Não, não irei impedi-lo, Marcus. Impedi-lo *não* é o que quero fazer.

Capítulo 9

Podia ver o desejo no rosto dela, e isso aumentou o seu próprio ainda mais, se fosse possível. Os olhos azuis dela estavam negros e sonhadores, sua boca inchada por seus beijos e suas bochechas estavam tremendo. Todos os sinais de que a mulher em seus braços estava pronta e ansiosa para ele possuí-la.

E, ainda assim, ele esperou, saboreando o momento, desfrutando de sua vitória.

Foi Portia quem interrompeu o impasse. Ficando nas pontas dos pés, esticou-se e o beijou, sua boca aberta para a dele, em beijos longos e quentes, que o fizeram gemer. Deslizou seus dedos pela frente da camisa dele, até onde estava enfiada dentro da calça, e puxou-a para fora. As palmas dela estavam quentes contra sua barriga, alisando a pele de seu peito, acariciando-o, como se não pudesse conseguir o suficiente dele.

Estava pegando fogo.

Ele não se enganou. Seja lá o que houvesse entre eles, queimava, e isso precisava seguir seu curso. Queimariam com esse fogo, até isso se extinguir. E a experiência lhe dizia que isso se extinguiria, eventualmente. Sempre se extinguiam.

A mão dela entrou dentro de suas calças e ele gemeu quando passou suas unhas levemente sobre seu comprimento duro. Os olhos dela brilharam na luz pálida, vinda da abertura estreita da janela alta. E havia apenas luz o suficiente para ver o sorriso dela também. Um sorriso malicioso e lascivo, que ele apostaria que pouquíssimas pessoas já viram curvando a adorável boca de Portia Ellerslie.

— O que faremos com as malditas anáguas? — perguntou roucamente, enquanto ela continuava a acariciá-lo, com desejo furioso.

Ela riu e se afastou, levantando suas saias, que pareciam consistir em milhas e milhas de seda preta, crepes e fitas. As anáguas eram muitas. A primeira era muito bonita e feita para ser vista, cetim, com flores bordadas e camadas de renda enfeitando a orla. A segunda era cambraia branquíssima, a terceira, outra peça de roupa clara, e depois outra, e finalmente, uma anágua de crina e lã tecida, na altura do joelho, para sustentar suas outras saias volumosas, de modo que assumissem o elegante formato de cúpula. Algumas das anáguas eram amarradas à sua cintura, enquanto outras estavam abotoadas às amarradas.

Olhou, fascinado, enquanto ela desamarrava as fitas, trabalhando rapidamente, então ela deu um grito de triunfo, quando todo o conjunto soltou e caiu no chão, aos seus pés. Tomando sua mão estendida, Portia simplesmente saiu delas. Ainda estava usando sua calcinha, mas esta foi rapidamente removida.

Com um rosnado, ele a girou, com suas mãos plantadas sobre a cintura

dela. Agora, sem as anáguas para segurá-las, as saias pendiam bem abaixo dos pés. Ele a ergueu, apoiando-a com suas costas contra a parede, e começou a embrulhá-las, descuidadamente, enquanto ela tentava ajudar. E depois, finalmente, ela estava livre para envolver suas coxas em volta de seus quadris, apertando-o, enquanto agarrava seu pescoço, dedos percorrendo seu cabelo, beijando seu rosto e fazendo pequenos sons de desejo.

Marcus a penetrou, suave e facilmente. Estava tão pronta, que quase gozou imediatamente, mas ele segurou seus quadris, para que não pudesse se mover, forçando-a a esperar.

— Por favor, por favor. — ela ofegava.

— Quanto quer me ver novamente? — ele cochichou.

Seu corpo tremia em volta do dele. Ela sacudiu suas coxas, forçando-o a liberar seu controle de aço. Com um gemido, começou a penetrá-la, ouvindo seus gritos suaves, sentindo seu prazer, enquanto ondulações passavam através dela e entravam nele, até ele não conseguir se segurar mais.

O orgasmo dela se tornou o dele, quando morreu em seus braços.

Gozou, com seu coração batendo em seu peito. Apoiando sua testa contra a parede, tentou desacelerar sua respiração e recompor sua mente. Ela estava deitada, amolecida em seus braços, sua cabeça pesada sobre seu ombro, seus braços folgadoamente unidos em volta de seu pescoço, suas coxas ainda penduradas em seus quadris.

Ele a ergueu, conseguindo um aperto mais firme sobre ela, e a carregou para a base de madeira do sofá-cama. Sentou-se, com ela ainda em seus braços, e ela se aninhou contra ele.

— Quero vê-la novamente. — disse, as palavras tão familiares dele agora, mas não menos verdadeiras.

Ela sacudiu sua languidez e o olhou — Isso não significa que *deveria* me ver novamente.

— Oh, vamos, Portia. Não pode mais fingir. Vi dentro de seu coração e alma, e sei o que quer.

Ela sorriu. Aquele sorriso malicioso e provocador, que sabia que era somente para ele. Portia estendeu a mão e, com a ponta de seu dedo, traçou sua sobrancelha esquerda e depois a direita. Passou no centro de seu nariz, sobre seu lábio superior e finalmente pressionou-o sobre sua boca.

— É um homem perigoso, Marcus — murmurou.

A expressão dele se tornou feroz — Amo o som de meu nome em sua boca.

Sentiu seu corpo excitando-se, querendo-a novamente, mas ela balançou a cabeça, pegando suas miseráveis anáguas. Começou a vesti-las novamente, uma dobra entre suas sobrancelhas.

— Isso é loucura. Marcus, sabe disso tão bem quanto eu. Não podemos nos ver novamente. Precisamos acabar com isso, agora!

— Não, se não formos descobertos, e não seremos.

Olhou-o em silêncio, e foi como se pudesse ler seus pensamentos em seu rosto. Portia o queria e se sentia como se estivesse atraída por algo que sabia

ser perigoso, e, ainda assim, não conseguia resistir. Mas estava tentando.

— Marcus, não podemos continuar a fazer isso. Seremos descobertos.

Exatamente, e a chance de descoberta apenas aumentava a tensão sexual entre eles. Mas ele não lhe disse isso.

— Encontre-me novamente, Portia. Tenho que implorar?

Ela estava ajeitando suas saias, inclinando-se para alisar as dobras, virou-se e olhou para ele, o rosto pálido e bonito brilhando pelo ato sexual deles. Marcus estava muitíssimo determinado a tê-la. *Ele tinha que tê-la*. Custe o que custar.

— Podemos sair de Londres, se quiser. — continuou, calma e convincentemente — Para algum lugar onde ninguém te conheça.

Portia deu uma risada tremida — Marcus, duvido que exista tal lugar.

— Podemos caminhar pela beira do mar. Tirar nossos sapatos e meias e correr para a areia ou brincar nas ondas. Fingiremos estar lá de férias. Eu seria um... um escrivão...

— Nunca vi um escrivão que se pareça contigo.

— ... e será uma assistente de vendedor de tecidos. Não, espere, uma vendedora especializada em anáguas!

Ela riu, mesmo enquanto balançava sua cabeça.

— Podemos fingir que essa é nossa primeira vez juntos, e que normalmente moramos em uma casinha, em Deptford, com seus pais, mas eles me odeiam, porque não me consideram bom o suficiente para sua única filha...

A história evoluiu, tornando-se cada vez mais absurda. Ele até mesmo sabia quantos cães e gatos possuíam, mas, conforme falava, floreando e acrescentando, podia ver o desejo nos olhos dela. Mesmo assim, ela continuava a enfrentá-lo, e a si mesma.

— Marcus, não posso...

— Pode, Portia. Ambos podemos. Vamos ser felizes. Por que não?

— Por que não? — zombou e passou por ele, em direção à porta.

Do lado de fora, no Campaign Room, Portia amarrou seu cabelo diante do espelho, examinando sua aparência, de todos os ângulos, enquanto Marcus a olhava em silêncio. Disse tudo que pôde. Agora, a decisão era dela. Essa era uma das razões pelas quais ela o atraía? Por que não era seduzida facilmente por sua língua merecidamente famosa?

— Promete-me que ninguém me reconhecerá nesse paraíso à beira-mar?

Os ombros dela estavam anormalmente tensos, seu olhar fixo no dele, no espelho — Não posso permitir um escândalo.

— Prometo.

Ela respirou fundo, depois concordou rispidamente, quase como se concordando contra sua vontade. Talvez estivesse. Talvez esse fosse um caso de seus desejos dominando seu cérebro, ele conhecia tudo sobre o fenômeno.

Mas não a deixou ver sua sensação de vitória. Pode ter triunfado sobre a resistência dela, mas ainda tinha que vencer a guerra. Ainda assim, era algo significativo ter corrompido a “Viúva do Herói da Nação”, o anjo em vestes

de viúva.

Exceto que sua Portia estava longe de ser um anjo.

— Farei os preparativos. — falou lentamente — Não se preocupe.

Portia o olhou sobre seu ombro, enquanto alcançava a porta — Claro que me preocuparei. Não posso evitar. — prendeu-o com um olhar — Estou confiando em ti, Marcus. Entende simplesmente o quanto estou contando contigo?

Ele fez uma profunda reverência, mas estragou, sorrindo — Até nos encontrarmos novamente, Lady Ellerslie.

Ela abriu a porta e saiu, fechando-a suavemente atrás dela.

Marcus mal deu aos escrúpulos dela outro pensamento. Já estava considerando os preparativos que teria que fazer para seu próximo encontro. Teria que ser logo. Estava tão impaciente para esperar e não havia razão para fazê-lo.

Quando achou que tempo suficiente tivesse passado, desde que Portia partiu, ele a seguiu, rapidamente perdendo-se na multidão.

Arnold viu Marcus Worthington forçando seu caminho através dos convidados aglomerados, em direção à porta. A arrogância do homem! Foi apenas sorte que o levou a pegar o bilhete que Portia deixou cair na ópera e lê-lo. Então, esta noite, notou seu comportamento estranho, quando ela cumprimentou Sir *Marcus* Worthington. Arnold sabia que, se não tivesse juntado esses dois fatos, teria estado tão ignorante quanto o resto dos observadores, esta noite, embora se orgulhasse da sua percepção aguçada. Aprendeu ao longo dos anos a acompanhar de perto os que pudessem ajudá-lo, quando se tratava de suas ambições secretas. E a linda madrasta da sua esposa estava atualmente no topo da lista.

Era engraçado que Portia estivesse sempre acima de qualquer suspeita, quando se tratava de questões de propriedade, algo que Lara achava difícil de aceitar. Se Portia tivesse sido uma vadia boca suja, então a esposa poderia tê-la achado mais suportável. Como alguém lutava contra a perfeição? E Lara, como ele bem sabia, estava longe de ser perfeita.

Levou sua esposa para o Campaign Room de propósito, para ver se podia pegar Portia e seu amado, mas deslizaram para a antessala. Pensou em escancarar a porta e expô-los *em flagrante delito*, mas, refletindo, decidiu que, provavelmente, era melhor deixá-los escondidos. Lara teria feito um terrível escândalo, e Portia teria sido desonrada, possivelmente permanentemente.

Tal cena era mais bem guardada para outra ocasião, quando isso pudesse ser usado em sua vantagem.

Arnold permaneceu nas sombras e observou Portia bancando a grande dama, como se tivesse nascido para isso. Para alguém de origem tão humilde, filha de um pastor, meu Deus! — ela certamente tinha jeito. Um sorriso, e o soldado mais cascudo se apaixonava instantaneamente por ela. E ela capturou o mais cascudo e velho soldado de todos e casou-se com ele. Arnold tinha que admirá-la, embora a desprezasse.

Sua própria família vinha de uma longa linhagem de ingleses, cujo sangue era muito mais azul do que o da pequena aristocracia alemã que agora governava a Grã-Bretanha. Os Gillinghams remontavam aos normandos e além - eram verdadeiros britânicos. Pertenciam à terra. Já era hora de fazer com que o povo da Grã-Bretanha entendesse o quão errado era o fato de seu país estar sendo destruído por um fluxo interminável de estrangeiros. Bastava caminhar por East End para ver a massa fervilhante de pessoas que não tinham o direito de estar ali, nenhum direito.

Não era que ele não gostasse de outras raças. De forma alguma. Estava tudo bem com elas, contanto que ficassem em seus próprios países. Mas a Inglaterra era para os ingleses, e tinha que ser mantida assim.

A raça inglesa devia permanecer pura. Essa foi uma coisa que seu pai frequentemente disse e escreveu a respeito e, quando seu pai morreu, Arnold assumiu o desafio de tornar o sonho dele realidade.

E sua hora estava chegando, podia sentir. Não muito tempo agora até ele ter sua chance de mostrar à monarquia, ao Parlamento e ao povo o erro de suas decisões.

Capítulo 10

Portia correu pela plataforma da Waterloo Station, enquanto Hettie vinha resmungando atrás. Waterloo estava aberta há apenas um ano ou dois e ainda possuía o brilho de nova. Vapor estava subindo do trem parado, e os passageiros, sobrecarregados com bagagem, alguns com crianças, corriam para encontrar seus lugares, enquanto carregadores empurravam bagagem em carrinhos e pareciam oficiosos. O próprio carregador delas, caminhando a alguns passos à frente, estava levando-as para o vagão da primeira classe, que Marcus reservou.

Ela leu sua carta de instruções, até saber cada palavra de cor. *Embarque no trem das 9:09 na Waterloo Station. Desembarque na Little Tunley às 10:17. O trem vai parar somente para seu embarque, e eu esperarei.*

— Por que não usa seu véu? — Hettie aumentou seu aperto na cesta de piquenique, enquanto tentava acompanhá-la. A senhora recusou-se a deixar o carregador tomá-la dela, agarrando-a como se fosse um tesouro. O conteúdo da cesta foi coletado mais cedo do Fortnum and Mason's, um dos famosos especialistas em comida de Londres, porque Portia não queria perguntas sendo feitas em sua própria cozinha do porquê estava levando uma cesta de piquenique, em uma visita a uma antiga amiga da escola.

— Todos sabem que estou indo em uma viagem de trem, Hettie. Não há nada de errado com isso. Não preciso usar um disfarce.

— Um lugar como este... muitíssimas pessoas aqui... nunca sabe quem poderia encontrar... — Hettie ofegou.

— Esse é o objetivo. Se eu agisse como se tivesse algo a esconder, então todos assumiriam que tenho. — Portia disse — Mas, se estou indo em uma viagem de trem, para todos verem, então, como posso ser culpada de alguma coisa moralmente inaceitável?

Sorriu quando um grupo de idosas virou para olhar e cochichar seu nome — E ninguém sabe *aonde* estou indo. Disse à minha mãe e a Deed que estou indo visitar minha amiga, mas nossas passagens dizem Southampton, e será assumido, por qualquer um que nos ver, que estou viajando de lá para a Isle of Wight, para a residência de Victoria, Osborne House, quando, na verdade, desembarcaremos antes disso, em...

— Ele te ensaiou bem! Mas ainda não gosto disso, *lieben.*, — Hettie disse, tensa — Está arriscando muito por tão pouco. O que ele é, afinal? Um ninguém, um nada.

— Certamente um dia, mesmo com um ninguém e um nada, não é pedir demais! Um único dia, quando desisto tanto da minha vida pelo bem dos outros? — soou como se estivesse implorando com Hettie por compreensão, mas Portia sabia que realmente era sua própria consciência que estava tentando acalmar.

- Esse homem... — Hettie bufou, para não se distrair.
- Nem o conhece. Ele poderia ser um ninguém.
- Pensei que ele fosse um “ninguém”.

Hettie bufou, ou talvez tenha apenas ficado sem fôlego.

Portia estava feliz. Não queria ter pensamentos negativos. Agora que estava decidida a fazer o passeio especial, não queria que nada o estragasse. Sem dúvidas, sem “e se”, sem previsões negativas. Este era o *seu* dia e pretendia aproveitar ao máximo cada minuto.

O carregador alcançou o vagão delas e Portia subiu os três degraus, segurando suas saias e contornando a porta estreita. Ousadamente, deixou suas duas anáguas hoje, e o vestido em si era novo, cinza e listrado de branco, com babados franzidos na saia e mangas bufantes, em formato de sino. Também havia recentemente adquirido um chapéu redondo de abas largas, feito de palha, e esta pareceu a perfeita ocasião para usá-lo. Além do mais, sua minúscula e linda sombrinha de seda preta, com revestimento vermelho, era pequena demais para manter o sol longe de sua pele pálida.

Ou pelo menos essa foi a desculpa que usou, quando Hettie lhe lançou um olhar que pareceu para a consciência pesada de Portia gritar “frívola”.

O vagão era luxuriosamente acolchoado, com utensílios de bronze polido e cortinas de veludo enlaçadas sobre as janelas, mas Portia descobriu que estava muito irritada para admirar a mobília adequadamente.

Te encontrarei lá.

As palavras dele ecoaram dentro de sua cabeça. Depois do selvagem e deliciosamente perigoso ato sexual deles, na casa de Lara, Portia dificilmente ousaria pensar o que ele planejou a seguir. E, ainda assim, *pensou* sobre isso. Pensava sobre isso o tempo todo. Estava viciada ao toque e gosto dele. Ele estava se tornando tão essencial para ela quanto o ar que respirava.

Hettie estava mexendo em suas próprias saias volumosas de lã e resmungando para si mesma, em alemão. Sua fiel criada geralmente não era tão resmungona, e Portia suspeitou que isso fosse porque estava preocupada. Esteve disposta a apoiar sua patroa, quando pensou que fosse apenas um encontro, Hettie estava sempre mais do que feliz em garantir que ela estivesse feliz, mas, agora, a situação assumiu proporções maiores, como a mentira de uma criança, que crescia e crescia, e nenhuma delas sabia como isso terminaria.

Impulsivamente, Portia estendeu a mão e pegou a mão gorda de sua criada em sua própria, apertando-a confortavelmente — Não tem que aprovar o que estou fazendo, Hettie, não esperaria isso de você, mas preciso saber que está do meu lado.

O trem a vapor tocou seu apito.

A senhora suspirou e retribuiu a pressão dos dedos dela. — Claro que estou do seu lado, *lieben*. Estou preocupada, só isso. Não sou puritana; não é isso. Acho que, se fossem apenas os desejos da carne que estivesse sentindo, então eu estaria feliz. Mas esse... esse *homem*. — revirou seus olhos — Ele quer

mais do que tem o direito de querer, e é descuidado com sua reputação. Ele assume riscos. Talvez seja porque não tem nada a perder, ou talvez, seja um desses revolucionários, que não acreditam que regras e leis se aplicam a ele. Ele me preocupa. Tais homens são perigosos.

O trem tremeu, sacudiu e depois, lentamente, começou a avançar. O apito tocou novamente, alto, e houve uma forte baforada de fumaça, fora das janelas completamente fechadas, quando a locomotiva saiu da estação.

Portia riu — Um perigoso revolucionário! Está imaginando Marcus no centro de alguma conspiração terrível, Hettie?

— Pode ser. — disse, teimosamente.

A Waterloo Station estava se afastando e, com ela, Londres, e todo o barulho, a sujeira e a expansão, que era uma parte crescente daquela grande cidade. Com ela também foi sua vida e as minúcias que a compunham. Sentia-se mais leve a cada volta das rodas, as pressões da família e da vida pública tiradas de seus ombros.

Repentinamente, Portia virou-se e sorriu para Hettie, sentindo-se como uma aluna levada matando aula — Estou tendo minha própria aventura, hoje. Por favor, não me diga que não devo.

Hettie sorriu de volta, com esforço — Prometo que não direi uma palavra para estragá-la, então, *lieben*. Pelo menos... não, até chegarmos a Little Tunley.

Portia acomodava-se em seu assento macio de couro, conforme as periferias de Londres abriam espaço para o campo. Marcus Worthorne estaria lá, do outro lado da sua viagem, e, apesar de sua serenidade externa e aparência calma, por dentro, suas emoções estavam muito diferentes. Sentia-se jovem, despreocupada e viva. Teve que apertar suas mãos juntas para parar de inquietar-se com impaciência. Teve que morder seus lábios para impedir-se de sorrir.

Ela e Hettie desembarcaram pouco mais de uma hora depois, quando o trem fez a parada prevista em Little Tunley. A locomotiva barulhenta e enfumaçada deixou-as paradas na plataforma vazia, e partiu para longe.

Conforme o som do trem desaparecia e o silêncio aumentava, Portia sentia uma sensação de paz começar a instalar-se sobre ela. Diferente de Londres, esse céu era azul, com dificilmente uma nuvem para ser vista. Gerânios vermelhos derramavam-se sobre potes de madeira, na frente do escritório da estação, pássaros estavam cantando, e o ar estava impregnado de sal. Ela sabia que o mar não devia estar muito longe; esta deveria ser uma viagem ao litoral, afinal.

Serei um escrivão e pode ser uma assistente de vendedor de tecidos. Não, uma vendedora de anáguas!

Sorriu pela lembrança da brincadeira dele, exatamente quando som de passos anunciaram a chegada do surpreso chefe da estação, que estava apressadamente abotoando seu uniforme.

— M-milady! — o pobre homem gaguejou, reconhecendo-a imediatamente

— Ninguém me avisou que nos faria uma visita. Não que não seja bem-vinda e não estejamos gratos... Quero dizer...

— É uma visita privada. Por favor, não se preocupe. — Portia teve pena dele — Tem uma pequena estação muito bonita. — acrescentou com um sorriso — Eu te invejo por morar aqui; o nevoeiro de Londres aumenta a cada ano.

O homem abriu e fechou sua boca, corado de prazer.

— Alguém me encontrará. Este é o caminho para o pátio de veículos?

— Sim, milady. Pela porta encurvada.

Portia abriu sua sombrinha de seda preta reluzente, com um ousado revestimento vermelho, e caminhou na direção que ele indicou, Hettie caminhando atrás, dela com a cesta do Fortnum and Mason. Para seu desapontamento, o pátio de veículos estava vazio. Além do portão aberto, uma rua estreita percorria um ângulo reto, cercada por sebes floridas e espinhosas. A rua também estava vazia.

— Ele não está aqui. — Hettie disse, desnecessariamente.

— Ele estará. — supôs que devesse se sentir preocupada ou apreensiva, mas não se sentiu. O ar estava quente e perfumado pela madressilva crescendo na parede atrás delas. Era um dia bonito.

— É muito confiante, *lieben*. — Hettie declarou, a voz da ruína.

Naquele momento, Portia ouviu o som de um cavalo se aproximando e o chocalhar e o ranger de um veículo. Não pôde impedir que a emoção inebriante enchesse sua voz, quando se virou triunfalmente para sua criada.

— Vê, Hettie, estava errada. Tudo está exatamente como ele prometeu.

A carruagem, modelo *open affair*, estava sendo puxada por dois cavalos fortes. Marcus estava sentado atrás, e, enquanto o cocheiro virava para o portão e vinha para uma parada ao lado delas, ele ficou de pé. Estava sorrindo. Ela se encontrou sorrindo para ele, vendo-o recortado contra o céu azul, alto e bonito e aparentemente perfeito.

Meu amado, pensou, com um pequeno estremecimento traiçoeiro.

Ele pulou, movendo-se com a segurança habitual de seus pés.

— Sir Worthorne. — ela disse, estendendo sua mão, vendo-a tremer, esperando que ele não notasse — Este é um dia tão glorioso.

— O dia não é a única coisa que é gloriosa. — tomou a mão dela na sua, levantando-a para seus lábios, ao mesmo tempo, dando-lhe um olhar quente e significativo.

Hettie fungou.

— Esta é minha criada e confidente, Hettie. Confio nela completamente. — Portia disse. E implícito: Ela sabe tudo, mas não dirá nada.

Marcus lhe deu um olhar compreensivo, depois estendeu a mão para pegar o braço de Hettie, movendo-a para a carruagem — Vou ajudá-la a sentar ao lado de Zac. Ele não morderá. — acrescentou, olhando para seu cocheiro sorridente — Ou preferiria esperar por sua patroa aqui na estação, Hettie?

— Não, não esperarei. — a criada disse, indignada, definitivamente não

conquistada pelo charme dele.

— Então suba, *fraulein*.

— *Mein Gott!* — ofegou, segurando sua cesta com uma mão e seu gorro com a outra, enquanto era levantada nos braços dele e colocada no assento ao lado de Zac.

Marcus virou-se novamente para Portia. Por um momento, pensou que ele também pudesse levantá-la em seus braços e, apesar de suas tentativas para permanecer calma, seu coração estava acelerado. Talvez ele tenha lido seus pensamentos, porque murmurou “Depois”, enquanto lhe tomou a mão, ajudando-a com toda a respeitabilidade a entrar na carruagem, antes de saltar ao lado dela — Lá. — ele disse, enquanto Zac sacudia as rédeas, virando a carruagem de volta para a rua — Estamos todos preparados.

— Não posso acreditar que fiz isso. — Portia ofegava, olhando em volta, debaixo da sombra de seu novo chapéu de palha.

Marcus recostou-se, seu braço descansando sobre o assento ao lado dela, inclinando seu corpo para que pudesse ver seu rosto. Ele estava com seu olhar preguiçoso e sensual, e isso fez com que todos os tipos de sensações estranhas tomassem conta dela. O mais proeminente foi uma ânsia de desejo, e se estivessem sozinhos, ela poderia até mesmo ter subido em seu colo, aconchegando-se perto, enquanto pressionava seus lábios nos dele. Esqueça, pensou, lembrando-se de que haveria tempo para isso. *Depois*. A antecipação ajudaria a tornar o momento, quando se juntasse, muito mais excitante.

— Todo o caminho até aqui, fiquei pensando que alguém nos impediria. — podia admitir seus medos interiores, agora.

— Preocupa-se demais. — o olhar dele permaneceu sobre sua boca.

— Não se preocupa o suficiente. — retrucou, gentilmente virando sua sombrinha, para que o enfeite vermelho dançasse na luz do sol.

Ele a observava, seu corpo completamente relaxado, seus olhos apertados e sonolentos contra o sol — Por que desperdiçar tempo em algo que pode nunca acontecer? Meu lema sempre foi aproveitar o dia e deixar o amanhã cuidar de si mesmo.

— Tenho certeza de que Drake estava pensando nisso quando desistiu de sua partida de bocha, para velejar e derrotar a Armada Espanhola. — ela zombou — Ou Lorde Ellerslie, quando estava em sua tenda, com seus mapas e homens, decidindo sua campanha militar para derrotar Napoleão.

Ele sorriu-lhe, tranquilo — Pensa em ‘nós’ como uma campanha militar? Qual é sua estratégia para hoje, milady? Fará um corajoso ataque frontal — baixou a voz — ou me atacará de surpresa?

Ela não conseguiu evitar, teve que tocá-lo. Levantou sua mão, delicadamente acariciando seu queixo forte e masculino, com seus dedos enluvados.

— Não decidi. Prefere batalhas longas e prolongadas, ou breves?

— Ambas. — as pontas dos dedos dela ainda estavam descansando sobre o seu rosto, e ele virou sua cabeça, tomou um de seus dedos enluvados em sua

boca, e o mordeu gentilmente, entre seus fortes dentes brancos. Então, estendeu a mão para pegar a dela na sua, virando-a para examiná-la com muita atenção. Seu pulso estava exposto entre o fino botão perolado da luva e a renda da manga larga, uma faixa de pele branca e frágil, com as veias próximas à superfície. Levantou o pulso dela até sua boca e pressionou seus lábios quentes nela, fazendo-a estremecer involuntariamente de prazer.

— Realmente, não há necessidade para batalharmos. — murmurou contra a pele dela.

— Oh? — ela cochichou.

— Rendo-me.

Olhou-a quando disse isso. Apenas por um momento, ela acreditou que leu sinceridade em seu rosto, como se ele realmente estivesse falando sério. Mas, no momento seguinte, estava sorrindo novamente, aquele sorriso preguiçoso e provocante, que podia fazer o estômago dela dobrar com desejo, mas, certamente, não a inspirava com confiança. Não, nunca deixaria Marcus liderar um exército em uma batalha, ou impor uma política governamental. Ele era um fraco, quando se tratava de questões maiores na vida. Bonito, desejável e divertido para se estar, oh, sim, mas um fraco, no entanto.

Abrupta e inexplicavelmente deprimida, Portia se virou, recolocando a mão no colo, com afetação — O que o fez escolher este lugar para vir, hoje?

— Conheci-o quando criança. — endireitou-se, sua provocação esquecida, e repentinamente houve antecipação em cada ruga dele — Veja!

Estavam subindo uma encosta suave e, assim que ele falou, alcançaram o topo. Portia, completamente concentrada em Marcus, agora notou que o campo se abriu. As sebes desapareceram e podia ver através dos campos, com uma vista maravilhosa dos topos dos penhascos de grama dura caindo no mar calmo e azul.

— Lindo. — perdeu o fôlego, desejando que pudesse pintar.

A estrada fez uma curva e então ela pôde ver ainda mais longe, ao longo da costa, onde os penhascos desciam e pequenas baías estavam gravadas em suas faces escarpadas. Teve um breve vislumbre de uma pequena vila de pescadores, amontoada entre a terra e um porto com muro de pedra, antes da estrada virar para o interior novamente e desaparecer.

— Marcus, isso é maravilhoso!

Ficou satisfeito com a reação dela — embora tenha a prevenido — de que não tão atrativo em um dia de inverno tempestuoso, com o mar batendo e a chuva soprando de lado. Mas, novamente, o clima turbulento tem seu próprio tipo de beleza.

— É para onde estamos indo? Aquela pequena vila?

— Sim. É chamada de St. Tristan.

Portia quis muito lhe perguntar mais sobre sua infância. Já sabia que morou em Worthorne Manor, mas como veio a conhecer St. Tristan? Mas se controlou. Provavelmente não era sábio demonstrar interesse demais, escavar tão profundamente. Não queria que ele descobrisse que uma vez foi a tímida

Portia Stroud, a filha do pastor. Deixou aquela parte de sua vida muito para trás, e Marcus era a última pessoa que queria que redescobrisse isso.

Lady Ellerslie era como ele a via, uma famosa figura pública, alguém importante. Além do mais, lembrou-se, este era um romance temporário entre eles. Quanto menos soubessem a respeito um do outro, mais fácil seria dizer adeus.

Capítulo 11

A vila de St. Tristan era tão pitoresca quando parecia do topo do penhasco. E, depois que Zac os deixou e prosseguiu na carruagem, com Hettie olhando para trás, ansiosamente, Portia e Marcus estavam finalmente sozinhos, para explorá-la juntos.

— Devemos? — ele perguntou, dando-lhe seu braço.

Junto ao mar, o povo de St. Tristan prosseguia com suas obrigações diárias, que pareciam consistir em pescar e tudo que girava em torno disso. Havia redes para remendar e barcos para consertar. Marcus explicou que uma pescada tinha acabado de chegar e, como parte dela não poderia ser vendida ao mercado, usariam consigo mesmos, muitas vezes salgando-a ou defumando-a para o inverno.

Embora Portia recebesse alguns olhares curiosos, e Marcus vários sorrisos e acenos, ninguém interferiu ou pareceu se importar com o que estavam fazendo lá. Portia não ser instantaneamente reconhecida como a “Viúva do Herói da Nação” foi tão estranho que, a princípio, não soube como reagir, mas em tempo começou a relaxar e sentir-se exatamente como qualquer outra mulher. Foi parecido a quando ela usou seu véu, aquela sensação inebriante de liberdade.

Ficaram olhando os barcos balançando em seus ancoradouros, dentro dos muros protegidos do porto. Tão pequenos, alguns deles, e os pescadores tão corajosos para entrarem no mar com tal embarcação. Essa devia ser uma vida precária, ela pensou. É por isso que as pessoas cuidavam de seus assuntos com tanta tensão? Os barcos e as redes que consertavam podiam significar a diferença entre viver ou morrer.

Com sua mão apoiada na dobra do braço dele, Portia estava muito ciente de Marcus ao seu lado. Uma das pescadoras, habilidosamente usando sua faca na pesca, olhou para sua figura alta e bonita e deu um pequeno sorriso, como se gostasse da aparência dele.

— Já velejou? — Portia perguntou, atraindo sua atenção de volta para si, sentindo-se satisfeita quando ele virou instantaneamente.

— Nadei e velejei. — ele respondeu tranquilamente.

— Pode nadar?

— Aprendi no lago de Worthorne Manor, na propriedade do meu irmão. Todos os Worthornes nadam como peixes.

Era sua chance de perguntar mais sobre Worthorne Manor, para prevaricar e fingir que não a conhecia muito bem, mas ela se esquivou. Este não era um dia para ser séria. Enquanto caminhavam, conversavam e sorriam um para o outro, deixou-se desfrutar do simples prazer de estar na companhia dele, sem ter que se esconder ou fingir. A sensação de leveza que descobriu enquanto estava parada na estação Little Tunley começou a se formar, até pensar que

podia realmente flutuar, apenas com o braço de Marcus para ancorá-la à terra.

O que era essa sensação?

Levou um momento para reconhecê-la. Felicidade. Estava se sentindo feliz.

A apreciação de Portia da simplicidade de St. Tristan não foi despercebida por Marcus. Pouco antes dela chegar, teve um momento, muito incomum dele, quando começou a fazer para si mesmo perguntas como: E se ela odiar? Uma mulher como Portia Ellerslie, acostumada com uma vida de riqueza e fama, uma mulher que respira luxo, poderia rir da sua cara, quando visse o que planejou para ela.

Mas, quando ele a viu parada, fora da estação, como uma visão com a sua sombrinha, suas dúvidas desapareceram.

Olhou-a agora. Brilhava de alegria. A chance de escapar da vida que levava, mesmo que brevemente, animou-a. O que isso lhe dizia sobre sua existência atual?

Mas não a repreendeu ou intrometeu-se. A conversa continuou educada e insignificante, passando por cima de questões mais profundas, e ele manteve isso assim. Ela não lhe fez nenhuma das perguntas sobre si mesmo, e ele retribuiu o favor. Nenhum deles mencionou o que poderia acontecer depois, ou mesmo se haveria um depois. Por enquanto, era suficiente que estivessem aqui, juntos.

O que era estranho, Marcus pensou, considerando que, no início deste relacionamento, queria o corpo nu dela em sua cama e nada mais. Quando sua ambição mudou?

— Está com fome? Hettie preparou um piquenique. Onde está Hettie? — Ela se virou-se, procurando a carruagem.

— Zac a levou para preparar nosso almoço. Ele voltará em um momento, para nos pegar e nos levar para lá.

A luz do sol estava no sorriso de Portia — Pensou em tudo, não pensou?

— Claro.

Não, ele não tinha nenhuma intenção de contar-lhe quanto tempo e esforço gastou nesta viagem à beira-mar. Quem teria pensado que cortejar uma mulher poderia ser tão cansativo? Mas esta era Portia e ela valia isso, emendou, olhando-a, enquanto ela respirava o ar salino, seus cachos de cabelo enrolando-se debaixo de seu chapéu. Oh, sim, isso valia a pena. Marcus sentiu bastante orgulho de si mesmo por ser tão generoso. Talvez estivesse virando uma nova página?

Ou talvez não.

Seu olhar desceu para o volume dos seios dela, debaixo de seu corpete de gola alta. Perguntou-se se seria grata o suficiente para deixá-lo amá-la durante o piquenique de almoço, se desse a Zac o sinal para distrair o dragão.

Agora, *esse* seria um fim perfeito para um dia perfeito.

O almoço foi espalhado sobre uma toalha, em uma pequena praia isolada, ao longo da costa da vila e escondida de vista, atrás de um ponto rochoso. Portia e Marcus tiveram que descer a trilha de um rochedo para alcançá-la e,

quando chegaram, Hettie tinha tudo preparado e estava protegendo o piquenique de quaisquer gaivotas famintas. Marcus pôde ver que Portia ficou encantada. Ela afundou-se sobre as almofadas que Zac carregou da carruagem e lançou um olhar interessado sobre os pratos.

Havia cordeiro assado frio, torta de pombo, maionese de frango, salmão, aspargos e salada com ovos cozidos. Tudo isso foi seguido por uma torta de groselha. Havia champanhe, também, que Marcus trouxe e que esteve esfriando nas poças das marés mais à frente pela praia.

Comeram esfomeadamente, tendo o ar marítimo aumentado seus apetites. Portia desistiu muito antes de Marcus, mas eventualmente, até mesmo ele ficou satisfeito. Deitou-se esparramado de lado, com sua cabeça apoiada sobre uma mão, olhos apertados contra o clarão, olhando-a.

— Como soube que seria um dia bonito? — perguntou-lhe, bebericando de seu copo, suas costas ainda completamente retas — E se estivesse chovendo?

— Não ousaria! — ele respondeu, fingindo indignação, e gostou da risada dançando nos olhos dela.

— Deve ter pensado sobre isso, Marcus.

Ele hesitou e então deu uma desconfortável encolhida de ombros — Pensei nisso, muito mais do que gostaria de confessar. — disse, e a admissão o constrangeu. Não porque isso fosse uma fraqueza, mas porque se preocupar não era algo que normalmente fazia — Acho que poderíamos nos aconchegar debaixo de uma árvore.

Ela sorriu como se sua vulnerabilidade inesperada a comovesse. Provavelmente comoveu. Lembrou-se de que nunca entenderia as mulheres.

— Não disse que costumava vir aqui quando criança? — um momento depois que as palavras escaparam, ela mordeu seu lábio, como se essa fosse uma pergunta que tivesse jurado nunca fazer.

— Minha tia tem uma casa perto daqui. Costumava passar as férias com ela.

— Deve ter sido uma boa companhia para ela. — Portia disse em sua melhor voz de *opening a fete*.

Ele explodiu de rir.

Os olhos de Portia arregalaram. Pareceu querer retirar suas palavras, ou acertá-lo com sua sombrinha — O que falei de errado?

— Lamento. É só que... Minnie é uma dessas damas excêntricas, cujo hobby é viajar. Uma viagem de camelos pelo deserto, um elefante através das selvas da Índia, ou uma canoa na Amazônia, é tudo o mesmo para ela. Corajosa e ousada são seus nomes do meio, e ela, certamente, não precisa da companhia de seu sobrinho irresponsável para animá-la.

— Ah, ela é uma aventureira, como Lady Hester Stanhope. — Portia entendeu agora — Gostaria de conhecê-la.

Deu-lhe um olhar de soslaio — Provavelmente a conheceu. Minnie esteve no Palácio de Buckingham. Ela lhe reconheceria em um instante e então surgiriam perguntas. Acha que é uma boa ideia, Portia? Mas, se esse for o seu

desejo...

— Não, não. Está certo. Significaria mais perguntas e alguém poderia falar demais. — sorriu e tomou outro gole de sua taça, como se não se importasse, mas havia algo em seu rosto que o fazia pensar que estava desapontada.

Marcus olhou para Zac e chamou sua atenção. Este acenou e alcançou Hettie, que estava empoleirando-se sobre uma pedra, como um pelicano insatisfeito. Marcus viu-os discutindo, antes de Hettie ser levada para longe, ainda protestando, para pegar mais champanhe.

Quando estavam fora de vista, ele pegou a taça de Portia e abaixou — Derramará isso — riu ofegantemente enquanto ele a abaixava sobre a toalha ao seu lado. E então a estava beijando e isso pareceu não importar.

— Temos tempo? — ela murmurou, já desabotoando sua camisa.

— Zac ainda não voltará por um tempo.

— E se alguém mais vier?

— Preocupando-se novamente? — ele zombou.

Como se para lhe mostrar que estava errado, Portia sentou-se ereta e tirou seu chapéu de palha. Começou a remover seus grampos, e seu cabelo caiu como mel dourado sobre seus ombros. Olhando para baixo, para ele, com um pequeno sorriso malicioso, desabotoou a gola alta de seu corpete. Ele estendeu a mão para acariciá-la, esticando-se para beijar sua garganta, desfrutando da fragrância quente de sua pele. Ela arqueou-se contra ele, seus lábios partindo-se em um suspiro, e seu cabelo caiu pelas costas e além dos quadris.

Marcus deslizou suas mãos, descendo a cintura dela, cobrindo-a com seus dedos, e a levantou, para que ficasse montada nele. Suas saias ondulavam sobre eles, providenciando um pouco de privacidade — Pronto, agora, — murmurou — se alguém vier, ainda não conseguirá ver o que pretendemos. — suas mãos quentes deslizaram pelas pernas cobertas de meias dela, apertando a carne nua de suas coxas.

— A menos que... a menos que grite novamente, Lady Ellerslie. Gritará?

Sua respiração estava ofegante enquanto os dedos dele subiam, acariciando-a, provocando-a, brincando, como se soubesse exatamente do que ela gostava — Eu poderia.

Sua voz ficou rouca. — E você?

Seus próprios dedos vasculhadores encontraram o prolongamento duro dele pressionando sua calça. Começou a se esfregar contra ele, olhos meio fechados, concentrando-se no prazer que estava dando a si mesma.

— Definitivamente. — ele gemeu, e estendeu a mão para baixo, para abrir as calças.

Ela já estava ofegando e tremendo quando a penetrou, e a deixou aproveitar isso. Então, quando estava pronta, sua cabeça abaixada, seios subindo e caindo rapidamente, sua pele corada, começou novamente. Lentamente, delicadamente, levando-a na viagem com ele para os Campos Elísios e de volta.

Quando finalmente desabou, satisfeita em seus braços, ele se encontrou olhando seu rosto tranquilo, com olhos possessivos. Ela era *dele*! Ninguém mais podia fazê-la sentir-se como ele fazia, nem mesmo o famoso “Herói da Nação”. Seus pensamentos surpreenderam-no e o desanimaram.

O quê? Estava com ciúmes de um homem morto, agora?

Estava começando a se comportar de maneira muito diferente de seu costumeiro eu despreocupado. Era o mesmo homem que compartilhou sua amada, uma das dançarinas de balé, no restaurante no Strand, com vários de seus companheiros Hussar e não se importou com isso? Não podia imaginar compartilhar Portia. Só de pensar nisso, a raiva explodiu dentro de si e ele cerrou os punhos.

Eu mataria o primeiro homem que a tocasse, seja ele amigo, seja inimigo!

Abruptamente, Marcus levantou-se e começou a tirar sua roupa.

Piscando sonolentemente, Portia levantou sua cabeça, seu cabelo emaranhado sobre ela e sua boca inchada pelos beijos dele — O que está fazendo?

— Nadando. — levantou um pé, puxando suas calças. Precisava mergulhar no mar e limpar sua cabeça desses pensamentos e sentimentos estranhos. Precisava se sentir como a si mesmo novamente.

— Mas Marcus...

— Não se preocupe. Sempre nado quando estou aqui embaixo. — pelado agora, conseguiu sorrir em algo parecido com sua antiga maneira despreocupada, para tranquilizá-la, antes de virar e decolar para a praia, entrando na água até estar muito fundo para andar, então se atirou no oceano. O alívio foi instantâneo. Num momento, ele estava atravessando a água cintilante, abandonando seus problemas e sem nada à sua frente, além do amplo horizonte.



A princípio, Portia não se preocupou. Deitou-se e tentou dormir. Mas algo a estava incomodando, impedindo-a de dormir e, eventualmente, sentou-se, ereta, segurando seu cabelo fora de seus olhos, para que pudesse olhar para o oceano.

O sol estava dançando sobre as ondas, criando um clarão ofuscante e dificultando distinguir qualquer um que pudesse estar flutuando ou nadando. Ou em dificuldades.

Sentou-se mais reta, cobrindo seus olhos com sua mão.

Há quanto tempo ele se foi? Pelo que lhe pareceram, minutos intermináveis, esperou e olhou, mas Marcus não voltava.

Ela não conseguiu mais suportar.

Tirou seus sapatos e meias e levantou-se. A areia estava quente contra as solas de seus pés e espremia-se entre seus dedos, quando começou a caminhar pela estreita faixa da pequena praia. Esta parecia ainda mais estreita de quando chegaram a primeira vez? — até a beira do mar. Levantando suas saias no alto com uma mão, para evitar o movimento das ondas para frente e

para trás, cobriu seus olhos com a outra e, mais uma vez, olhou sobre a água.

Não conseguia vê-lo.

Isso era ridículo! Marcus era um homem crescido que podia se cuidar. Obviamente sabia como nadar, ou não teria mergulhado. Mas também era impulsivo e ousado, e poderia fazer algo no calor do momento que fosse inseguro.

Deu alguns passos em uma direção, pela areia da praia, e depois virou e deu alguns passos na outra. Olhou atrás de si, desesperadamente buscando por Hettie e Zac. Nada. Não havia ninguém para ajudar. Ninguém senão ela.

Portia começou a soltar as amarras de seu corpete, rasgando uma costura do ombro, enquanto apressadamente soltava-se do vestuário apertado. Depois houve suas saias e suas anáguas. De alguma forma, saiu delas, deixando-as em uma pilha sobre a areia quando caíram. Seus espartilhos seguiram, mas ela deixou sua camisola, como uma oferta atrasada para a modéstia.

Entrou no mar.

Estava mais frio do que esperava, e o movimento da maré puxava seus pés fortemente, mas continuou indo — Marcus? Marcus! — sua voz pareceu tão baixa quanto o grito de uma gaivota. Agora, a água estava acima da sua cintura, enrolando sua camisola em suas pernas e molhando as pontas de seu cabelo, no local onde ele se pendurava em seus quadris.

Apenas por um momento, ela pensou que viu, a vários metros de distância, uma forma negra contra a luz do sol. Um piscar de olhos depois, isso se foi, e a água lisa se estendeu, sem marcas, para o infinito.

— Marcus! — gritou e deu outro passo para frente. No vazio. O fundo do mar sumiu e ela afundou na água profunda e gelada.

Houve um momento, quando se permitiu afundar, o céu, uma distorção azul sobre ela, o mundo marinho silencioso e implacável em volta dela. Mas não tomou ar o suficiente e seus pulmões começaram a doer. Precisava respirar e logo.

Naquele momento, braços a agarraram, fortes e seguros. Estava sendo carregada para o céu. E então seu rosto rompeu a superfície e ela estava ofegando em oxigênio, através do emaranhado bagunçado do seu cabelo molhado. Era Marcus que a segurava, um braço em volta dela. Logo estava suspensa, sem ter que nadar, enquanto ele alisava para trás a massa pesada de seu cabelo, para que pudesse vê-lo e ele pudesse vê-la.

— O que acha que estava fazendo? — perguntou, seus olhos muito brilhantes sobre seu rosto queimado pelo sol, seu próprio cabelo preto puxado para trás, como um pelo de foca.

— O que acha que estava fazendo? — Portia retrucou, irritada, esfregando seus olhos ardidos, o sal, disse a si mesma — Tive medo de que tivesse se afogado.

— Eu lhe disse, nado como um peixe.

— Disse-me, sim, mas não achei que falasse sério.

Beijou seus lábios frios — Então, veio para me salvar?

Ele a estava tratando com condescendência. Não achava que ela pudesse salvá-lo. Provavelmente achou que ela entraria em pânico e correria para o mar, sem parar para pensar como iria realizar o resgate dele.

Bem, ela o mostraria...

Empurrou-se para longe dele, pegando-o de surpresa, e ele a soltou. Com um único mergulho tortuoso, ela afundou na água, descendo, descendo, nas silenciosas profundezas verdes. Nem tão silenciosas, que não o ouvisse chamando seu nome.

Ela o ignorou, nadando forçosamente por mais vários metros, antes de emergir. Quando sua cabeça saiu, passou um momento arrumando seu cabelo e recuperando o fôlego, antes de se virar para olhá-lo novamente.

Marcus a estava olhando, como se quisesse estrangulá-la. Começou a nadar em sua direção, mas parou, antes de alcançá-la, mantendo-se flutuando.

— Pode nadar! — disse acusatoriamente, seus olhos brilhando de raiva.

Estava bravo porque ela não precisava que a resgatasse, afinal! Quão típico de um homem!

— Aprendi a nadar quando Lorde Ellerslie nos levou para passar as férias em Brighton. Ele preferia Brighton; tinha lembranças felizes de seus dias com o Príncipe Regente no pavilhão. Descobriu que a água do mar ajudava com seu reumatismo. Enquanto estava nadando na área masculina, eu ia até os balneários femininos e pedia às mergulhadoras que me mostrassem como nadar. — mergulhadoras, mulheres capazes de nadar, eram empregadas para ajudar as damas a entrarem na água e a mantê-las flutuando.

— É cheia de surpresas.

— Por que não me respondeu quando chamei? Ouviu, não me ouviu? Sei que ouviu.

Ele deu um meio sorriso — Queria ver o que faria. A maneira que veio ao meu resgate foi muito... — balançou sua cabeça e deu uma risada trêmula — Foi muito agradável para o meu ego.

Portia o considerou por um momento, com um olhar inquiridor — Então, não estava rindo de mim?

Ele pareceu genuinamente surpreso — Não, Portia, eu não estava rindo. Senti-me humilde.

Então, ela foi para os seus braços.

Ela a estava beijando, e ela o beijava de volta. Pegou-a em volta da cintura, flutuando-a para águas mais rasas, enquanto suas bocas estavam agarrando-se e explorando-se. Sua camisola não ajudou sua modéstia, afinal, agarrava-se em sua carne enquanto ele cobria seus seios, esfregando seus mamilos gelados e endurecidos.

Ela suspirou, virando-se em seus braços, sentindo seu corpo nu contra o dela. Queria-o novamente, mais do que nunca.

— *Milady!* — era Hettie gritando da praia.

Marcus reclamou — Ignore-a. — disse, acariciando sua garganta, mordendo sua pele.

— Milady, suas *roupas*...

Algo na voz dela chamou a atenção de Portia. Com suas mãos descansando sobre os ombros dele, ela levantou sua cabeça e olhou para a praia.

Hettie estava de pé, seus braços cheios de roupas encharcadas e pingando. Portia reconheceu a saia cinza listrada de branco. Tentou falar, mas, em vez disso, deu algum tipo de grito de horror.

— A maré está vindo. — Marcus declarou, soando como se estivesse prestes a morrer de rir — Portia... sinto muito.

Foi culpa dele. Se não tivesse fingido o afogamento, ela nunca teria entrado em pânico e deixado suas roupas onde poderiam ficar molhadas. Teria colocado em algum lugar seguro, ou nunca as teria tirado!

— O que farei? — ela chorou — Marcus, o que *farei*?

Capítulo 12

Marcus perdeu, há muito tempo, a vontade de rir. Como poderia, quando Portia estava tão angustiada? Ela se encolheu no canto da carruagem, enrolada na toalha de piquenique, enquanto Hettie estalava sua língua e enviava-lhe olhares reprovadores; e Zac olhava imperturbavelmente para frente e conduzia.

— Sua tia me ajudará?

— Sim, ela ajudará.

— E ela não contará a ninguém?

— Pedirei segredo a ela.

— Eu não deveria... — parou, mas ele sabia o que estava prestes a dizer. *Eu não deveria ter vindo.* O acidente com suas roupas, embora potencialmente danosos para a reputação de qualquer mulher, era catastrófico para Portia. A alegria que brilhou nos olhos dela se foi, como se nunca tivesse existido.

O que podia dizer? Sentia-se impotente e irritado. Queria consertar tudo novamente, e, ainda assim, isso não estava em seu poder. Não vivia no mesmo mundo que Portia. Para um homem como ele, que prosperava estando no comando de sua própria vida e o que acontecia nela, a situação era quase insuportável.

Sua tia, Minnie Duval, morava a três milhas de Little Tunley, no que foi uma vez a portaria de uma das maiores casas senhoriais do condado. A casa senhorial se foi, há muito tempo abandonada e caindo aos pedaços, mas a portaria permaneceu. Quando Zac parou a carruagem, na frente, sua tia já estava descendo os degraus em direção a eles. Estava vestida com um de seus trajes bizarros, uma saia de lã inglesa combinada com uma jaqueta indiana, com rãs douradas, que poderia ter pertencido a um senhor da guerra. Sobre sua cabeça, usava um turbante.

— Marcus! — Portia suspirou, como se não soubesse se gritava ou ria.

Mas era muito tarde para oferecer garantias. Minnie a viu e seguiu em linha reta até ela.

— Meu Deus, pobre, pobre criança. Venha comigo imediatamente e lhe arranjarei algumas roupas secas, enquanto os criados lhe encherão uma bela banheira com água quente.

— O-obrigada! Sou muito grata, madame.

— Chame-me de Minnie, por favor, todos chamam.

— Minnie. — o sorriso de Portia tremeu — Acho que talvez tenhamos nos conhecido, há alguns anos.

— Acho que nos conhecemos, — Minnie concordou inexpressivamente — mas não se preocupe com isso agora. Deixe meu sobrinho ajudá-la.

Marcus agarrou-a pela cintura, colocando-a no chão cuidadosamente, o que

Minnie fingiu não notar. Ela deslizou um braço sobre Portia e a levou para dentro. Hettie ficou pairando sobre o ombro de Marcus, como um mau presságio.

— Diga, Hettie. — disse, exaustivamente — É tudo minha culpa, não é?

— Sim! Se Sua Majestade ouvir sobre isso, milady será arruinada. A imprensa a fará em pedaços, e quanto ao público... — estremeceu — Nunca a perdoarão por fazer algo tão escandaloso.

— Então, por que continuar com tal vida? Por que colocar-se na posição de ter que viver segundo as expectativas dos outros?

— Por quê? — Hettie encarou, suas bochechas gordas e rosadas tremendo, com uma mistura de raiva e queimaduras solares — Porque ela é a Lady Ellerslie. Ela não escolheu tal vida; mas esta *é* a vida dela.

— Faz parecer como se ela tivesse sido sentenciada a trabalhos forçados, pelos juízes. — Marcus zombou — Eu a sentencio a ser a Lady Ellerslie, pelo resto da sua vida.

— Tudo é uma piada para o senhor. — disse, amargamente.

— É isso o que quer para sua patroa, Hettie? Uma vida na qual ela tem medo de ser ela mesma, no caso de isso ofender alguém?

Algo cintilou nos olhos de Hettie, dúvida? — mas ela se recusou a admitir isso — Minha patroa é uma grande lady. — disse severamente, e passou por ele, seguindo Portia para dentro da casa.

Marcus decidiu que estava cansado de tentar fazer Portia, e agora sua criada, entenderem seu ponto de vista. De que adiantaria, de qualquer maneira? Depois de hoje, nunca iria querer vê-lo novamente.

Impaciente, caminhou para dentro da sala de visitas e serviu-se de um pouco do excelente conhaque de Minnie. A sala estava repleta com quase todas as recordações que sua tia já trouxe de volta de suas viagens, entre elas, monstrosidades, como um porta guarda-chuva com pata de elefante, lindas esculturas de marfim e pinturas eróticas, ilustrando o *Kama Sutra*.

Quando visitava tia Minnie, quando criança, ela mantinha as pinturas modestamente cobertas. Mas, depois que se tornou um rapaz, Minnie anunciou que já estava velho o suficiente agora e, se não soubesse sobre o que todas as pinturas eram, então deveria saber.

Sorriu pela lembrança e o que isso dizia sobre as visões de sua tia sobre educar crianças. Alguns declarariam que ela era chocante, mas ele a amava mais do que sua própria mãe, e sabia que essa era uma visão incomum do mundo, e sua atitude descontraída em relação à vida podia ser atribuída a ela.

Minnie entrou na sala, como sempre, iniciando uma conversa imediata.

— Meu querido garoto, parece que viu o sol nascer sobre o Taj Mahal.

Marcus não pôde deixar de rir. O nascer do sol sobre o Taj Mahal era uma das lembranças favoritas de sua tia, e ela usava a expressão, quando queria dizer que ele estava parecendo extremamente satisfeito consigo mesmo.

— Também estou bem, Minnie, obrigado por perguntar. — caçoou.

— Por que eu deveria perguntar? Está sempre bem... muito bem.

Inclinou-se para beijar-lhe a bochecha — Onde está Portia?

— Eu deixei Lady Ellerslie em um belo banho quente. Ela diz que caiu no mar. — Um acidente. — Minnie lhe deu um olhar inquiridor — Eu lhe disse que tinha certeza de que era o culpado, de alguma maneira. Sempre é. Mas ela, muito lealmente, recusou-se a desistir de ti.

— Isso *foi* um acidente... mais ou menos.

— Hum...

— Ela estava se divertindo muito. Juro que a fiz mais feliz do que foi em anos, Minnie! Até que isso aconteceu.

— Mas ela lhe faz feliz, meu rapaz? — deu-lhe um de seus olhares intensos.

— Sim. — ele respondeu, então ergueu suas sobrancelhas.

— O que foi? — ela afundou em uma enorme cadeira talhada. Os apoios de braços foram esculpidos para representar cabeças de leões, pintados em cores brilhantes, e havia um dossel no topo, para protegê-la do sol quente da Índia, ou teria, se o trono ainda estivesse na Índia. Foi um presente de um dos príncipes que conheceu em suas viagens.

— Venha, sobrinho. — disse — Conte-me tudo.

— Por que não? — ele se perguntou. Ela era discreta. Ele nunca conseguiu chocar sua tia, e não esperava fazê-lo agora. E isso poderia ajudar a organizar seus sentimentos para expressá-los.

Conforme Marcus contava sua história, Minnie ouvia em silêncio, seu turbante escorregando para um lado, enquanto ela apoiava sua cabeça sobre sua mão — Então, vê, — terminou — essa conexão entre nós nunca foi planejada para durar mais do que um encontro. Essas eram as regras.... Mas não pareço capaz de deixá-la partir.

— Não pode mudar as regras?

— Já as estiquei um pouco.

Minnie sorriu carinhosamente — Tenho certeza de que esticou.

— Ela se recusa a ver isso como algo que não seja temporário, não importa o quanto eu tente convencê-la. É teimosa assim.

— Ou uma medrosa. — Minnie disse baixinho — Ela tem muito a perder contigo, sobrinho. Vale a pena lutar por ela?

Olhou em seus olhos e ela leu a verdade neles.

— Ah, então deve encontrar uma maneira de lutar por ela!

Tudo muito bem, Marcus pensou, mas, pelo que estava lutando? Portia como sua amada? Portia como sua amada, às vezes? Portia como sua *esposa*?

Esquivou-se desse último. A próxima coisa que percebeu foi que estaria planejando noites domésticas aconchegantes, como Sebastian e Francesca, e sonhando com um quarto de bebê!

Estremeceu e rapidamente mudou o assunto — Terei que implorar por sua hospitalidade, esta noite, Minnie. Perdemos o trem de volta para Londres. E, além disso, Portia não pode viajar no estado atual.

— Claro que não, e não precisa pedir, Marcus, sempre é bem-vindo aqui.

Pedirei à cozinheira para aguar o curry, para ter para todos.

Marcus sorriu — É uma mulher maravilhosa, Minnie, espero que saiba o quanto gosto de ti.

Ela fez uma cara comovida — É o filho que nunca tive, meu rapaz.

Ele riu, mas, risadas à parte, sabia que ela falava sério. Minnie era mais mãe para ele do que sua própria mãe foi, principalmente porque mal a conheceu. Alguns diriam que sua criação foi estranha, mas Marcus era grato por ela. Deus não permita que ele se torne um cavalheiro vitoriano tradicional, queixoso e respeitoso.

Graças à Minnie, via o mundo como algo muito mais flexível.

Quando Portia desceu, o ar estava carregado com um cheiro apimentado e delicioso. Algum prato estrangeiro, desconfiou, depois de conhecer Minnie Duval. Minnie seria a última pessoa a jantar simples bifés assados e batatas.

Marcus esteve parcialmente correto; ela *conheceu* Minnie antes. Mas foi em uma função oficial, no James's Palace, não no Buckingham Palace.

Lorde Ellerslie ainda estava vivo na época, e Minnie estava visitando com um grupo de aristocratas indianos e suas esposas. Minnie e Lorde Ellerslie conversaram, mas definitivamente não se deram bem. A Índia era um vasto país devastado por guerras tribais, e Lorde Ellerslie queria marchar e forçar todos a obedecerem à lei britânica, enquanto Minnie preferia compreensão com os costumes do povo e fazê-los cooperarem. A própria Portia mal falou duas palavras para Minnie, mas lembrou-se dela e da terrível afronta de seu marido a ela, na carruagem, no caminho para casa. Não foi corajosa o suficiente para discordar dele, embora quisesse. Minnie era pequena e já tinha passado da meia-idade, mas era a pessoa mais vibrante que Portia já conheceu.

Lembrando as mulheres indianas em seus saris lindos e exóticos, Portia olhou para baixo, para si mesma. Na ocasião, ela os admirou e se maravilhou pela estranheza deles, mas nunca esperou ela mesma usar algo tão parecido. Perguntou-se o que Lorde Ellerslie teria pensado.

O traje era realmente muito leve e confortável, tirando a sensação desconcertante de estar seminua, mesmo quando sabia que estava bem coberta. Nada de anáguas de crina de cavalo, nada de espartilhos, nada de babados, botões, ganchos e pregas. O tecido de seda, um lindo tom de verde, com uma infinidade de cores em volta das bordas, cobertas por uma saia curta na sua cintura, e uma camisola apertada de manga curta, que terminava debaixo de seus seios. A seda verde foi enrolada em volta da cintura, por cima da anágua, depois dobrada, torcida e pregueada para caber. O restante foi puxado sob os braços e sobre a camisa, para formar um corpete, antes que uma última faixa do pano fosse enrolada no ombro esquerdo e pendurada nas costas.

Era bastante parecida com uma toga romana, só que mais bonita.

A criada de Minnie prendeu o cabelo dela em um laço elegante, e ela usava chinelos. Sem meias, luvas ou espartilhos. Não era de admirar que se sentisse

nua.

— Lady Ellerslie! — Minnie disse, vendo-a pairando na porta — Está muito atraente, devo dizer. — arrumou seu turbante e desceu de uma enorme cadeira, parecida com um trono, com uma cobertura em cima, vindo para inspecioná-la — Linda., — pronunciou — Não acha, Marcus?

— Deliciosamente linda.

Portia deu um pequeno sorriso, cautelosamente evitando olhar para Marcus.

— Obrigada, Srta. Duval.

— Minnie, por favor, prefiro Minnie.

— Minnie... Sou muito grata...

— Teria feito o mesmo por qualquer outra criatura com problemas. Eu, uma vez, salvei uma mula em Bengal, e posso lhe dizer que não foi uma coisa fácil convencer o dono de que eu não desistiria. Claro, depois que fiz isso, tive que encontrar algum lugar...

— Minnie... — seu sobrinho murmurou, exasperado.

— Marcus me disse que não conseguirá pegar o trem de volta para Londres... esta noite. Terá que ficar.

— Eu realmente perdi o trem? — Portia perguntou ansiosamente, virando-se para Marcus.

Ele confirmou. Estava olhando-lhe com seu olhar preguiçoso e sensual, que a fazia querer se contorcer.

— Oh! — Portia fechou seus olhos, oprimida pelas consequências da Lady Ellerslie desaparecendo e ninguém conseguindo encontrá-la. Teria que contar mais mentiras. Certamente, em cima de todos os seus outros pecados recentes, este a condenaria?!

Minnie estava fazendo gestos impacientes para Marcus.

Ele pigarreou, parecendo entender o que sua tia estava lhe sinalizando — Não precisa se preocupar. — disse a Portia — Ninguém aqui dirá uma palavra, e sempre podemos pensar em uma história convincente, se isso se tornar necessário.

— Um surto de malária. — Minnie sugeriu.

— Talvez não malária. — Marcus respondeu calmamente, com pouco mais que uma contração de seus lábios — Temos malária na Inglaterra?

— Cólera, então.

— Muito bom. Podemos usar isso.

Portia olhou de um para o outro, perguntando-se se terminaria em um manicômio. Decidiu que uma mudança no assunto era necessária — O que é esse aroma delicioso?

Minnie sorriu — Madras curry, minha querida. Desenvolvi um gosto por isso quando estive lá, em vinte e um. Já experimentou curry?

— Acredito que tive uma colherada, uma vez. Estava um pouco quente.

— Alguém precisa de uma apreciação adequada da culinária indiana para desfrutá-la. Quanto mais quente, melhor. Venha, Portia. Me certificarei de que

haja muita água sobre a mesa, para extinguir quaisquer queimações internas.
— Minnie caminhou para a porta.

Marcus parou ao lado de Portia, muito perto — Gosto do seu sari — murmurou. — Fica muito melhor com ele do que na minha tia.

— Sinto-me nua.

— Se estivesse no Buckingham Palace, poderia começar uma nova moda.

— Ou ser expulsa e impedida de entrar novamente. — ela riu, mas sua voz estava tremida.

— Minnie sempre olha para a desgraça como uma chance de experimentar a vida de uma maneira nova e fascinante.

— Ela olha? — Portia retrucou — Preferiria evitar a desgraça, para começar.

— Quão pouco aventureira é. — zombou, gentilmente — Deveria aprender a viver um pouco, Portia. Obviamente, tem levado uma existência muito protegida.

— Acho que está certo. Desde que te conheci percebi quão protegida sou. Mas vê, não quero aventuras. Prefiro meus dias sem surpresas.

Ela preferia? Sempre pensou que sim, até abandonar a cautela e conhecer Marcus, no Aphrodite's Club.

— Neste exato momento, apenas quero ir para casa. — acrescentou, um pouco triste.

Marcus tomou a mão dela na sua — Bem, não pode, então, terá apenas que tirar o melhor proveito disso. Existem outras mulheres que teriam ficado felicíssimas de passar a noite com Minnie e eu.

— Então, não devo ser como as outras mulheres.

Olhou para baixo, nos olhos dela — Não, — disse — não é.

Portia não conseguiu deixar de sorrir. Ele realmente era bom nisso.

Agora, ele se inclinou mais perto, abaixando seu tom — Perdoe-me.

Ela olhou para cima, para ele, tentando lê-lo. Pareceu sincero, mas isso poderia ser apenas do jogo. No entanto, não podia culpá-lo pelo que aconteceu. Foi sua culpa, tanto quanto a dele.

— Te perdoo. — cochichou.

Depois de uma degustação do curry, Portia estendeu a mão para sua água. Estava tão quente, que a fez tossir e seus olhos lacrimejarem. Marcus lhe empurrou um prato de pão amanteigado, dando-lhe um sorriso solidário, mas ela notou que ele puxou seu próprio prato, sem muita dificuldade. Provavelmente estava acostumado com isso. Assim como estava acostumado a ouvir Minnie falar sobre suas viagens para países estrangeiros. Mas ela achava isso tudo novo e fascinante e, depois de um tempo, ficou tão envolvida nas histórias, que esqueceu sobre o curry.

— Mas como consegue isso? — Portia perguntou — Sua família não se preocupa?

— Bobagem, caso se preocupassem. Eu estava fazendo o que queria.

— Mas... — Portia moveu sua mão, buscando por inspiração — E quanto

às suas responsabilidades?

Minnie e Marcus olharam para ela, como se estivessem falando Hindustani.

— Suas responsabilidades como mulher... irmã e filha. Sua obrigação com seus pais e sua família. Tem que pensar neles.

— De jeito nenhum. Minha responsabilidade era comigo mesma, para fazer o que queria e não desperdiçar minha vida tentando ser a filha perfeita, esposa e... e tia. Duvido que eu teria aprendido a bordar perfeitamente, e arranjar flores muito bem, e servir chá sem derramar uma gota, mas isso não era o que queria fazer. Imagine acordar e ser muito velha para realizar seus sonhos, por que colocou as questões mundanas primeiro? Que terrível! E quem se importaria com seu desapontamento além de você? Alguém precisa seguir uma estrela, Portia, não dar as costas a ela.

Portia percebeu novamente quão parecidos Marcus e sua tia eram. E a coisa perturbadora era... ela os invejava.

Depois da refeição, voltaram para a sala de visitas e, enquanto esperavam pelo café, Portia andava pela sala, inspecionando a coleção de Minnie. As pinturas de homens e mulheres, em várias posições sexuais bizarras, fizeram seus olhos arregalarem. Imaginou que Marcus a viu as olhando, sua cabeça inclinada para um lado, para descobrir qual perna pertencia a quem, pois o ouviu dar muitas gargalhadas, mas, quando virou para olhar, ele estava examinando cuidadosamente seu conhaque.

— Não, nunca me casei. — Minnie disse, em resposta à sua pergunta — Nunca encontrei tempo. Não tive o desejo de ficar em casa e ter bebês, enquanto meu marido saía e tinha toda a diversão.

Um ponto de vista chocante, e, ainda assim, Portia não estava chocada. Bem, talvez apenas um pouquinho, e esse foi um prazeroso tipo de choque. Minnie estava sendo honesta e ultrajante, e provavelmente declarando o que muitas outras mulheres não ousavam.

— Deixou um rastro de corações partidos. — Marcus disse carinhosamente.

— Houve um rapaz, uma vez, quando eu era uma jovem garota. — Minnie retrucou — Mas acho que o coração partido foi do outro lado.

— Houve um rapaz, quando eu era uma jovem garota. — Portia disse, surpreendendo-se. Não olhou para Marcus. Não ousava, no caso dele ler a verdade em seus olhos — Eu costumava observá-lo, secretamente. Ele nunca soube. Uma vez, na igreja...

Mordeu seu lábio. Deveria fazer isso? E se ele adivinhasse quem ela era. De alguma forma estranha e perversa, talvez quisesse que ele soubesse a verdade. Ou esperava perceber que não era a criatura brilhante que ele pensou que iria afastá-lo?

— Eu ia tocar a música para os hinos de domingo, e estava praticando. Pelo menos, deveria estar. Mas, por acaso, olhei para cima e vi ele lá fora, descendo a rua da igreja. Naquele momento, uma das garotas da vila veio até ele e começou a flertar. Pensei que, se subisse na torre, conseguiria ver melhor

o que estava acontecendo. Porém, esqueci de que havia um ensaio de toque de sino marcado para aquele dia.

Minnie bateu suas mãos com entusiasmo — Continue. O que aconteceu?

— Acho pode adivinhar. Apenas me acomodei confortavelmente e estava olhando, furiosa, para os dois, odiando-o por conversar com outra garota, embora eu mesma nunca fosse me aproximar dele, e odiando-a por ousar flertar meu rapaz, apesar do fato de que eu nunca publicamente o reivindiquei e nunca reivindicaria. E os sinos começaram a tocar. Quase fiquei surda. Por uma hora, fiquei lá, meus braços sobre minha cabeça, desejando que isso terminasse. Quando consegui rastejar de volta para a escada, sentia como se os sinos estivessem tocando permanentemente dentro da minha cabeça. Minha mãe se perguntou por dias, depois, por que eu não respondia quando ela chamava meu nome.

Minnie estava rindo, mas Marcus parecia confuso — Mas por que não desceu e explicou?

As duas mulheres trocaram olhares — Contar aos tocadores de sino da vila que ela estava na torre, espionando um garoto? — Minnie perguntou, como se estivesse louco — Quão humilhante para ela, sobrinho.

— Não vejo por quê. O rapaz que ela estava observando obviamente era um idiota e ela merecia mais do que ele. — deu a Portia seu sorriso especial — Gostaria que eu estivesse lá.

Ela riu. Não conseguiu evitar isso. As sobrancelhas de Marcus abaixaram e, finalmente, ela teve que parar, porque ele estava parecendo tão zangado.

— Está certo. — disse, sua voz rouca — Eu deveria ter descido da torre e os enfrentado. Deveria ter contado a *ele*. Mas era jovem e insegura. Não a mulher que sou agora.

Minnie a rebateu com sua própria história sobre um amor jovem e não correspondido, e o momento constrangedor passou.

Era muito tarde quando Portia foi dormir. Esteve abafando bocejos, tentando ficar acordada, porque estava gostando muito da companhia deles, mas, finalmente, teve que admitir a derrota. Depois de enfiada na rebuscada cama cortinada, as preocupações que a atormentaram antes voltaram, e ela pensou que poderia passar a noite dormindo mal. Mas, felizmente, o ar marítimo a cansou e rapidamente estava dormindo profundamente.

Foi um dos melhores e um dos piores dias de sua vida.

Capítulo 13

— Marcus, ela é um tesouro. — Minnie tirou seu turbante e o colocou sobre a mesa. Seu cabelo grisalho arrepiou.

Marcus não respondeu, olhando para seu copo.

— Sabe, não te criei como um guerreiro para que desistisse quando algo fosse muito difícil. Não posso falar pelos Worthornes, mas a família de sua mãe, os Duvals, eram feitos de aço. Não conheceu sua mãe muito bem, conheceu, Marcus?

Balançou a cabeça, recostando-se em sua poltrona — Ela parecia tão distante quando eu era garoto, sempre preocupada com outras questões, e então morreu.

— Ela e seu pai estavam muito apaixonados. Isso o surpreende, vejo. Meus pais eram contra tal união, não achavam que os Worthornes eram bons o suficiente, e seu pai tinha má reputação com cartas e mulheres.

Marcus sentou-se ereto.

— Sim. — Minnie concordou — Difícil imaginar, não é? Depois que se arrependeu, ele se esforçou muito e se tornou um homem bastante severo. Mas, nesses primeiros dias, sua mãe estava determinada a ele. Era ele ou ninguém mais. Finalmente, seus pais cederam e a deixaram tê-lo, mas ela lutou muito pela felicidade dela, acredite em mim. E foram felizes. Talvez um pouco de egoísmo naquele amor deles, um pelo outro, tenha tomado precedência. Não que não amassem seus filhos, mas estavam tão envolvidos um no outro que às vezes esqueciam de demonstrar isso. Uma pena que sua mãe morreu antes que realmente a conhecesse, Marcus, mas isso fez com que *nós* nos conhecêssemos.

— Não posso reclamar de ter sido uma criança negligenciada, no que diz a seu respeito. — concordou, pegando-lhe a mão.

Ela segurou seus dedos, mas sua voz ficou séria novamente — O que digo é, sua mãe lutou pelo que queria. Você vem de uma grande linhagem de lutadores. Os primeiros Duvals foram barões ladrões.

— Barões ladrões? — caçoou — E me vê como um deles?

— É um Duval, não é? Eles eram homens que tomariam o que quisessem e não seriam impedidos. Até sequestraram mulheres de seus vizinhos e se casaram com elas; não que elas permanecessem resistentes por muito tempo.

— Altamente ilegal, certamente? Ou altamente romantizado no reconto.

Minnie ignorou sua resposta prática — Sempre achei que precisasse se encontrar em uma crise para descobrir do que é feito.

— Tia Minnie...

— Meu rapaz, por mais que eu o ame, acredito que esteja um pouco sem rumo, para não dizer relaxado. Deve buscar por direção em sua vida. Procure por uma estrela-guia. Quem sabe, essa mulher possa ser sua estrela?

Portia, linda Portia, uma estrela brilhando no céu noturno. Era possível que ele pudesse conquistá-la, se colocasse sua mente nisso? Era arrogante o suficiente para achar que poderia. Mas ele queria? Até agora, nunca esperou encontrar uma mulher que quisesse acima de todas as outras, era um homem que nunca soube o que era se apaixonar.

— Marcus, a coisa mais importante que podemos ganhar com nossas vidas não são riquezas, grandes palácios ou joias fabulosas. É amor, e, sem amor, não temos nada. — os olhos dela estavam molhados, como se estivesse lembrando alguém de algum lugar de seu passado colorido. Um barão ladrão secreto dela?

Marcus não queria saber, nem queria discutir seus sentimentos secretos com Minnie. Voltou-se para a comédia.

— Mas, com certeza, tia, a coisa mais importante na vida é um bom alfaiate?

Ela jogou seu turbante nele.



Portia estava sonhando com nado, mas, dessa vez, o oceano estava quente e macio como veludo, enquanto se esfregava contra a sua pele e ia mergulhar nas profundezas esverdeadas.

— Portia, minha linda, linda Portia.

A voz dele foi como a água sedosa, e ela se virou para ele. O sonho se tornou real, seus braços sobre ela e seus lábios nos dela. Marcus, o homem e o sonho, quentes em seus braços.

Seu corpo se pressionou contra o dela — Marcus?

— Sim, sim, sou eu.

— Pensei que estivesse sonhando. — o antigo sonho familiar voltou. Provocando-a, mas nunca a satisfazendo.

— Não está sonhando.

Ela se arqueou contra ele, sentindo-o dentro dela. Oh, sim, isso era real, real como seus sonhos nunca foram. Estava se movendo contra ela, intenso e apaixonado, como tudo o que fazia. Portia gritou baixinho, seu rosto pressionado no ombro dele, mas ele não parou. O prazer a atingiu intensamente, fazendo-a querer gritar.

Ele tomou sua boca, sufocando-a e atingindo seu próprio orgasmo. Foi perfeito, como os sonhos nunca foram, porque nunca foram reais.

As ondas tomaram-na, rolando-a continuamente, e ela adormeceu nos braços dele.

Na manhã seguinte, Portia estava acordada e vestida, já esperando, quando Marcus desceu para o café da manhã. Estava impaciente para partir, e depois de um adeus emocionado para Minnie, pareceu não haver nada para mantê-los.

Portia sabia que não conseguiria relaxar completamente, até estar no trem para Londres. A viagem no vagão pareceu muito lenta, Zac e Hettie sentados em silêncio na frente, enquanto Marcus pareceu próximo demais dela, nos

fundos. Sua mão apoiada atrás dela, e toda vez que o veículo balançava, ele roçava seu ombro. Seus nervos estavam tão tensos que a fizeram querer se esquivar. Ou gritar com ele.

Ou atirar-se em seus braços e beijá-lo.

Mas a noite passada foi perfeita, e ela sabia que teria sido impossível melhorá-la.

— Eu deveria ter agradecido à sua tia. — disse, para interromper seus pensamentos.

— Agradeceu.

— Deveria ter-lhe agradecido novamente.

Ele ficou calado. Enquanto ela estava muito nervosa, Marcus parecia quase taciturno. Havia uma qualidade taciturna nele, como se estivesse trancado em seus pensamentos. Abriu sua boca para lhe perguntar o que estava pensando, mas tinha medo da resposta e o que poderia causar, então a fechou novamente. Não havia tempo para discussões sobre o que aconteceu e por que, e o que poderia ou não acontecer no futuro. Tinha um trem para pegar.

De repente, viu o mar azul brilhando no sol matutino. Uma imagem lhe veio de Marcus na água, bronzeado e elegante, sorrindo-lhe em seus braços, ambos tão escorregadios quanto focas. Outra lembrança para reviver no próximo jantar entediante no palácio, pensou, esticando-se para olhar para aquele pedacinho de azul, até ele desaparecer atrás das árvores.

Se ele notou, não disse nada, e foi em silêncio que, finalmente, pararam na estação.

No exato momento em que o apito do trem soou, estridente, à distância, correram pela arcada e Portia pôde ver que não havia mais ninguém na plataforma. A fumaça da locomotiva já estava subindo no céu e, embora ainda estivesse um pouco longe, podiam ouvir sua aproximação barulhenta.

— Vai parar, não vai? — perguntou, atingida pelo horrível pensamento de que o trem poderia passar por ela.

— Enviei Zac mais cedo para combinar com o chefe da estação a parada do trem. — Marcus disse — Pensei que pudesse haver alguma dificuldade, mas parece que o seu nome foi suficiente para evitar isso.

Portia deu um suspiro aliviado — Obrigada. Deve achar que sou uma criatura inútil, mas não tenho o costume de fazer meus próprios preparativos de viagem.

Fez-lhe uma pequena reverência.

Ela forneceu sua própria resposta. *Não, eu a acho longe de inútil, acho que é a mulher mais bonita e fascinante que já conheci!* Portia não estava à procura de elogios, mas, ainda assim, não faria mal a ele lhe oferecer um ou dois. Perdeu o interesse nela, depois da noite passada? Decidiu que era muito incômoda?

— Chegará em casa na hora do almoço. — declarou, olhando o trem se aproximar.

— Bem a tempo de responder a um monte de perguntas.

— Sua amiga lhe implorou para passar a noite. — Marcus disse, dando de ombros — Ela estava doente e não pôde dizer não.

Portia inclinou sua cabeça — Aposto que tem até um nome para minha amiga de escola fictícia.

Ele sorriu e, embora fosse um sorriso pequeno, foi o primeiro que lhe deu a manhã inteira, então, valeu a pena tê-lo — Dorothy Mickeljohn.

Ela assentiu, seriamente — Boa e velha Dorothy. O que havia de errado com ela? Receio que tenha esquecido disso também.

— Escarlatina, quando criança, enfraqueceu seu corpo. É uma grande leitora, porém, devora um livro por dia, e gosta de música. Contou-lhe tudo sobre Jenny Lind. Ela ficou em prantos.

— Sinto como se a conhecesse. — Portia murmurou — Como faz isso?

— Uma imaginação fértil e sem limites. — respondeu — Fui surrado por isso muitas vezes na escola, mas nunca conseguiram tirar de mim.

— Milady?

Uma garotinha estava parada diante dela, na plataforma. Seu cabelo preto estava amarrado elegantemente para trás com fitas, e ela sorria timidamente, segurando um buquê de flores, rapidamente preparado. O chefe da estação e sua esposa pairavam atrás dela, sorrindo com orgulho, enquanto olhavam sua filha realizar uma reverência desajeitada.

Portia se inclinou — Oh, que lindas!

— São para a Milady. — a garotinha disse, timidamente.

— E qual é o seu nome?

— Daisy, madame.

— Então, é uma flor também. Certamente é bonita como uma.

Daisy se aproximou, sua voz abaixando confidencialmente — É uma rainha?

— Não, mas a conheço. Deveria dar a ela suas flores?

Daisy pensou um pouco nisso — Não, milady, são suas.

— Obrigada. Levarei para casa comigo, em Londres.

O trem desacelerava enquanto se aproximava da plataforma, e o mestre da estação correu para cumprir sua obrigação, enquanto sua esposa recuperava a filha deles e rapidamente a afastava. Isso estava quase encerrado. Portia se virou e olhou para Marcus.

— Adeus. — disse, estendendo sua mão.

Ele a levantou para seus lábios.

Esperava que ele insistisse em outro encontro, ou pelo menos o mencionasse. Obviamente, teria que dizer não. Se aprendeu uma coisa desse desastre, era que tinha que encerrar o relacionamento deles. Agora e para sempre.

— Portia... — estava olhando profundamente em seus olhos, e ela percebeu então que, perversamente, queria que ele pedisse. Queria que a desejasse. Embora fosse dizer-lhe não.

O trem com sua fila de vagões estremeceu lentamente em sua parada não

programada. Hettie já estava correndo para o vagão delas, não privado desta vez, mas de primeira classe. Portia começou a segui-la. Pensou que ele fosse impedi-la, chamá-la..., mas apenas ficou parado e a deixou ir. Ainda esperava que ele fosse impedi-la com uma palavra enquanto subia os degraus, mas nada.

Hettie agitava-se em volta dela, entrando na frente da janela. Quando ela se sentou e Portia estava acomodada em seu próprio assento, as flores ainda em sua mão, a plataforma lá fora estava vazia.

Marcus se foi.

O trem sacudiu para frente, fumaça saindo, e estavam em seu caminho de volta para Londres.

— Graças a Deus por isso! — Hettie disse.

— Sim, graças a Deus. — murmurou.

Estava ansiosa para entrar no trem e chegar em casa. Disse a si mesma que deveria estar imensamente aliviada. Mas, em vez disso, sentia como se toda a cor tivesse sumido do mundo.

Marcus não foi direto para a casa de Minnie. Disse a Zac para levá-lo para a enseada, e, uma vez lá, tiraria suas roupas e nadaria. Nadou até estar cansado demais para pensar. Para se perguntar por que não fez como Minnie disse e lutou pela mulher.

Em vez disso, a deixou partir.

Viu desejo nos olhos dela, isso e sua determinação para tornar este o encontro final deles. Ela desejava seu toque, como um viciado em láudano ansiava por sua garrafinha azul. Se nada mais, desejava seu corpo e seus talentos como amante. Podia ter usado essa necessidade física para convencê-la a vê-lo novamente, era arrogante o suficiente para acreditar que era capaz disso, mas não usou.

Sabia que era porque estava com medo. Portia significava mais para ele do que já esperou que significasse, mais talvez do que ele significava para ela, e não tinha certeza do que fazer com isso. Partiu para o Aphrodite's naquela noite, para se divertir, não para encontrar uma esposa. Não tinha certeza da direção para sua própria vida, então, como podia sobrecarregar-se com mais alguém durante a jornada? Alguém para cuidar e para amar. Sebastian estava certo, estava à deriva, e não sabia o que fazer quanto a isso.

Olhou em volta dele, pisando na água, tomando fôlego.

Nadou uma longa distância e precisava voltar. Não era como se pudesse escapar do mundo para sempre; este sempre o estaria esperando. Mesmo se agora fosse difícil sem Portia.

Lentamente, começou a nadar para a praia.

Capítulo 14

Portia mal deu um passo dentro da casa, em Grosvenor Square, quando foi importunada.

— Milady! — Deed, com sua peruca torta, pareceu ter lhe causado um terrível choque, mas, independentemente do que ele pretendia dizer, perdeu-se em um grito assustador. Sua mãe estava de pé, na base da grande escadaria.

— Portia! Portia, minha criança! Notícias terríveis... *péssimas*...

O coração de Portia saltou em sua garganta, sufocando-a. Por um momento, atordoada, pensou que isso fosse tudo sobre ela e Marcus, que alguém tivesse descoberto a verdade e agora tudo estava prestes a ser revelado. Cartazes sensacionalistas em todas as esquinas revelando as notícias com detalhes horrendos. Pessoas importantes, pessoas que veio a pensar como suas amigas, a desprezando. As imagens se formaram com uma velocidade altíssima. Victoria, seu rosto, uma máscara de desgosto, dizendo: *Permitiu-se ceder ao desejo, Lady Ellerslie? Que tipo de mensagem isso envia para a nação?*

Engoliu — O que foi? — conseguiu encontrar sua voz finalmente.

— Houve uma tentativa de assassinar a rainha! — sua mãe gritou dramaticamente e desabou sobre os corrimões.

Criados correram para ajudá-la, mas Portia não se moveu. Estava paralisada no lugar, esmagada pela reviravolta.

— Ela está...? — cochichou.

— Não, milady. — Deed estava ao lado dela, como se temesse que também fosse desmaiar — Sua Majestade levou uma pancada na cabeça, da ponta de bronze da bengala do homem. Estava saindo da Cambridge House, depois de visitar seu tio, o duque. Depois do ataque, ela ficou dentro da carruagem e assegurou à multidão que estava bem. Isso foi muito corajoso da parte dela, se eu puder oferecer minha humilde opinião.

Portia deu um suspiro estremecido — Oh, estou tão aliviada.

— Enviou um criado para buscá-la! — sua mãe disse, tendo se recuperado o suficiente para falar novamente — Que momento escolheu para visitar uma ninguém no país! E para passar à noite, sem contar a ninguém.

— Dorothy está doente. Ela me implorou...

— Não me importo! Senti-me extremamente constrangida, quando não pude explicar ao mensageiro real onde estava.

— Irei ao palácio imediatamente. — Portia disse, correndo para as escadas e tirando suas luvas enquanto subia — Traga a carruagem!

Houve cinco atentados anteriores à vida de Victoria, o último há aproximadamente um ano, quando uma pistola foi disparada, mas, felizmente, não estava carregada com nada além de pólvora. Isso assustou muito a rainha, entretanto, talvez mais do que os outros atentados, quando a pistola estava

carregada e errou o alvo ou falhou. Victoria sempre mostrou um rosto corajoso ao público, mas Portia sabia que, em segredo, estaria abalada. E furiosa de que alguém quisesse machucá-la. Enquanto corria para seus aposentos, se perguntava se, desta vez, era uma conspiração para derrubar a monarquia ou apenas outro lunático.

Hettie ajudou-a a se trocar — Isso é horrível demais para comentar. — murmurou.

— Mas está segura, é o que importa. — Portia disse, soltando seu cabelo.

— Devemos ser gratas por isso.

— Não quis dizer Sua Majestade, a Rainha, *lieben*. Estava pensando no que poderia ter acontecido se ela mandasse alguém atrás da senhora e a encontrasse com aquele homem.

— Não teriam conseguido me encontrar.

— E isso em si não é suspeito?

— Eu teria pensado em algo. — declarou, vestindo-se apressadamente.

— Contaria mentiras para a rainha? — Hettie retrucou — Isso é o que dá se misturar com pessoas como Marcus Worthorne.

— Pelo que me lembro, achou divertido contar mentiras à Victoria, da última vez.

Hettie deu ao cabelo dela uma escovada vigorosa e começou a prendê-lo novamente. Portia esperava que fosse encerrar o assunto, mas ela não iria.

— Ele não presta. Só se importa consigo mesmo. É como um... gigolô. Ele a abandonará quando ficar cansado, sei disso, e logo.

Portia virou para ela, com um olhar frio — Acredito que ele está! Cansado de mim, quero dizer. Então, não precisa mais se preocupar.

— Apenas que me preocupo com a senhora... — Hettie começou, mas Portia se virou.

— Verifique se a carruagem está pronta. — ordenou, sua voz ainda fria — Descerei em um momento. Preciso ver se minha mãe se recuperou.

Rapidamente, Hettie a deixou sozinha.

Portia ficou na frente de seu espelho, examinando sua aparência. Estava pálida e havia olheiras debaixo de seus olhos, mas estas poderiam ser explicadas pelas circunstâncias chocantes que a receberam em seu retorno. E *foram* chocantes. Havia olhado para cima, visto sua mãe e pensado que Victoria tivesse sido assassinada, ela recebeu realmente um terrível choque.

Foi o suficiente para trazê-la de volta ao bom senso, sem a insistência de Hettie.

Havia coisas mais importantes no mundo do que Marcus Worthorne. Tinha um papel a desempenhar, um dever a cumprir, e estava na hora de colocar de lado seus egoístas desejos da carne e concentrar-se em cumprir esse dever.

Sua mãe foi levada para a cama, com uma dose de láudano. Já estava semiadormecida.

— Mãe? Está se sentindo melhor?

Os olhos de sua mãe abriram, as pupilas grandes e escuras por causa do

remédio — Estou exausta. — murmurou — Notícia chocante...

— Com certeza. Estou indo para o palácio agora.

— Às vezes fico tão confusa. Não consegui me lembrar para onde foi quando me perguntaram. Tentei, mas não consegui lembrar. Foi Deed quem contou a eles.

— Não importa, mãe.

Sua mãe apertou sua mão — Não pretendia ser grossa contigo, agora pouco. É uma boa garota, Portia. Sempre foi obediente.

— Fui? — sua mãe pretendeu dizer isso como um elogio, e deveria sê-lo, uma filha obediente era uma coisa nobre, mas Portia se perguntou se Minnie Duval diria isso dessa forma. Se Minnie tivesse sido uma filha obediente e sempre feito como ordenada, teria saído do país, para suas maravilhosas aventuras?

— Eu disse ao seu pai quando ouvi que Lorde Ellerslie estava hospedado com meu amigo: Apenas dê ao velho um vislumbre de nossa amável filha e nossa fortuna estará feita. Não há nada como uma visão da primavera quando tem seu pé na sepultura. E ele se apaixonou por ti, não é? Minha filha linda e obediente.

Portia não queria ouvir isso, não agora. Moveu-se em direção à porta, mas novamente a voz arrastada de sua mãe a parou.

— Tem o toque do sol, Portia, e seu cabelo cheira como o mar. Esteve na praia? Pensei que sua amiga da escola morasse perto de Oxford?

Que hora “perfeita” para a mãe dela lembrar os detalhes.

— Isso mesmo, mãe. Dorothy mora em Oxford. Deve estar sonhando.

Outra mentira. Mas sua mãe já estava dormindo, sua boca entreaberta, sua respiração pesada.

Portia a amava, sabia que amava, mas, neste momento, seria muito fácil odiá-la.



Victoria estava andando de um lado para o outro, mais furiosa do que Portia já viu. O inchaço e o ferimento em sua testa, a descoloração em volta de seu olho, ficavam mais evidentes a cada minuto — Que atrevimento daquela criatura me atacar de maneira tão covarde! Uma mulher desarmada! Se ele atacasse *qualquer* mulher, seria vergonhoso, mas sua rainha... Não admitirei isso... Não admitirei!

— Quando a carruagem passou pelos portões de Cambridge House, — disse o príncipe — a multidão a rodeou, apressada. O homem que fez isso estava entre eles. Não havia somente minha querida esposa na carruagem, também estavam Eddie, Alice e o pequeno Albert. Precisamos agradecer a Deus que nenhum dos nossos filhos foram mortos. — o príncipe estava pálido e claramente chocado, mas, como sempre, sua voz tinha aquela calma moderada que Portia tanto admirava.

— Sabe quem o homem era, Vossa Alteza? — perguntou.

— Descobrimos o nome dele. É Robert Pate e recentemente aposentou sua

comissão do Tenth Hussars. Ele não dirá suas razões do porquê fez isso.

Portia expressou seu alívio por encontrar a rainha segura, embora não completamente bem. Era óbvio que a raiva de Victoria a estava ajudando. A rainha lhe mostrou o gorro em que recebeu o golpe da bengala de Pate e admitiu que sofria de dor de cabeça.

— Se essas criaturas tivessem algum plano para executar, alguma conspiração que pudéssemos descobrir e impedir, para que isso não acontecesse novamente. — Albert comentou — Mas parecem ser fanáticos, e qualquer conspiração que tenham é uma fantasia de sua própria criação.

— Então, Pate agiu sozinho nisso?

— Ele deu seu nome e o fato de que foi um soldado, nada mais. Não nos dirá por que fez o que fez. Algum desrespeito imaginado contra si mesmo ou sua família...? — Albert fez uma careta — Sua mente é perturbada, ou é o que ele quer que pensemos.

— Se o querido Lorde Ellerslie ainda estivesse aqui, Portia, teria imediatamente corrido para o meu lado. — Victoria disse, com um discreto veneno.

— Vossa Majestade, me desculpe. Eu estava...

A rainha balançou sua mão — Não importa. Nunca terá que sofrer tais atentados à sua vida como tive que sofrer. Não consegue compreender tais questões, mas seu querido marido teria entendido. Ele arriscava sua vida, todos os dias, por mim.

— Vossa Majestade.

— Acho que vou me deitar agora. Isso é tudo, Lady Ellerslie.

Portia fez reverência, dizendo-se que Victoria não pretendia ser cruel, estava zangada, e com razão, mas, ainda assim, isso doía. Chamou a atenção de Albert quando lhe disse adeus, e ele balançou sua cabeça ligeiramente, como se para assegurá-la de que as palavras não foram pretendidas. Entendia a posição de Portia, melhor do que qualquer um; sua própria vida também era vivida na sombra de sua esposa.

Mas havia uma diferença. Victoria estava viva, respirando, quente e o amando. Portia estava sozinha e, neste momento, sentia isso, mais do que nunca.



Arnold subiu as escadas acarpetadas de uma casa simples, em Hackney. Havia uma porta no topo, e ele bateu de uma maneira específica, antes de abri-la. Quatro rostos viraram para ele silenciosamente, a sala cheia de fumaça de cigarro.

A comida estava sendo servida, e os restos dela, além de garrafas de vinho pela metade, cobriam a mesa.

— Ele foi preso. — um dos homens disse silenciosamente, quando Arnold tomou seu assento, na frente da mesa — Deveríamos nos preocupar?

— Por quê? Já estou ouvindo que é apenas um soldado frustrado e desequilibrado. E sabemos que não contará a verdade. Ele não quebrará a

promessa.

— Como pode ter certeza?

Arnold serviu-se de um pouco de vinho e tomou um gole, fazendo uma careta — Tenho certeza. Conheço Robert bem. Pensa como nós. Esteve vigiando a rainha há algumas semanas, em preparação para nosso ataque. Posso apenas pensar que, vê-la de tão perto diante dele, fez com que perdesse o controle. Atacou a coisa que mais odiava. Mas não falará. — tomou outro gole do vinho azedo — É inconveniente, entretanto, que isso acontecesse agora.

— Inconveniente? — um de seus companheiros bufou — Eu chamaria mais do que isso!

— Não acho que isso seja tão sério quanto imagina. Haverá nervosismo crescente, por um tempo, mas isso passará. Na verdade, isso pode funcionar em nosso favor. Ninguém estaria esperando por outro atentado, tão rápido.

Os homens trocaram olhares. Sabia que estiveram discutindo o plano antes dele chegar, talvez duvidando do seu direito de liderá-los, mas fingiu não notar. Sua confiança era suprema.

— Então, ainda pretende continuar com isso?

— Claro. — Arnold ergueu uma sobrancelha surpresa — Robert iria querer que continuássemos com nosso trabalho. Conseguiremos. — levantou sua taça, e na luz da vela, seus olhos pálidos possuíam o brilho de um fanático — A rainha deve morrer!

Com um grito, seus companheiros ergueram suas próprias taças em resposta.

Arnold assentiu, olhando para cada um, testando a determinação de cada homem, e depois se inclinou para frente — Esse é nosso objetivo, meus amigos, e nunca devemos nos esquecer disso. Pois, quando eu der a ela o golpe mortal, nossa causa se tornará mais importante do que todos nós. O país finalmente começará a notar. O povo, o verdadeiro povo inglês, perceberá a justiça no que fizemos. A Inglaterra para os ingleses!

Novamente, os gritos de resposta, quando seus companheiros levantaram e bateram seus pés. Em breve, Arnold pensou, emocionadíssimo com o triunfo. Muito em breve.



Quando Marcus finalmente voltou para casa, foi recebido por Minnie, com as notícias de que houve outra tentativa de assassinato à rainha. O filho do açougueiro havia acabado de chamar com a última notícia. Marcus ouviu as palavras de raiva e perplexidade de sua tia em silêncio, mas, em seu coração, sabia que isso afetaria Portia profundamente.

Ela veria isso como uma falha de sua parte, por não estar presente quando aconteceu, mesmo que não pudesse ter feito nada. Portia o veria como um obstáculo para a sua obrigação e, embora pudesse desejar vê-lo novamente, a obrigação venceria.

Mesmo que se aproximasse dela novamente, implorasse por outro

encontro, ela usaria essa oportunidade para encerrar isso entre eles. Completa e permanentemente.

O relacionamento temporário deles estava encerrado.

Capítulo 15

Desde a tentativa de assassinato de Victoria, parecia a Portia que não tinha um único momento para si mesma. A rainha estava mais exigente do que nunca, como se lhe punindo por não estar lá no dia em que isso aconteceu. Passava todo o momento ansiosa, esperando convocações, e, quando não vinham, temia que pudesse tê-las perdido.

Consequentemente, sentia-se fraca, sua cabeça doía, e à noite não queria nada mais do que se deitar e dormir. Mas mesmo isso lhe foi negado, porque, quando tentava afundar no abençoado esquecimento, havia alguém lhe esperando nas sombras.

Marcus.

Era como se ele estivesse lá, em sua cama, dando-lhe seu sorriso preguiçoso e sensual. Ela o queria com uma intensidade que a assustava; doía por ele. E, se por um lado, noite após noite, ele ainda vinha até ela em seus pensamentos, não estava realmente aqui.

Não teve notícias dele. Nem mesmo uma carta que pudesse rasgar e devolver-lhe. Nem mesmo sua presença indesejada na última ópera ou balé. Desapareceu, como se nunca tivesse existido. E, embora se recusasse a admitir para si mesma, sentia muitíssima falta dele. Não apenas de seu corpo e seus beijos. Precisava dele para fazê-la rir, para permiti-lhe ver o lado ridículo da vida.

E agora a estátua de Lorde Ellerslie, encomendada pela rainha quando ele morreu, estava terminada. Estava sobre um pedestal, na entrada de Green Park; Lorde Ellerslie em seu sobretudo, seus ombros em sua posição característica, como se estivesse observando algum campo de batalha invisível.

Era como se ele nunca tivesse morrido, pensou, sabendo que estava sendo injusta e indelicada, e, ainda assim, incapaz de não se sentir sufocada pela lembrança de um homem que mal conheceu. Mas a estátua teria que ser desvelada, e sabia que teria que estar lá, ao lado da rainha, em seu papel como um anjo, com vestes de viúva.

Oh, sim, sabia do que a chamavam. Uma vez se sentiu lisonjeada por isso, mas agora considerava um sinal de quão pouco o público a entendia. Ela não era nenhum anjo, era uma mulher de carne e sangue, que cometeu erros, sentiu-se triste, feliz e temerosa. Por que não a deixavam ser ela mesma?

E por que isso importava para ela esses dias, muito mais do que costumava importar?

Marcus ficou no início da ponte e olhou para a paisagem plana de Norfolk, em Duval Hall.

A casa parecia agachar-se nessa ilha, como se pudesse saltar a qualquer momento e capturar qualquer tolo o suficiente para estar dentro do seu

alcançe. Nunca poderia ter imaginado tal lugar, e sabia que, se tivesse vindo aqui em qualquer outro momento, teria ficado horrorizado e provavelmente dado meia volta e voltado imediatamente para Londres.

Mas não agora. Neste momento, ele estava muito mal, e nem mesmo um prédio horrivelmente deformado, como Duval Hall, poderia afugentá-lo.

Vista de forma prática e menos fantasiosa, a casa *estava* degradada e precisava de reparos, mas a estrutura básica estava sólida. Estava muito velha e foi alterada com tal mistura de estilos durante os séculos, que era difícil saber a qual era arquitetônica pertencia. A entrada ficava numa ilha, ou no que se tornava uma ilha na maré alta, quando as águas do mar penetravam nos pântanos e obstruíam a passagem. Na maré baixa, os pântanos ficavam descobertos, e a passagem podia ser usada para ir e voltar até a casa.

Era mais como um navio que uma casa, realmente, e a parede que a cercava parecia o casco. À noite, com os sons das vigas rangendo e a batida das ondas, podia se imaginar no mar. Sim, a casa estava em ruínas, exatamente como seu irmão o preveniu, mas ainda era recuperável. E ele desenvolveu uma afeição por ela, que parecia bizarra nas circunstâncias, ou talvez isso fosse apenas porque era *dele*.

Quanto aos inquilinos e às pessoas da vila próxima, ficaram felicíssimos por vê-lo. Fazia muitos anos, desde que tiveram alguém do sangue Duval na residência, e o trataram como um filho pródigo. A princípio, o entusiasmo deles o divertiu, mas, conforme os dias passavam e sentia sua afeição genuína por ele... Bem, começou a gostar disso.

Marcus Worthorne de Duval Hall. Havia um toque nisso. E as pessoas aqui estavam desesperadamente em necessidade de um bom senhorio. O administrador da terra do tio Roger fez pouco mais do que beber todos os melhores vinhos da adega.

Quando ouviu que Marcus estava vindo, fugiu com a linda filha do ferreiro para algum lugar desconhecido.

Marcus pôde ver por que o homem quis desaparecer.

Os pântanos foram uma vez separados do avanço do mar pelas fortificações que detinham as marés. Eram então drenados por um sistema de canais e comportas secundárias, para que a terra pudesse ser recuperada e usada para a agricultura. Agora, as águas retomaram muito do pasto, e reparos eram necessários, para recuperar a vantagem do homem sobre a natureza. Muitíssimos reparos.

Certamente não era um projeto para os fracos. Qualquer homem sensato venderia e pegaria o que pudesse conseguir, ou então voltaria para casa e esqueceria tudo.

Talvez, Marcus pensou, ele não fosse um homem sensato.

Desde que chegou aqui, caminhou por milhas, seguindo seus inquilinos e os fazendeiros menores, que eram seus vizinhos, prestando atenção ao que tinham a dizer. Sentou-se com eles em suas mesas e comeu sua comida e bebeu sua cerveja, como se fosse um deles. Riu com eles e riu de si mesmo,

quando gentilmente o provocaram por seus costumes londrinos.

Quando estava pronto para voltar para Londres, sentia-se como um deles.

Mas não eram apenas reparos e um possível futuro em que esteve pensando, enquanto caminhava por sua terra. Também esteve pensando em Portia, e tudo o que Minnie lhe disse. Soube, assim que ouviu sobre a rainha, que Portia faria sua escolha; obrigação seria a vencedora, e ele seria o perdedor.

Isso porque ela aprendeu a colocar sua própria felicidade por último.

Ele ficou no topo da passagem varrida pelo vento, o cheiro dos pântanos salgados enchendo sua cabeça, enquanto os pássaros giravam e gritavam.

Se quisesse Portia o suficiente para lutar por ela, então tinha que ter algo para lhe oferecer. Afinal, estava se colocando contra o Herói da Nação, e embora tal audácia fosse ser desaprovada pela rainha e pelo país, Marcus sabia que podia fazer Portia feliz, se ao menos ela deixasse.

Mas era uma lady grandiosa e rica. Difícilmente poderia esperar que ela concordasse em jogar tudo fora por um homem que não tinha nada para recomendá-lo, senão uma grande habilidade em fazer amor. Pelo menos Duval Hall lhe dava um lar, e, em tempo, lhe daria uma renda. Algum lugar para trazê-la para viver; para os dois viverem.

Porque sabia agora o que queria. Chegou a um acordo com isso aqui, na distante Norfolk. Sentia falta de Londres, mas nem tanto quanto havia esperado. Duval Hall lhe oferecia desafios que eram novos e emocionantes, e podia ver um futuro para si mesmo aqui. Mas havia uma coisa de que sentia falta, que não podia ser substituída ou trocada.

Portia.

Ele a queria, precisava dela e, se necessário, lutaria por ela.



Numa agradável meia-noite, várias semanas após a tentativa de assassinato da rainha, Portia entrou em sonambulismo. Pelo menos foi o que disse a si mesma; era muito humilhante admitir que podia ter feito tal coisa enquanto estava minimamente em sã consciência.

Foi para a cama cedo com uma dor de cabeça e sentindo-se levemente indisposta. A inauguração da estátua de Lorde Ellerslie seria realizada de manhã e, depois da badalada da meia-noite, saiu da cama, com apenas um pensamento.

Precisava vê-lo.

Agarrando sua capa, bateu pelo chão por seus sapatos, finalmente os encontrando e calçando. Teve um vislumbre de si mesma no espelho, pálida e desarrumada, seu cabelo solto caindo até sua cintura, e puxou o capuz da capa sobre a cabeça. Virando-se rapidamente, quase caiu e teve que apoiar sua mão contra a porta por um momento, até o quarto parar de girar.

Lá fora, estava quieto, a luz de pouso estava baixa. Desceu os degraus. Esqueceu quantas travas protegiam a porta da frente e se atrapalhou com estas, fazendo mais barulho do que pretendia. A mais alta foi mais difícil que

as outras, e ela puxou uma cadeira e subiu nela, lutando com o mecanismo, até finalmente abrir.

Lá em cima, houve vozes. Pensou ter ouvido sua mãe depois de algum sonho. Apressadamente, Portia tirou a cadeira do caminho. Sentia-se como uma prisioneira escapando de sua cela. Seu coração estava batendo. Abriu a porta.

O ar quente noturno entrou rapidamente, e ela respirou fundo, segurando os corrimões de aço, enquanto descia os degraus até a rua. Estava atravessando a praça, quando ouviu os gritos desesperados de Hettie, em sua perseguição.

— Milady? Milady, para onde está indo? Estamos no meio da noite!

— Estou indo caminhar. — Portia respondeu, mas seus passos vacilaram. A praça estava vazia, a luz trêmula das lamparinas dando ao lugar familiar uma sensação sinistra.

— Uma caminhada? — Hettie a alcançou, sua voz abafada por sua tentativa de ser discreta — *Lieben*, está de camisola!

Portia parou e se olhou. Hettie estava errada. Sua capa escondia seu traje noturno, e o capuz cobria seu cabelo e ajudava a disfarçar sua identidade. Ninguém podia ver quem ela era. O que importava se estava em sua camisola? Marcus certamente não se importaria. Riria e a tomaria em seus braços e a faria esquecer, com os beijos de sua boca maravilhosa...

Mas isso importava. Claro que importava. Tudo o que ela fazia importava para alguém.

Ouviu sua própria voz, impaciente e petulante — Pelo amor de Deus, Hettie, não posso dar uma caminhada? Com certeza, sou autorizada a isso!

Hettie tomou seu braço, firme, mas gentilmente — Mas para onde está indo, *lieben*?

— Eu... Lugar nenhum.

Hettie soube imediatamente. Irritou-se — Sabe que não pode ir até aquele homem. Está tudo acabado. Se aparecer na porta dele, no meio da noite, ele rirá de ti. Mandará a senhora embora e contará a todos os seus amigos.

Ele realmente a mandaria embora? Portia sabia que foi sincera em seu adeus. Não poderia haver espaço para segundas chances, e ela não lhe deu nenhuma. Ele provavelmente a odiava agora, ou pior, esqueceu-a completamente e estava apaixonado por outra pessoa.

Estremeceu.

Hettie estava certa. Não podia fazer isso. Já não era Portia Stroud, a filha do pastor. Era Lady Ellerslie, com uma posição para manter, sem mencionar sua dignidade. Esse foi um momento de loucura e tinha que superá-lo.

Lentamente, de cabeça erguida, voltou para dentro da casa. Deed esteve espiando pela porta, e agora fechou a porta atrás dela. Ouviu passadas arrastadas do corredor, enquanto vários criados a espiavam dos degraus da cozinha, antes que seu mordomo fiel os mandasse embora. Estava claro que até sua própria casa achava que estava enlouquecendo.

— Hettie... — cochichou, repentinamente espantada.

Hettie entendeu imediatamente e deslizou um braço em sua cintura, murmurando calmamente — Está fora de si. — disse enquanto subiam as escadas — Vou te trazer um médico.

— Não, por favor, não quero mais nenhum estardalhaço.

— Portia? O que está acontecendo? Houve mais más notícias?

Meu Deus, agora sua mãe estava acordada, uma manta jogada sobre sua camisola, seu cabelo grisalho solto sobre seus ombros, seus olhos arregalados e temerosos. Não poderia lidar com sua mãe nesse momento.

Hettie assumiu o comando — Acho que eu deveria chamar pelo doutor Bryant, Sra. Stroud. Lady Ellerslie está fora de si.

— Sim, sim, se acha melhor. — sua mãe falou. Veio e pressionou sua palma sobre a testa de Portia — Está muito corada.

— Quero voltar para a cama. — Portia protestou, virando para seu dormitório. Elas a seguiram.

— Vou te trazer um sonífero — sua mãe anunciou, algo de seu velho eu em sua voz — Não deve sair andando na escuridão, filha. As matas são perigosas em volta de Worthington Manor. Às vezes, há ciganos, caçando sem permissão, e se caísse dentro do lago, quem a salvaria?

Sua mãe estava de volta no passado novamente — Não quero o sonífero, mãe. Sabe que detesto láudano. — Portia subiu em sua cama e se deitou, fechando seus olhos e desejando que a deixassem em paz.

— Acho que sua mãe está certa. — Hettie disse — Não podemos nos arriscar de ir para a rua.

— Nada de láudano.

— Então, é o médico, *lieben*. — Hettie anunciou, triunfantemente.

— Oh, muito bem. Não que ele vá agradecê-la por tirá-lo da cama por nada.

Mas o doutor Bryant não pareceu achar que isso não era nada. Examinou-a e fez muitíssimas perguntas. No fim, seu diagnóstico foi uma pequena febre, embora não estivesse convencido de que esse fosse o coração do seu problema.

— Estou mais preocupado com o estado da mente dela. — disse à Sra. Stroud, enquanto Portia se deitava com seus olhos fechados e fingia dormir — Ela não é mais uma moça, e não tem marido nem filhos. Às vezes, quando uma mulher não cumpre sua função adequada, pode ficar deprimida. Ela pode sofrer de histeria. Notou quaisquer explosões de raiva? Ataques de gritos? Choro?

Portia apertou seus punhos e mordeu sua língua. Histérica? Ela lhe mostraria a histérica se ele não saísse da sua casa agora. Mal esperou até ele sair da sala, antes de se sentar ereta e explodir com: — Nunca quero aquele homem em minha casa novamente!

— Mas Portia...

— Não, mãe, falo sério. Com certeza há alguém mais jovem? Mais moderno? Alguém que não acredite que mulheres são colocadas no mundo

para reproduzir como gado?

Sua mãe ficou perplexa — Mas o doutor Bryant lhe foi recomendado por sua própria Vossa Majestade.

— Não me importo! Não o quero. Não consigo acreditar que pensaria tais coisas, que dirá dizê-las em voz alta.

Hettie e sua mãe olharam uma para a outra, e ela soube que estavam pensando que o médico estava certo. Isso apenas a enfureceu mais. Mas, mesmo em meio à sua raiva, sabia que o doutor Bryant estava apenas dizendo o que a maioria dos homens e mulheres acreditava. Talvez fosse apenas o contraste entre o médico e Minnie Duval que a estava deixando tão brava.

Minnie se rebelou contra as atitudes em relação às mulheres, recusando-se a deixar-se ser empurrada em limites estreitos do que se esperava dela. Portia a admirava por isso. Invejava-a. Ouvir o doutor Bryant jorrar suas próprias crenças apenas tornou a diferença entre sua própria vida e a de Minnie mais evidente.

— Gostaria que eu nunca o tivesse conhecido. — cochichou.

— “Ele”? — Hettie repetiu.

— Gostaria que eu nunca tivesse ido ao Aphrodite’s Club. Gostaria que eu pudesse estar tranquila, sem quaisquer dúvidas, exatamente como costumava estar.

— Ficaré tranquila novamente. — Hettie lhe prometeu. — Tente dormir, milady. Venha, Sra. Stroud, deveria estar na cama. Está muito tarde... ou muito cedo. Milady tem a inauguração de uma estátua para comparecer de manhã.

— Estátua? — as vozes delas estavam se silenciando.

— A estátua de Lorde Ellerslie, lembra?

— Ninguém me falou sobre isso!

— Oh, Sra. Stroud, claro que falaram...

Portia quase adormeceu, quando foi despertada pelo toque de uma mão fria sobre sua bochecha. Esforçou-se para abrir seus olhos. Sua mãe estava olhando para baixo, para ela.

— Mãe, o que está fazendo acordada novamente?

— Silêncio! Eu lhe trouxe um copo de leite. — cochichou — Ajudará a dormir. Lembra, eu costumava lhe trazer leite morno quando era criança? E eu cantava para ti. Quer que eu cante agora?

Os olhos de Portia encheram-se de lágrimas. Fazia tanto tempo, desde que sua mãe foi seu velho eu. Alguns dias pareciam como se ela estivesse se tornando uma estranha semifamiliar. Temia o momento em que a mente de sua mãe falharia completamente com ela, porque sabia, agora, que poderia apenas ser uma questão de tempo, antes disso acontecer. E, então, quem lembraria seus primeiros passos, suas primeiras palavras? Sua vida diante dela se tornou a posse da nação?

— Beba seu leite. — sua mãe disse, pressionando o copo em suas mãos — Não o derrame, agora.

As emoções dela cegaram seus instintos naturais, e não foi, até ter bebido o leite, que notou a expressão satisfeita no rosto de sua mãe, que foi enganada.

— A senhora não...! — ofegou, afastando o copo agora vazio — Mãe, por favor, me diga que não...

— Precisa do seu sono. — pareceu magoada — A mamãe sabe o que é melhor, Portia.

— Quanto láudano colocou?

— Não muito, apenas a dose costumeira. Vai lhe ajudar a dormir, e de manhã se sentirá melhor, verá.

Portia irritou-se — Inauguraremos a estátua de Lorde Ellerslie, amanhã! Irei ao Green Park, com Victoria e Albert... todos estarão lá! Lara ficará furiosa comigo se não fizer tudo como eu deveria. Oh, mama, como pôde...?! Hettie! — gemeu.

Quando Hettie foi chamada e veio correndo para o quarto, a sensação terrível do medicamento já lhe estava envolvendo, como uma lã de ovelha. O rosto gordo de Hettie estava inclinando-se estranhamente e desfocando nos cantos. Portia tentou levantar sua mão, mas estava muito pesada.

— Preciso estar lá amanhã. Por favor, certifique-se de que eu acorde a tempo, Hettie...

— Foi para o próprio bem dela. — sua mãe estava dizendo furiosamente.

— Quanto deu a ela, Sra. Stroud?

— Apenas a dose costumeira. Não é seguro nessas matas, sabe.

— Eu sei. Milady? Milady, ficará tudo bem. Certificar-me-ei que esteja acordada e pronta a tempo. Milady?



Hettie sentou-se ao lado da cama por um longo tempo, olhando o sono de sua patroa. A Sra. Stroud não lhe deu tanto láudano quanto temia, mas, mesmo assim, ficou preocupada o suficiente para ficar e ver se tudo estava bem. Com sorte, os efeitos passariam de manhã. Poderiam enviar desculpas, citando febre, mas Portia ficaria angustiada, se chegasse a esse ponto. Ultimamente, tinha medo de dizer não para qualquer coisa que a rainha pedisse, mas dizer não, quando era uma estátua em memória de seu próprio marido...

A senhora estremeceu ante às consequências.

Era tudo culpa *daquele homem*. Molhando a roupa dela e impedindo-a de pegar o trem, causando um desentendimento entre ela e a rainha. Hettie não confiava nele e, apesar do que disse a Portia, não estava plenamente convencida de que ele se foi para sempre. Estava fadado a estar tramando alguma nova malandrice.

O jeito que olhou para Portia naquele dia, na praia...! Queria possuí-la completamente, e era o tipo que estava acostumado a conseguir o que queria. Egoísta, mimado e completamente sem escrúpulos. Poderia destruir Portia por um capricho e depois afirmar que isso não foi sua culpa. E agora estava interferindo com o sono de sua patroa, atraindo-a noite adentro, como algum

tipo de... de demônio.

A expressão de Hettie ficou severa.

A presença duradoura de Marcus Worthorne poderia exigir que tomasse medidas drásticas. Nunca pensou que agiria sem o conhecimento de Portia, mas agora estava começando a pensar que seria necessário, se quisesse salvar sua patroa de se destruir completamente.

Arnold Gillingham falou com ela, não muito depois da *soirée* dada por sua esposa. Hettie, surpreendida que o cavalheiro fosse procurá-la, ficou, a princípio, desconfiada, quando ele começou a falar sobre Portia e como deveriam fazer tudo ao alcance deles para “cuidar dela.”

— É tudo em nossos melhores interesses. — disse, seus olhos azuis e frios fixando-se nos dela — Quero que saiba que, se sentir necessidade, pode vir até mim. Gosto de Lady Ellerslie e não gostaria de vê-la em nenhuma encrenca. Nenhum de nós desejaria isso.

Hettie teve que fingir não saber do que ele estava falando, pensando consigo mesma que nunca poderia ser tão desleal. Mas lembrou disso agora, com uma sensação de alívio. Talvez Arnold estivesse certo. Talvez chegaria um tempo em que seria necessário pedir por sua ajuda. Talvez ela ficasse grata em fazê-lo.

E isso também era culpa de Marcus Worthorne.

Capítulo 16

A multidão era imensa, espalhando-se de Green Park para o Mall e o St. James's Park. Havia uma atmosfera festiva, com bandeiras e fitas, além de crianças, balançando pequenas bandeiras do Reino Unido. O povo de Londres saiu, nesse dia ensolarado de verão, para prestar seus respeitos patrióticos ao seu falecido herói, e para admirar o casal real e a “viúva”.

Marcus usava um cotovelo agressivo para forçar sua passagem entre os espectadores, até estar a não mais do que algumas fileiras atrás do palanque montado para acomodar a família real.

Mais uma vez, Martin O'Donnelly se provou valiosíssimo quando se tratava de informação a respeito do paradeiro de Lady Ellerslie.

— Ela estará lá. — afirmou — A estátua é em memória do falecido Lorde Ellerslie. Como ela poderia ficar de fora? Além do mais, a rainha a levava para todas as partes, ultimamente. Não a deixaria fora da vista dela.

Marcus não disse nada, refletindo sobre as palavras dele.

— Desculpe minha impertinência, sir, mas por que não a chama da maneira tradicional? — os olhos brilhantes de Martin estavam cheios de curiosidade.

— Porque não quero falar com ela, quero vê-la. — disse calmamente — E quero que ela me veja. Depois disso, saberei o que tenho que fazer depois... ou se haverá um *depois*.

Justamente quando pensou que nunca chegariam, a carruagem real parou, flanqueada por escudeiros. A rainha estava mais gorda do que nunca, depois de sua última gravidez, quantos pequenos príncipes e princesas havia agora? Marcus se perguntou enquanto a via se apoiar sobre o braço de seu marido. Supôs que podia ver a atração. Certamente parecia um casal feliz; uma imagem postal para a felicidade doméstica.

E então ele esqueceu tudo sobre a rainha quando houve um sentimental — Oohh — da multidão.

Portia desceu da carruagem e estava indo para o palanque. Estava elegantemente bonita, em seu vestido cinza de seda, combinando com seu gorro, sua roupa sombria, um contraste para seu cabelo brilhante. O anjo em vestes de viúva. Mas Marcus não se deixava enganar. Portia não era um anjo; era uma tentadora. Ou poderia ser, se fosse se dar a permissão de dar prazer a si mesma.

Havia muito alvoroço no palanque, enquanto a família real e os seus auxiliares se acomodavam nas cadeiras fornecidas. O criador da estátua fez um discurso, algum sujeito famoso, embora Marcus não conseguisse lembrar seu nome, e o prefeito de Londres, resplandecente em túnicas e a corrente de ouro de sua função, também falou por tempo excessivo.

— Um monte de bobagem, se me perguntar. — alguém resmungou atrás de Marcus. Várias carrancas foram enviadas na sua direção, por um grupo bem-

vestido, na frente da multidão. Um bebê começou a chorar.

Marcus estava observando Portia. Ela estava dando seu costumeiro meio-sorriso, sua máscara pública. Linda, mas, ainda assim, uma máscara. Ele se perguntou o que ela estava pensando atrás desta. O que estava sentindo? Sentia falta dele, tanto quanto sentia dela? Ele podia mudar sua decisão se ela o deixasse se aproximar o suficiente?

Se não a estivesse olhando de tão perto, poderia não ter percebido a maneira como os dedos dela tremiam, enquanto estendia sua mão para puxar uma mecha solta de cabelo debaixo de seu gorro. Seu olhar se aguçou e notou as sombras evidentes debaixo de seus olhos. E sua palidez; não havia um traço de cor em suas bochechas. Olhou para baixo, como se retraindo para si mesma.

O que aconteceu a sua amada, no período em que esteve distante? Esta não era a Portia que deixou na estação em Little Tunley. Esta não era a mulher que nadou com ele no mar e fez amor com ele, tão pública e livremente, debaixo do céu.

Discursos encerrados, a rainha se levantou, lançando um olhar severo para Portia, que, pega de surpresa, levantou-se abruptamente. Ela balançou. Horrorizado, Marcus a viu perder seu equilíbrio e começar a cair. A cabeça dela reclinou para trás, seus cílios tremularam e buscou ajuda.

Houve um fluxo de sangue em sua cabeça — Portia! — antes que percebesse, estava atropelando a multidão, lutando como um louco para alcançar o palanque.

Um dos assistentes da rainha a viu cair e a estava segurando.

— Portia!

Ao som de seu nome, sua cabeça levantou e ela se esforçou para se endireitar. Já estava buscando pelo oceano de rostos erguidos.

— Portia!

Ela o encontrou. Seu olhar se fixou no dele e ele viu os lábios dela se moverem — Não! — disse. Mas era muito tarde. Ele alcançou os cinco degraus que levavam ao palanque e não havia como voltar atrás. Subiu-os correndo. Alguém agarrou seu braço, tentando impedi-lo, mas ele o puxou furiosamente, alcançando Portia.

Ela estava lá, e ele a puxou em seus braços, olhando para baixo, em seu rosto, que estava branquíssimo. Os olhos dela estavam tão azuis quanto o mar em St. Tristan, mas tão escuros e turbulentos quanto aquele mar estivera calmo. Os outros, a família real e a multidão estranhamente silenciosa, deixaram de existir.

— Marcus, não deveria estar aqui. Eu lhe disse que estava acabado. Isso é errado. — a voz dela estava baixíssima.

— Isso não parece errado para mim. — apertou os dedos dela nos seus, levantando-os para seus lábios. Queria beijar sua boca. Pensou nisso, mas não houve tempo o suficiente para fazer mais do que pensar.

Houve um grito e depois berros furiosos. A multidão em volta do palanque

avанçou. Vários dos guardas da rainha o cercaram. Antes que percebesse, foi contido por muitíssimas mãos e estava sendo bruscamente afastado.

— Seu monstro! — a rainha gritou. Estava encarando-o como se fosse um estuprador, ou, pelo menos, um assassino, e ele percebeu, quando alguém ordenou sua prisão, que isso era exatamente o que acreditavam que fosse. Por cima da barulheira e confusão, pensou ouvir Portia dizer baixinho — Oh, não! — e depois uma voz autoritária ordenar novamente — Prendam-no!

Marcus lutou intensamente, mas foi rapidamente dominado e arrastado para trás, descendo os degraus, tendo levado um soco ou dois. A polícia o tinha capturado agora, e não importaria o quanto tentasse se explicar ou exigir que o soltassem, não o ouviriam. A multidão o cercava ameaçadoramente, balançando punhos e sombrinhas, insultando-o e gritando por sua morte.

— Tirem-no daqui, — o oficial de polícia gritou — antes que o façam em pedaços. Não temos homens o suficiente para contê-los.

Marcus foi empurrado até um dos vagões-prisão arrastados por cavalos. A porta foi fechada, encerrando-o na semiescuridão. Ainda podia ouvir as vozes do lado de fora. Houve batidas nas paredes e alguém exigiu que fosse enforcado por ter colocado a mão em “nossa Portia.”

Isso era insanidade. O público inglês imaginava que ele tivesse tentado machucar sua amada e queriam seu sangue. Nenhuma quantidade de explicações mudaria suas opiniões no momento; estavam muitíssimo furiosos.

Pelo menos, o vagão começou a se mover. Um Marcus aliviado despençou, cobrindo seu rosto com suas mãos. Sentia-se machucado e espancado, tanto em seu corpo quanto em seu espírito. Se ele já tivesse duvidado da popularidade de Portia, estava convencido dela agora. Era muito admirada. O que tornaria ainda pior para ela causar decepção.

Talvez devesse lhe obedecer e desaparecer de sua vida, para sempre. Mas, apesar do que havia acabado de acontecer, não tinha a intenção de desistir.



Portia estava tremendo. Alguém a ajudou a voltar para sua cadeira, e uma das damas de companhia de Victoria estava abanando-a sem parar. Ela quase desmaiou. Foi o láudano. Essa manhã ainda esteve se sentindo tonta e confusa, mas não tinha opção, senão esforçar-se ao máximo, para se levantar e comparecer ao palácio.

Quando várias crises internas foram superadas envolvendo as crianças da realeza e o príncipe Albert foi afastado de seus planos para a Grande Exposição do ano seguinte, Portia quis voltar para casa. Mas não podia, então, mentalmente, apertou seus dentes e se acomodou na carruagem real, enquanto partiam para o Green Park.

Lara e Arnold já estavam lá, os olhos da primeira lacrimejados e sua boca tremendo. Essa era uma grande ocasião para ela, e Portia estava aliviada de que não a tenha estragado. Arnold estava mais pragmático.

— Quem diria que o velho teria sua própria estátua. — falou arrastadamente — Ainda assim, provavelmente será esquecido em cem anos.

Portia olhou para ele — Por que diz isso?

— Minha “querida” Portia, são os patifes que a História lembra, não os heróis.

— Não há inscrição. — Lara interrompeu — Pensei que haveria uma inscrição. Uma citação, talvez, de um dos diários dele.

— “Onde estão minhas malditas botas?” Ele gostava de dizer isso. — Arnold murmurou.

Um momento depois, a cerimônia começou.

Nunca imaginou, nem em seus sonhos mais loucos, que Marcus estaria lá.

— Estou bem. — murmurou agora. Então, com uma voz mais forte, para se convencer, assim como ao grupo em volta dela — Garanto-lhes, estou bem.

— Ele tentou atacá-la! — Victoria estava furiosa.

— Não. — Portia insistiu — Não, Vossa Majestade. Eu... eu o conheço, um pouco. Ele viu que eu ia desmaiar. Não estava me atacando; estava vindo ao meu socorro.

Os olhos de Victoria apertaram-se, desconfiadamente.

— Acho que ela está certa, Vossa Majestade. — alguém arriscou — Ele pareceu muito preocupado por ver que Lady Ellerslie não estava bem.

— Qual é o nome dele? — Victoria estava olhando para Portia.

— Sir Marcus Worthington, madame. Seu irmão é o Conde de Worthington. Sua Majestade talvez o conheça. A esposa do conde é irmã de Lady Montgomery.

Victoria conhecia a relação, mas ainda estava brava pela interrupção da cerimônia de Lady Ellerslie.

Lara também estava. Estalou sua língua repetidamente, olhando sobre seu ombro, sua expressão dizendo a Portia tudo o que precisava saber sobre a opinião de sua enteada, de tornar-se o centro das atenções, neste dia tão especial.

— Estranha maneira de vir ao socorro, — a rainha disse — saltando sobre as barreiras e empurrando de lado espectadores inocentes. Ele é louco, Lady Ellerslie?

Portia mordeu seu lábio — Não, madame. Apenas um pouco precipitado.

Houve um murmúrio de divertimento. Alguém riu. A rainha não achou graça — A polícia chegará ao fundo disso. — declarou, como se esse fosse o fim do assunto — Agora, vamos continuar! Traga-me a tesoura, por gentileza, e cortarei a faixa. A menos que outro de seus conhecidos precipitados deseje se juntar a nós, no palanque, Lady Ellerslie?

Portia, sabiamente, ficou calada.

A inauguração foi rapidamente realizada, e, para não ser ofuscada por sua madrastra, Lara se inclinou sobre Arnold e gentilmente derramou uma lágrima ou duas. A estátua, que era muito realista, foi admirada e aplaudida. Alguns momentos depois, saíram sob aplausos da multidão e gritos de — Bravo, Lady Ellerslie!

Era comovente ser a heroína deles, mas não quando se tratava de Marcus,

não importa quão tolamente agiu, era o vilão.

Portia olhou para Victoria enquanto a carruagem se movia, perguntando-se se Vossa Majestade estava zangada ou apenas irritada. Bem, não havia nada que pudesse ser feito quanto a isso e, além do mais, havia questões muito mais urgentes para lidar. Assim que chegasse em casa, tinha que mandar alguém até a polícia para explicar. Conhecia alguém com autoridade para mexer os pauzinhos?

Por que ele fez isso? O que estava fazendo em Green Park? Não acreditava que ele estava lá porque tinha interesse na estátua do falecido Lorde Ellerslie. Não, veio para *vê-la*.

O tolo arrogante e precipitado!

Mas, oh, tinha que estar tão elegante? Esqueceu quão bonito era... Não, isso não era verdade. Mas ela *esqueceu* a intensidade de sua presença física, a maneira como essa se apoderava dela, até sentir vontade de lançar seus braços em volta dele e, na frente de todos, beijá-lo intensamente.

Como Lara e a rainha teriam “amado” isso!

Portia estremeceu ante o pensamento da interpretação da imprensa de tais ações: enfurecida, com razão, pela falta de autocontrole, a inegável traição de seu falecido marido heroico... A opinião pública era uma coisa inconstante e, embora no momento a amassem, podiam derrubá-la de seu pedestal em um segundo, se os desagradasse.

Marcus não podia procurá-la novamente, pensou. Precisava contatá-lo... escrever-lhe. Não, não, uma carta não era o suficiente. Tinha que lhe dizer frente a frente. Enxugou suas mãos molhadas sobre suas saias, ainda se sentindo tonta. Iria até ele e lhe falaria pessoalmente, para que não houvesse mal-entendidos. Ela o agradeceria educadamente por vir ao seu socorro, mas lhe asseguraria que estava perfeitamente bem e que sua ajuda já não era necessária.

Acreditaria nela?

Ele tinha. Teria que se certificar de que ele aceitasse sua decisão de uma vez por todas. O problema era... Portia suspirou; não tinha certeza de que ela mesma acreditava nisso. Repentinamente, uma vida, sem Marcus nela, pareceu terrivelmente triste.

Capítulo 17

A delegacia de polícia para a qual trouxeram Marcus era situada em um prédio estreito da Piccadilly. Mantiveram-no em uma sala apertada, pertencente ao oficial encarregado, que estava ocupado em outro lugar, com um policial de guarda perto da porta, no caso dele decidir fugir.

Pareciam achar que era um criminoso desesperado, e Marcus supôs que no momento parecesse um. Havia um ferimento em sua bochecha e outro perto de seu olho e vários em suas canelas, por causa dos degraus do palanque, o que significava que mancou. A manga de seu casaco estava rasgada na costura, pendendo desalinhadamente em seu braço e ele perdeu alguns botões. Além desses pequenos ferimentos físicos, estava sofrendo um pouco de dor emocional, em seu orgulho, principalmente.

De conquistador para detento desprezível, de uma só vez.

O dia não terminou nem um pouco como imaginou.

— Então, irmãozinho. — disse uma voz familiar.

Sua cabeça se levantou e seus olhos se encheram de alívio — Seb! Já estava na hora.

O policial os observava impassivelmente.

— Vim o mais rápido que pude. — Sebastian respondeu docemente, andando pela sala — Não é todos os dias que meu irmão é preso pela polícia, por provocar um tumulto em um lugar público. Muito bem, isso deve ser sua primeira vez!

— Um erro ridículo. — Marcus explodiu, incapaz de se controlar — Eu não ia machucar ninguém. Assim que a toquei, a multidão ficou furiosa. Estavam literalmente exigindo sangue. Acho que a polícia me trouxe aqui, mais para a minha própria segurança do que qualquer outra coisa.

— Claro, deve ser isso. — seu irmão, disse secamente.

Marcus sentiu sua animação momentânea dar lugar à tristeza. Examinou suas redondezas monótonas com uma careta — Vai me tirar daqui?

— Estou fazendo o meu melhor, Marcus. Seja paciente.

Um cavalheiro apareceu na porta e murmurou algo para o policial, que saiu. De meia-idade e magro em volta da cintura, parecia não ter dormido por várias horas, mas, quando seus olhos cansados encontraram os de Marcus, sua expressão foi aguçada e inteligente.

— Este é o Inspetor-chefe Jack Fellows, da Scotland Yard. — Sebastian disse — Jack, este é meu irmão, Marcus.

O inspetor-chefe Fellows lhe deu um pequeno aceno — Bem, Sir Worthorne, certamente nos causou problemas. Aquela multidão estava querendo marchar até aqui para demolir a delegacia e encontrá-lo, mas conseguimos convencê-los a não o fazer. Veja bem, tivemos que convocar cem de nossos homens para impedi-los. Isso foi quase uma rebelião.

— Se eu tivesse tido a chance de explicar...

— Não teriam ouvido. Não esqueceram do ataque a Vossa Majestade, por um lunático com a bengala. O londrino comum está começando a achar que deve haver dúzias desses monstros percorrendo as ruas, procurando por mulheres respeitáveis, para machucar. Veja bem, os jornais não estão ajudando. As massas estão prontas para uma revolta, e, hoje, lhes deu o estímulo perfeito de que precisavam, quando agarrou Lady Ellerslie. Tem sorte de que não o despedaçaram.

— Eu não a “agarrei”. Não gosto da implicação.

— Marcus, — Sebastian o advertiu — lembre-se de onde está.

— Causou transtornos e despesas consideráveis à polícia. — o inspetor-chefe continuou — E salvamos sua pele!

— Desculpe-se, Marcus. — Sebastian resmungou.

Marcus suspirou. Do que adiantava discutir? Precisava sair daqui, agora.

— Desculpe-me, Sir Fellows, por qualquer problema que eu possa ter causado, e sou grato por ser preso, para que minha pele fosse salva.

O inspetor chefe sorriu — Estou feliz por ouvir isso, Sir Worthorne. Entendo que suas intenções foram ajudar Lady Ellerslie, e uma declaração para essas intenções foi dada aos jornais. Vamos esperar que imprimam isso nas edições noturnas e o público acredite. Eu não gostaria que fosse vítima de mais violência da multidão. Enquanto isso, está livre para ir.

— Livre?

— Não está preso, senhor. Conversamos com Lady Ellerslie e ela confirma o que nos disse. Estamos libertando-o, e seu irmão se ofereceu para levá-lo para casa, em segurança.

Marcus se levantou.

— Espero que tenha aprendido sua lição. — o inspetor chefe acrescentou.

— Aprendi minha lição? — Marcus o encarou — Não fiz nada de errado.

— Marcus... — seu irmão advertiu severamente, antes de se virar com um sorriso encantador para o policial — Obrigado, Jack. Aprecio sua ajuda.

— O prazer é meu, Sir Thorne. — Fellows disse, usando o apelido sob o qual Sebastian foi conhecido, antes de retomar seu título e status no mundo. Acenou para Marcus — Fique de olho nesse aí. Um tanto encenqueiro, eu diria. Precisa de alguma coisa para mantê-lo ocupado.

Furiosamente, Marcus passou por eles e saiu pela porta, antes que fizesse algo que ele, e Fellows, se arrependessem.

Lá fora, estava escurecendo. Não sabendo quanto tempo ficaria, e não querendo atrair atenção para eles, Sebastian mandou a carruagem embora. Os dois irmãos caminhavam apressadamente, ambos ansiosos para chegar em casa, embora por razões diferentes. Marcus imaginou que Sebastian estava ansioso para ver sua esposa, mas o próprio Marcus precisava se lavar, trocar-se e partir, o mais rápido possível, para Grosvenor Square. Mesmo se Portia se recusasse a deixá-lo entrar, queria tentar vê-la.

Não sabia exatamente o que lhe diria. Estava trabalhando em algumas

ideias, mas era difícil se concentrar, com Sebastian interrompendo seus pensamentos.

— Espero que saiba quantos pauzinhos tive que mexer para tirá-lo de lá.

— Obrigado, irmão.

— Simplesmente o que lhe deu para atacar mulheres em lugares públicos, Marcus? Não é seu estilo costumeiro.

Deu-lhe um olhar enfurecido — Ela estava prestes a desmaiar. Fui ao socorro dela. Nunca a machucaria.

— Sim. Foi isso que me disse quando falei com ela, antes.

— Viu-a? — Marcus parou e olhou para seu irmão com espanto.

— O que acha que estive fazendo esse tempo todo? Sabia que, para salvar meu irmãozinho, precisava de Lady Ellerslie do meu lado. Ela estava prestes a enviar-lhe seu advogado, por falar nisso, mas a convenci de que isso poderia apenas piorar as coisas. Um martelo para matar uma formiga etc., etc. e etc. E a imprensa sensacionalista logo usaria isso, fazendo perguntas que seriam melhores não serem feitas.

Marcus concordou, mas realmente não estava ouvindo. Ela ia enviar seu advogado? Então, sua situação difícil importava para ela. O conhecimento era bálsamo para seu espírito abatido.

— Como ela está?

— Um pouco corada, mas isso foi depois que beijej sua...

Marcus se virou — O quê?!

— ... mão.

Sebastian sorriu pela expressão no rosto de Marcus, e depois riu. Riu até lágrimas escorrerem por suas bochechas. Marcus estava completamente calado, com um brilho sofredor em seus olhos.

— Desculpe-me. — seu irmão sussurrou finalmente.

— Muito engraçado. — Marcus disse friamente.

O humor de Sebastian o abandonou — Ela é demais para ti. — declarou — Fixaria meu olhar em alguém menos elevado, se fosse eu.

Foi a vez de Marcus rir, embora com tom amargurado — Não acha que eu seja bom o suficiente para ela, então, Seb?

— Pelo contrário, acho que é tão bom quanto ela, mas não a deixarão tê-la. Viu o que aconteceu quando a tocou. Ela é uma viúva sagrada, Marcus. Prefeririam que ela morresse tragicamente de tristeza do que a tivesse toda corada e feliz, com seu bebê no colo. Querem um símbolo para adorar, uma lembrança para valorizar, não uma mulher de carne e sangue real. Ela está fora do seu alcance, sim, mas não por sua causa. Por causa *dela*.

— Obrigado por seu conselho, irmão, mas prefiro cometer meus próprios erros.

— Tente uma filha de baronete. Uma vadia de estaleiro. Por que olhar para a única mulher que não pode ter? Isso é simplesmente perverso.

— Você olhou.

— Maldito seja, Marcus! Você e Lady Ellerslie estão em uma situação que

só pode terminar em tristeza. É mais jovem que eu, sempre cuidei de ti. Se acha que estou sendo desrespeitoso, então lamento, mas meu primeiro instinto é proteger meu irmão.

Finalmente, ele relaxou e sorriu — Me lembrarei disso, da próxima vez que for preso.

Sebastian xingou novamente, mas não houve tempo para dizer mais. Estavam em casa.

Francesca estava esperando na entrada — Oh, Marcus! — gritou, atirando seus braços em volta dele.

Ele lhe deu um abraço — Estou bem, Fran. A polícia foi muito acolhedora. E Seb mexeu alguns pauzinhos, aparentemente, o que ele nunca me deixará esquecer.

Francesca olhou amorosamente para seu marido, que estava tirando seu chapéu e luvas.

— Estávamos tão preocupados. Mal consegui ficar parada, e Lady Ellerslie ficava olhando para o relógio na lareira, sempre que havia uma pausa na conversa...

— Lady Ellerslie? — interrompeu-a, seu olhar fixado intensamente no dela.

— Contou a ele? — Francesca virou-se para Sebastian, surpreendida.

— Contou-me o quê? — impacientemente, Marcus olhou de um para o outro.

— Que Lady Ellerslie está esperando para vê-lo, na biblioteca? — Francesca respondeu, seus olhos arregalados com curiosidade.

Marcus olhou para a porta da biblioteca.

— Ela está disfarçada. — Francesca acrescentou, com um pequeno sorriso.

— Secretamente. No caso de alguém vê-la, Sebastian tentará minimizar, dizendo que mal se conhecem, que, por um acaso, estava na multidão quando a viu desmaiar e tudo mais. Um mal-entendido, agora felizmente esclarecido. Ele diz que será esquecido amanhã.

— Novamente sendo um ninguém. — Marcus disse calmamente.

— Marcus, sabe que nunca poderia ser isso!

— Francesca, não o encoraje. — Sebastian resmungou. Lançou ao seu irmão um olhar penetrante — Vá e fale com Lady Ellerslie, e fique fora de problemas.

Portia estava olhando para a primeira edição de *Clarissa* que descobriu nas estantes de livros e estava tentando acalmar seus nervos, mas o desejo da heroína de morrer em vez de viver envergonhada, começou a incomodá-la. Além do mais, tinha muito em que pensar.

O irmão de Marcus, o Conde de Worthorne, convenceu-a a deixar que ele cuidasse das coisas e lhe disse que estava qualificado para fazê-lo. Inspirava-lhe confiança e um sentimento de segurança; ambos os quais achou tristemente ausentes em seu irmão. E, ainda assim, eram parecidos.

— Preciso ver Marcus. — ela lhe disse, tentando manter a hesitação fora de sua voz, assumindo sua costumeira postura com dificuldade. O incidente no palanque a abalou, ainda estava tonta e trêmula.

— Acha que é uma boa ideia, milady? — os olhos negros de Sebastian eram extremamente penetrantes.

— Existem coisas que precisam ser ditas.

O conde olhou para ela por um momento, com uma expressão que foi quase de pena, depois abaixou sua cabeça, conformado — Meu irmão tem uma capacidade impressionante de atrair mulheres. Eu não desejaria que pensasse...

— *Eu não desejaria que pensasse que é a única.*

Portia conseguiu sorrir — Não se preocupe, não permitirei que meu interesse por ele me cegue para seus defeitos. Tenho mais a perder do que ele.

Sebastian parecia querer dizer-lhe mais, mas mudou de ideia — O que tem em mente?

— Não tenho certeza. — acenou sua mão vagamente — Poderia enviar uma carruagem alugada, talvez? Ou reservar um quarto secretamente, em uma hospedaria à beira-mar.

Sebastian sorriu — Uma carruagem alugada à meia-noite com o cocheiro? A milady e meu irmão são bem parecidos, quando se trata de fantasias românticas. Não, acho que seria melhor se viesse à minha casa e esperasse lá. Minha esposa, Francesca, lhe fará companhia, até eu conseguir trazer Marcus para casa.

Nervosamente, Portia concordou, mas usaria um gorro com um grosso véu preto de luto, para disfarçar sua identidade. A imprensa já sabia sobre a prisão de Marcus e, embora não estivessem sugerindo nada romântico entre eles, não queria que a possibilidade ocorresse.

Fechou o livro com um estalo. Clarissa era medrosa, decidiu. Minnie poderia tê-la ensinado uma coisa ou duas. Colocou o livro de lado, assim que ouviu a voz *dele* no corredor.

Estava para pular e escancarar a porta quando parou, controlando-se. E, então, o quê?

Jogar-se em seus braços? Declarar para o mundo que estava completamente perdida para o bom senso?

Não, não, isso nunca seria possível. Estava encerrado e ela estava lá para lhe dizer isso.

Ele não deveria saber quantas horas passou, dividida entre emoções conflitantes. Era uma mulher adulta, de postura e experiência, ainda assim, sua vida era governada pelas opiniões dos outros.

Dito assim, parecia tão fraca quanto Clarissa, mas quando considerava quem essas *pessoas* eram, Rainha Victoria e Príncipe Albert, a população de Londres, isso nunca era tão simples quanto parecia. Fez sua escolha há muito tempo, para assumir as responsabilidades que o título Lady Ellerslie lhe deu. Jogar tudo fora por um homem que tinha tão pouco para recomendá-lo, seria o

ato de uma imbecil.

Ela se fez dura, fria e prática.

Marcus podia ser lindo, podia fazer o corpo dela cantar com desejo, sempre que chegava perto dele, mas isso não era o suficiente. Isso não *deveria* ser o suficiente.

Então, por que os olhos dela estavam inundados de lágrimas?

Lá fora, no corredor, ele falou novamente, suas palavras abafadas e confusas, e então ouviu passos se aproximando. Passos *dele*. Reconheceu-os. Apesar de todas as suas decisões, sua respiração acelerou e suas pulsações começaram a bater.

A porta abriu e lá estava ele, amarrotado, uma de suas mangas rasgadas, seu cabelo bagunçado, um ferimento em sua bochecha e seus olhos vermelhos.

— Lady Ellerslie. — sua voz estava cheia de paixão suprimida.

Uma mulher inferior poderia ter desmaiado.

Mas Portia era forte e determinada — Sir Worthorne, — disse, começando seu discurso ensaiado — vim aqui lhe agradecer por...

— Poderia ter enviado uma carta. — estava olhando-a como se quisesse jogá-la sobre o carpete, na frente do fogo, e amá-la intensamente.

Ela recompôs suas defesas, sabendo que estava corada, esquecendo-se de que ele não podia ver seu rosto através do véu.

— Queria vê-lo... e dizer “obrigada”, pessoalmente. Foi muito gentil e todos pensaram o pior. — pigarreou quando ele não respondeu — Era o mínimo que poderia fazer.

Ele ainda não respondeu, e ela estava achando cada vez mais difícil olhá-lo nos olhos, novamente ignorando que ele não pudesse ver através de seu véu.

— Por favor, não vai se sentar? Está machucado? Parece estar. Marcus, por favor...

Ele se atirou repentinamente em uma poltrona — Não há nada para se preocupar. Estou um pouco arranhado, só isso. Há quanto tempo está aqui?

— Uma hora ou duas. Lady Worthorne foi muito gentil.

— Devia estar muito ansiosa para me ver, para esperar por tanto tempo. Me pergunto por quê? — pareceu bravo.

— Marcus, — ela disse, apertando suas mãos — acho que sei por quê. Eu queria persuadi-lo... convencê-lo de que qualquer coisa que houve entre nós está realmente encerrada. O que aconteceu hoje nunca deve acontecer novamente.

— Bem, lamento se lhe fui inconveniente, milady, indo ao seu socorro.

— Sabe o que quero dizer. Por que está tornando isso tão difícil?

— Por que eu deveria lhe tornar fácil me dizer para não lhe ver novamente? Encontrou alguém para me substituir? É por isso que está tão determinada a se livrar de mim? Um charmoso Coldstream Guard, que pode atendê-la sempre que desejar e nunca tocar seu coração, ou um mentor da família real, sob instruções rígidas de manter Lady Ellerslie feliz e longe de tipos libertinos

como eu?

Ela se encolheu.

Balançou a cabeça e passou sua mão sobre seu rosto — Perdoe-me. Sinto muito. Estou com um péssimo humor. Talvez eu fosse ser dócil, se pudesse ver seu rosto, debaixo desse maldito véu.

Portia levantou seu véu e o fixou na frente de seu gorro, sem pressa, tentando recuperar sua sensação de calma. As palavras dele doeram, mas estava chateado e ela pensou que poderia perdoá-lo por sua amargura, sua língua afiada.

— Tenho que usar o véu. — explicou calmamente — Não podia deixar ninguém me ver entrar em sua casa.

— Claro que não. Quão terrível seria se a multidão pensasse que se importa com um homem que está *vivo*.

Marcus estava inquieto em sua poltrona. Sabia que estava sendo difícil e rude, mas não conseguia evitar. Vê-la aqui, escondendo seu rosto, preparando-se para dizer-lhe novamente que não deveria vê-la, levou seu ânimo já muito exaltado ao limite.

Com os olhos apertados, ele a observou invocando sua máscara pública educada. Deus a amaldiçoe, por que não brigava com ele? Queria ver sua paixão e seu temperamento; queria ver se ela se importava.

— Sua cunhada me disse que esteve longe. Soube da recente tentativa de assassinato à rainha? — perguntou calmamente.

— Sim, tenho acompanhado as notícias. Até mesmo Norfolk tem um pouco de contato com o resto do mundo.

Podia ver que ela não estava escutando; compreensivelmente, estava focada em seus próprios problemas. Mas *queria* que ela escutasse. Queria lhe contar sobre as coisas que fez, os pensamentos que teve, e seus planos e visões para o futuro. Porque ele agora tinha um futuro, algo que nunca imaginou, na primeira vez que ficaram juntos, e queria que ela ouvisse sobre isso. Desde que olhou da ponte para Duval Hall, sua casa, tinha essa vontade irresistível de compartilhar tudo com ela.

E agora ela não estava nem escutando.

— Estive visitando minha propriedade, em Norfolk. — disse mesmo assim — Se chama Duval Hall.

— Oh? — agora, ela estava olhando para suas mãos.

— Tenho esperança de criar algo com isso. Com o tempo. A entrada precisa de reparos, há uma enorme janela de vidro que foi quebrada... parcialmente quebrada, pelo menos. Providenciei para que fosse consertada. E os terrenos agrícolas precisam ser drenados e recuperados. Trabalho duro, poderia dizer, para um cavalheiro acomodado, mas estou disposto a tentar.

E ele riu, porque estava constrangido e esperançoso e desejando a aprovação dela.

Ela não respondeu. Novamente pôde ver que ela não estava ouvindo. Sua vida não era nada para ela. Convivia com os mais importantes no país e ele

era apenas um filho mais jovem, com poucas perspectivas. Poderia ser um bom amante, *era* um bom amante, mas não havia mais nada que pudesse lhe oferecer, nada mais que ela quisesse dele.

A percepção o humilhava. Um homem inferior teria saído correndo do quarto ou caído no choro. Marcus não fez nada disso. Em vez disso, começou a tramar e planejar como poderia usar a única coisa que ela precisava dele para conquistá-la.

O desejo dela por sua especialidade como amante já a atraindo de volta para ele várias vezes, quando tentou encerrar isso. Se não podia conquistá-la com suas perspectivas, então a amarraria com seu corpo.

Com um sorriso autodepreciativo, deixou sua poltrona e se colocou de joelhos diante dela. Ela pulou. Não esperava que ele fizesse isso. Pegou as mãos dela e as apertou firmemente nas dele, impedindo-a de levantar-se. Ela ficou rígida. Ele entendeu então exatamente quão nervosa estava em sua presença e quão habilmente escondia isso. Debaixo da máscara, estava repleta de sentimentos.

Bom.

— Marcus, não posso...

— Quase fui morto por sua causa, hoje. — disse e olhou para seu rosto pálido — Coloquei minha vida em risco pela sua. Algumas mulheres poderiam achar isso heroico, Portia, para não dizer erótico.

— Eu... eu lamento pelo que lhe aconteceu. — falou em uma voz baixa, olhando nos olhos dele, com tanta franqueza e seriedade, que ele quis derrubá-la no sofá. Resistiu, por enquanto.

— Lamenta?

— Não tinham o direito de prendê-lo. Tentei dizer-lhes, mas não consegui ser ouvida. Acho que não teriam me ouvido, de qualquer maneira. Estavam determinados em considerá-lo um assassino.

— Acho que tive sorte de que os escudeiros não me perfuraram com suas espadas.

Ela estremeceu e sua calma pareceu abandoná-la. Retirou uma de suas mãos de seu aperto e a estendeu, como se para alisar para trás uma mecha do cabelo preto dele, antes de mudar de ideia e fechar seus dedos. Queria tocá-lo, mas estava se negando o prazer. Bem, ele cuidaria disso.

— Por que estava em Green Park? — perguntou imediatamente — Não entendo como chegou lá.

— Queria lhe ver. Está bem? Não consigo dizer como me senti quando lhe vi desmaiar. — apoiou sua mão sobre o joelho dela.

A respiração dela ficou ofegante — Eu... eu fiquei um pouco desmaiada, mas estou muito melhor agora. Minha... Tomei um pouco de láudano, para me ajudar a dormir, e os efeitos duraram mais do que esperava. — balançou sua cabeça impacientemente, como se desejasse que nunca tivesse mencionado isso.

— Por que não conseguia dormir? — murmurou. Independentemente se

intencionalmente ou não, ela se aproximou, e ele se inclinou para frente e pressionou seus lábios na bochecha dela, e depois no canto de sua boca. Ela estava tremendo. A boca dele pairou sobre a dela, provocando, desejando-a — Posso ajudá-la a dormir. — cochichou e, ousadamente, sua mão deslizou debaixo da saia dela.

A princípio, seu olhar se fixou no dele, ela não parecia saber o que ele estava fazendo — Isso... isso foi um acidente. — disse — Minha mãe me deu o láudano. Normalmente não o tomo.

Ofeçou e enrijeceu. A mão dele estava gentilmente esfregando a lateral de seu joelho, por baixo da meia-calça, e ela parecia ter acabado de perceber isso. Seus olhos arregalaram. Ele a beijou, antes que pudesse pensar em protestar, e continuou beijando. Ela deu um suspiro quando ele a pressionou de volta em sua cadeira. Sua mão estava apoiada sobre a pele quente e macia de sua coxa agora, e ele a sentiu tremer, querendo que a tocasse e, ao mesmo tempo, temendo perder o controle.

Pobre Portia. Devia ser difícil para ela nas circunstâncias atuais, pensou, querer terminar com ele para sempre e, ainda assim, viciada em seu toque. Sorriu, acariciando sua bochecha, sua garganta, antes de voltar para sua boca.

Seus dedos encontraram o que estava procurando. Estava molhada e quente, e ela gemia baixinho. Usou seu dedão no ansioso botãozinho, deslizando seus dedos para dentro dela. Ela derreteu em volta dele.

— Senti sua falta. — ele disse.

— Eu... eu senti sua falta. — conseguiu dizer. Havia um rubor rosado em suas bochechas agora e estava mordendo seu lábio, para impedir-se de fazer os tipos de sons que geralmente fazia, no caso de alguém ouvi-la — Alguém virá, Marcus.

— Ninguém virá. Quer que eu pare?

Começou a retirar seus dedos.

— Oh, por favor, não...

Estava beijando-o desesperadamente. Ele voltou às suas carícias, usando todo o seu talento, inclinando-se longe dela, para que pudesse ver seu rosto. A máscara caiu agora, completamente.

— Não se preocupe — cochichou no ouvido dela — não pararei. Não até... — uma última carícia intensa e ela chegou ao auge. Seu corpo se contraiu, com espasmos, e então ela ficou mole, seus seios subindo e descendo sob o corpete firmemente abotoado.

Sentou-se sobre seus pés para olhá-la, ignorando a dor na virilha e o efeito óbvio que ela estava causando em sua anatomia. Parecia adorável, corada e saciada, os olhos semicerrados, sonolentos e atordoados. Ela suspirou e sua boca se curvou em um sorriso.

— Vamos dizer adeus adequadamente. — ele disse calmamente — No Aphrodite's Club. Uma última vez. — aproveitou-se da fraqueza dela. Manipulou-a perfeitamente. Não conseguiu resistir-lhe.

— Temos que dizer adeus, Marcus.

Ele riu — Não está falando sério? Portia...

— Estou falando sério.

A expressão ruborizada e sonolenta estava sendo rapidamente substituída por uma que ele conhecia muito bem.

— Sei que me quer. Eu a quero.

— Não negaria isso. Não consigo. — desviou seu olhar.

— Mas não podemos continuar a nos encontrar, Marcus.

— Não estou sugerindo que nos encontremos. Voltarei para Norfolk, milady, e nunca mais me verá.

— Ah! — teve a atenção dela agora.

— Está partindo? — dúvidas surgiram nos olhos dela — Mas... Não acredito.

— Quer que eu prometa? — zombou — Bem, prometerei. Minha vida é em Norfolk agora, e é lá onde ficarei. Se visitar Londres, duvido que frequentarei os mesmos lugares que frequenta, Portia.

— Realmente está partindo para sempre?

— Sim. — as mentiras despencavam facilmente de seus lábios; lembrou-se de que eram por uma boa causa — Então, vê, esse realmente será nosso último adeus, e depois nos separaremos, para sempre. Isso é o que quer, não é, Portia? Nunca mais me ver?

— Sim. — olhou-o por mais um momento, e ele pôde ver a dúvida cruel e o desejo em seu rosto, lutando entre si. Então, ela falou rapidamente, como se com medo de mudar de ideia — Muito bem, Marcus. Uma última vez. Um último adeus.

Ele escondeu seu sorriso de triunfo e se inclinou para beijar os dedos dela.

— Um último adeus, Portia. Vamos tornar isso algo para lembrar, hum...?

Ela recolocou seu véu preto sobre seu rosto e se levantou — Estou ansiosa por isso. — disse, como se combinando para tomar chá com biscoitos. Ele quis agarrá-la pelos ombros e sacudi-la, até gritar e esbofeteá-lo, como fez daquela vez, no Campaign Room, mas, em vez disso, ele se curvou gentilmente e a olhou partir.

Ainda haveria tempo para fazê-la ver a razão, e ele não pretendia desistir.

Capítulo 18

Hettie permaneceu hesitante na Curzon Street, olhando para cima, para a residência Gillingham. Estavam em casa. Viu-os voltar de algum passeio ou outro e entrarem. Talvez estivessem se preparando para dormir? Não deveria interrompê-los. Voltaria de manhã.

Mas Hettie sabia que tinha que fazer alguma coisa para salvar sua amada patroa de si mesma. Ela estava no Aphrodite's Club agora mesmo, perdendo sua alma e tudo mais para aquele homem ímpio. E Arnold lhe disse para ir até ele, se precisasse de ajuda.

Realmente achou que poderia tirar Portia de sua confusão, mas as coisas se complicaram, além da sua capacidade de resolvê-las. Estava arrependida de ter concordado em ser a cúmplice de sua patroa. Ativamente, a encorajou ao arranjar aquela primeira visita ao clube. Desde então, Portia caiu cada vez mais sob o feitiço de Marcus Worthington, e não importa quantas vezes dissesse que estava acabado entre eles — Desta vez, realmente está, prometo! — ficava voltando para ele.

Hettie sentia-se terrivelmente culpada. Estava, de certa forma, traindo sua patroa, mas o que mais poderia fazer? Importava-se profundamente com Portia e estava desesperadamente preocupada com ela. Se Portia fosse descoberta, seria arruinada, sua vida despedaçada. Hettie não podia permitir isso. Para tudo isso terminar em escândalo e humilhação. Não, isso nunca seria possível.

E uma vizinha cochichou em seu ouvido, o que lhe acontecerá, Fraulein Hettie?

Isso era verdade, ela não estava ficando nem um pouco mais jovem. Logo chegaria a hora de abrir espaço para alguém mais ágil, alguém mais atualizado com o mundo em constante mudança, em que Portia vivia. Hettie sabia que também tinha que pensar em si mesma e em sua própria aposentadoria. Não se permitiria considerar isso como uma traição; era uma solução prática.

A criada dos Gillingham lhe deu um olhar de desprezo, mas reconheceu Hettie e não ousou mandá-la embora. Depois de deixá-la esperando um momento na cozinha, ela voltou. — A Sra. Gillingham lhe verá.

— Mas queria falar com o *senhor* Gillingham. — Hettie protestou.

— Não posso ajudar com isso. Ele está fora e a Sra. Gillingham diz que *ela* lhe verá. Bem, decida-se. Está tarde e quero ir para a cama.

Hettie percebeu que não tinha escolha.

Lara Gillingham estava vestida em um vestido estampado de amarelo e verde, com decote profundo e mangas com acabamento em renda. Joias brilhavam em seu pescoço e seu cabelo estava cheio de pérolas. Hettie notou que seus olhos estavam especialmente brilhantes. Vinho demais, pensou com desprezo, mas manteve seu comportamento respeitoso, enquanto lhe fazia

uma reverência.

— Veio por causa de Lady Ellerslie, Hettie? Por que ela mesma não veio? Está bem, não está? O incidente em Green Park foi há uma semana. Pensei que estivesse recuperada de todos os aborrecimentos.

— Sim, madame, está recuperada. Não é isso.

— Então, o que é, Hettie?

Hettie mordeu seu lábio e pareceu constrangida. Isso era uma encenação, é claro, mas decidiu uma certa maneira de interpretar sua parte para Arnold, e agora teria que convencer Lara.

— Estou preocupada com Lady Ellerslie, madame. Não sei o que fazer, e achei que poderia ajudar.

A atenção de Lara estava conquistada e ela se inclinou para frente — O que foi?

— Milady é muito amada por seu povo, madame. Seria uma coisa chocante se estivesse fazendo qualquer coisa que pudesse colocar o amor deles por ela em risco.

— Por que iria? O que, diabos, poderia levá-la a arriscar sua posição? Hettie, me conte imediatamente!

Hettie assumiu uma postura pensativa — Ela está solitária, penso, e isso pode tornar qualquer mulher vulnerável à manipulação de um homem esperto...

— Portia tem um homem! — Lara gritou, depois colocou a mão sobre sua boca.

Hettie estava começando a ter sérias dúvidas sobre vir aqui esta noite, mas já era muito tarde. Precisava fazer o melhor com isso e rezar para que fizesse algum bem à sua patroa. Portia não podia estar em nenhum aperto pior do que estava neste exato momento.

— Estou muito preocupada de que ela tenha caído no feitiço desse homem. — disse, seguindo seu roteiro — Se ele a fizer esquecer sua posição, e sua família e seus amigos não fizerem nada para salvá-la, então, não será apenas a reputação dela que sofrerá. Será, Sra. Gillingham?

Lara olhou para ela — Então, devemos impedi-la. Imediatamente. Antes que esse aperto se espalhe para todos nós.

— Sim. — Hettie tentou não soltar um suspiro de alívio.

— E ninguém deve saber. Meu Deus, imagine se *a rainha* descobrisse...

Hettie não achou necessário responder a isso. Lara Gillingham finalmente entendeu a completa gravidade da situação.

— Onde está Portia agora? — perguntou, olhos aguçados e apertados.

— Ela foi encontrá-lo, madame. Mas voltará para casa em pouco tempo. Nunca fica fora a noite inteira, exceto... — interrompeu-se, mordendo o lábio. Melhor não mencionar St. Tristan, isso apenas complicaria as coisas.

Felizmente, Lara não pareceu notar — Obrigada, Hettie, agiu corretamente vindo a mim, e não esquecerei isso. Como meu pai, recompenso lealdade. E não diga nada para mais ninguém, especialmente não para Lady

Ellerslie. Cuidarei da questão, de agora em diante.

— Muito bem, madame. Não contará a ela? Que fui eu que... que...

Lara ergueu uma sobancelha — Serei tão discreta quanto o necessário, Hettie.

Isso era um sim ou um não? Hettie não teve coragem de perguntar uma segunda vez. Esperava que Lara contasse a Arnold e ele assumisse “a questão”. Arnold prometeu discrição. Foi isso que a levou a tomar essa ação.

Enquanto Hettie saía da sala, dizia a si mesma estar aliviada de que isso estivesse fora de suas mãos. Mas não estava. A culpa já a estava atormentando, fazendo-a sentir-se estranha e desconfortável. Não percebeu que Lara se alegraria tanto às custas de Portia, e se Portia descobrisse quem contou... sua patroa nunca a perdoaria.

Hettie era sua criada pessoal, desde que ela se casou com Lorde Ellerslie. A rainha teve influência em lhe conseguir a posição. Hettie era de Saxe-Coburg, de onde as próprias famílias de Victoria e Albert se originavam. Mas isso foi há muito tempo. Ela se considerava inglesa agora, e Portia era sua família. E agora traiu Portia, mesmo que fosse para seu próprio bem.

Não sabia se conseguiria viver com isso.



Portia estava deitada nos braços de Marcus. A paixão, a atração irresistível entre eles, ainda estava lá, e não havia como negar isso. Se os sentimentos desaparecessem, mesmo que um pouco, poderia acreditar que o relacionamento deles estava sofrendo uma morte natural. Mas não estava. Assim que ele a beijou, soube que as coisas estavam tão intensas como sempre.

Deveria estar desapontada, mas estava feliz. Feliz! Embora a paixão dela por ele fosse tornar sua vida miserável quando partisse.

Marcus acariciou sua bochecha — Está muito pensativa, milady.

Ela virou a cabeça para poder olhar em seus olhos. Ele a estava olhando debaixo de pálpebras semicerradas, como se tivesse um segredo — Isso é uma coisa ruim?

— Às vezes, não é sábio pensar demais. Aja conforme seus instintos; esse é meu conselho.

— É o que faz? — Moveu-se para vê-lo melhor, mas não conseguiu ler seu rosto.

— Claro. — sorriu, depois se inclinou para beijá-la na área sensível, ao lado de sua orelha, e ela levantou seu ombro para tentar proteger-se de sua provocação.

— Pensei que Deus tivesse dado aos homens e às mulheres a habilidade de pensar e raciocinar, para colocá-los acima dos animais. Não é isso que somos ensinados na escola dominical?

Ele arregalou seus olhos — Está me chamando de animal, Portia?

Ela riu, não conseguiu se controlar. Ele parecia ter a incrível habilidade de fazê-la rir quando menos esperava.

— Se sou uma besta, então porque me transformou em uma.

Ela ofegou quando ele se jogou em cima dela, dominando-a com sua força. Força gentil. Como se fosse seu desejo mostrar-lhe quão mais forte era e, ao mesmo tempo, ensinar-lhe que nunca usaria sua força superior para machucá-la.

— Peça-me. — murmurou, acariciando sua testa, seu cabelo.

— Perguntar o quê? — ela disse, ofegante, como se não conseguisse senti-lo duro contra sua coxa.

Ele a beijou, extraindo sua alma — Peça-me. — disse novamente.

— Não. — seus cílios vibraram.

— Portia... — ele sussurrou, sua boca quente contra os seios dela, seu corpo pesado e desejável sobre ela.

— Marcus... — ela começou, depois parou. Do que adianta lutar contra isso? Esta era a última vez deles juntos, e ela o queria, precisava dele. Podia muito bem o amar.

— Marcus? — ele a incentivou.

— Por favor, por favor, faça amor comigo.

Com um rugido, ele obedeceu.

Depois, ela o sentiu observando-a intencionalmente das sombras da cama, enquanto começava a se vestir. Virou-se para sorrir-lhe, enquanto vestia suas anáguas, amarrando os laços em volta de sua cintura. Sentia-se cansada, exausta, tanto emocional quanto fisicamente, e não queria pensar no amanhã, ou no dia seguinte, quando ele partiria. Partiria para sempre.

— Case-se comigo. — ele disse.

Ela congelou, não tendo certeza se o ouviu direito. Isso era tão ridículo, tão absurdo e inesperado. Estavam dizendo adeus. Ele não poderia pedi-la para...

— Case comigo, Portia.

Ela tentou amarrar os laços, mas seus dedos estavam tremendo tanto, que desistiu e pegou seu vestido escarlate — Sabe que não é possível. — disse, sua garganta apertada, sua voz rouca.

— Por que não? — exigiu arrogantemente — Preciso de uma esposa. Está na hora de me casar e ter um herdeiro.

Portia lhe disparou um olhar — Oh, *precisa* de uma esposa, não é?

— Claro, não seria o mesmo que é agora. Conseguiremos dormir na mesma cama, sem ter que levantar e seguirmos nossos caminhos, separados. Isso seria uma novidade.

— Marcus, fizemos um acordo. Sabia desde o começo que seria impossível ter mais que isso. Não podemos repentinamente mudar as coisas, apenas porque decidiu que precisa de uma esposa.

— Eu lhe contei sobre Duval Hall. — continuou, parecendo mais arrogante a cada momento — Eu o possuo. Podemos morar lá. É em Norfolk, é claro, mas é surpreendente quanto apegado já estou a ele. Pelo menos, conseguiria viver sua própria vida, sem ter que pedir à rainha, toda vez que quisesse mudar seu gorro. Maldição, poderia até ficar sem chapéu se lhe desse vontade.

— Não, em vez disso, eu estaria lhe pedindo.
— Está dizendo que sou um tirano?
— Apenas egoísta e mandão. Não faz ideia, não é? Não se coloca no meu lugar porque não pode. De repente, tem uma casa, decide que precisa de uma esposa e nada mais lhe importa. Acha que pode recriar o mundo do jeito que quiser. Bem, não pode, Marcus. Tínhamos um acordo e agora está acabado. Esta foi a última vez, lembra? Prometeu-me. E, desta vez, exijo que cumpra sua palavra.

Ele ficou de pé, agarrando suas roupas.

Portia colocou seu vestido, deslizando-o sobre o peito e enfiando os braços nas mangas apertadas. Quando ela terminou com suas presilhas, ele estava endireitando seu paletó e alisando suas mangas. Ele passou uma mão por seu cabelo. Apesar de sua irritação com ele, não resistiu olhar. Que mulher não iria querer acordar toda a manhã com Marcus Worthorne? Sentar-se para o café da manhã com ele e saber que estaria lá novamente, amanhã? E como ele ousava lhe fazer tal oferta, daquela maneira improvisada, quando sabia que era impossível para ela aceitá-la?

— Sabe que minha vida não me pertence. — disse calmamente — Pelo menos uma vez, tente entender.

Marcus se agachou para pegar o véu dela do chão, passando-o por seus dedos — Entendo, Portia. Está com medo de sua própria vida, porque então poderia realmente começar a pensar sobre o que lhe faz feliz, em vez de agradar todo mundo.

— Quer dizer como você? — sentou-se para colocar suas meias-calças.

— Bem, me agradar seria uma grande parte disso, mas acho que encontraria um pouco de satisfação no plano.

— É impossível, Marcus!

Portia moveu-se para encontrar seus sapatos, mas ele foi muito rápido, ajoelhando-se para colocá-los nos seus pés, muito cuidadosamente, como se eles ou ela fossem feitos de vidro. Sua amabilidade foi tão inesperada que isso a surpreendeu. Queria berrar e enfurecer-se com ele, mas, quando ele olhou para cima, para ela, com seu sorriso típico, não conseguiu. Ele estava fazendo isso de propósito, claro, para desconcertá-la ainda mais do que já havia.

Ou para fazê-la chorar.

— Eu seria uma dama de companhia, o que acha? Empregar-me-ia? Poderia me manter em seu *boudoir*, para sempre que precisasse de mim.

— É muito perigoso para uma dama de companhia. — retrucou, aplicando força em sua voz — Isso é perigoso para a paz de espírito da lady.

Entregou-lhe o véu.

Portia o colocou sobre sua cabeça — Pronto! — disse alegremente.

— Ninguém me reconhecerá agora.

— Não iria querer que ninguém soubesse que esteve passando seu tempo com um ninguém.

Ficou chocada pela amargura tranquila dele. Poderia ter magoado seus

sentimentos, rejeitando-o? Ele se importava tanto assim? Mas não, isso não era possível. Isso era um capricho dele, não deveria ser levado a sério, e devia saber que ela diria não. Além do mais, Marcus tinha confiança demais em si mesmo, para ser magoado por qualquer coisa que ela dissesse.

Deve ter lido os pensamentos dela — Não estou acostumado com mulheres se constrangendo por serem vistas comigo. A maioria delas gosta muito disso. Aposto que se eu pedisse a qualquer uma das protegidas do Aphrodite's para se casarem comigo, ela diria sim.

— Então peça a elas. Disse que precisa de uma esposa. Peça a uma delas.

Isso soou como um desafio.

— Talvez eu peça. — disse lentamente, olhando-a como se pudesse perfurar seu véu — Me certificarei de que ela não seja famosa, porém, com uma família de sanguessugas devorando-a e toda a Inglaterra lhe dizendo que a ama, mesmo que nem a conheçam. Em resumo, quero uma ninguém como eu mesmo.

— Parece achar que não entendo o que é passar despercebida, — disse calmamente — mas eu fui uma ninguém também, uma vez.

Marcus olhou-a por um momento em silêncio e, por um momento chocante, ela pensou que ele pudesse lembrar-se dela, dos dias em Worthorne Manor. Mas claro que não lembrou. A filha do pastor foi esquecida há muito tempo, substituída por centenas de outras mulheres mais submissas.

— Gostaria que eu a tivesse conhecido quando era uma ninguém. — ele disse — Acho que teria gostado mais.

Fúria esquentou suas bochechas. Como ele ousava...! Isso foi imperdoável. Cerrou os punhos. Ele não se interessou por ela quando era a filha do pastor, gaguejando para dizer uma frase, sempre que conversavam, escondendo-se na torre da igreja, para observá-lo paquerar outra pessoa. Foi a misteriosa e famosa Lady Ellerslie que chamou a atenção dele; sua própria impossibilidade o fez querê-la.

Sua raiva tornou tão mais fácil para ela deixá-lo.

— Fico feliz que tivemos essa conversa. Não percebi, até agora, quão superficial e vaidoso era. — declarou com um silêncio pétreo, levantando-se.

— Não se importa o quanto me arrisquei vindo aqui, esta noite, não é? Isso não significa nada, porque a única coisa com que se importa é consigo mesmo.

— Claro! É por isso que fui preso, por pensar em mim mesmo.

Sua zombaria foi insuportável. Por que mencionou isso? Queria detestá-lo e ele estava distorcendo suas palavras.

— Alguns de nós temos coisas mais importantes para fazer do que satisfazer nossos próprios desejos. Mas não entende isso, Marcus. Se quiser alguma coisa, então a toma.

Não lhe respondeu.

— Quero-te, Portia. Esse é o problema. Quero-te, e não pode ver quão feliz posso fazê-la. Preferiria permanecer infeliz.

— Arrogante, insuportável...

— Sim, tudo e mais. Mas posso mudar, mudei. Me dê uma chance de lhe mostrar quão feliz posso fazê-la.

Olhou para ele por mais um momento e, então, com um grito exasperado de desgosto, escancarou a porta e partiu.



Marcus se encostou no batente e a olhou atravessar o salão, como um redemoinho de escarlate. Ele a angustiou; sacudiu as fundações de seu mundinho estreito.

Bem, bom.

Queria ir atrás dela e lhe mostrar como era uma verdadeira discussão. Queria arrancar o véu dela na frente de todos e dizer: *Aqui está ela, e é minha!* Mas não o fez, não conseguia.

Ele a pediu em casamento e, de alguma forma, isso deu errado. Não planejou isso, mas, vendo-a, tocando-a, estando com ela, não quis que o momento terminasse. As palavras simplesmente saíram, e, assim que estiveram no ar entre eles, soube que foi um erro e quis tomá-las de volta. Fez tudo errado, deixou sua frustração dominar seu bom senso. Para um homem que se orgulhava de sua habilidade como amante, realmente arruinou sua proposta de casamento.

Podia ver por que estava brava e angustiada, mas tinha o direito de se sentir assim também. Marcus Worthorne, o homem sem rumo em sua vida, sem nenhuma profissão, transformou-se por ela. Tudo o que fazia agora, fazia pensando em Portia e no que isso significaria para ela. Para eles. Estava trabalhando por eles o tempo todo.

Pensava que mulheres fossem intuitivas. Então, por que, perguntou-se furiosamente, ela não conseguia entender isso?

Capítulo 19

Portia, cansada e deprimida, entrou no que pensou que fosse o santuário de sua casa, em Grosvenor Square, e descobriu que tinha entrado no meio de uma tempestade. O rosto de Deed, a primeira coisa que viu, e que usava para monitorar o nível de encrenca formando-se nas profundezas de sua casa, estava contraindo-se nervosamente.

— O que foi, Deed?

Deu-lhe um olhar suplicante — A Sra. Gillingham está aqui, milady.

— Lara? A essa hora da noite? Isso está se tornando um hábito. O que ela quer agora?

— E o *senhor* Gillingham.

— Bom Deus. — soou fraca — Os dois?

— Sim, milady. Queriam que eu lhe transmitisse a urgência de seu desejo em vê-la, assim que voltasse.

— *Urgência?* — Portia olhou para baixo, para si mesma. Estava coberta decentemente pela sua capa, mas, por baixo, podia estar nua, porque usava a sedutora seda escarlate. Não suspeitou, nem por um momento, que essa visita tivesse alguma coisa a ver com seu paradeiro, esta noite, provavelmente queriam lhe pedir outro favor, mas ela também não os queria fazendo perguntas constrangedoras.

— Então, diga-lhes que descerei logo, Deed. — disse sobre seu ombro, indo para as escadas — Dê-lhes bebidas. Lara gosta particularmente dos biscoitos de *macaroon*. Isso deve mantê-los ocupados.

As palavras mal saíram da boca dela, quando, assustadoramente, ouviu o estalo da porta de visitas de estar abrindo.

— Ah, Portia, aí está. — era Arnold, soando tão tranquilo e imperturbável quanto sempre — Venha aqui. Gostaríamos de lhe falar sobre algo bastante importante.

Portia virou-se e forçou um sorriso — Arnold! Que bela surpresa. Deed mencionou que estava aqui. Se me der licença, apenas por um momento, preciso me trocar.

— Mas, Portia, gostaríamos de lhe falar agora!

Ainda educado, ainda tranquilo, mas, desta vez, Arnold teve uma frieza em sua voz, que a fez lembrar-se de uma manhã gelada.

— *Agora!* — repetiu quando ela hesitou. Segurou a porta aberta e abriu espaço, esperando-a.

Esta era a casa dela. Sabia que poderia se recusar. Mas recusar-se criaria seu próprio conjunto de problemas. Portia decidiu que seria melhor obedecer. Manteria sua capa e acabaria com isso quanto antes, então, alegando cansaço, iria para a cama.

— Muito bem. — murmurou através de lábios endurecidos, e passou por

ele, entrando na sala de visitas.

Lara estava sentada no sofá cor de palha, suas costas muito eretas. Havia um olhar estranho nos olhos dela — Portia, — disse em uma voz severa — como pôde?!

Portia entendeu então que isso era pior do que imaginou. O olhar de Lara era de indignação, e isso significava que sabiam onde esteve e talvez até com quem.

Em um momento de pânico, virou-se para a porta, mas era muito tarde. Arnold a fechou e estava na frente dela, seu lindo rosto sem uma centelha de compaixão ou compreensão.

— O que está fazendo? — perguntou-lhe, queixo erguido, olhos flamejando.

— Esta é minha casa e não tem o direito...

— Esta é a casa do meu pai. — Lara a corrigiu, furiosamente — E temos todo o direito. Estamos aqui para trazê-la de volta ao bom senso, *madrasta*.

— Meu bom senso? Não sei o que querem dizer? — mas ela sabia, e, por trás do fingimento de raiva em seu coração, estava com medo.

— Arruinará a todos nós. — Lara se levantou. Este era seu momento de vingança por todos os erros percebidos, que Portia cometeu com ela, e estava saboreando muito!

— Não arruinei ninguém. Do que está falando?

— Acho que sabe. — Lara disse, e seu rosto pareceu inchar com arrogância — Caiu em desgraça, Portia.

— Andou bebendo?

Lara correu para ela. Antes que Portia pudesse reagir, puxou para o lado sua capa. Lara estremeceu dramaticamente pelo brilho da seda escarlate — Um vestido escarlate para uma mulher escarlate. — entoou, sua voz tremendo com repugnância e empolgação.

— Não me toque.

— Oh, eu a tocarei! — Lara gritou, arrancando sua capa — Eu com certeza a tocarei. — disse, puxando as amarras que a prendiam em volta dos ombros de Portia — Tire, tire e mostre a todos nós que tipo de mulher é. Nunca deveria ter se casado com meu pai. Não merecia um homem assim.

Depois de um breve esforço, a capa caiu no chão.

Ela podia estar nua, Portia pensou, mas permaneceu corajosa, seu queixo erguido, como se as opiniões deles não significassem nada para ela — Nunca a perdorei por isso. — disse, com muita dignidade.

Lara olhou para ela, olhos esbugalhados, como se tivesse engolido um figo inteiro — Arnold, — ofegou — conte a ela... conte a ela...

Em contraste com sua esposa, ele a estava examinando, como se fosse um banquete do qual não tinha certeza se queria participar. Ela lembrava-se de que, apesar de toda sua indolência, Arnold detestava fraqueza nos outros. E ele consideraria os sentimentos dela por Marcus uma fraqueza e a desprezaria por ceder a eles.

— Lara está certa, Portia. Arruinará nossa família se isso continuar. A rainha a mandará embora. Sabe que ela não consegue suportar comportamento imoral. Uma mínima suspeita de adultério e ela te banirá para algum castelo escocês abandonado, ou pior... para as colônias.

— Como posso cometer adultério, se o meu marido está morto? — Portia zombou.

Lara ofegou, chocada, sua mão agarrou sua garganta, mas seus olhos brilhavam com emoção — Sua criatura descarada! É tudo o que pode dizer? E quanto à memória do meu pai? Seu bom nome?

— Ele mora nos corações e mentes das pessoas. — Arnold a lembrou, como se precisasse ser lembrada — Nunca lhe perdoarão se o trair. Consegue viver com isso, Portia? Consegue olhar para todos esses que lhe amam nos olhos e lhes dizer que não se importa mais? E pelo quê? Uma libertinagem, com um homem como Marcus Worthorne?

— Não sabe...

— Claro que *sei!* — o rosto dele se distorceu com repugnância — Ele a tem estudado há meses. Aquele pequeno bilhete na ópera e o encontro no Campaign Room, acha que não sei sobre isso? — disse com um tom de divertimento pela ignorância dela — O heroísmo dele, na inauguração da estátua de Lorde Ellerslie. Nenhum cavalheiro teria se comportado de tal maneira, trazendo-lhe, e a sua família, vergonha e constrangimento ... Achei que recuperaria o bom senso, então, mas obviamente, prefere trogloditas. Chegou a hora, Portia, de colocar um fim a essa insensatez, de uma vez por todas.

— Não sei do que estão falando. — Portia disse teimosamente, seu rosto pálido. Não sabia se estava humilhada ou furiosa, ou ambos. O que ele dizia era verdade, mas era uma verdade separada de toda a bondade, afeto e alegria. Era a visão de mundo de Arnold, e isso a arrepiava até os ossos — Saiam! — ordenou — Saiam agora!

— Oh? E o que aconteceu com sua querida mãe? — Arnold continuou calmamente.

— O que quer dizer?

— Bem, eu imaginaria que não iria querer arriscar que nada acontecesse a ela, Portia. Consegui manter a verdade escondida muito bem, até agora... E se fosse descoberto que ela está enlouquecendo lentamente? Tenho ouvido sobre as loucuras dela. Esquecerá seu próprio nome, logo. O que as pessoas dirão se machucar alguém? — sorriu.

— Minha mãe nunca machucaria ninguém!

— Não machucaria? Conheço alguns bons médicos que discordariam e insistiriam em interná-la.

Primeiro choque, e depois fúria, ferveu dentro dela. Qualquer pensamento que tinha de tentar argumentar com ele desapareceu em um instante — Não pode fazer isso. Não vou deixar!

— Mas, Portia, como poderia me impedir? Especialmente se estiver

envolvida em um escândalo e a rainha mandá-la embora! Sua mãe será deixada aqui, conosco.

Ele a ameaçou! Arnold, que ela sempre considerou uma personalidade insípida e branda, a estava ameaçando. Falava sério? Olhou para os olhos geladíssimos dele e soube que sim.

Por um momento, sentiu vontade de desabar, afundando em uma das poltronas estofadas, mas não faria isso. Não tinham direito de ameaçá-la. A vida era sua, não importa quanto tentassem manipulá-la.

— Estão errados. — disse — Independentemente do que faço ou fiz, não é da sua conta. Não têm o direito de falar comigo como se fosse uma criança, lhe proíbo.

— Proíbe? — Lara perguntou — A filha do pastor? Não, Portia, é Arnold e eu que daremos as ordens aqui. Garantiremos que seja obediente, Portia. De agora em diante, não haverá nenhum sussurro de escândalo ligado ao seu nome.

— O quê? — Portia conseguiu rir — Não me digam que serão meus carcereiros?

Ninguém mais riu.

— Iremos morar juntos, por um tempo. — Arnold a informou, naquele tom de voz gélido — Apenas para ficar de olhos nas coisas. Não está bem, querida Portia, e, naturalmente, como seus parentes amorosos, estamos preocupados com seu bem-estar.

— Minha mãe...

— Sua mãe é uma velha maluca! — Lara disse com desprezo.

— Como eu disse, conheço vários médicos famosos. — Arnold continuou — Uma palavra no ouvido certo, Portia, e eu poderia criar dúvida o suficiente para perguntas serem feitas no nível mais crítico.

Interná-la.

— Isso nunca acontecerá. Eu não permitiria. — mas ela estava sentindo toda a frustração de um rato preso em uma armadilha.

— Oh, coitada... sim, Portia, isso acontecerá. E acontecerá, se não fizer o que lhe for mandado, de agora em diante.

Desta vez, ela não respondeu, embora tivesse certeza de que ele lia seus sentimentos em seus olhos.

— Ah, quer me matar, não quer? Está mostrando mais espírito esta noite do que vi em ti, há muito tempo.

— Arnold, deixe-a ir. — Lara disse rispidamente.

Arnold parou, apenas para desafiá-la, e então deu de ombros e se afastou da porta — Vá para a cama, Portia. Vemo-nos de manhã.

Portia olhou de um para o outro. Lara não retornou o olhar dela, mas olhou fixamente para o relógio da sala de visitas, enquanto Arnold mantinha um sorriso rígido. Supôs que podia continuar discutindo. Podia reclamar e se enfurecer como uma louca, exigindo que saíssem de sua casa, mas estava começando a ver que tais táticas eram inúteis.

Arnold falava sério. Ele internaria sua pobre mãe. Homens de poder fariam tais coisas e ela não poderia fingir o contrário, por mais que desejasse. Ainda chegariam os dias em que as mulheres na Inglaterra seriam tratadas com igualdade com homens.

O único jeito de sair disso era ser calma e razoável, para convencê-los de que estavam enganados sobre sua insanidade. Tinha que mostrar-lhes que estava tão ansiosa quanto eles para ser vista como a perfeita Lady Ellerslie. E, então, quando baixassem sua guarda..., ela os mandaria para longe de sua casa, e daqueles que amava.

— Como desejam. — disse calmamente, levantando-se para caminhar para a porta — Boa noite.

Mas, enquanto subia as escadas, sentia a ardência quente de lágrimas em seus olhos. Lágrimas de raiva, mágoa e tristeza. Como ousavam! Durante toda a sua vida, recebeu ordens dos outros e obedeceu, mas, desta vez... Sim, sabia que não deveria ver Marcus novamente, mas precisava dele. Ele a ajudava a se sentir viva. Uma coisa era ela dizer a si mesma que estava fazendo a coisa errada, outra era Lara e Arnold lhe dizerem isso.

Quando chegou a seu dormitório, as lágrimas estavam escorrendo por suas bochechas. Hettie estava esperando por ela, e quando Portia viu aquele querido rosto familiar, foi para os braços gordos de sua criada.

— Pronto, pronto, *lieben*. — Hettie a confortava — É melhor assim.

Não ocorreu a Portia se perguntar como Hettie sabia; a senhora sempre sabia. Em vez disso, ela se perguntou como algo que machucava tanto podia possivelmente ser o melhor. Sabia de sua obrigação, sabia o que se esperava dela e escolheu essa vida em vez de Marcus. Isso não era o suficiente? Tinham que puni-la também?

— Vamos agora, vamos para a sua cama. — Hettie estava dizendo — Tudo estará melhor de manhã.

— Ficarão aqui.

— Oh, querida, — Hettie disse, mas continuou a despi-la, finalmente levando-a para sua cama — tenho certeza de que, assim que virem que realmente está acabado, a deixarão em paz.

Portia fechou seus olhos, depois de um momento, a luz diminuiu, e Hettie a deixou.

Isso está realmente acabado.

As palavras ecoaram em sua cabeça. Sentiu como se tivesse perdido uma parte de si mesma. *Marcus se foi para sempre*. Havia um tipo de tristeza rasgando suas entranhas, fazendo-a querer gritar. Com um grito, virou-se e pressionou seu rosto em seu travesseiro, abafando os sons vindo de sua garganta. Finalmente, exausta, adormeceu.

Arnold percebeu que Lara estava cheia de uma severa autojustificação. Ele a deixou desfrutar isso e, indo para a mesa, serviu-se de um copo grande de conhaque. Portia sempre manteve o melhor conhaque, assim como seu falecido marido, ao contrário das coisas de má qualidade que Lara pensava

que serviriam.

O assunto sobre Marcus Worthorne veio à tona muito mais cedo do que gostaria, mas estava confiante de que poderiam manter isso em segredo. Pelo menos por enquanto. Na verdade, era imperativo que o fizessem, por causa de seus próprios planos. Precisava que Portia continuasse amiga da rainha, para que pudesse usá-la para se aproximar.

Pobre Portia. Aquele olhar desafiante e culpado nos olhos dela. A determinação teimosa dela para negar tudo. Realmente era uma mulher magnífica. Ainda assim, não tinha tempo para admirá-la. Ela era uma ferramenta para ser usada em sua conspiração para matar a rainha... Arnold não adquiria apego emocional, não se permitia fazê-lo. Deu sua vida para sua vocação, para os sonhos de seu pai, de uma Inglaterra para os ingleses, e vencendo ou falhando, nunca se desviaria desse caminho.

Capítulo 20

Marcus não tinha nenhuma intenção de respeitar a decisão de Portia. Mas havia coisas para ele fazer e queria que ela sofresse por um tempo, pelo menos. Antes que agisse, queria que ela entendesse simplesmente quanto deseja e precisava dele e, mais importante, de se arrepender de recusar sua proposta.

Então, uma semana passou e depois duas e, embora sentisse como se não pudesse mais esperar, ele o fez. Esperou.

Algumas vezes ia para Duval Hall, para supervisionar o concerto da janela e a contratação de homens para trabalharem no concerto dos diques e na drenagem da terra. Qualquer dinheiro que o tio Roger possa ter tido foi gasto antes dele morrer, mas Marcus tinha um pouco de seu próprio bolso, deixado por seu pai, que investiu muito sensatamente. Não era tão irresponsável quanto Sebastian acreditava.

Então, trabalhou, planejou e esperou.

— Ainda está interessado em Lady Ellerslie, Marcus?

A voz alegre de Francesca o trouxe de volta de suas reflexões para seu bacon, ovos e café. Deu-lhe um olhar sonolento. Noite passada, esteve fora com alguns de seus antigos camaradas dos Hussars, o que significava muita bebida e dançarinas.

Uma das dançarinas, lembrou, era uma moça de rosto doce, com olhos azuis e uma risada bastante atraente. Sentou-se ereto. Ele a levou para a cama? Marcus brigava com sua memória ilusória. Não, pensou aliviado. Não, não levou. Lembrou agora. Entediou muitíssimo a pobre moça, com suas declarações de que havia apenas uma única mulher no mundo para ele.

— Marcus!

Ele pulou.

— Estou falando contigo.

Marcus piscou — O que estava dizendo?

Ela o olhou em desespero. — Eu disse, um deles vai a todo lugar com ela. É muito estranho. Na verdade, tem sido comentado. Houve alguns daqueles pequenos jornais escandalosos sendo vendidos nas esquinas das ruas, ontem. Guardei um para lhe mostrar.

Ela estava de pé, revirando uma gaveta, e então lhe entregou uma folha de papel, de aparência duvidosa. Sua atenção foi chamada por um desenho bastante bom, apesar de a tinta ter borrado.

Olhou-o mais de perto.

Uma mulher loira, com uma expressão dolorida e arrogante, estava em uma sala de visitas, enquanto um homem e uma mulher, em uniformes da polícia, estavam algemados em cada lado dela. Ele reconheceu o nariz grande daquela mulher e a mecha de cabelo do homem. Representava Lara e Arnold

Gillingham. E, ali, sentada no trono, atrás deles, estava a pequena rainha gorda, seu queixo apoiado sobre sua mão, enquanto olhava pensativamente para o retrato do falecido Lorde Ellerslie.

— Leia-o. — disse Francesca, impacientemente.

— A prisioneira está aqui para vê-la, Vossa Majestade. / Bom, bom, não está se divertindo muito, acredito? / Não se preocupe com isso, Vossa Majestade. — Marcus piscou — O que é isso? Bom Deus, eu disse algo assim?!

— Vão com ela a toda parte, os Gillinghams, quero dizer. Talvez ela esteja doente. Achei que poderia saber.

— *Eu* não sabia, mas talvez *eles* vão. — Marcus murmurou.

De repente, começou a sentir o sangue começar a bombear em suas veias, como se sua determinação, no limbo há semanas, agora tivesse voltado à vida. Ele se endireitou em sua cadeira, olhando em sua volta, enquanto Francesca o observava, com preocupação divertida.

— Onde está Seb?

— Está em Worthorne Manor. Sabe disso, Marcus. Ele lhe disse adeus, ontem.

— Ele disse?

— Ele lhe disse para ficar fora de encrenca.

Mas Marcus não estava ouvindo. Olhou para baixo, para o desenho, novamente, e seus instintos lhe disseram que era Portia quem estava encrencada. Estava na hora de se atirar no palanque novamente, metaforicamente falando, e, desta vez, não deixaria ninguém o deter.

— Marcus, qual *é* o problema? Marcus! — lamentou quando ele se levantou violentamente e correu para o quarto, seu café abandonado balançando. Os pés dele bateram pelo corredor e a porta da frente bateu.



Além do jantar, Portia achou mais fácil apenas ficar em seu quarto. Se descesse, teria que compartilhar a casa com Lara e Arnold e, embora no início tivesse ousado bancar a heroína, agora estava cansada dos olhares venenosos de Lara e dos sorrisos arrogantes de Arnold.

Não era como se ela se importasse com o que pensavam dela, mas estava brava por acharem que podiam tratá-la assim. Oh, entendia que acreditavam que ela lhes traria desgraça e estavam cuidando de seus próprios interesses. Viam-na como a galinha dos ovos de ouro e não permitiriam que fugisse com o galo. Mas não tinham o direito de intimidá-la e mantê-la prisioneira em sua própria casa, e pior, acompanhá-la para toda parte aonde ia. Não parecia haver escapatória, mas, pelo menos, podia fechar a porta de seu dormitório e fingir estar sozinha.

E agora sua mãe, a quem ela estava tentando salvar de um destino terrível, passou a descer e se sentar com ela depois do jantar — Tão bom ter essas pequenas reuniões familiares. — disse a Portia, segurando seu braço — Lembra-me de quando seu querido pai era vivo. Ele era seu pai? Não consigo

me lembrar...

— Não consegue, Sra. Stroud? — Arnold disse, com aquele sorriso cruel.

— Essas reuniões de família incluem lições de moral? — Lara acrescentou, energicamente, dissecando sua torta de frango.

Portia não encontrava mais muita alegria em jantar em casa, mas seu orgulho a forçava a continuar fazendo isso. Além do mais, não queria que ficassem desconfiados. Estava trabalhando em um plano para sumir com sua mãe, mas precisava de um cúmplice e, por enquanto, não conseguia pensar em ninguém em quem confiasse o suficiente para resistir às ameaças de Arnold e ficar calado.

Exceto por Marcus.

Suspirou; dificilmente poderia pedir a ele. Não o via desde a noite em que disseram adeus, no Aphrodite's. A última noite deles. Ele poderia estar em qualquer lugar, agora. Prometeu que iria a Norfolk, para criar uma vida lá, e ela acreditou nele, mas isso foi antes dele pedi-la em casamento. Bem no fundo, Portia se perguntou se realmente acreditou que ele estava indo embora para sempre. Talvez lhe conviesse acreditar, para que pudesse usar isso para aliviar sua consciência e concordar em mais uma noite em seus braços.

Ainda sonhava com ele. Estava pior do que nunca. Perguntava-se se iria esquecê-lo, ou se carregaria seu toque, seus beijos, seu sorriso, para seu túmulo. Quando se lembrou de como lhe disse para se casar com outra pessoa, se ele quisesse uma esposa, estremeceu por suas próprias palavras duras. Marcus com outra mulher seria insuportável, e, ainda assim, não poderia tê-lo para si mesma. Ela *não poderia*.

Abruptamente, levantou-se e foi ficar em sua janela, olhando para fora. Tinha que comparecer a uma solenidade, amanhã à noite, um grande baile, no James's Palace, e deveria estar planejando sua vestimenta. Antigamente, teria considerado essas coisas de extrema importância. Teria sentido isso como sendo seu dever representar seu marido o melhor que pudesse, que tudo que fizesse refletisse nele e em sua memória. Agora, tudo em que podia pensar era Arnold e Lara e como a tratavam, e o fato inegável de que era uma prisioneira.

Mesmo Hettie já não era a mesma, embora ela não pudesse descobrir exatamente o que estava diferente em sua criada de confiança. Mas podia notar o jeito com que ela a observava, como se querendo que algo acontecesse.

Lembrava de todos os momentos que passou com Marcus, mas, em especial, lembrava daquele dia, em St. Tristan. Houve um brilho dourado em volta da lembrança, como uma experiência inesquecível, e desejava que pudesse descer as escadas correndo, sair da casa e pegar o trem para Little Tunley. Desejava que fosse possível voltar no tempo.

Talvez, apenas talvez, se ela tivesse sua escolha novamente, poderia ficar em St. Tristan e nunca voltar.

— Mande a seda lilás para ser passada. — disse Hettie, entrando apressada

no quarto — Aquela com o decote *à la grecque* e três babados sobre a saia. É elegante, mas muito simples para um vestido de baile, e Vossa Majestade sempre lhe admirou em lavanda. Deveria usá-lo no grande baile, milady.

— Ela acha que me faz parecer fútil. — disse Portia sarcasticamente.

Hettie sorriu — É linda, milady. Mesmo rainhas são mulheres, debaixo de suas coroas.

Portia sentou-se diante do espelho, enquanto Hettie pegava a tiara que colocaria em seu cabelo. O cabeleireiro viria, e suas lindas tranças seriam presas em elaborados cachos para um lado, enquanto, na parte de trás, seriam trançadas e presas na nuca, com pentes de joias.

— Victoria diz que me ama, mas não acho que ame. Não realmente. Era Lorde Ellerslie que amava. Sou uma recordação dele, e ela se vê como a guardiã de sua memória.

Os olhos de Hettie estavam voltados para baixo, enquanto se concentrava em sua tarefa, tentando colocar a tiara em várias posições — Nunca falou assim antes, milady.

— Nunca me senti assim antes.

— Não deixe os Gillinghams lhe ouvirem, *lieben*.

Portia usou sua chave para abrir sua caixa de joias de ébano, incrustada com madrepérola — Não se preocupe, segurarei minha língua. — escolheu seu colar de luto preto favorito, com uma silhueta de Lorde Ellerslie na frente e uma mecha de seu cabelo dentro — Quero que a Sra. Stroud tire umas férias.

— Oh? — Hettie ergueu suas sobrancelhas.

— Pelo seu próprio bem, ela precisa ir embora. Se ao menos tivesse mantido contato com as pessoas que conhecia antes, quando morávamos em New Forest, mas os abandonou todos, quando viemos para Londres. — sua mãe ficou tão orgulhosa com o triunfo de Portia, que se considerou superior às suas velhas amigas. Agora, precisava deles e era muito tarde. Mesmo se pudessem ajudá-la, Portia duvidava que iriam. Havia a tia-avó Cecily, claro, que morava em Cambridge. Cecily adoraria receber a Sra. Stroud, nem que fosse apenas para poder lembrá-la constantemente de quão longe havia caído. Portia sabia que sua mãe detestaria tais lembranças, mas mendigos podiam escolher?

— Cambridge pode estar em algum lugar seguro. — murmurou para si mesma — Pergunto-me se é possível...?

— *Frau* Stroud está precisando de algum lugar seguro? — Hettie sussurrou, encontrando os olhos dela no espelho — Por quê? Não entendo.

Portia hesitou. Mas, apesar de sua estranheza ultimamente, Hettie ainda era uma das únicas pessoas que amava e confiava. Rapidamente, explicou a conversa ameaçadora que teve com Arnold e Lara, na noite em que a encontraram em seu vestido escarlate.

— *Mein Gott!* Eu não sabia. Sinto muito, *lieben*, não sabia...

— Por que deveria saber? — Portia suspirou.

— Deed nos ajudaria, milady. — Hettie disse pensativamente — Ele não gosta dos Gillinghams. E a criada de sua mãe é muito leal. Depois que a tirarmos da casa, poderíamos levá-la para esse lugar seguro, em Cambridge.

— Sim, Hettie, está certa. Falarei com Deed. Precisamos estar preparados. Se uma chance se apresentar, então devemos agir sem demora. Pode ser a única que teremos.

— Deveríamos ter um sinal, milady. Uma palavra que dirá a nós duas que a hora de agir chegou.

Portia pensou por um momento — Deve ser algo que não possa ser confundido com qualquer outra coisa. — e, então — Eu sei. Sari! — anunciou, com um sorriso conspiratório — Direi ‘sari’ e saberá que nosso plano está prestes a começar.

Era bom ter um plano, fazer algo finalmente. Salvaria sua mãe da maldade de Arnold, e depois se prepararia para se salvar.



Marcus estava caminhando. Esteve em Half Moon Street, onde a Thorne Detective Agency ficava localizada, e a caminhada lhe fez bem, deixou-o mais atento. Tinha muito em que pensar.

De fato, sentia-se mais revigorado do que se sentiu em semanas. Vivo. Não percebeu o quanto afundou em depressão, até agora. Apesar de ter se recusado a aceitar a decisão de Portia, permitiu-se perder sua impetuosidade. Não exatamente ficou de mau humor, mas apenas era humano e queria que ela sofresse por magoá-lo. Agora entendeu que estava esperando por algo acontecer, algum estímulo para colocar as coisas em movimento, mais uma vez.

Ele a queria. Precisava dela. Podia até a amar, embora, nunca tendo amado antes, não pudesse ter certeza disso. Foi por isso que a pediu em casamento, daquela maneira estranhamente desajeitada, por que estava apaixonado por ela? Bem, independentemente da razão para seu comportamento bizarro, sabia de uma coisa. Ela precisava de sua ajuda e ele pretendia salvá-la.

Martin O'Donnelly, quando conversaram, um momento atrás, olhou-o com uma desconfiança que o fez se perguntar se ele parecia tão selvagem quanto se sentia. Mas, como sempre, Martin foi direto ao assunto.

— Os Gillinghams estão morando com ela. — disse — Poderia ser devido à preocupação com sua saúde, mas não acho que seja. A Sra. Gillingham foi ouvida dizendo algumas coisas muito grosseiras para sua madrastra.

— Posso imaginar. Descubra os compromissos dela para as próximas semanas, Martin. Eu poderia esbarrar com ela, acidentalmente, é claro.

— Os Gillinghams sempre a acompanham, senhor. Pode achar difícil chegar perto sem lhe ouvirem.

— Me preocuparei com isso. — emburrou — Gillingham. O nome parece estranhamente familiar para mim. Houve algum escândalo há muito tempo?

Martin sorriu — Eu, por acaso, sei sobre tudo isso, Sir. O pai do Sir Arnold Gillingham é aquele em que está pensando. Foi um erudito. Acreditava na

pureza da raça inglesa e que todos os problemas atuais se originavam de ‘contaminação’ daquela pureza, como colocava isso, Sir. Qualquer um, dos normandos para frente, eram intrusos aos seus olhos. — o sotaque irlandês do detetive ficou mais forte, como se em protesto.

— Eu lembro, Martin. Ele fez algo imperdoável, não fez?

— Insultou o rei. Chamou-o de alemão, ou coisa assim, e disse que ele não tinha o direito de se sentar no trono da Inglaterra. Foi banido da corte, enviado para o campo. Evidentemente, enlouqueceu completamente. Morreu enquanto tentava expulsar alguns pedreiros italianos, que estavam consertando a igreja local, insistindo que estavam contaminando a boa arquitetura inglesa. Arnold Gillingham é o filho desse homem e, de acordo com o boato, tem praticamente o mesmo pensamento. Dizem que empregará somente criados com o que considera nomes ingleses ‘adequados’, o que significa que terá que demitir seu cozinheiro francês.

— Eu vejo. Não me admira que eu não goste dele.

— Poucas pessoas gostam, senhor.

— Então, quanto mais cedo eu afastar Lady Ellerslie dele, melhor, Martin.

Marcus disse com um sorriso — Ela ficará tão grata que pode até decidir ficar comigo. Isso soa como um plano?

Martin, sabiamente, não expressou as dúvidas que cintilaram em seus olhos. Aliás, Marcus não queria ouvi-las. Imprudentemente, estava decidido e nada iria detê-lo.

Capítulo 21

Vestir-se com a seda lilás para o grande baile, no St. James's Palace, demorou muito, mas, quando terminou, até Hettie, que era tão exigente quanto ela sobre esses assuntos, acenou com aprovação — Está *elegante*, milady. — disse, impulsivamente — Parece com seu antigo eu.

Portia sorriu, virando-se de um lado para o outro, examinando seu reflexo no grande espelho. O vestido era muito largo na saia e relativamente simples e, embora o decote *à la grecque* fosse baixo, não o era tão imodestamente. Seus novos sapatos eram um pouco apertados, mas ela não dançaria, então isso pouco importava. Sim, parecia suficientemente bem, mas quanto ao seu antigo eu...

— Não me sinto como meu antigo eu, Hettie. Sinto-me como uma sombra do meu antigo eu. Algo parece estar quebrado dentro de mim.

— Tempo é tudo o que precisa. — Hettie a encorajou, ansiosamente — Tudo se acalmará, com o tempo.

— Espero que esteja certa. Fico me perguntando por que ainda estou aqui. Todas as coisinhas que me agradavam agora parecem chatices. Talvez eu esteja enlouquecendo como minha mãe, e Arnold irá me internar.

Hettie estava ficando agitada, como se a conversa tivesse tomado um rumo de que ela não gostou — Lady Ellerslie, irá se atrasar.

— E não devo me atrasar, não é? Existem muitas pessoas que ficarão chateadas comigo. Devo ser um pequeno bom general. — estava sendo estranha e amarga, e Hettie se afastou dela. Portia agarrou as mãos de sua criada e a tranquilizou com um sorriso — Perdoe-me. Mal sei o que estou dizendo. Obrigada por me deixar elegante.

Hettie acenou, a tensão a deixando — É meu prazer servi-la, milady. Irei contiguar-te a carruagem, no caso de precisar de ajuda com suas saias.

Portia colocou um rosto corajoso, mas, no começo das escadas, quase virou e correu, quando olhou para baixo e viu Arnold a esperando. Estava cansada disso; quanto mais cedo terminasse, melhor. Ainda segurando uma das mãos de Hettie, um pensamento repentino lhe ocorreu e ela se arriscou — Hettie irá comigo esta noite. — falou alto — Realmente, não há necessidade de se incomodar, Arnold.

— Não é incômodo. — ele insistiu, com seu sorriso frio.

— Mesmo assim, Hettie virá. Posso precisar de ajuda com minhas saias e ela será muito mais útil nisso.

Seus olhos se encontraram, os de Arnold desconfiados, e então ele sorriu.

— Por acaso, tenho outro compromisso, Portia. Eu ia lhe dizer que achava que estava suficientemente bem para ir sozinha, mas agora me convenceu de que está certa. Hettie pode acompanhá-la.

Se isso foi uma vitória, ele a tomou dela. Sentiu que deveria estar brava,

mas ficou apenas aliviada por ter sido poupada da companhia de Arnold. E então percebeu.

Esta era a chance delas. Este era o momento para o qual estavam se preparando.

— Pegue seu casaco, Hettie. — instruiu, virando-se para olhar para sua criada, seu rosto endurecido com o esforço de parecer despreocupado — A carruagem estará aqui em um momento. Não se esqueça do meu sari.

Os olhos assustados de Hettie se fixaram nos dela — Sim, claro, milady. Não esquecerei.

Agora dependia de Hettie colocar o plano delas em ação.

Lentamente, Portia desceu a escada, cuidadosa com suas saias volumosas, dizendo-se que não deveria se entregar. Às vezes, era como se Arnold pudesse ler sua mente...

— Onde está Lara? — Portia perguntou.

Arnold estava apoiado negligentemente no pilar do corrimão, ainda a observando — Acredito que minha esposa esteja instruindo sua cozinheira na maneira correta de servir a sopa. Não se preocupe, quando recuperar o bom senso, Lara recuperará o dela.

— Recuperará? — Portia ergueu uma sobrancelha — Acho que ela está se divertindo demais.

Ele riu — Ela *está* vibrando um pouco demais, não está? Não pode culpá-la por aproveitar ao máximo a oportunidade, ela lhe odiava há anos.

Portia lhe deu um olhar curioso. Havia algo nele de que nunca gostou. Uma malícia. Como se soubesse de coisas, ou pensasse que sabia, que outros não sabiam. Abriu sua boca para lhe dizer exatamente o que achava de seu comportamento com ela, então lembrou que ele poderia mudar de ideia e acompanhá-la, afinal, o que estragaria tudo. Ficou calada.

Mas ele sabia — Detesta-me, não é, Portia? Isso é porque sou melhor que a milady. Embora seja um observador atento de homens e mulheres, e nunca me surpreendeu quão baixo afundam na sarjeta da ganância e desejo, eu mesmo não me deixo levar por tais depravações.

— Oh, está acima de tudo isso? — ela zombou.

— Estou — respondeu, sem qualquer ironia.

— Não acredito.

Os olhos dele ficaram frios — Entenderá um dia, Portia.

— Milady! — Hettie desceu as escadas correndo com seu casaco, parecendo aflita.

Portia olhou para cima, nos olhos de Arnold — Nunca lhe entenderei, Arnold, e não quero. Eu lhe desprezo.

Ela se virou, antes que ele pudesse responder, indo em direção a Deed, que havia acabado de aparecer das profundezas da casa, para tomar sua posição ao lado das portas — Deed, — disse em uma voz baixa — recebeu suas instruções? Acredito que esta seja a noite que discutimos anteriormente.

— Lembro-me, milady. A Srta. Hettie já mencionou. E posso simplesmente

dizer que sempre foi meu maior prazer servi-la, milady.

Sabendo que Arnold estava observando, ela acenou, como se a conversa deles não fosse nada fora do comum.

— E o cocheiro conhece as ordens?

— Ele conhece, madame. Tudo está preparado.

Atrás dele, Arnold se endireitou e estava agora a observando partir.

Ela já não precisava se perguntar se ele a odiava. Estava escrito em seu rosto.

Com um calafrio, Portia correu para a carruagem.

— Xiuuu, madame, acordará a todos. — a criada da Sra. Stroud sussurrou, um braço forte em volta da lady mais velha, enquanto a ajudava a descer os degraus dos fundos.

— Mas, para onde estamos indo? — a Sra. Stroud resmungou — Está escuro, veja, posso ver as estrelas.

— Bem, está saindo de férias, madame, não tem sorte? O Sr. Deed providenciou para que uma carruagem viesse e lhe pegasse no estábulo nos fundos. Isso não seria agradável? Então, vá logo.

A Sra. Stroud pensou sobre isso — Sentirei falta de meus jantares com... qual é o nome dele? — perguntou — E minha filha... também irá?

— Parte do caminho, acredito.

— Posso dizer adeus?

— Não. É um segredo, vê? Ninguém deve saber.

— Ah. — a Sra. Stroud colocou um dedo sobre seus lábios, seu xale caindo de seu ombro. Ela ainda estava usando sua camisola debaixo de um vestido apressadamente vestido, e seu cabelo grisalho estava bagunçado pelo travesseiro, com uma touca por cima. A criada trouxe uma manta para lhe aquecer e lhe deu uma dose de láudano para “acalmá-la” para a viagem.

Lady Ellerslie não aprovaria isso, mas Hettie disse-lhe para fazer assim mesmo. Não podiam arriscar que ela tivesse um daqueles ataques de gritos ou voltasse correndo para casa, por um motivo ou outro, só porque teve alguma ideia maluca na cabeça.

Se Arnold as pegasse, todas sofreriam. Tinham medo dele, até mesmo Deed. Havia alguma coisa sinistra nos olhos dele. Não, apesar de tudo, a Sra. Stroud era uma sortuda.

Hettie seguiu Portia para fora, até a carruagem Ellerslie, com a voz ofegante de medo e excitação.

— A Sra. Stroud esperará por nós nos estábulos nos fundos. A criada dela e eu tivemos que agasalhá-la bem e ainda está meio adormecida, mas ela estará lá, *lieben*.

— Depois devemos pegá-la, e, quando tiver me deixado no grande baile, no St. James, a levará para Cambridge. Pedirei para emprestar uma das carruagens de Victoria, para me levar para casa. Com sorte, Arnold não descobrirá que ela se foi até amanhã durante o jantar, e então ela estará segura. Não me importo com o que disser para mim, não contarei a ele e insistirei que

foi tudo minha ideia, como realmente foi.

— Gostaria que eu pudesse ir também, milady, e escapar dos Gillinghams. Não gosto de pensar na senhora enfrentando Sir Arnold sozinha. Ele ficará muito bravo.

— Deus, sim. — escondeu seu arrepio, falando calmamente.

— Se minha mãe se for, Arnold e Lara não conseguirão me ameaçar, internando-a. Farão as malas e voltarão para Curzon Street. Quanto antes saírem da minha casa e da minha vida, melhor. — Portia acrescentou em uma voz baixa e furiosa.

— Concordo, madame. — a resposta de Hettie foi sincera.

— Assim que se forem, Hettie, juro que nunca mais os receberei. Nunca mais aceitarei traição em minha própria casa.

Ficaram em silêncio, cada uma com seus próprios pensamentos. A carruagem estava viajando pela rua silenciosa que passava pela praça e estava se movendo lentamente, pronta para fazer a curva para os estábulos, quando, repentinamente, houve o som de cascos de cavalos e um grito alto. O veículo balançou e finalmente parou. Do lado de fora, houve vozes e movimento, onde o cocheiro estava sentado.

— O que é isso? Tivemos um acidente? — Portia perguntou, tentando olhar pela janela.

A porta abriu e um intruso mascarado subiu dentro da carruagem. A porta fechou atrás dele, com uma batida sinistra.

Por um breve momento a lamparina o iluminou.

Usava preto, cada centímetro dele, somente seus olhos aparecendo através do pequeno quadrado entre o cachecol amarrado em volta de sua boca e nariz, e o chapéu preso em sua cabeça. Mesmo assim, havia algo familiar nele. E então ele se inclinou e assoprou a lamparina e ficou completamente escuro.

— Fora. Criada. — ameaçou.

— Bom Deus! — Portia pareceu mais brava do que assustada. Ele estava estragando seus planos — Sabe quem sou?

— Não abandonarei minha patroa. — Hettie explodiu.

O homem se enfureceu. — Nada nunca é simples contigo, não é?

— Marcus?

— Claro. — falou calmamente — Vim para salvá-la, milady. Quer queira isso ou não.

Ela balançou sua cabeça veementemente — Não, Marcus, não! Não entende! Serei arruinada!

— Exatamente. — ele disse — Precisar ser arruinada. É a melhor coisa.

— Não deve! — ela gritou, sua voz se elevando — Minha mãe. Farão mal à minha mãe.

Houve um momento no qual ninguém falou. Ela pôde ouvir sua própria respiração, ofegante e tensa. E então ele disse — Sua mãe? Por que fariam mal à sua mãe?

Foi Hettie quem respondeu.

— Sir Arnold ameaçou colocar a mãe da milady em um... um lugar onde a trancariam.

— Sim, — Portia cochichou — é verdade.

— Então, está me dizendo que não posso sequestrá-la, por que isso faria sua mãe ser punida? — incredulamente, ele riu.

— Estão usando-a como refém para o meu bom comportamento. — Portia disse — Estive tentando pensar em alguma maneira de tirá-la de Grosvenor Square, eles nos vigiam o tempo todo. Esta noite é a primeira vez que Arnold não está me acompanhando, então, planejamos aproveitar ao máximo.

— Poderia ter me pedido para salvá-la. — Marcus disse calmamente — Eu teria feito isso.

— Teria? — tentou ver seus olhos, mas estava muito escuro — Esqueça, fizemos nossos próprios preparativos.

Ele estendeu a mão e abriu a porta da carruagem — Venham, temos que correr. Tenho outra carruagem esperando, do outro lado dos jardins.

— Não, eu lhe disse, não posso. Minha mãe está esperando. Pegaremos ela nos estábulos e meu cocheiro a levará para Cambridge.

— Cambridge? Por que Cambridge?

— Minha tia-avó mora lá.

— Saberão, não saberão? Eles a trarão de volta, em questão de horas. Não, eu resgatarei sua mãe. Sou muito melhor nisso. Mas deve vir comigo.

— Irei a um baile, em St. James. — lamentou.

— E está muito bonita.

Portia lhe lançou um olhar desesperado quando ele pegou seu braço, ajudando-a a descer no chão, em suas saias volumosas. Nessa proximidade, conseguia sentir seu calor, cheirar seu perfume masculino e, como sempre, isso estava tendo seu efeito sobre ela. Apesar da situação em que se encontrava, estava feliz por vê-lo. Não porque disse que resgataria sua mãe, mas porque ele era Marcus.

— Promete que me ajudará se for contigo? Isso não é um truque?

— Prometo. — seus olhos se apertaram maliciosamente, enquanto ele sorria sob seu disfarce.

— É tão mal quanto Arnold. — ela murmurou.

— Eu ficaria insultado, se acreditasse que fala sério. — disse calmamente

— Ele é o vilão e eu sou o herói. Há uma grande diferença. Promete?

Ela tinha escolha? Tinha. Mas a vontade de dizer sim era avassaladora — Oh... muito bem! Mas, e quanto à minha carruagem? Eles não podem voltar ainda, Arnold saberá.

— Mandá-los-ei para o baile, de qualquer maneira, no caso de alguém notar. Se a carruagem estiver lá, parecerá que também está.

Portia caminhou para a massa escura da carruagem dele, suas saias lilás esvoaçando em volta dela, seus sapatos apertadíssimos beliscando.

Repentinamente, os passos de Hettie vieram batendo atrás deles e ela puxou a capa de Marcus — Leve-me! — implorou.

Ele se virou para olhá-la — Certamente não.

— Mas tenho que ir. Milady precisa de mim. Como se virará sem mim? Eu... eu tenho que ir com ela. Ficará brava se me abandonar, e não a quer brava.

— Maldição. — ele resmungou, tentando se livrar de seu aperto desesperado.

— Deixe-a vir conosco. — Portia falou da carruagem — Arnold a punirá se eu não estiver aqui.

— Por favor, Sir. Worthorne, tenho que ir também.

Levantou suas mãos — Entre, então, mas não tolerarei reclamações de nenhuma das duas.

Quando estavam ambas sentadas na carruagem, ele deu ao cocheiro suas instruções alteradas e partiram.

Os estábulos eram alcançados por uma travessa, atrás da casa de Ellerslie, mas Marcus disse ao seu cocheiro para parar no começo da travessa. Agora ele desceu, espiando nas sombras.

— Ela está esperando aqui embaixo?

— Sim.

— Tudo bem, mas se desaparecer enquanto eu estiver fora, irei encontrá-la e a sequestrarei novamente. — disse, ameaçadoramente.

Portia deu de ombros, escondendo o desejo insano de sorrir — Não tenho intenção de ir à parte alguma.

Ele aguardou mais um momento, como se esperando mais resistência, e então, com um xingamento exasperado, entrou na escuridão.

Enquanto ele estava fora, Portia pensou um pouco em sua situação. Bizarra como era, pareceu-lhe que ser sequestrada era realmente a melhor solução. Ela não havia acabado de pensar o quanto desejava que pudesse fugir? Preocupações com sua mãe a impediam, mas, se Marcus lidasse com isso, não haveria nada para impedi-la. Exceto por sua sensação de dever.

Se Marcus a sequestrasse, a escolha entre dever e escapatória seria feita por ela. Não haveria nada mais para ela se preocupar. Exceto pelo que ele poderia fazer a seguir.

Podia ouvir as reclamações de sua mãe se aproximando, intercaladas pelas garantias de Deed e o resmungo baixo de Marcus.

A porta da carruagem abriu e sua mãe olhou para ela, envolvida em uma manta e ainda usando sua touca. Seus olhos estavam furiosos e acusadores.

— Portia! Este cavalheiro diz que daremos uma volta em sua carruagem. O que, diabos, ele pode querer dizer?

— Ele quer dizer o que disse, mamãe. Estamos todos saindo de férias.

— No meio da noite? — mas sua mãe se permitiu ser ajudada a entrar na carruagem.

— O meio da noite é o melhor momento para sair de férias. — Portia disse, animadamente — Então, quando chegar lá, será uma bela surpresa.

Sua mãe se acomodou em um canto, enquanto Hettie fazia um

estardalhaço, colocando um cobertor em volta dela e murmurando garantias; seus olhos começaram a fechar. Em seguida, a porta foi fechada e Marcus jogou-se atrás, em seu próprio assento, enquanto os cavalos moviam-se para frente, com uma sacudida. Um momento depois, o veículo estava chacoalhando nas ruas movimentadas de Londres.

Portia esperou até não conseguir mais suportar a tensão — Arnold não estava...

— Não, ele não estava. Não está. Nem faz ideia de que partimos. Seu mordomo parece ser muito competente. Quando Arnold *descobrir*, será muito tarde, a trilha terá desmanchado, e ele não fará absolutamente nenhuma ideia de onde nos encontrar. Nenhum de nós. — acrescentou, com um aceno significativo para a Sra. Stroud.

Portia refletiu sobre isso — Bom. — sussurrou.

— Estou feliz que aprova, milady.

Seus sapatos estavam apertadíssimos e ela os tirou debaixo da cobertura de suas saias lilás. O que Victoria pensaria quando ela não chegasse no baile? Que chocante! Haveria um escândalo. Suspeitariam de Marcus? Pensariam que fugiu com ele, como alguma jovem debutante ingênua? Esperava que não. E, ainda assim, a própria ideia de fugir com Marcus lhe dava uma arrepiante sensação de empolgação.

Como se tivesse lido sua mente, ele disse: — Não tem controle sobre o que está lhe acontecendo, Portia. Está sendo sequestrada, lembra?

Novamente, ela achou a noção estranhamente confortante.

— Para onde estamos indo? — perguntou, depois de um momento.

— Duval Hall. — Marcus respondeu.

Ela ouviu o nome antes, mas não conseguia pensar onde. Talvez Minnie Duval o tenha mencionado, o lar da família? Permitiu que seus olhos fechassem. Marcus estava sentado em sua frente, protegendo-a, e cuidaria de tudo. Sentia-se segura, pela primeira vez em semanas.

Arnold esperava encontrar a casa dormindo quando finalmente chegou, por volta das duas da manhã. Em vez disso, luzes estavam acesas e Lara estava acordada e cheirando a vinho.

Ele passou algumas horas produtivas com seus amigos, enquanto comia um bom jantar e desfrutava de um cigarro com seu conhaque.

— Preciso estar bem perto dela quando puxar o gatilho. — disse aos conspiradores — Não adiantaria me espreitar no Hyde Park ou esconder-me em uma multidão de babás e crianças e esperar por um bom tiro. Quero que seja certo.

— Consegue chegar perto dela?

Pensou em Portia — Sim. Sim, conseguirei chegar perto o suficiente.

Os olhares deles refletiram uma mistura de admiração e fascinação. Arnold estava tão convencido de que estava fazendo a coisa certa, que o acharam corajoso e imprudente, além de sua compreensão. Mas ele sabia que a rainha precisava morrer. Alguém poderia influenciar, fazer discursos e escrever

cartas por uma vida e não chegar a nenhum lugar, mas essa ação abriria caminho ao redor do mundo, e o assassino e a sua causa ficariam instantaneamente famosos e nunca esquecidos. Seu pai, se ainda estivesse vivo, ficaria orgulhoso dele. Seu pai sempre foi seu modelo e herói, e aqueles que o desprezaram e o mandaram para longe, por causa de suas crenças, lamentariam.

Levantou sua taça — Pela causa!

Ergueram suas próprias, ecoando-o.

E agora Lara estava gaguejando para ele, sobre Portia e sua mãe desaparecidas. Eventualmente, ele ouviu a história de um aparentemente muito preocupado Deed.

Parece que, depois que Portia foi ao baile, em St. James's, Lara foi deitar-se. A próxima coisa que ela soube é que uma das criadas estava sacudindo-a e dizendo que Lady Ellerslie não veio para casa e nem sua criada. E, então, quando olharam no quarto da Sra. Stroud, pensando que ela poderia saber o que aconteceu, descobriram que sua cama foi abandonada e ela também se foi.

Arnold soube que lhe passaram a perna. Perguntou como que, há pouco tempo, poderia ter sido o rei do mundo, e agora... seria a chacota entre seus companheiros conspiradores. Ou pior, eles o considerariam um perigo para seus planos!

Não permitiria isso!

Jurou que Portia pagaria por isso. Não importa quanto tempo tivesse que esperar, ele seria paciente e a encontraria. E, então, por Deus, ela lamentaria amargamente.

Capítulo 22

Portia estava sonhando novamente. Estava em um barco, velejando no mar azul, diante de St. Tristan. O céu estava ensolarado sobre si e alguém a estava segurando em seus braços e ela não tinha uma preocupação no mundo. Foi somente quando o barco acertou um buraco na estrada e balançou perigosamente que percebeu que estava, na verdade, em uma carruagem e viajando durante a noite. Fugindo de tudo o que se tornou, com o homem que mal conhecia. O homem que era seu amante, ou foi, antes de dizerem adeus.

Sentou-se ereta, completamente acordada.

Marcus a estava *sequestrando*. Admitiu. Estava agindo contra a lei do país. Se Arnold descobrisse, se Victoria descobrisse, ele seria preso e levado de volta para Londres. Qual era a sentença para algo assim? Anos na prisão, no mínimo, se o público não o despedaçasse primeiro, por ousar colocar a mão em seu anjo em vestes de viúva.

Em que esteve pensando para deixá-lo fazer isso?

— Sonho ruim?

Ele também estava acordado, encostado em seu canto, pernas estendidas e cabeça inclinada, para descansar sobre o couro acolchoado. Parecia sonolento, como se estivesse praticamente dormindo. A luz do amanhecer estava inclinando-se pela janela, brilhando sobre seu lindo rosto e cabelo preto bagunçado. Estava tão perfeito que, por um momento, ela não conseguiu falar. Queria lembrar dele assim; seu herói duvidoso, irresponsável e indigno de confiança.

A tentação era subir em seu joelho e colocar seus braços em volta de seu pescoço e beijá-lo. Esquecer tudo, exceto a excitação física que ele criava nela. Olhou para sua mãe e Hettie, ambas dormindo, para se assegurar de que não estava sozinha com ele. Para o caso dela fazer algo tolo.

— Não pode fazer isso. — assim era melhor. Parecia firme e determinada; uma mulher no comando de seu destino.

— Não fazer o quê? — não pareceu impressionado com o tom dela.

— Sequestrar-me.

— Já sequestrei. — fechou seus olhos novamente e dobrou seus braços — Estou gostando de cada segundo disso. — um olho abriu — Esteve bem com isso, um momento atrás, por que mudou de ideia?

— Estive pensando...

Zangou-se.

— Marcus, as consequências são muito graves. Lembra-se do que aconteceu quando subiu no palanque, em Green Park? E isso é muito pior. Não posso deixá-lo arriscar sua vida e sua liberdade. Não sei como sequer imaginei que estaria tudo bem permitir isso.

— Portia, Portia... — ele suspirou — É por isso que está sendo

sequestrada... abduzida... independentemente de como chame isso. Então, se me arrisco ou não, isso não é decisão sua. Não sou uma de suas responsabilidades e caridades. Por favor, não desperdice sua consciência culpada comigo. Não me pediu para tirá-la de Londres, fiz tudo isso sozinho, e enfrentarei quaisquer consequências, completamente sozinho.

— Mas Marcus...

— Quer ser beijada? — os olhos dele estavam completamente abertos agora e a malícia estava neles.

— O que quer dizer? — ela cochichou, desconfortavelmente.

Ele desdobrou seus braços. Sentou-se ereto.

— Não, não, não quero ser beijada! — ela disse, encolhendo-se para trás e colocando sua capa apertadamente sobre ela, como se fosse protegê-la.

Olhou nos olhos dela por mais um momento e, seja lá o que viu neles, isso o fez sorrir daquela maneira arrogante e masculina — Então, cale-se, — disse gentilmente — ou terei que violá-la.



Marcus estava fingindo dormir. Essa pareceu a opção mais fácil. Se ela visse que estava acordado, seria bombardeado com perguntas e recriminações de sua amada. Tentou argumentar com ela. Afinal, salvou sua mãe e, como o sequestrador atencioso que era, estava trazendo a criada dela, apesar de isso tornar muito difícil para ele seduzir Portia.

Mas ela não o ouviu.

Até ameaçar lhe fazer a exata coisa que estava querendo fazer. Beijá-la.

Sorriu.

— Vi isso. — ela disse, triunfantemente — Não está dormindo, afinal.

— Trocaremos os cavalos logo.

— Não pararemos em nenhum lugar por mais que alguns instantes?

— Obviamente, não é sequestrada com muita frequência, Portia. Não é costume o sequestrador e o refém pararem para uma bela refeição e uma cama na hospedaria, durante sua fuga.

— Virão atrás de mim. — insistiu, suplicante — Não sabe como Arnold é, o quão determinado pode ser quando se trata de conseguir o que quer. Será jogado na prisão.

— Não será a primeira vez. — lembrou-a.

Olhou para ele — Por que está fazendo isso, Marcus? Concordeu que estava acabado entre nós. Dissemos adeus.

— Mudei de ideia. —ele falou pausadamente.

— Precisa me deixar ir. Por favor. Se formos encontrados juntos, eles o prenderão. Podem até lhe enforcar!

Houve tal ansiedade e desespero na voz dela, que ele se comoveu. Mas não ia mudar de ideia — Portia...

Então, Hettie falou.

— O que tem lá para se voltar, *lieben*? Os Gillinghams? A rainha? Não te amam. Mas este aqui...este aqui *ama*.

— Hettie, — Portia gemeu — sua miserável. Do lado de quem está?

— Estou do seu lado. — Hettie disse firmemente.

Momentaneamente derrotada, Portia encolheu-se em seu canto e olhou, pela janela, para a paisagem passando. Depois de um tempo, Hettie começou a roncar de leve.

— Ficaré segura comigo. — Marcus disse finalmente — Hettie está certa. Eu a amo. Devo amar. Nunca me senti assim, não por nenhuma das outras.

— É um homem lamentável! — ela ofegou — Quantas outras?

— Portia, posso fazê-la feliz. É verdade que não será mais a favorita do povo, mas será a minha.

— Estou usando um vestido de baile, Marcus. Estou usando um colar contendo o cabelo do meu falecido marido. Não tenho bagagem e nenhum dinheiro. Não pode tirar alguém da rua, sem uma escova de cabelo e uma troca de roupas, e esperar que seja feliz.

— E quanto ao colar? — ele exigiu, ignorando o resto.

Ela o levantou entre seus seios. Ele estendeu sua mão, carrancudo. Depois de um momento de hesitação, Portia soltou a fivela e o segurou para ele.

Esperava que o examinasse e o devolvesse, mas, em vez disso, ele saltou pelo espaço intermediário e tomou o colar, abrindo a janela da carruagem apenas o suficiente para jogá-lo fora.

— Isso é uma coisa a menos para se preocupar. — disse triunfantemente, seu rosto, uma máscara perversa e sorridente.

— Oh, Marcus! — sua voz dela tremeu, chorosa.

Suspirou e, estendendo as mãos, ele a levantou em seus braços. Ela guinchou, mas ele a colocou em seu colo, apesar das saias volumosas e dos quilômetros de seda. Seu cabelo, lindamente enfeitado, fazia cócegas no queixo dele. Ela não resistiu, talvez tivesse superado isso, mas também não se deitou confiantemente nele, como ele gostaria. Em vez disso, ela sentou-se rigidamente, relutante, recusando-se a ceder.

Ele falou gentilmente, segurando suas mãos apertadas nas dela — Portia, ele se foi e está comigo. Quero passar minha vida ao seu lado. Não tem mais significado do que uma sociedade que venera uma mecha de cabelo de um homem morto, mesmo se foi um herói? Isso é terrivelmente triste, Portia. É jovem e bonita; deveria viver sua vida ao máximo.

— Ao seu lado? — perguntou, piscando, tentando soltar suas mãos.

— Claro que ao meu lado. Com quem mais?

— Nos encontrarão.

— Até lá, será muito tarde. — disse, convencido — Estará comprometida.

— Marcus, não sabe o que está fazendo. Não pode simplesmente agir como desejar. Existem regras. Existem *leis*!

Ele sabia disso. Entendia os perigos de suas ações e os aceitou. Ela valia qualquer risco. E, como sua tia Minnie, ele era um otimista que acreditava que, se confiasse em si mesmo e seus instintos, as coisas tinham uma maneira de se resolverem. Confiava em si mesmo, sempre confiou. Por que ela não

podia fazer o mesmo?

— Por que minha filha está sentada no colo desse homem? — acordaram a Sra. Stroud e ela os estava olhando com olhos furiosos.

Apressadamente, Portia deslizou de volta para seu próprio assento, seu rosto vermelhíssimo, esperando recriminações. Mas sua mãe já tinha esquecido.

— Onde estamos?

Portia aproximou-se para acariciar a mão dela — Estamos quase lá. — assegurou, aliviada, e então ficou muito parada, quando lhe ocorreu que havia realmente algo muito errado. A cabeça dela virou bruscamente e olhou para Marcus — Já deveríamos ter alcançado Cambridge.

— Não estamos indo para Cambridge. Eu lhe disse que isso não serviria.

— Então...

— Estamos indo para Duval Hall, nós, sua mãe, sua criada.

— Duval Hall? — a Sra. Stroud exigiu — Onde fica isso? Conheço?

— É um lar. — Marcus disse, com satisfação e orgulho. Sorriu — Estamos indo para casa.

O lar de Marcus era uma paisagem plana e desolada, muito dela pantanosa, com ocasionais camadas de água parada. Centenas de pássaros enchiam o céu nublado, e ela conseguia cheirar o oceano. Parecia estranho, vasto e desprovido de vida humana, e, ainda assim, estranhamente bonito.

Uma casa estava sobre uma ilha diante deles. Parecia ter sido formada a partir da própria terra, uma mistura de estilos, alguns deles bastante antigos, com um muro encerrando todos eles.

— Duval Hall! — Marcus disse com orgulho — Meu lar.

Havia algo muito sinistro em Duval Hall. Na verdade, parecia bastante com uma prisão, Portia pensou. Ele a trouxe para esse lugar para trancá-la? Virou-se para sua mãe, pretendendo tranquilizá-la tanto quanto a si mesma, e encontrou a Sra. Stroud olhando em volta, com olhos emocionados, mostrando mais interesse do que ela havia feito durante toda a viagem.

A carruagem atravessou a calçada de pedra, atravessou o portão aberto no muro e entrou num pátio de paralelepípedos.

Dentro do muro, não era tão desolador, e o abrigo que proporcionava permitia um jardim onde cresciam até árvores maduras. Poderiam ter entrado em outro mundo vindo do vazio do céu e da terra lá fora.

Enquanto desciam da carruagem, exaustos e amarrotados, criados vinham correndo para recebê-los, seus sorrisos tímidos e curiosos. Ficaram contentes em ver Marcus, podia ver — Jovem amo. — chamavam-no, e este lhes dava instruções, como se fosse perfeitamente natural para ele estar no comando.

Isso a surpreendeu.

Assim de perto, pôde ver que a casa estava sendo consertada. Havia um andaime erguido em várias seções dos muros externos, com pilhas de tijolos e argamassa e toda a bagunça de um trabalho sério acontecendo. Alvenaria e telhas caídas estavam espalhadas pelo pátio. Vários homens pararam o que

estavam fazendo para olhar para os recém-chegados, especialmente para Portia, em seu vestido de baile lilás.

Um cachorro de pelagem grossa veio correndo, latindo, e se jogou contra Marcus. Este riu e acariciou suas orelhas, parecendo muito à vontade.

Mas então, ele já tinha dito que este era seu lar. Não a antiga mansão em New Forest, não Londres, com todos os seus prazeres, mas aqui, na beira do oceano, na beira do mundo.

Repentinamente, Portia sentiu como se não o conhecesse nem um pouco.

— Vai entrar? — estava estendendo sua mão para ela.

Olhou em volta. Hettie já estava levando a Sra. Stroud para fora do vento frio e da ameaça de chuva. Não havia outra opção senão entrar naquela grande casa triste. Portia levantou seu queixo, fingindo não estar assustada, sua máscara pública no lugar. Deu-lhe seus dedos e, levantando suas saias pesadas e volumosas com a outra mão, permitiu-lhe guiá-la sobre as pedras duras, em seus finos sapatos de cetim.

Teria ficado calada durante todo o percurso, mas foram as poças que a impediram. Não importa o quanto tentasse, era impossível evitá-las completamente, e quando suas anáguas se arrastaram na lama pela quinta vez, não mais conseguiu segurar sua língua.

— Não acho que tenha uma costureira e um empório de roupas na vizinhança, hum?

Ele ficou inexpressivo e depois deu de ombros — Tenho certeza de que encontraremos algo. Isso importa?

Ela teria dito algo ríspido, mas estavam dentro da sala agora e ficou em silêncio, surpresa. Isso não era triste, de jeito nenhum. Havia uma enorme janela de vitral pairando sobre a escadaria, e a luz cascadeava através de um esplendor de vermelhos, amarelos e azuis.

— Meu tio Roger foi um artista à sua própria maneira. — Marcus disse ao lado dela, satisfeito com sua reação — Ele confeccionou a janela e supervisionou sua criação e colocação.

Portia olhou para cima, olhos arregalados, e pôde ver anjos brincando — O que isso significa? — perguntou em uma voz reverente.

— Essa era a ideia dele de Céu. — inclinou-se mais perto, seu hálito quente contra a bochecha dela, seus lábios tentadoramente próximos — Havia uma seção que estava quebrada quando vim, mas ouvi que foi consertada. Pode achá-la especialmente interessante. Eu lhe mostrarei... depois.

— Milady?

A voz suave em seu cotovelo a assustou, e Portia olhou para baixo, para ver uma mulher baixa e gorda, com cabelo grisalho.

— Essa é Mercy, minha governante e cozinheira. — Marcus disse com um sorriso.

— Mercy, — Portia disse — gostaria que eu pudesse dizer que estou feliz por conhecê-la.

Houve um silêncio e então Mercy riu — Eu mesma disse isso, há quarenta

anos, mas não partiria agora, por nenhum dinheiro. Verá. Este lugar lhe conquista, milady. E o jovem amo aqui tem esses planos. Este antigo lugar morreu junto com o Amo Roger, mas foi trazido à vida novamente, verdadeiramente foi.

Marcus tinha um olhar presunçoso, e Portia recusou-se a encontrar os olhos dele, achando que iria apenas o encorajar.

— Levarei milady para seus aposentos agora, senhor. — a criada disse — Foram preparados conforme suas instruções.

— Obrigado, Mercy.

Portia podia senti-lo olhando-a subir as escadas, mas não se virou. Tinha a sensação de que ele consideraria isso outra vitória.

Seus aposentos consistiam em um dormitório e uma sala de visitas, ambos os quais estavam limpos, mas parecendo bastante maltrapilhos. Revestimento preto cobria as paredes e o chão estava desnivelado pelo tempo, mas ainda tinha uma grande quantidade de charme. Havia vários vasos de flores frescas, o tipo de flores que se encontravam normalmente em estufas e não crescendo sobre os pântanos de Norfolk.

— Ele as trouxe especialmente. — Hettie já estava lá, esquentando os lençóis com brasas numa panela.

— Ele trouxe? São lindas. — lágrimas novamente. Ela as forçou de volta, dizendo-se que isso era porque estava cansada.

— A roupa de cama também é nova. Pode descansar. — Hettie disse — Deve estar muito cansada, *lieben*.

— Ele me compra flores caras, mas não tenho camisola. Não tenho nenhuma roupa ou bagagem. Sou uma prisioneira aqui. Como posso descansar? — não choraria, disse a si mesma, furiosamente. Sob nenhuma circunstância, choraria.

— Pode descansar porque está cansada. — Hettie respondeu confortavelmente.

— E agora também se voltou contra mim. Como pôde? Costumava sempre me dizer o quanto desconfiava dele, como me arruinaria, quanto era um libertino egoísta e egocêntrico com...

— Mudei minha opinião. — Hettie interrompeu tranquilamente.

— Mas *por quê*?

Hettie apenas a olhou, reservada.

Com um gemido, Portia permitiu que Hettie a despisse, deixando-a apenas com a camisa e a ceroula. Obedientemente, subiu na cama e deitou sua cabeça contra as almofadas. O cheiro de flores flutuava até ela.

— Onde está minha mãe? — lembrou-se de perguntar.

— Ela tem seus próprios aposentos, milady. Parece suficientemente feliz. Não acho que saiba o que esteja acontecendo, não completamente, mas não está preocupada. Ela já me disse duas vezes que gosta de Sir Worthorne. Ele tem olhos travessos, ela diz e depois ri como uma garota.

— Oh, Senhor, — Portia gemeu — outra não. — e virou para o lado.

Ouviu vozes e algumas marteladas lá fora, do outro lado da casa, e depois canto de pássaros. A luz brilhava de maneira salpicada, através das cortinas de veludo. Logo seus pensamentos agitados começaram a se acalmar. Marcus a sequestrou, lembrou-se e não havia nada que pudesse fazer.

Seus olhos piscaram e fecharam e ela soltou um grande suspiro.

E dormiu.

Capítulo 23

Quando Portia acordou, era fim de tarde. A casa estava silenciosa e havia leves pingos de chuva nas pequenas vidraças. Espreguiçou-se e desceu da grande e macia cama. Com os dedos dos pés enrolados no chão, foi até a janela e abriu a cortina, para olhar para fora.

O mundo lá fora estava coberto de água. Os pântanos encharcados eram atingidos por gotículas de chuva, e o céu, cinzento como ardósia, estava trovejando. Era uma perspectiva sombria, e, ainda assim, havia um vislumbre de sol no horizonte, e um homem em um barquinho estava deslizando pelo canal, entre os juncos. Ele jogou uma rede de pesca para percorrer a água, a fumaça de seu cachimbo pairando em volta dele, como uma nuvem.

Era tudo tão tranquilo.

Sentiu como se algo dentro dela abrisse e absorvesse isso. Aos poucos, o zumbido em seus ouvidos e a batida em seu peito e aquela pequena náusea em seu estômago começaram a desaparecer. Londres estava muito longe. Mesmo se quisesse se explicar para a rainha, não conseguiria. Marcus tirou as questões das suas mãos e de seu controle. Este era seu lar, e não importa o que dissesse, no fundo, era sua prisioneira.

Deveria estar furiosa, *estava* furiosa! Não era uma mulher que procurava ser salva por ninguém, exceto por si mesma. Mas também estava estranhamente emocionada pela perspectiva de ser a prisioneira de Marcus Worthorne. Ele nunca a machucaria. Provavelmente, estava planejando fazer amor com ela, se concordasse com isso.

A pele dela esquentou, formigou, pelo pensamento dele tocá-la.

Portia sabia que não conseguiria manter esse fingimento por muito tempo. Desejava-o mais do que nunca, e ainda mais por ter passado tantas semanas sem vê-lo. Mas não se entregaria tão facilmente. Resistiria o máximo que pudesse, pelo bem de seu orgulho.

Ainda estava olhando pela janela, quando Mercy lhe trouxe uma bandeja e lhe perguntou se desejava descer — Jantamos cedo aqui no campo, mas dá tempo de explorar. — explicou — Duval Hall é o tipo de lugar onde se pode morar por anos e, ainda assim, encontrar algo que nunca viu antes.

— Marcus está aqui?

— O jovem amo está por perto, sim.

O termo que usavam para ele a irritou antes, mas estranhamente agora fazia-a sorrir. Portia estendeu seus braços sobre sua cabeça e bocejou, desculpando-se com uma careta.

— Está cansada, milady. Acontece com a gente da cidade quando vem para cá. Não percebe o quanto estão cansados, até pararem.

— Sim, talvez esteja certa. As coisas têm sido bastante tensas ultimamente.

— Tome um gole de chá, enquanto lhe encontro algo para vestir. Depois,

pode dar um belo mergulho em uma banheira quente.

— Isso parece sublime. — os olhos de Portia embaçaram e ela se perguntou por que estava sendo tão emotiva — Obrigada. *Há* algo para vestir? Não tenho nenhuma bagagem.

— O Amo Roger tinha um baú de roupas que pertenceu à sua esposa. São antigas, milady, mas nenhum de nós aqui se importa com isso. É o que está dentro da roupa, aqui, — tocou seu coração — que é importante.

Havia um recado ali? Que aparências não eram tão importantes em Duval Hall? Em um lugar tão desolador e isolado, não haveria espaço para presunção e fingimento.

O chá estava quente e doce, e ela o bebeu enquanto esperava. O som de um sino começou a tocar pelos pântanos, mas, por mais que tentasse, não conseguia ver nenhuma igreja ou torre.

— O que foi isso? — perguntou a Mercy, quando esta voltou com dois homens fortes, carregando um baú — Um sino?

— Há uma neblina vinda do mar. É um aviso para qualquer um em seu barco ou no caminho para ir para casa, para o fazerem imediatamente. A torre fica do outro lado da casa, milady, é por isso que não consegue vê-la.

— Uma neblina.

— Nós a chamamos de aflição do mar, aqui. São grossas como fumaça, às vezes, e fáceis de se perder. Agora, aqui estão as roupas de que lhe falei. Deixarei que dê uma olhada nelas, enquanto encontrarei sua criada.

O baú era tão antigo e marcado, e, quando ela o abriu, um forte cheiro de lavanda flutuou. Dentro, as roupas estavam dobradas e empacotadas com cuidado, e quando tirou o primeiro vestido, musselina amarela e fina, percebeu que estavam no estilo da regência de aproximadamente quarenta anos atrás. Assim como o sari que usou na casa de Minnie Duval, estes eram modelos justos, com cinturas sob os seios e saias que iam até os tornozelos, sem pregas ou dobras, e sem a necessidade de mais de uma anágua estreita.

Quando Hettie entrou no quarto, tinha quase esvaziado o baú — Veja! — gritou em deslumbramento — Há sapatos e gorros também, e meias e esses horríveis espartilhos antigos, e alguns xales de caxemira muito bonitos.

— Hum... — Hettie olhou para a roupa espalhada sobre a cama de Portia — Alguma dessas coisas lhe servem *lieben*? Isso é o que importa.

— Acho que sim. Ou, se não, precisarão apenas de algumas pequenas alterações.

— E quanto aos sapatos?

— São um pouco grandes, mas encontrei algumas botas com cadarços, que serão úteis.

Hettie concordou, começando a escolher pessoalmente entre as roupas, com um ar profissional — Deveria usar esta, hoje. Providenciarei para que o resto seja lavado e passado.

Portia tentou ler o rosto de sua fiel criada — Está muito ruim aqui, Hettie? Não deveríamos ter vindo?

Hettie sorriu — Não, isso definitivamente não está ruim. Não é Londres, certamente, mas posso dar um jeito. A Sra. Stroud parece não se importar.

— Onde está mamãe? Não a vi, desde que chegamos.

— Ela está com Mercy, na cozinha.

— Na cozinha?

— Ela parece perfeitamente feliz, milady, então a deixei lá. — Hettie entregou a Portia uma camisola, meias de seda e uma anágua, fina como papel

— Aqui, estes devem servir. Vestirá agora?

— Ouvi o sino tocando.

— A neblina está vindo. Se subir na torre, pode vê-la rastejando sobre o mar, como um enorme novelo de lã. Eu não sairia em tais coisas. — acrescentou, com um arrepio.

O vestido, um turquesa claro, fez seus olhos esverdearem. Exceto pela seda escarlate, Portia não usava cores berrantes há tanto tempo, que era estranho fazê-lo agora, embora, tecnicamente, estivesse fora do luto. Era apenas para agradar à rainha que permaneceu em meio-luto por tanto tempo. O estilo do vestido, acentuando o busto e depois caindo em uma saia estreita, até seus tornozelos, era lisonjeador, apesar de estranho, para alguém criado com cinturas justas e saias largas com muitas anáguas. Sentia-se desconfortável, porém ousada, como se estivesse andando em suas roupas de baixo.

As botas não exatamente acompanhavam o vestido, mas, com um pouco de preenchimento nos dedos dos pés, caberiam suficientemente bem, e ela tinha seu próprio casaco para usar durante a noite, para aquecimento e modéstia. Hettie encontrou uma escova para o cabelo e, como não havia cabeleireiro, arrumou-o simplesmente, com tranças, usando os pentes de joias para mantê-lo preso.

— Lavarei a seda lilás. — Hettie resmungou para si mesma, irritando-se pelas manchas de lama em volta da bainha — Pode precisar disso.

Portia riu, surpreendendo-se — Eu, por algum motivo, não acho que Duval Hall organiza muitos bailes, Hettie.

— Mas pode precisar disso, quando voltar para Londres. — sua criada retrucou.

Portia suspirou — Londres parece tão longe. — declarou.

Houve um momento em que suas emoções podiam ter mergulhado, quando uma onda de recordações e ansiedade ameaçou inundá-la, mas empurrou o passado de lado e se elevou sobre ele. Estava aqui agora e aproveitaria ao máximo. Poderia até se divertir.

— Venha, Hettie. — disse firmemente e estendeu sua mão — Vamos explorar.

Capítulo 24

Marcus estava trabalhando em uma comporta no pântano. Enferrujou aberta e ele e seus homens, contratou vários rapazes fortes da vila, estavam tentando consertá-la. Se a água pudesse ser impedida de inundar o que foi uma vez um campo fértil e produtivo, poderia eventualmente ser reivindicado. Poderia produzir colheitas aqui, na próxima primavera.

A satisfação o preencheu até se sentir envaidecido com isso, como um desses fazendeiros de rosto vermelho e botas, que se gabavam do tamanho de seus nabos e de quem costumava rir quando rapaz. A imagem de si mesmo com tal aparência o fez sorrir. *Transformei-me no Farmer Worthorne*, pensou, rindo secretamente. Quem pensaria nisso? Sebastian teria um de seus ataques de riso. Mas Minnie entenderia; ela veria o que o atraiu para Duval Hall e por que ele queria ficar.

Havia o matagal e as relvas de pântano crescendo no canal depois da comporta, obstruindo-a. Sob a influência de seu novo entusiasmo, Marcus tirou sua camisa e, pegando uma das picaretas, estava determinado a arrancá-los. O ar frio sobre sua pele descoberta, a pura alegria de fazer algo físico e útil, subiu à sua cabeça. Seus homens, achando graça a princípio, mudaram suas opiniões ao verem que esse não era um esforço simbólico de um frágil cavalheiro londrino.

Marcus estava determinado, e o admiraram por isso. Redobraram seus próprios esforços. Ele poderia, naquele momento, tê-los levado a qualquer parte, pensou, e o teriam seguido.

— Senhor.

Olhou para cima, apertando os olhos sobre a mecha de cabelo que caiu sobre seus olhos. Um dos homens estava apontando para a ponte. Duas mulheres estavam atravessando-a a pé; uma delas era Hettie e a outra... Olhou-as mais de perto. Era Portia, como ele raramente a via, o cabelo louro solto dos grampos, a capa esvoaçando atrás dela e revelando um vestido da cor de um oceano tropical. Um vestido que parecia mais com uma camisola.

Como sempre quando a via, ele a desejava. Esperava que sempre fosse desejá-la. Mas passou a aceitar que, afinal, não era tão simples assim. Trouxe-a aqui para Norfolk, para o seu próprio bem, disse a si mesmo, mas, agora que estava aqui, perguntava-se o que faria com ela. Seu plano era mantê-la aqui. Imaginou, em sua ignorância intencional, que ela viria a gostar de Duval Hall.

E se apaixonar por ele.

Mas, agora, pensando nela debaixo de seu teto, começava a duvidar.

Começaria a odiá-lo e desejar por Londres, sua vida cara e seus amigos da alta sociedade? Os tipos de coisas que, provavelmente, nunca poderia lhe dar. A vida de Portia era tão diferente disso quanto o sol e a lua, e agora sua ação imprudente tinha todo o potencial para se tornar um desastre para ambos.

Mas não desistiria ainda.

Sabia muito bem que *havia* algo que poderia dar-lhe, que não conseguiria em nenhum outro lugar. Algo que ela desejava. Talvez devesse aproveitar essa oportunidade para lembrá-la disso, e o que perderia se voltasse para Londres.

— Melhor arrumar as coisas agora. — disse aos seus homens, entregou a um deles sua picareta e enxugou suas mãos em seus calções — Vão querer chegar em casa antes que o tempo feche. — o ar já estava começando a parecer frio; a neblina não podia estar longe. Pegou sua camisa, sacudindo a poeira e, com um sorriso, deliberadamente a jogou sobre seu ombro descoberto.

Seus homens se olharam — Amo, subirá lá assim? Na frente das damas?

Ergueu uma sobrancelha — Certamente. Acham que estou muito vestido?

Riram como adolescentes. Marcus os deixou, subindo na margem e sobre o caminho acima do canal. A ponta não estava muito longe, e ele caminhou para ela, e Portia.

Havia uma neblina leve no ar, e Marcus sabia que pioraria conforme o nevoeiro chegava. Estava na ponte agora, seus longos passos diminuindo a distância. Elas o viram se aproximando e o estavam esperando alcançá-las. Lançou um olhar já experiente sobre a maré e viu que ainda estava longe de estar cheia, embora em uma ou duas horas estaria chegando ao local onde estavam.

Portia estava muito parada. Não muitos cavalheiros, supôs, caminhavam na presença dela, usando calções e botas e nada mais.

— Milady. — disse, fazendo-lhe sua reverência mais formal e levantando seus olhos, encontrando os dela.

Estavam arregalados. Seu olhar deslizou sobre ele, enquanto, atrás dela, Hettie segurava uma mão em sua boca, para esconder um sorriso.

— Marcus, está seminu!

Sabia muito bem disso, e que havia lama até a metade de suas botas e grudada em seus calções. Mas então estava escavando, não desfilando pela Bond Street, e não estava envergonhado disso.

— Minha camisa estava molhada. — disse des preocupadamente — Eu não queria pegar um resfriado.

Ela o olhou, desconfiadamente — E, deste jeito, não vai? — começou a se atrapalhar com as amarras de sua capa — Pegue isso e vista. O vento está gelido.

Ele estendeu sua mão e a fechou sobre a dela, interrompendo seus esforços.

— Não sinto o frio. Tenho o sangue quente, ou, pelo menos, me disseram.

Houve uma tremulação em seus olhos, como se ela estivesse lembrando coisas que preferia não lembrar. Portia desviou o olhar para que ele não pudesse ver, apertando a capa em volta de si, como uma armadura.

— Se morresse de frio, então, pelo menos, passaria a perna no carrasco. — disse sarcasticamente.

Ele riu, sabendo que ela estava tentando distraí-lo do fato de que seu corpo

a estava afetando, exatamente como sempre afetou. Estava lutando consigo mesma, tentando fingir que não desejava que ele a girasse em seus braços e a levasse para sua cama.

— Não irei morrer, Portia. — disse, deslizando um braço em volta da cintura dela e puxando-a para ele — Tenho muito pelo que viver.

Ela ficou rígida, inflexível contra ele. Seus olhos eram como vidro azul, frios e arrogantes, recusando-se a mostrar seus sentimentos, recusando-se a ceder um milímetro. Depois de um momento, ele a soltou.

— O que está fazendo aqui fora? — ele perguntou, como se nada tivesse acontecido.

— Estávamos explorando o saguão. — ela disse em um tom frio e imperturbável — Avistamo-lo da torre do sino e pensamos em vir e ver o que estava fazendo.

— Estou tentando limpar os canais, para que eu possa drenar minha terra. — Mas agora o nevoeiro está vindo, — tomou seu braço firmemente no dela — então, é melhor voltarmos para o corredor e nos abrigarmos. Eu não gostaria de vê-la perambulando e se perdendo, milady.

Ela olhou em volta de si e tremeu — É sempre assim? — murmurou, e o coração dele despencou. Ela odiou isso. Nunca ficaria. Nem se fizessem amor todas as noites e todos os dias, pelos próximos dez anos.

— Não, não é sempre assim. — disse-lhe tranquilamente, como se não desse a mínima. Começaram a caminhar de volta, na direção em que ela veio, e Hettie seguiu atrás deles — Às vezes, é pior.

Portia não disse nada para isso.

Marcus olhou para baixo, para seu vestido, que podia ver debaixo de sua capa aberta. Era antigo, o tipo de coisa que lembrava ver as pessoas usando em retratos, em Worthorne. Pelo menos, conseguia ver a forma deliciosa dela, sem todas aquelas malditas anáguas.

— Onde encontrou isso? Combina contigo.

Ela esfregou o tecido fino, bastante constrangida — Sua governanta o encontrou para mim. Pertenceu à esposa de seu tio.

— Hum...

— Com certeza, não se ressentir por eu vestir isso? É sua culpa que estou aqui com nada, exceto minha camisola!

— Não me ressinto por usá-lo. — sorriu nos olhos dela — Na verdade, estava pensando que preferiria que ficasse sem roupa nenhuma.

Seu olhar se estreitou; sua boca franziu — Marcus...

— E o que achou da minha casa? — continuou, antes que ela pudesse repreendê-lo. Podia muito bem ouvir todas as coisas ruins de uma vez.

— Sua casa?

— Sim. Não me poupe, eu gostaria de saber.

— O que importa o que acho? — ela perguntou, enfurecida.

Ele olhou para seu perfil, tentando lê-la, mas ela se recusou a olhá-lo. A umidade enevoadada do ar fez com que seu cabelo se enrolasse

descontroladamente, saltando dos grampos e fazendo cócegas em seu pescoço. Queria beijá-la, até que estivesse desejosa em seus braços, e poderia tê-lo feito, se a criada não estivesse olhando.

— Realmente morará aqui? — ela perguntou, abrupta, curiosamente.

— Sim, realmente morarei.

Agora o olhou, seu olhar deslizando por seus ombros largos e bronzeados e permanecendo sobre o pelo em seu peito, percorrendo sua barriga lisa, até a fivela de seus calções. Por um momento, ela pareceu perder a linha de seus pensamentos, seus dedos apertando-se, onde se fechavam em volta do braço dele. Pigarreou.

— Mas... o que *fará*? — perguntou, movendo sua mão em volta de si, para os pântanos, a água e o céu.

Pareceu espantada, mas ele decidiu continuar como se ela estivesse genuinamente interessada. Além do mais, estava doido para lhe contar o que planejava, então o fez. Falou sobre recuperar a terra e consertar os muros e canais, de plantar e trazer animais, de ser um fazendeiro e senhorio respeitável. Falou de encontrar seus vizinhos e ter jantares e festas, e convidar seus amigos de Londres para ficar, assim que a casa estivesse consertada, de um interesse em questões locais e até política, se isso fosse necessário para mudar as coisas para melhor. Podia ouvir a paixão em sua voz e sabia que isso estava em seu rosto, e que Portia provavelmente o achou um chato de primeira classe.

Chegaram no muro que cercava a casa, e Hettie atravessou o portão, deixando-os juntos e sozinhos. Estava muito parado e quieto. A neblina estava começando a se espalhar como dedos brancos sobre o pântano, tornando tudo assustador, amortecendo o mundo em um silêncio abafado.

Portia pareceu estar mais perto dele do que esteve antes, e ele se perguntou se estava nervosa. Conteve-se de puxá-la para si novamente — Como isso é no inverno, quando há uma tempestade? — ela perguntou, como se o tempo fosse sua principal preocupação.

— Assustador, dizem, mas seria revigorante também, não acha? Mal posso esperar. Tenho uma fantasia de ficar na torre do sino e me deixar chicotear pelo vento e pela chuva de uma tempestade do Mar do Norte.

Ela encontrou seus olhos e não desviou o olhar — É o homem mais estranho. — murmurou — Sequestra a mim e minha mãe. Nos traz aqui onde tenho certeza de que ninguém jamais nos encontrará. E agora me diz que passará o resto de sua vida aqui, cavando valas e enfrentando tempestades, quando não estiver supervisionando a justiça como o juiz local ou concorrendo ao Parlamento. Com certeza, sentirá falta de Londres? E quanto aos seus amigos, entre os Hussars?

— Ainda vou vê-los quando for à cidade, apenas não será tão frequentemente. Enfim, acho que cansei de beber descontroladamente e cobiçar dançarinas. — riu.

— Não fique brava, Portia. Sei que acha isso incompreensível, mas estou

feliz com minha sorte.

— Estou... Acho que estou surpresa, só isso. Não achei que fosse o tipo de homem que ficaria satisfeito com uma vida como essa.

— Um malandro e um gastador? — zombou, olhando.

— Quando o vi pela primeira vez, no Aphrodite's Club, estava tão à vontade lá, tão obviamente um homem da cidade. Não consegui imaginá-lo em qualquer outro ambiente.

Estava sendo honesta, e sua opinião não veio como uma surpresa, ele soube o tempo todo o que imaginou que ele fosse, mas essa era uma opinião que estava determinado a mudar.

— Sou um homem que desfruta das coisas boas da vida, — disse calmamente — isso é verdade, mas eu não poderia passar todos os meus dias e noites com nada para fazer, exceto viver tal existência. Pensei que pudesse, mas sei agora que não sou um homem para ficar parado por muito tempo. Estou buscando por um desafio, e acho que o encontrei aqui.

— E mulheres? — perguntou, como se estivesse apenas curiosa e não se importasse — Ficaré satisfeito com as moças da vila, ou... a filha do pastor?

Algo no rosto dela, em seu tom, causou impacto. Por um momento, tentou desvendar o que estava lhe dizendo, mas não conseguiu. Estendeu a mão e cobriu seu rosto com o calor de sua palma — Por que eu iria querer a filha do pastor, quando lhe tenho

Sua respiração parou, mas qualquer coisa que ela estivesse prestes a dizer nunca foi dita. Ele percebeu quão fria sua carne estava e exclamou: — Está congelando! — instintivamente, envolveu seus braços nela, puxando-a para seu abraço quente.

Achou que ela protestaria e resistiria, mas, em vez disso, fez o oposto. Portia acomodou-se em seu peito, calma e dócil, suas mãos frias apoiadas sobre sua pele descoberta — Oh, Marcus, — suspirou, seu hálito fazendo cócegas na garganta dele — não me quer. Que uso tenho para você? Ficaria melhor com a filha do pastor, ou, pelo menos, alguém que não lhe trará infâmia e encrenca.

Sua resposta inesperada o surpreendeu — Portia? O que é isso? Conte-me.

Estava certo de que sentiu seus lábios pressionarem-se contra a pele dele. Mas a sensação foi breve e, no momento seguinte, ela se afastou, inclinando-se novamente em seus braços, seu olhar fixo no dele — Parece ter encontrado sua vida aqui, Marcus, mas a minha é em Londres.

— Está sendo sufocada. — ele disse, furioso e irritado por sua recusa de ver o que estava na frente dela — Não acredito que queira continuar vivendo assim, sob o olhar vigilante de Arnold.

— Se quero ou não, não vem ao caso. Terei que voltar. Enfrentarei as consequências do que fiz. Há o Arnold e a Lara para lidar, lembra? Dificilmente posso deixá-los em minha casa, como se tivessem direito a ela e a todos os meus pertences. E existem pessoas lá que dependem de mim e das decisões que tomo. Mesmo que voltar signifique desgraça, terei que voltar e

lidar com tudo e... e me explicar para a rainha.

Isso era corajoso dela, e ele pôde ver por que precisava voltar. Apenas não ainda. E, pelo amor de Deus, não sozinha! Ela o estava excluindo de sua vida. Tentou mais uma vez, enquanto a névoa pegajosa os cercava — Então, podemos enfrentá-los juntos. Não precisa estar sozinha, Portia.

— Mas estou sozinha. — lembrou-o calmamente.

Ele pegou seu braço novamente e a levou pelo pátio vazio, para a porta da frente de Duval Hall — Esqueceu-se. Eu a sequestrei.

— Não. Eu lhe pedi para me levar embora. E isso é o que pretendo dizer quando voltar para Londres.

Ela achou que poderia receber a culpa pelas ações dele. Portia, a mártir. Ele olhou para baixo, para ela, e balançou sua cabeça, com desgosto — Não. Isso não acontecerá. Proíbo isso.

Marcus a estava olhando com aquele olhar familiar. Portia desejou que ele não estivesse seminu... Lá estava ele, pés afastados, mãos em seus quadris, seus calções apertando-o, enquanto a pele de seu peito brilhava com suor e estava abundantemente manchada de terra.

Deveria estar horrorizada e enojada. Qualquer outra mulher no lugar dela teria ficado. Mas sabia que devia ser diferente, porque o achava tentador, quase além de sua capacidade de resistir. Há instantes, quando ele a segurou em seus braços, ela o teria beijado. Foi necessária uma imensa força de vontade para se afastar e colocar um pouco de distância entre eles.

Era sua própria culpa. Quando ela e Hettie subiram na torre do sino para ver a paisagem, espiou-o trabalhando com alguns dos homens sobre o pântano.

Sem camisa, usando uma picareta, como um trabalhador. Não como o tipo de cavalheiros a que estava acostumada, definitivamente.

A visão fez o seu coração começar a bater violentamente.

Ouviu sobre damas chiques que preferiam compartilhar seus charmes com servos e homens comuns das ruas, mas nunca pensou que seria uma delas. Ou era apenas Marcus que esquentava o seu sangue? Ele sozinho fazia suas pernas se transformarem em gelatina?

Seus olhos, mais dourados do que castanhos, estavam calorosos e risonhos e olhando nos dela, parecendo ler seus pensamentos — Portia, meu amor, é minha prisioneira agora. Posso nunca a deixar voltar para Londres.

Oh, Senhor. Deveria estar furiosa com a arrogância dele. Esse era o tipo de coisa que Arnold poderia dizer. Mas era diferente quando Marcus dizia isso, e suas sensações nunca saíam de controle quando ela estava confrontando Arnold Gillingham. Se fosse uma mulher diferente, teria cedido imediatamente, entregando-se como refém dele, mas Portia sabia que isso não seria justo com ela, ou com ele.

Falou-lhe de seus sonhos, de uma maneira que comoveu seu coração, mas não conseguia ver que, se quisesse realizar esses sonhos, não poderia estar comprometido com ela. A desgraça dela, o escândalo que se ligaria a eles,

colocaria um fim em quaisquer esperanças que tivesse de ser admirado aqui em Norfolk. As pessoas o olhariam com desaprovação e se apressariam em seus caminhos, e quanto a ser eleito no Parlamento... isso não aconteceria. Terminaria seus dias sozinho, rejeitado e amargo.

Ele a odiaria, e Portia não conseguiria suportar isso.

Melhor se separarem agora. Mas podia ver que ele não tinha intenção de deixá-la partir, e precisaria de tempo para convencê-lo de que essa era a coisa certa a se fazer. Precisavam chegar a algum tipo de acordo.

— Ficarei por uma semana.

— Um ano.

— Uma quinzena.

— Um mês.

— Marcus...

Foram interrompidos — Mercy diz que seu banho está pronto, milady.

Era Hettie, parada atrás dele, suas mãos elegantemente dobradas. Não ouviram sua aproximação.

— Continuaremos essa conversa depois. — Portia disse, para deixá-lo saber que não desistiria e o deixaria vencer.

— Com certeza. — ele zombou — Tão depois quanto quiser. Seu quarto ou o meu?

Ela subiu as escadas com sua cabeça erguida, recusando-se a responder.

Capítulo 25

Portia sentia-se completamente relaxada. Banhou-se e Hettie a ajudou a vestir outro dos vestidos antigos, desta vez um bege, com um casaco de mangas longas combinando, que entrava apertadamente em seus braços e ombros e abotoou bem embaixo de seus seios. Com o cabelo cacheado suavemente em volta do rosto, sentia-se como outra mulher, em outra época.

Seria tão fácil mergulhar nessa fantasia que Marcus criou para ambos, na qual ela era sua prisioneira voluntária e viveriam aqui, juntos, seguros e felizes, e ninguém jamais a encontraria.

Mas seus sapatos lilás apertadíssimos a trouxeram de volta à realidade. Beliscavam, desconfortáveis, eram um lembrete da verdade.

Mercy os serviu na sala de jantar. Ficava na parte mais antiga da casa e tinha painéis escuros e um teto entrecruzado por vigas pesadas. Tinha uma atmosfera intimista. Apesar das muitas velas acesas em castiçais, eram incapazes de manter as sombras afastadas, e o fogo estalando na lareira lançava um brilho leve, enquanto Duvals olhava-os com os olhos de Marcus. Portia pensou que pudesse ter entrado em uma dessas novelas escandalosas, porém deliciosas, de Bronte.

Essa poderia ser sua vida, disse a si mesma, com espanto. E ela estava dando suas costas a isso... Apenas por um momento, desejou que fosse outra pessoa, alguém que fosse suficientemente egoísta para não se importar que ficar destruiria a chance de felicidade de Marcus.

— Acho que a Sra. Stroud não estava disposta a se juntar a milady, esta noite. — Mercy disse, enquanto prestava atenção na moça a quem estava servindo — Ficou suficientemente feliz em levar uma bandeja para seu quarto. Sabia que ela gosta de jogar xadrez, milady?

Portia piscou — Eu nem mesmo sabia que ela conseguia jogar.

— Parece que foi um dos jogos favoritos dela em sua juventude. Minha sobrinha está jogando com ela.

— É esquecida, às vezes. — Portia começou, então se perguntou por que não podia contar a verdade. Arnold não estava aqui para puni-la agora — Na verdade, ela é muito esquecida. O tempo todo.

Mercy concordou — Já vi isso antes. — disse animadamente — Geralmente com os idosos, mas, às vezes, isso acontece com os jovens. Isso piorará. Um dia, não saberá quem é. Deveria aproveitar o máximo dela, enquanto ainda sabe.

— Minha mãe, não sabendo quem sou? — Portia perguntou quando ela e Marcus estavam sozinhos novamente, com o pudim — É um pensamento enristecedor.

— São próximas? Mal conheci minha mãe.

Portia sorriu sarcasticamente — Minha mãe era quem governava nossa

casa e nossas vidas. Meu pai ou não poderia ser incomodado, ou não tinha a força para enfrentá-la. Foi minha mãe quem me fez conhecer Lorde Ellerslie.

— E o resto é história. — ele declarou severamente — Ela tem muito pelo que responder.

— Não sabe como eu era antes. — murmurou, fazendo careta.

— Como era? — Marcus a estava olhando sobre sua taça de vinho, a luz da vela em seus olhos.

— Jovem e insegura. Tímida. O típico patinho feio.

— E parece que Lorde Ellerslie te transformou em um cisne? Por alguma razão, duvido disso.

— Ele me ajudou a me tornar a mulher que sou.

— Subestima-se.

— *Lembra da pequena Portia Stroud da paróquia? A garota que estava tão apaixonada por ti, que mal conseguiu falar em sua presença?*

Mas não conseguiu dizer isso, não teve coragem de fazê-lo. E o que ele pensaria dela se o fizesse? Estava apaixonado pela Lady Ellerslie, não pela Srta. Stroud. Melhor deixá-lo manter suas ilusões.

— Terminou? — ele perguntou impaciente, olhando para sua refeição na metade — Quero lhe mostrar algo.

Curiosa e com um pouco de receio, Portia o seguiu para o grande salão e subiu as escadas, até o primeiro patamar. As surpresas de Marcus não eram sempre agradáveis.

Estava escuro, exceto por uma ou duas velas tremeluzentes, nenhuma lamparina aqui em Duval Hall. Quando alcançaram a enorme janela de vidro, Marcus parou e segurou um lampião que trouxe, da mesa da sala, para que pudessem ver.

Havia anjos e animais brincando, e um jardim cheio de flores e frutas. As cores não eram tão brilhantes sem o sol vindo do outro lado, mas isso ainda era impressionante.

— Esta é a parte que substitui. — disse.

Fascinada, olhou para onde ele apontava.

Uma estrela em um céu azul da meia-noite e uma mulher a olhando. Estava usando um vestido escarlate e seu longo cabelo loiro estava solto, cachos dele enrolando nela, encantadoramente. Levou-lhe um momento para perceber quem a mulher deveria representar.

— Oh!

Marcus riu baixinho e maliciosamente — Então, a reconhece? Perguntei-me se iria.

Virou-se para ele, seus olhos arregalados, com deslumbramento — Colocou-me em sua janela.

— Coloquei. — colocou o lampião no chão e deslizou seus braços em volta dela, segurando-a contra ele, seus lábios fecharam nos dela — Preferiria tê-la em minha cama, no entanto.

Ela se inclinou nele, com um suspiro.

A mão dele subiu pela sua cintura, cobrindo seu seio com uma intimidade que deveria tê-la deixado brava, mas, em vez disso, tal ato a fez querer rir. Ele a beijou, sua boca quente e com o gosto do vinho que bebeu no jantar.

A resistência dela, a que sobrou, desmoronou.

— Venha, — Marcus murmurou — está na hora de eu lhe mostrar meu dormitório. Apenas para que saiba o caminho, caso se perca. — acrescentou e, tomando sua mão, começou a levá-la escada acima.

Portia foi voluntariamente. Ele podia ser arrogante e manipulativo, mas era um deus na cama. O deus dela.

Na porta, ele a beijou novamente, e ela esqueceu do passado e do futuro. Ele a colocou em sua janela, em seu lar, e seu presente para ela a comoveu, quase insuportavelmente.

Marcus beijou suas bochechas, provando suas lágrimas, mas, quando ia falar, ela pressionou sua boca na dele, intensa e apaixonadamente — Faça amor comigo, — sussurrou — Faça-me esquecer.

E, sendo o cavalheiro bem-educado que era, na aparência pelo menos, ele obedeceu.

Em Londres, havia histeria. Vendedores de jornal berravam as notícias terríveis nas esquinas das ruas, políticos exigiam ações do Parlamento, e a rainha escrevia carta após carta, para sua força policial. A pergunta era a mesma, para onde quer que se virasse.

Onde estava Lady Ellerslie?

Seu desaparecimento era uma conspiração para desestabilizar a rainha e o seu governo? Havia um resgate pelo retorno dela? Pessoas importantes sugeriram que uma coleta já ocorrera para tal possibilidade, para que Lady Ellerslie pudesse ser salva. Mas, obviamente, havia sempre a preocupação de que algum sujeito desprezível, com intenções maliciosas em relação à linda viúva, tivesse decidido sequestrá-la. Levando-a para algum esconderijo secreto e exercendo sua terrível vontade sobre ela.

O público estremeceu, alguns com horror, outros excitados e uns com uma combinação de ambos. A especulação era frequente, e não mais do que na casa de Sebastian, Conde de Worthorne.

— Eu ficaria muito mais feliz se soubesse exatamente onde Marcus está. — Sebastian disse, preocupado — Tenho a sensação de que está envolvido nisso.

— Certamente, não! — Francesca tranquilizou, mas sua expressão estava apreensiva.

— Ele está obcecado com a mulher. Lembra daquela maluquice, quando ela desmaiou em Green Park? Marcus não toma cuidado quando se trata de algo que quer. Vai atrás disso.

— O que fará, se ele estiver com ela?

— Estrangulá-lo?

Foram distraídos por vozes altas, fora do hall de entrada, e ambos se

viraram quando a porta foi escancarada. Tia Minnie, em suas roupas de viagem e usando um turbante indiano, fez uma entrada dramática.

— Isso é tudo minha culpa! — desesperou-se.

— Minnie, mas o que, diabos...? — Sebastian olhou para ela.

Francesca já estava se aproximando da dama idosa — Minnie, o que é isso? Sente-se, antes que caia.

Permitiu-se ser levada para uma cadeira e restaurada com um copo de cordial.

Sebastian a olhava, lutando com sua impaciência. Quando ela tomou a última gota, perguntou: — O que é sua culpa, Minnie? Isso deve ser importante, se percorreu todo o caminho, desde Little Tunley, para nos contar.

Minnie olhou para ele, seus olhos debaixo de seu turbante estavam aflitos, ainda assim, Sebastian podia jurar que havia também um brilho de orgulho neles.

— Marcus sequestrou Lady Ellerslie.

Sebastian e Francesca trocaram um olhar.

— Insisti em me gabar sobre meus ancestrais de Duval. — Minnie continuou — Eram barões corruptos, vê. Costumavam cavalgar e tomar o que quisessem. Conte-i a Marcus tudo sobre isso. Falei principalmente da maneira como sequestravam suas esposas, embora, obviamente, fossem solteiras antes. Isso veio depois. Ele fingiu zombar da história, mas deve ter ouvido mais atenciosamente do que imaginei. Agora que penso novamente nisso, houve um claro brilho nos olhos do querido rapaz. Deve ter planejado isso desde então.

— Quer dizer que meu irmão realmente sequestrou Lady Ellerslie? — Sebastian perguntou com um rugido — E o encorajou, Minnie?

Esta se encolheu um pouco, mas seu queixo ainda estava muito erguido.

— Temo que sim, Sebastian.

— Onde estão? Em Worthorne Manor? Ou fugiram para a França?

— Ele está em Duval Hall, obviamente. — Minnie disse, com um tom de desprezo — Certamente, teria adivinhado isso? Marcus é louco pelo lugar, exatamente como Roger foi. São muito parecidos, sabe. Agora que penso nisso, Roger também se apaixonou por uma garota totalmente inadequada.

Francesca se levantou, como se preparando para partir imediatamente para Norfolk — Oh, isso é terrível! Ele poderia ser mandado para a prisão, ou pior... Sebastian, meu amor, o que faremos?

— Sim, Sebastian, como chefe da família, acho que deveria assumir o controle da situação, imediatamente. — Minnie anunciou.

Sebastian concordou calmamente — Está certa. Tenho que ir para Norfolk. — disse tranquilamente — Se mais alguém descobrir o que fez, aonde foi e espalhar a notícia... ele será despedaçado.

Francesca estremeceu — Oh, Deus, imagine o anjo em vestes de viúva sendo encontrado nas garras de Marcus?! O homem que invadiu o palanque e tentou... tentou molestá-la, ou seja, lá o que aqueles terríveis jornais

estivessem dizendo na ocasião. Mesmo que não o despedacem literalmente, derramarão sua ira sobre ele. O pobre Marcus será arruinado, incapaz de mostrar sua cara na alta sociedade, em qualquer sociedade, novamente. Sua vida estará acabada.

— Exatamente. — Sebastian soou tão severo quanto parecia.

— Sim, sim, deve ir imediatamente e salvá-lo. — ela disse — Vá agora, meu amor, antes que seja muito tarde!

Ele a tomou em seus braços, beijando-a demorada e intensamente, e então partiu.

A tia Minnie tirou um leque pintado e o abanou na frente de seu rosto — Na verdade... — sorriu maliciosamente para Francesca — ... isso é muito romântico, não é? Sempre soube que Marcus era precipitado, mas nunca tão ousado. Se eu fosse Lady Ellerslie, acho que ficaria muito contente de ser levada para longe, por Marcus, em um encontro secreto.

— Lady Ellerslie pode não estar nada contente. — Francesca disse, preocupada — Imagine o escândalo? A reputação dela seria arruinada. A sociedade pode ser muito cruel com mulheres que não praticam seus altos padrões de moralidade. Sabe, ouvi alguma mulher estúpida dizendo, no jantar da noite passada, que seria melhor para Lady Ellerslie morrer do que sua reputação ser manchada?

Minnie bufou — Que bobagem.

— Exatamente o que pensei. Mas isso é o que a Portia terá de lidar, se o pior acontecer. E quanto a Marcus... se não for preso, então será excluído, e justo quando estava começando a se interessar por Duval Hall.

— Um escândalo. — Minnie disse ansiosamente, seus olhos brilhando — Que emocionante!

Francesca sentou-se ao lado de sua tia por casamento e lhe deu um olhar inquiridor — Minnie, disse que seu tio Roger se apaixonou por uma garota, que era completamente inadequada.

— Isso mesmo. A filha do dono da taberna, entre todas as coisas. Roger hospedou-se na taberna, em seu caminho para Londres e, pela manhã, estava apaixonado. Acho que ela lhe serviu o jantar e ele a convenceu a sentar e conversar. Mas isso foi o suficiente.

— Ele a esqueceu?

— De jeito nenhum. Casou-se com ela. Foi muito chocante e causou um grande escândalo. Existem esnobes em todos os níveis da sociedade, sabe, e o taberneiro ficou simplesmente tão chocado quanto os meus pais. Mas nenhum deles se importou nem um pouco. Roger a amou até ela morrer e nunca foi o mesmo depois. Marcus é assim, persistente. Verá.

Francesca colocou uma mão em seus olhos — Querido Senhor, não sei se quero ver. Apenas espero que não haja escândalo, e que Sebastian consiga acalmar as coisas, antes que isso fique muito conhecido... pelo bem de todos nós.



Lara Gillingham ficou horrorizada por se encontrar em tal situação. Tudo estava indo tão bem. Portia esteve se comportando, convites vindo, a vida estava como deveria estar. E agora isso! Para todos os lugares que iam, eram incomodados por simpatizantes e fofoqueiros, e tinha que fingir estar desesperada, quando, na verdade, estava furiosa. Queria dizer-lhes o que realmente pensava, mas não podia dizer nada. Arnold proibiu.

— Ela deve ter planejado isso o tempo todo! — lamentou — A vaca mentirosa e traiçoeira. Se arruinou, e nós com ela.

Arnold tinha seus próprios pensamentos sobre quem planejou o desaparecimento de Portia. Apesar de rigorosamente interrogar os criados, conseguiu muito pouco deles, e nada sobre qualquer cúmplice. Marcus Worthorne fez isso. Tinha certeza disso. O homem era um selvagem imoral. A pergunta agora era para onde a levou.

Até que soubesse isso, seus próprios planos teriam que ser adiados. Escolheu Portia para ser seu instrumento, e ela seria. Não, ele não desistiu e nunca iria. Já havia contratado várias pessoas, apropriadamente qualificadas, para caçar Portia e seu amado, e, quando descobrisse onde estavam, decidiria como lidar com eles, da melhor maneira possível. *Sua* melhor maneira.

Algo ainda podia ser salvo desse caos.

— O que faremos? — a voz de Lara finalmente penetrou os pensamentos de Arnold. Virou-se para ela, notando seu olhar assustado e rosto corado. Estava provavelmente imaginando uma enxurrada de recusas ao seu último banquete, se Portia não estivesse lá.

— Negue qualquer conhecimento. — ele a instruiu — Diga que tem certeza de que isso é apenas um engano e que, muito em breve, ela voltará para casa e explicará tudo, para a satisfação de todos. Está preocupada, naturalmente, mas confiante de que tudo ficará bem.

— Não sei se consigo. Estou tão brava, Arnold. Encontro-me desejando que ela sofra algum terrível mal... ela e aquele homem. Como posso fingir que a amo como deveria, quando é uma madrasta tão desnaturada?

— Bem, deve. — retrucou friamente — Isso não é sobre você, é sobre a família. Lembre-se, a memória do seu pai está imaculada, e continuará assim, contanto que evite qualquer fofoca em contrário. Portia pode ter se destruído, na verdade, parece determinada a destruir-se, mas não ele e nem você. Podemos até conseguir usar a queda dela para nos melhorarmos aos olhos da rainha e do público.

Sua esposa o olhou admiravelmente.

Arnold notou antes que, quanto mais bastardo era, mais ela gostava. Provavelmente lembrava-a de seu pai, e da maneira como costumava dar-lhe ordens, como se ela fosse um de seus subalternos. Obviamente, se conhecesse seus verdadeiros planos, envolvendo Portia e a rainha, poderia não ficar tão admirada. Ou talvez estivesse enganado sobre ela, talvez fosse considerá-lo um herói, pelo que estava prestes a fazer.

Não era todo o homem que mudava a História.

Capítulo 26

Portia estava mole e saciada. Mal tinha forças para levantar sua mão e colocar um dos cachos pretos de Marcus de volta em sua testa. Ele abriu um olho, olhou-a e sorriu.

— Habilidoso o suficiente, milady?

Portia sorriu de volta — Muito habilidoso.

Seu sorriso se tornou interrogativo — Sabia que tenho a mais estranha sensação, às vezes, quando a olho? Como se já nos conhecêssemos.

Ela abaixou seus olhos e fingiu alisar os lençóis — Não consigo pensar por quê.

— Eu gostaria de acreditar que é porque somos almas gêmeas, mas acho que a vi em alguma cerimônia ou outra. Sobre um palco, recebendo toda a glória, e eu nos pontos mais afastados da multidão, olhando.

Ele realmente acredita que ela estava tão acima dele? Não que isso parecesse incomodá-lo; estava orgulhoso dela e de quem era. Podia ver isso em seus olhos, em seu sorriso. E isso, certamente, não afetava a maneira como fazia amor com ela, que era muito mais carnal do que reverencial, graças a Deus.

Ele saiu da cama e foi até a janela, nu como no dia em que nasceu — A neblina se foi. — disse com satisfação — Quero tentar ter aquela comporta funcionando amanhã. Precisamos começar a pensar em plantio, se quisermos fazer esse lugar compensar.

— Nós.

Portia deixou a palavra passar sem uma briga.

Olhou-a sobre seu ombro, um sorriso pairando sobre sua linda boca — Venha e veja.

Um pouco relutantemente, ela saiu da cama quente, o chão frio contra seus pés descalços, e se juntou a ele na janela. Marcus a aproximou novamente dele, dobrando seus braços em volta dela. Era tão quente, mesmo nu, e, com um sorriso, lembrou do que ele disse na ponte, sobre ser de sangue quente.

Então, olhou para fora da janela.

A neblina dispersou e a lua surgiu. Era como uma enorme bola redonda, pendurada baixa, no céu, brilhando sua luz pálida e fria sobre os pântanos e a água. Havia algo celestial na cena, como se fosse um reino pertencente a um herói mitológico.

O reino de Marcus.

Não era de admirar que amasse isso aqui, Portia pensou. Provavelmente se imaginava como um rei, todo-poderoso. Mas isso não era justo. Ele tinha ideias para o futuro, e estava mais do que disposto a colocá-las em prática. Este não era um tirano vaidoso. Marcus era um homem inteligente e pensador, e, embora pudesse ser um pouco precipitado, e cego quando se tratava de

perigo, era admirável de tantas maneiras, que ela tinha dificuldade para listá-las.

Enganou-se quando pensou nele como nada mais que um homem lindo da cidade, um mulherengo, que só sabia beber, apostar e divertir-se nos prostíbulos de Londres. Talvez sempre soubesse, em seu coração, de que ele era capaz de muito mais do que lhe dera crédito. Talvez tenha apenas lhe sido mais fácil fingir o contrário.

— Bonito, não é? — perguntou contra o cabelo dela.

— Sim.

— Moraremos aqui, nós dois. — e isso não foi uma pergunta.

— Marcus...

Ele levantou seu queixo para que pudesse ver o rosto dela — Eu te amo. Não acho que seu marido te amou, não assim. Ninguém jamais te amará assim. Por que não pode confiar em mim para cuidar de você?

— Confio. — ela murmurou.

— Confia? — assustado, procurou os olhos dela no luar, buscando a verdade.

— Claro. Fui a St. Tristan quando pediu. Fui ao Aphrodite's Club. Arrisquei-me a ser descoberta, repetidas vezes. Marcus, confio.

Ele pareceu comoventemente satisfeito com sua resposta.

— É em outras pessoas que não confio. — acrescentou.

— Deixe que eu me preocupe com as 'outras pessoas.'

Ela não quis dizer algo que pudesse estragar esse precioso momento, então, em vez disso, esticou-se e o beijou. Seus beijos ficaram mais profundos e apaixonados e, com um gemido, ele a jogou em seus braços e a carregou de volta para a cama.

Marcus acordou cedo, como sempre fazia em Duval Hall. Selou seu cavalo e percorreu sua terra, gostando da névoa girando em volta dele e o cheiro do mar. Londres parecia muito longe e não sentia falta dela, nem um pouco.

A noite passada foi perfeita. Portia confiava nele; ela disse. A mágica desse lugar, de estarem aqui, juntos, estava lançando seu feitiço em volta dela. Ele só precisava de um pouco mais de tempo e ela concordaria em ficar aqui com ele, para sempre. Com certeza, mais algumas semanas de paz e isolamento com a mulher que amava não era pedir demais.

Apesar do que ela parecia acreditar, não estava sendo intencionalmente cego ou ingênuo quando se tratava do futuro. Sabia que poderia haver um escândalo, e um terrível, mas suportariam isso, exatamente como suportariam as tempestades que assopravam do mar. As coisas poderiam ser difíceis por um tempo, mas Portia colocava muita importância no que poderia estar acontecendo em Londres. As pessoas por aqui não eram interessadas nisso. Olhariam para ele e Portia, veriam que eram honestos e fiéis, e os aceitariam pelo que eram.

Mais tarde, quando a fofoca cessasse ou fosse substituída por algum outro

boato delicioso, começariam a retomar suas vidas mais longe, no campo. O tempo era o segredo, e ele tinha mais do que o suficiente disso. Trancaria seu portão contra o mundo exterior, retirar-se-ia para detrás dos muros e se prepararia para um cerco.

Mas, quando virou seu cavalo para casa e avistou a entrada, viu que o mundo exterior já tinha entrado em seu reino. Havia uma montaria de um estranho no pátio de paralelepípedos, ainda ofegante de sua viagem, e seu coração afundou.

— Mais encrenca. — resmungou, enquanto desmontava.

O cavaliço veio tomar suas rédeas.

— De quem é? — Marcus exigiu, sacudindo sua cabeça para o outro cavalo.

— Disse que era um amigo seu, amo. Mercy o levou para dentro, para lhe dar um pouco de café da manhã. Ele falou que cavalgou arduamente todo o caminho, desde Londres.

— Londres. Talvez não estivesse tão distante quanto pensou. Marcus caminhou para a casa, determinado a mandar seu visitante de volta, tão logo quanto possível. Graças a Deus que Portia não estava acordada e perambulando, e ele avisou os criados para não comentar.

Não foi até estar quase em cima deles que reconheceu a voz. Sem a menor cerimônia, abriu a porta da aconchegante sala de estar.

— O que, diabos, *está* fazendo aqui?

Portia ouviu as vozes quando alcançou a curva das escadas. Marcus e outro homem. A luz brilhando através da janela estava gloriosa, esta manhã, e ela não resistiu olhar para a figura no vestido escarlate, com um sorriso melancólico.

Amo-o, pensou. Pensei que o amasse quando garota, mas isso não era nada comparado ao que sinto agora. Vou amá-lo até morrer. Mas não posso deixá-lo estragar sua vida por mim. Não posso deixar isso acontecer a este homem maravilhoso, que tem tanto para dar. Por mais que deseje ficar aqui, em seus braços, escondida do mundo, sei que, eventualmente, ele me encontrará.

— ... Enviou uma tempestade através de Westminster, todo o caminho até Buckingham Palace. Sem mencionar as manchetes de jornal, furiosas. Até o momento, pessoas têm afirmado ver Lady Ellerslie de Land's End até John O'Groat's. Não pense que isso acabará. Estão atrás de sangue, e é apenas uma questão de tempo, antes de pegarem seu rastro e lhe encontrarem.

— Seb, sei o que estou fazendo.

— Francesca está preocupada contigo, irmão, e não suporto vê-la preocupada.

Soou como se falasse sério.

Neste momento, Portia reconheceu o segundo homem como Sebastian, Conde de Worthorne e irmão de Marcus. O fato de que ele estava aqui era preocupante, pensou, enquanto descia as escadas até eles.

— Não pode esperar esconder-se do mundo para sempre, Marcus.

— Não espero. Só até o pior passar.

— Eles não lhe permitirão. Não consegue ver isso? Muitíssimas pessoas importantes têm interesse em Lady Ellerslie. Procurarão alguém para culpar, e não será ela.

— Nos dias dos primeiros Duvals, quando estavam sob ataque, removeram a ponte.

— O quê?! Então, pretende ficar aqui, sob cerco, e derramar óleo fervente sobre seus muros? Marcus, acorde! Estes não são os dias de cavaleiros e dragões; este é o século dezenove!

— Seu irmão está certo.

Ambos olharam enquanto Portia se aproximava deles. Marcus estava com a barba por fazer, seu cabelo despenteado, por sua cavalgada na luz do amanhecer, enquanto seu irmão estava com os olhos fundos pela viagem. Eram repentinamente muito mais parecidos do que percebeu.

— Lady Ellerslie. — Sebastian lhe fez uma referência formal.

Viu a maneira como ele olhou para sua roupa antiga, mas foi muito educado para comentar — Receio que seu irmão não pensou em me prover com um guarda-roupa, milorde, então, tive que usar o que estava disponível nos sótãos.

Os olhos tristes de Sebastian animaram-se com riso — Meu irmão pode ser um desatencioso miserável, Lady Ellerslie.

— Bobagem, sou o herói dela.

Ela sorriu para Marcus, e, de alguma forma, seus olhares se fixaram e ela não conseguiu desviar o olhar. Foi a garganta pigarreando de Sebastian que interrompeu o momento. Portia tomou fôlego, endureceu sua espinha, sabendo que quaisquer notícias de Londres deviam ser ruins.

— Eles sabem?

— Não ainda. Ouvi que o marido de sua enteada está pagando por informação sobre seu paradeiro, e algumas das pessoas a quem está pagando não têm escrúpulos. Lhe encontrarão, é apenas uma questão de tempo. Então, caberá a ele se espalha a notícia ou vem aqui pessoalmente, convencê-la a voltar.

— Arnold. — murmurou e soube que seu rosto empalideceu — Ele é um homem perigoso e me odeia, embora eu não entenda por quê. Porque não o admiro como Lara, penso. Ela é muito mais fácil de entender... me odeia porque seu pai casou comigo. Ela odiaria qualquer mulher nessas circunstâncias.

Irritou-se.

— Ainda estão morando em minha casa, em Grosvenor Square?

— Acredito que se mudaram de volta para a Curzon Street. A irmã de Lorde Ellerslie, Jane, colocou-se no comando da sua casa.

Portia alegrou-se — Bom.

— Então, não pretende voltar para Londres, se Arnold Gillingham chamá-

la?

— Certamente, não! Mesmo se ele viesse pessoalmente e tentasse me arrastar de volta, eu me recusaria a ir.

— Deixe-o tentar. — Marcus disse em uma voz tranquila e mortal — Meus ancestrais costumavam acorrentar seus inimigos nos pântanos e esperar a maré subir. Menos complicado que um calabouço.

— Obrigada, Marcus, mas, por mais que esteja tentada, não acho que essa seria uma boa ideia. — Portia lhe respondeu com um sorriso, como se gostasse da imagem que ele pintou para ela — Se Arnold... quando Arnold vier por mim, quero ter partido. Não quero ficar aqui, tremendo e me escondendo. Devo voltar e explicar, antes que o escândalo ocorra. — olhou para Sebastian — Pode me levar de volta para Londres, milorde?

Marcus interrompeu — De jeito nenhum, — disse furiosamente — se alguém a levar de volta, serei eu.

— Não! — seu irmão e Portia falaram juntos.

Ela estendeu a mão e agarrou seu braço, falando urgentemente — Marcus, se vier comigo, irão prendê-lo. Precisa ficar aqui onde está seguro, até tudo ser resolvido.

— Ficar onde estou seguro? — repetiu, perplexo, suas sobrancelhas ergueram — Não sou algum garotinho com medo do escuro. Fui um soldado. Posso lutar. Exijo ir junto e enfrentar meus inimigos.

— Mas não quero que venha.

Ele olhou, como se quisesse reclamar e se enfurecer, gritar e pisar duro pela sala, mas, em vez disso, deu-lhe um longo olhar enfurecido e se afastou.

Sebastian esperou até ele ter saído e falou novamente — Eu me desculpo pelo meu irmão.

Portia moveu-se graciosamente para uma alcova, onde um assento na janela oferecia um pouco de privacidade — Não há necessidade.

— Ele é um homem brilhante, inteligente e gentil, debaixo dessa atitude imprudente, mas não vê as coisas do jeito que o resto de nós vê. Culpo nossa tia Minnie. Ela, mais ou menos, o criou, depois que nossa mãe morreu.

— Conheci sua tia Minnie. — Portia admitiu — Achei-a esclarecedora. Ela me lembrou de... de outra pessoa que conheço, que também vive uma vida incomum. Existe honestidade em ambas. Não dizem algo apenas para agradar aos outros, nem temem estar fora de sintonia com o resto da sociedade. Dizem o que pensam. Marcus também é assim.

Sebastian se sentou ao lado dela e olhou através da vidraça empoeirada — Não estive aqui há anos. — admitiu — Quando Roger Duval deixou a mansão para meu irmão, fiquei chocado. Não pensei por um momento que ele viveria aqui, exceto se fosse para vendê-la e usar o dinheiro para algum projeto ou outro, ou para sair de dificuldades. Mas parece que foi amor à primeira vista.

— As pessoas aqui também o amam, então, é uma combinação perfeita. — encontrou os olhos dele, os seus próprios tão cheios de preocupação, que não conseguiu esconder — Está muito ruim em Londres?

Sebastian fez careta — Histeria. O público está fora de si que seu anjo em vestes de viúva tenha sido roubado deles. Perguntas têm sido feitas no Parlamento. A rainha está escrevendo cartas sem parar. Ninguém parece saber onde está ou por que partiu. Sua enteada afirma não saber nada sobre sua partida.

— Ela deve saber. Arnold também. — balançou sua cabeça e olhou para suas mãos, contorcendo-se nervosamente — Disse a Marcus que ele seria pego e, desta vez, iria para a prisão. Ou pior.

— Sim, está certa.

— Quanto tempo acha que temos?

— Uma semana, no máximo. Quando Arnold Gillingham encontrá-la, agirá. Seria excelente para ele ser aquele a devolvê-la ao mundo.

Portia riu amargamente — Oh, sim, isso soa como ele. Ambição fria.

— Marcus me contou o que foi obrigada a suportar recentemente, Lady Ellerslie.

— Oh, me chame de Portia, por favor.

Ele curvou sua cabeça.

— Sim, Marcus me salvou disso. É o meu herói. Mas temo que ele trouxe muita encrenca sobre si mesmo. — suspirou — Preciso voltar. Esperava por um pouco mais, mas...

— Ama meu irmão, não é, Portia?

Ela olhou para cima e sorriu — Sim. Tentei não o amar, mas não pude evitar. Acho que sempre o amei. — acrescentou pensativamente.

Ele ergueu a sobancelha e inclinou sua cabeça para um lado — Conheço-lhe, não conheço? Conheço seu rosto de algum outro lugar.

Que ele a reconhecesse não deveria ser uma surpresa, pensou; Sebastian esteve no chá da paróquia várias vezes, quando ela era jovem. Não parecia haver motivo para negar isso — Sim, me conhece. Eu era Portia Stroud, meu pai era o pastor...

— Bom Deus, lembro agora. Marcus...?

Poderia ter dito mais, e poderia ter lhe pedido para não contar, mas ouviram vozes se aproximando. Portia olhou exatamente quando Mercy e sua mãe entraram na sala, da área dos fundos da casa. Sua mãe estava tagarelando e Mercy estava balançando a cabeça.

— Aqui está sua filha, madame. — a governanta disse, notando Portia e Sebastian na alcova.

— Oh, sim. Ela é uma garota encantadora, não é? Puxou o meu lado da família, obviamente.

— Minha mãe não é ela mesma. — Portia murmurou — Não tem sido a si mesma há anos e está piorando.

— Mas, o que ela está fazendo aqui? — Sebastian perguntou, confuso.

Portia olhou-o com grandes olhos risonhos — Marcus não te contou? Arnold estava segurando o bem-estar de minha mãe sobre minha cabeça e decidi que tinha que mandá-la para fora de Londres. Foi na mesma noite em

que Marcus veio por mim. Ele trouxe minha mãe conosco. E minha criada.

— Bom Deus! — ele disse e riu.

— Quem é este cavalheiro? — a Sra. Stroud exigiu.

— Esse é o Conde de Worthorne, mamãe.

— Conheci dúzias de condes. — confidenciou a Sebastian — Duques também. São todos iguais, se me perguntar.

— Mamãe, isso é mal-educado.

— É? — sua mãe olhou-a como se buscando orientação — Levarei o duque para ver o jardim florido, então. Está muito bonito, verás. — tomou Sebastian pela mão e o levou para longe.

— Espero que ela não seja um incômodo. — Portia começou, quando estava longe de alcance — Sei que ela pode ser difícil.

— Ela é adorável, — Mercy disse firmemente — apenas um pouco confusa com as coisas. Acho que gosta daqui. Fica perguntando se pode ficar.

— Não percebi o quanto ela odiava Londres. Ela queria que eu me casasse com Lorde Ellerslie, e, quando me casei, ficou encantada de que viveria uma grande vida e conheceria grandes pessoas. Sempre foi muito ambiciosa, e ser a esposa de um pastor não a fez feliz.

— Bem, está feliz agora. — Mercy assegurou — Talvez ela não tenha percebido o quanto gostava de ser uma ninguém, até ter isso tirado dela.

Portia sorriu e caminhou com ela para o jardim. O sol estava aparecendo, mas o ar estava frio. Uma mulher estava amamentando um bebê no abrigo da guarita, seu marido, um dos pedreiros trabalhando na casa, sentado ao seu lado. A imagem deles juntos atraiu e segurou seu olhar, e ela se encontrou parando para olhar de volta para o pequeno quadro vivo, invejosamente.

Marcus era seu amado, e foi sua obsessão pela maior parte de sua vida adulta. Poderiam viver uma vida normal, poderiam ser felizes juntos? Achou que sim, se, ao menos, fossem deixados em paz. Mas esse era o problema. O mundo fora de Duval Hall estava se aproximando, e nada que fizessem poderia impedir isso.

Capítulo 27

— Portia.

O sussurro a fez se virar.

Marcus estava de pé ao lado dos estábulos, nas sombras. Ela abriu sua boca para lhe perguntar o que pensava que estava fazendo, escondendo-se lá, mas ele colocou seu dedo sobre seus lábios.

Olhou em volta dela. Mercy alcançou os outros e estavam de pé, admirando o jardim. Em um momento, estariam olhando para ver o que aconteceu a ela.

Portia caminhou para Marcus — O que é isso? — perguntou calmamente.

— Tenho algo para lhe mostrar. — ele disse, estendendo sua mão para tomar a dela, assim que estava suficientemente perto.

— Sobre o que...? — gesticulou para seu irmão e as duas mulheres.

— Quero-te para mim mesmo. — seus olhos possuíam promessas, e quando puxou sua mão, ela foi incapaz de resistir. Assim que estavam fora de vista, começou a correr, puxando-a atrás dele. Portia manteve o ritmo, ofegante, sentindo-se como uma garota novamente. Saíram pelo portão e seguiram um caminho em cima de uma grande margem, que se erguia sobre o pântano circundante. A maré estava alta e degraus levavam a um pequeno cais de madeira, com um barco amarrado. Marcus entrou na embarcação e a levantou depois dele, certificando-se de que estivesse acomodada, antes de soltar a amarra.

— Quer nadar? — perguntou-lhe quando ela se sentou cuidadosamente, mãos segurando as beiras por sua vida preciosa.

— Não. — seus olhos estavam arregalados — Espera virar?

— O rosto dele estava sério, mas com um toque de sorriso malicioso — Espero que não, mas, como na maioria das coisas na vida, nunca é possível ter certeza. Contudo, esperaremos pelo melhor, meu amor.

Ele os empurrou longe do cais e, sentando-se, começou a remar. Aqui, sobre a água, estavam debaixo da altura dos juncos e, exceto pelo topo de Duval Hall, com sua torre de sino, não havia muito para ver. Portia o olhava remando, admirando a força de seus ombros e a maneira como seu cabelo caía sobre seus olhos, de modo que desejou alisá-lo para trás.

— Melhor que o Serpentine? — ele perguntou com um sorriso.

Ela riu.

— Amo quando faz isso. — Marcus disse repentinamente, parando para lhe dar um de seus olhares penetrantes — Pode ser a sofisticada Lady Ellerslie para todos os outros, mas me orgulho de ser o único que pode fazê-la rir como uma garota.

Isso não era lisonjeador. Portia sabia que era diferente enquanto estava com Marcus, e se o que dizia fosse verdade, então ele era um novo homem quando estava com ela.

Um peixe pulou perto, assustando-a — Aonde estamos indo? — perguntou, olhando em volta.

— Lugar nenhum. Essa é a alegria deste lugar. Pode remar por quilômetros e nunca chegar a lugar nenhum, apenas dar voltas e mais voltas no labirinto de canais dentro do pântano.

— Poderia despistar seus inimigos.

— Arnold Gillingham, quer dizer? Ou a nação britânica inteira? Provavelmente ambos me odeiam igualmente.

O terrível era que ela sabia que era verdade.

— Existe apenas uma maneira de sair disso, Portia.

Ele estava fixando-a com seu olhar intenso novamente.

— Case comigo.

Ele não pediu, isso foi mais uma ordem.

— Para salvá-lo da força?

Deu de ombros impacientemente — Não por isso, pelo amor de Deus! Case comigo porque quer, porque me ama. Ama não ama?

— Eu te amo.

Ele sorriu — Ah.

— Existem considerações práticas.

— Estou cansado de ser prático. — olhou sobre seu ombro e então aproximou-se da margem, de modo que a proa ficou segura entre os juncos, e encaixou os remos cuidadosamente dentro do barco.

— Gosto de você neste vestido. — disse baixinho, rastejando para o assento dela — É tão branco e puro. Faz-lhe parecer uma debutante em seu primeiro baile. Nova e intocada.

— Em vez de uma velha cansada? — ela retrucou, não certa se confiava inteiramente na expressão dos olhos dele. Olhou atrás de si, mas não havia nenhum lugar para ir, senão a água, e não queria mergulhar no pântano.

— Oh, não, nunca isso. — ele disse e a tomou em seus braços. A boca dele foi intensa e apaixonada, tirando o fôlego dela.

Não adiantava resistir; além do mais, ela não queria. E não adiantava listar as esmagadoras probabilidades contra as chances de felicidades deles, porque ele não queria ouvi-las.

Mas ele parece ter lido sua mente, de qualquer maneira.

— O que quer para sua vida, Portia? — estava segurando-a próxima, seus olhos nos dela — Não estou falando sobre suas responsabilidades com outras pessoas. Quero dizer, o que quer?

Já fazia muito tempo que ninguém lhe fazia tal pergunta. Sua vida girava em torno das necessidades e exigências dos outros, e até ela ir ao Aphrodite's Club e conhecer Marcus, ficou satisfeita em deixar isso assim.

O que ela queria, realmente, em seu coração?

Repentinamente, isso ficou claro como cristal.

Queria uma vida própria. Queria um marido e filhos e um lugar onde fosse amada por quem era e não pelo que representava. Não queria mais ficar no

olhar atento do público e fingir. Tais coisas há muito tempo ficaram cansativas. *Ela* estava cansada disso.

— Meu amor?

A voz dele a trouxe de volta. Ela abriu seus olhos; não percebeu que estavam fechados. Ele a estava olhando.

Sua beleza não parecia tão refinada aqui, havia uma selvageria em volta dele, uma qualidade indomada. Seu queixo não estava tão cuidadosamente barbeado, seu cabelo estava despenteado e havia olheiras debaixo de seus olhos. Suas roupas também estavam amarrotadas e desarrumadas. Parecia menos o Marcus Worthington charmoso de seus sonhos e mais como um homem real. O homem que ela amava e com quem queria passar o resto de sua vida.

— Eu te quero — murmurou — Quero viver aqui ao seu lado.

Os dedos dele tremeram enquanto acariciava sua bochecha — Portia, meu amor.

— Sei que não quer que eu volte, — ela acrescentou calmamente — mas tenho que endireitar as coisas. Existem pessoas que dependem de mim, e devo cuidar delas. Há pessoas que serão magoadas pela minha mudança de decisão, e devo fazer o meu melhor para explicar. Não acho que eu possa ser feliz ao seu lado, a menos que deixe o meu passado tão bem quanto possível.

— Sei disso. — esfregou o lábio inferior dela com seu dedão — Posso ajudá-la.

— Não pode. Preciso fazer isso sozinha. Preciso encerrar meu passado e vir livre. — sorriu para ele — Isso é, se me quiser.

— Eu te quero. — ele sussurrou, dobrando-se para pressionar seus lábios nos dela.

Não falaram novamente. Não havia necessidade. Beijaram-se delicadamente enquanto a água balançava o barco, e então ele começou a fazer amor com ela lenta, cuidadosamente, no mundo secreto deles. E isso foi como uma promessa que fizeram um ao outro; um juramento para o futuro.



— Duval Hall. Em Norfolk. — quando Arnold disse os nomes, sua boca contorceu-se com desprezo.

O rosto de Lara ficou branco.

— Eu sei, meu querido, não é um lugar que surge imediatamente na mente quando alguém pensa em sua madrasta. Evidentemente, Sir Worthington mora lá.

— Então, ela fugiu com ele!

— Ou ele com ela.

— O que faremos? — uma luz cintilante surgiu nos olhos dela — Contaremos à rainha?

— Acho que podemos, — Arnold disse pensativamente — mas isso deve ser feito da maneira correta, para que pareçamos parentes atenciosos. Logo, no entanto. Desperdicei tempo o suficiente.

— Portia tem sido muito irritante. Deveríamos puni-la.

— Não se preocupe, tenho toda a intenção de fazê-lo.

Lara sorriu para ele, seus olhos apertando-se, e ele sentiu uma inesperada explosão de desejo. Se seus amigos não estivessem lá, poderia considerar segui-la para o segundo andar.

Lara olhou para trás sobre seu ombro, na sala de jantar, onde aqueles amigos estavam compartilhando seu conhaque e cigarros — Irei deixá-lo, então. — disse a Arnold, um pouco pateticamente. Talvez tenha lido a expressão dele — Imagino que ficará falando sobre assuntos entediantes por horas...?

— Muito provavelmente. — olhou-a pensativamente, então, abruptamente, estendeu a mão e acariciou seu ombro, sentindo o calor de sua carne debaixo das pontas de seus dedos. Suas próximas palavras surpreenderam até mesmo ele — Leia um pouco, minha querida. Tentarei não ficar aqui embaixo muito tempo.

Um prazer assustado inundou suas bochechas e ela sorriu enquanto se virava.

Arnold esperou um pouco antes de entrar novamente na sala e fechar a porta. Todos se calaram, e ele soube que tinha sua completa atenção.

— Esperarei que minha esposa seja cuidada quando o ato estiver consumado. —disse com muita intensidade — Muito embora triunfaremos, ela será arruinada, social e financeiramente, e precisará da ajuda de todos.

— Claro. — o murmúrio percorreu a mesa.

Arnold deu a cada um deles o benefício de seu olhar frio e duro e ficou satisfeito. Não amava Lara, não como amava a causa para a qual daria sua vida, mas descobriu que não queria vê-la sofrer desnecessariamente. Seus sentimentos em relação a ele não lhe interessavam, e suspeitou que ela o odiaria quando isso terminasse. Embora, com o tempo, sua necessidade de preservar seu orgulho a fizesse negar a participação dele na morte da rainha, ela encontraria uma maneira de inocentá-lo. Isso seria algo que acharia engraçado, se estivesse aqui.

Mas, neste momento, havia o problema de Portia e Marcus Worthington, que foi adequadamente nomeado, porque o homem certamente se tornou uma pedra no sapato dele. O que disse à Lara era verdade, era irrelevante se Marcus fugiu com Portia ou ela com ele. O importante era que estavam se escondendo em Duval Hall, no meio do nada, e ele tinha que encontrar algum jeito de levar a rainha até eles, ou eles até a rainha.

Seu momento de triunfo estava se aproximando rapidamente, e a coisa estranha era que queria Portia lá para testemunhar isso. Queria que ela soubesse do que era capaz e que compartilhasse sua glória, apesar de que obrigada.

A simples ideia disso despertou seu desejo novamente, os sentimentos ainda mais poderosos do que antes.

— Meus amigos, deixarei que saiam por conta própria. — disse

abruptamente, levantando-se — Boa noite.

Fechou a porta em suas caras assustadas e começou a subir as escadas, tão ansioso quanto um noivo.



Na manhã seguinte, Arnold estava lúcido novamente e decidiu dar seu próximo passo. Às nove horas, ele se apresentaria no Buckingham Palace. Não foi tão difícil quanto esperava ganhar acesso à rainha. Assim que o nome de Portia foi mencionado, portas foram abertas e, em pouco tempo, estava na antessala, esperando para ser levado à presença real.

A rainha ouviu o anúncio com apreensão.

— Sir Gillingham está esperando para vê-la, madame. Ele diz que tem algumas novidades para compartilhar com Vossa Majestade, sobre Lady Ellerslie.

O rosto gordo de Victoria ficou sério. Não gostava de Sir Arnold Gillingham; ele tinha uma frieza desagradável em volta de seus olhos. E havia rumores sobre seu pai, lembrava de que houve um escândalo, uma vez, quando seu tio era vivo. Os pecados do pai não deveriam manchar o filho, claro, mas, neste caso, estava disposta a fazer uma exceção.

— Muito bem, eu o verei. Rapidamente.

Quando Arnold entrou, ele se curvou respeitosamente — Vossa Majestade.

— Sir Gillingham. Tem algumas novidades, fui informada. Rapidamente, conte-me o que é isso, tenho um embaixador francês esperando.

— Contarei, madame, mas temo que Vossa Majestade não gostará disso.

— Mas isso não é razão para não me contar. — ela respondeu rispidamente.

Arnold entendeu o recado — Lady Ellerslie está em Norfolk, com Sir Marcus Worthorne. Temo, Vossa Majestade, que ela enlouqueceu. Minha esposa mal pode suportar em pensar como as notícias afetarão a memória do pai dela...

— Quer dizer que ela está morando lá com ele? Sozinha?

— Bem... não exatamente. A mãe dela, a Sra. Stroud, também está lá, e sua criada.

Victoria pareceu perplexa — Então, está adequadamente acompanhada?

— Madame, não vim aqui apenas para lhe contar o paradeiro de Lady Ellerslie. Quero pedir sua ajuda. Minha esposa e eu tentamos ao máximo convencer Lady Ellerslie, mas não adiantou. Esse homem é um libertino e um caçador de fortunas, o pior tipo de pessoa para se unir a uma dama vulnerável. Vossa Majestade tem tanta influência sobre ela, e como ela a admira tanto, esperávamos.... Mas é pedir demais...

Victoria suspirou impacientemente — Peça seu favor, Sir. Já deveria saber que prefiro franqueza.

Ele curvou-se — Muito bem. Vossa Majestade iria até ela, madame? Nos faria a grande honra de encontrar Lady Ellerslie e usar sua influência sobre ela? Se pudermos trazê-la de volta para Londres, antes que seu paradeiro seja

descoberto e haja um escândalo, então, certamente, todos serão beneficiados. Vossa Majestade, peço isso não apenas por mim mesmo e pela Lady Ellerslie, mas pelo bem de seu querido marido, Lorde Ellerslie, e sua venerada memória.

Victoria teria recusado seu pedido, estava na ponta de sua língua fazê-lo, mas a súplica pela memória de Lorde Ellerslie a atingiu no coração. E isso era verdade, haveria um terrível escândalo. O governo e o país precisavam de tal boato e sofrimento, quando ela podia impedi-los? Apesar do comportamento recente de Portia, gostava dela, e as crianças a adoravam. Seria uma pena se Portia se destruísse por um homem indigno de limpar as botas do querido Lorde Ellerslie.

Victoria podia ser uma defensora das regras da igreja e da sociedade, mas não era uma tola, e certamente não era uma puritana. Sabia que, se pudesse resgatar Portia das garras de Marcus Worthorne, seria melhor para todos os envolvidos.

— O que está pedindo é muito inadequado, senhor. — disse friamente.

Ele ia responder quando ela ergueu sua mão para impedi-lo.

— A lady é uma querida amiga minha, isso é verdade, e eu gostava muito do marido dela. Mas como sabe que ela me ouvirá? Esse tal de Worthorne parece tê-la sob seu feitiço.

— Vossa Majestade, isso infelizmente é verdade, mas tenho certeza de que se ela pudesse conversar com Vossa Majestade e ver o que está arriscando, recuperaria o bom senso imediatamente. Somente Vossa Majestade pode salvá-la agora.

As palavras foram teatrais, e para ele, fora do normal, mas depois Arnold as considerou uma ideia genial. Vir aqui e pedir tais coisas à rainha foi ousado, mas não tinha nada a perder com isso. E, enquanto via as expressões mudando no rosto dela, soube que, contra todas as probabilidades, ele a convenceu.

Ela o informou secamente que partiriam em dois dias e viajariam tão discretamente quanto possível, para evitar provocar a própria situação que estavam tentando impedir.

Quando Arnold soube que estava indo para Duval Hall, fez tudo o que pôde para não esfregar as mãos, enquanto se afastava da presença de Victoria.

Capítulo 28

A comporta foi consertada. Portia, olhando Marcus, percebeu a sensação de orgulho nele, que estava aumentando a cada dia. Pareceu como se os novos aspectos de seu caráter estivessem sendo revelados para ela desde que vieram para Duval Hall, ou talvez estivesse muito envolvida em seus problemas antes para olhar direito.

Como pôde pensar nele como nada mais que um preguiçoso bonitão? Oh, ele era bonito, seu coração ainda batia mais rápido sempre que o via. Mas era um homem complicado, com força, compaixão, determinação e inteligência... Poderia continuar o dia todo.

Quando a olhava com o calor brilhante em seus olhos, que guardava somente para ela, sentia-se humilde e orgulhosa. E temerosa. Havia tanto para ser superado antes que pudesse pensar em ser sua esposa. Mas ela pensava nisso, o tempo todo. Isso tornou-se a imagem em que se agarrava.

Sebastian ainda estava na mansão. Portia pediu-lhe para acompanhá-la de volta a Londres quando chegasse o momento, e ele concordou. Não mencionaram isso, no entanto. Marcus ainda se recusava a pensar em tal coisa. Mas isso teria que ser logo. Ele a perdoaria quando o abandonasse? Ou se recusaria a ficar e iria com eles?

O pensamento do que poderia lhe acontecer a fez sentir-se preocupadíssima, então, não disse nada. Esperou. E o tempo ficou curto.

— Pedi para a Portia casar comigo. — Marcus disse ao seu irmão, não fazendo segredo disso.

Sebastian riu — Surpreende-me, irmão.

— Não marcamos uma data. — Portia disse, dando a Marcus uma pequena carranca — Tal coisa não pode ser decidida ainda.

— Claro que pode. — Marcus respondeu — Só precisa dizer a palavra e a terei diante do altar tão rápido, que sua cabeça irá girar. — seu sorriso provocava, mas ele falava sério.

Sebastian esteve observando a brincadeira deles — Sabe, Marcus pode estar certo, pela primeira vez. Casamento pode ser uma maneira de evitar o escândalo, e, quem sabe, poderia até haver um pouco de simpatia pelos dois.

— Não posso nem pensar em tal coisa, até ter meus assuntos em ordem. — Portia disse, teimosamente.

— Vê? — Marcus deu ao seu irmão um olhar exasperado — É com isso que tenho que lidar. A mulher é impossível. E egoísta. Tão acostumada a conseguir o que quer, que não considera que está partindo meu coração.

Ele estava brincando, é claro, mas Portia não achou graça — É intencionalmente cego para qualquer coisa que não se encaixe em seus planos.

— Muito bem. Deixe Seb levá-la para Worthorne Manor e nos casaremos lá. Torne isso um enorme evento, como se não tivéssemos nada para esconder.

O Conde de Worthorne pode entregá-la e convidaremos todos que sejam alguém. Deixe-os vir e verem que não temos nada para esconder.

— Se não tem nada para esconder, se casaria com ela em Londres, na St. James. — Sebastian disse calmamente, olhando-os com divertimento.

— E um risco de revolta? — Marcus perguntou com horror fingido — A polícia será mais numerosa que os convidados. Não, Worthorne é suficientemente grande para a ocasião. Mas esqueci, Portia nunca o viu. Terá uma surpresa, meu amor. O lar da minha família pode estar precisando de alguns reparos, mas tem tudo, desde um lago ornamental até um salão baronial, cheio de armas enferrujadas e cabeças de cervos comidas por traças.

— Portia conhece Worthorne Manor, Marcus.

Ele ergueu a sobancelha — Conhece? Visitou New Forest, meu amor?

O coração de Portia se apertou. Sabia que a verdade seria revelada, mas não dessa forma. Deveria ter-lhe contado há muito tempo. Por que, oh, por que não o fez?

— Portia?

Sebastian, percebendo seu erro, disse apressadamente: — Peço seu perdão, não percebi...

— Existe um segredo? — Marcus olhou de um para o outro — Alguém me contará, por favor?

Portia abaixou sua xícara de chá — Sebastian, pergunto-me se nos deixaria a sós, por alguns momentos?

Obedientemente, se levantou calmamente e saiu da sala.

— Nos conhecemos antes, — ela disse — apenas não se lembra disso.

Olhou para ele do outro lado da mesa. Ele a estava olhando atentamente, uma carranca entre suas sobancelhas — Mas talvez se lembre, de certa forma. Mencionou várias vezes que eu parecia familiar.

— Conte-me. — ele resmungou.

— Meu pai era o pastor quando era um garoto, em Worthorne Manor.

Ele olhou-a intensamente — É a filha do pastor. — disse vagamente.

— Sim, sou.

Ele não sorriu. Ela se acostumou tanto com seus sorrisos, que essa sua seriedade era intimidadora. Quase como se fosse um estranho.

— Devia ter me contado.

— Foi há muito tempo, Marcus, realmente não pensei...

— Não pensou. Pensa demais, isso sim. É por isso que não me contou, não é? Tinha alguma ideia de que eu pensaria menos a seu respeito se soubesse, ou que usaria o conhecimento para prejudicá-la.

Ele era muito intuitivo. Tentou afastar as palavras dele — Marcus, nem se lembra de mim daquela época! O que isso importa?

— Lembro. Costumava caminhar pela estrada quando eu estava cavalgando lá. Eu me perguntava, às vezes, se fazia isso de propósito.

De repente, Portia não poderia suportar se ele soubesse o quanto o amava, à sua maneira feminina. É por isso que não lhe contou. Estava embaraçada; não

queria desenterrar lembranças da pobre filha do pastor apaixonada. Deixou tudo para trás.

— Deveria ter me contado. — ele disse novamente, e não pareceu consigo mesmo. Este homem era triste e sério, e quando ela olhou em seus olhos, não viu nada de seu amado.

— Está dando muita importância a isso!

— Enquanto está dando muito pouca. Se isso não fosse nada, teria me dito há muito tempo. Mas não disse. Escondeu isso. E estou me perguntando por quê.

Levantou-se, a cadeira raspando no chão, sua colher de chá retinindo no pires.

— Portia! — ele gritou, mas ela não parou. Já estava saindo da sala, lágrimas a cegando.

Ela não confiava nele. O tempo todo sentiu isso, sabia em seu coração, e agora ela confirmou. Se confiasse nele, teria lhe contado a verdade. Em vez disso, guardou para si, como se fosse algum segredo sombrio, como se esperasse que pensasse menos dela, ou talvez ela simplesmente não o considerava importante o suficiente para contar.

Apesar de suas promessas e beijos, Portia manteve seu próprio conselho. Ele abriu seu coração para ela, expondo seus sonhos e esperanças, e ela manteve seus próprios segredos. O que isso dizia sobre suas esperanças de casamento?

Marcus sentia a raiva e a mágoa contorcendo-se dentro dele.

OuvIU os passos dela, enquanto descia correndo as escadas e entrava na sala. Tardiamente, levantou-se da mesa do café da manhã e partiu atrás dela. Independentemente do que ela fez, independentemente do que não lhe contou, amava-a. Ele a perdoaria.

Estava no patamar quando o som de uma carruagem o alcançou do pátio, embaixo. Caminhou para a janela, espiando através do lindo vidro colorido. A carruagem era grande e preta, e havia muitos batedores, como se a pessoa dentro fosse importante.

Erguendo a sobranceira, olhou como ela parou justamente quando Portia apareceu lá fora, no pátio. Ela também estava olhando para a carruagem, mas havia algo na rigidez de seus ombros que o fez pensar que sabia quem era. Uma sensação de mau presságio o encheu.

E então a porta abriu e Arnold Gillingham desceu. Com um xingamento, Marcus desceu correndo as escadas.

Portia reconheceu alguns dos batedores, apesar de suas roupas sombrias. Eram a guarda da rainha, o que significava que a monarca estava dentro da grande carruagem preta. Victoria, aqui, em Duval Hall. Por um momento, choque a manteve paralisada no lugar e ela esqueceu o que a mandou aqui para fora.

Então, Arnold afastou-se da carruagem, na frente dela e, apesar de sua expressão cuidadosamente controlada, pôde ver o triunfo queimando

friamente em seus olhos.

Não haveria tempo para virar e correr. Não faria isso, de qualquer maneira. Arnold não era alguém para quem mostraria tal fraqueza; aprendera agora que ele se beneficiava intimidando os outros. Portia, sozinha no pátio, endireitou-se e colocou sua máscara pública, e caminhou para a carruagem, como se fosse a dona da casa e não sua prisioneira.

Victoria, parecendo cansada e irritável, estava descendo da carruagem com a ajuda de um de seus homens — Lady Ellerslie. — ela disse, então ergueu suas sobranceiras quando viu o traje bizarro de Portia, o vestido antigo.

Esta fez reverência — Vossa Majestade, estou comovida.

— Eu preferiria grata. Tive que reorganizar minha agenda para encaixá-la e estou muito ofendida. Causou-me muita angústia, milady.

— Madame...

— Não. Discutiremos tais questões fora daqui. Convide-me para entrar, Portia, para que possamos conversar privativamente. — foi uma ordem, não um pedido.

— Madrastra, como pôde nos preocupar tanto?! — Lara, “super sincera”, estava perto da carruagem.

— Privativamente, eu disse. — a rainha repetiu com um olhar irritado para os Gillinghams, que contou à Portia mais do que palavras sobre a viagem deles, juntos.

Ela liderou o caminho para dentro.

Marcus estava parado na porta. Ela o ignorou e a rainha fez o mesmo. Mercy, correndo da cozinha, ficou paralisada de espanto. Portia, apressadamente, pediu bebidas, antes de levar a convidada real para a sala de visitas.

Felizmente havia fogo e a rainha rapidamente tirou suas luvas e sentou-se na cadeira diante dela, estendendo suas mãos para o calor.

— Lady Ellerslie, seus parentes são abomináveis. Achem que eu acreditaria na sinceridade deles, se continuassem me dizendo quanto desejam seu bem-estar e fazendo caras preocupadas. Sou tal idiota?

— Não, Vossa Majestade. — Portia disse — Sinto muito, mas são os parentes de meu falecido marido, não meus, e não os escolhi.

— Bem, — Victoria bufou, permitindo-se acalmar-se. Deu à Portia um olhar duro — acho que está na hora de conversarmos francamente, não acha?

— Sim, madame.

— Sente-se. Assim é melhor. Agora, no que estava pensando para fugir, como fugiu, sem uma palavra para ninguém? Fiquei encurralada. A nação ficou encurralada. E, agora, Arnold Gillingham me diz que estava aqui, com esse homem, o tempo todo.

— Peço o seu perdão, Vossa Majestade. Foi uma decisão no calor do momento. Eu não estava pensando direito. E, assim que fugi, não soube como voltar.

— Esse homem... isso foi tudo culpa dele. Ele será punido. Eu o levarei de

volta para Londres e o prenderei. Haverá um escândalo, mas não pode ser evitado, mas, pelo menos, o público terá alguém para descarregar sua raiva.

— Não! — Portia mordeu seu lábio, forçando-se a permanecer calma. Histeria não era a maneira de convencer Victoria de seu ponto de vista — Madame, por favor. Isso não foi culpa de Sir Worthorne. Ele estava apenas tentando me ajudar a escapar de Arnold.

Victoria olhou para ela com olhos duros e brilhantes — Escapar de Arnold?

Portia sentiu como se estivesse entrando em um labirinto com armadilhas e ciladas em cada curva, e que cada passo que dava pudesse ser seu último. Mas, se alguém merecia a culpa pela situação em que estava, era Arnold, e ela não sentiu nenhum remorso em dizê-lo.

— Desde que foi generosa o suficiente para me tornar sua companheira, madame, tenho visto quão feliz Vossa Majestade e seu querido príncipe são juntos, e ver me fez desejar por tal felicidade para mim mesma. Mas Arnold preferiu que eu permanecesse uma viúva, porque assim pode me usar para promover suas próprias ambições. Acho que ele esperava conquistá-la, minha querida Majestade, através de mim.

Victoria concordou — Sei que ele é um homem horrível.

— Quando lhe contei que desejava me casar com Sir Worthorne, ele ameaçou colocar minha mãe em um hospício, se eu fosse em frente. Ela é velha, esquecida, mas ele fez parecer como se fosse violenta. Não consegui suportar isso, e ele sabe disso.

Sua boca afinou-se — Eu deveria achar que não. Deveria ter me contado, Portia.

— Desculpe-me, Majestade. Vejo agora que deveria tê-la procurado e lhe exposto o caso, mas repentinamente não pude mais suportar isso, e quando Marcus ofereceu a mim e minha mãe um santuário, aqui em Norfolk, eu disse sim.

Era a verdade, mais ou menos. A rainha pode provavelmente preencher as lacunas sem sua ajuda, Portia pensou.

Victoria estava olhando pensativamente para o fogo — Não posso fingir que isso me agrada, Lady Ellerslie, que deseje se casar novamente. Acho que sabe disso, e essa é a razão de não vir a mim. Eu gostava muito de Lorde Ellerslie.

— Madame, eu também. Amei-o profundamente, mas era apenas uma moça quando me casei com ele, e agora sou uma mulher. Quero ser amada novamente, madame. Quero encontrar felicidade como a que encontrou. Isso é errado?

— Não, isso não é errado. — Victoria parecia estar meditando sobre a pergunta — Deve haver uma maneira sensata de sair da bagunça que fez, se ao menos pudéssemos encontrá-la. Gosto muito da ideia de culpar Sir Gillingham por tudo, mas suspeito que ele protestaria.

— Ele poderia, mas isso não significa que não possamos tentar.

Victoria sorriu pela primeira vez — Encontrei-a, Portia. — disse, um pouco

firmente — Eu não gostaria de ver sua vida arruinada.

Surpresa e comovida, Portia não soube o que dizer.

— Pensarei um pouco nisso. — Victoria continuou, enquanto Mercy chegava com as bebidas, curvando-se respeitosamente — Levarei algo para comer e beber, e depois descansarei. Discutiremos isso depois.

— Claro, Majestade. — um olhar para Mercy confirmou que um quarto seria preparado, embora a governanta parecesse um pouco espantada.

Quando Victoria, acompanhada pela criada que trouxe com ela, estava segura, lá em cima, Portia foi encontrar Marcus. Queria contar a ele o que disse à rainha, para que as histórias deles não se chocassem. Não foi até estar na metade da ponte que lembrou que Marcus podia já não querer falar com ela, quanto mais se casar.

Parou, o vento agitando sua capa e seu cabelo, deixando suas bochechas pálidas e rosadas. Isso estava uma bagunça, e não tinha certeza de como consertar, ou mesmo se poderia.

— Sir Worthorne.

O sotaque frio era familiar, mas Marcus não se virou imediatamente de sua leitura das plantas que abriu sobre sua mesa, na biblioteca. Esta mostrava a terra como costumava ser, a infinidade de canais e comportas, e ele pôde ver que muito ainda precisava ser consertado e reivindicado.

— Espero que não esteja muito desapontado de que seu pequeno encontro com Portia esteja no fim. — Arnold continuou, como se estivesse tão satisfeito consigo mesmo que estava quase pronto para explodir — Mas esteve jogando além da sua capacidade.

— Em um fim? Acho que não. Nos casaremos. — finalmente, Marcus se virou para olhar para ele, um olhar desprezador — Seguiu todo esse caminho para me dizer isso?

Arnold riu, como se não acreditasse nisso, mas Marcus viu a maneira como sua mão apertava o seu lado — Lady Ellerslie é importante demais para a nação, para se casar com alguém do seu tipo. — continuou — Causou-me muitos problemas, Worthorne. Não pense que não me vingarei. Uma bela e longa sentença de prisão, acho, serviria.

Marcus sentou-se na beira da mesa e dobrou seus braços — O que quer, Gillingham? Não consigo acreditar que veio aqui e conseguiu convencer a rainha a acompanhá-la, apenas para poder convencer Portia a voltar para sua vida, em Londres. A rainha o detesta e nunca o elevará às alturas que parece achar que merece. Secretamente deseja Portia, é isso? Lamento lhe dizer que ela preferiria dormir com uma lesma a fazê-lo ao seu lado.

— Claro. Ela dormiu contigo.

Marcus riu.

Repentinamente, os olhos de Arnold ficaram tão duros e selvagens quanto de um animal selvagem, como se, debaixo de seu exterior urbano bem-vestido, se escondesse algo extremamente perigoso — Meu pai me ensinou a ser ambicioso, — disse — e trabalhar duro para conseguir meu objetivo.

Tenho trabalhado duro, e quase arruinou isso. Mas não se preocupe, no final, realmente me fez uma boa ação. Este é o lugar perfeito.

— Não sei do que está falando. — Marcus começou.

— Não, sei que não sabe. — Arnold declarou e o deixou sozinho na biblioteca.

Marcus balançou sua cabeça — Completamente louco. — murmurou, mas havia algo sobre o outro homem que não era tão facilmente descartado. Tinha uma sensação muito desagradável sobre Arnold Gillingham.



— Milady, gostaria de lhe contar algo. — Hettie soou diferente de seu costumeiro eu, e quando Portia olhou para o espelho, viu que sua criada estava mordendo seu lábio.

Hettie a estava ajudando a se vestir para o jantar, no vestido lilás de baile. Mercy conseguiu preparar uma refeição realmente digna de uma rainha, e Portia quis se vestir à altura. O vestido de baile seria um pouco estranho, mas não poderia ser nem um pouco mais estranho que alguns dos trajes que esteve usando recentemente. Além do mais, queria que Marcus a visse em seu melhor. Para lembrá-lo de que, independentemente de quem foi no passado, era Lady Ellerslie agora.

Talvez pudessem consertar o que quer que ela tivesse quebrado, e tudo ficaria bem novamente. A rainha parecia estar do seu lado e seria uma pena se não estivessem mais dispostos a se casar.

Quem estou enganando? Meu coração será partido.

Suspirou e voltou sua atenção para Hettie — O que quer me contar?

— Acho que não me perdoará, milady.

— Isso não pode ser tão ruim. *E quem sou eu para bancar a perfeita quando se trata de segredos?* Portia olhava atentamente, enquanto Hettie colocava os toques finais em seu cabelo — Hettie?

— Lembra quando Sir Arnold e Lady Lara Gillingham vieram à casa, em Grosvenor Square? E pareceram saber que esteve no Aphrodite's Club, com Sir Worthorne?

— Como eu poderia esquecer? Foi a pior noite da minha vida.

Hettie hesitou e então balançou sua cabeça. O rosto dela pareceu envelhecido.

— Milady, fui eu que contei a eles.

Portia sentou-se, paralisada, chocada pela traição de Hettie — Contou-lhes? — sussurrou — Oh, Hettie, contou a eles?

— Sinto muito, milady. Pensei que estivesse fazendo o melhor pela senhora. Não percebi. — sua expressão estava amarga — Se soubesse na ocasião o que sei agora, nunca teria feito tal coisa. — sua boca tremeu — Perdoe-me, *lieben*.

Portia não conseguiu absorver — Oh, Hettie...

— Sinto muito. — sua criada chorou — Não consigo mais viver comigo mesma. Perdoe-me ou partirei agora. Deveria partir, de qualquer maneira.

Para muito, muito longe... Não posso suportar que me odeie. Eu a amo desde que vim até a senhora, quando se casou com Lorde Ellerslie. Sempre tentei fazer o que fosse melhor para a senhora. Mas não lhe peço para lembrar isso. Estou pronta para receber qualquer punição que sentir que mereço.

Portia engoliu sua decepção. Era verdade. Hettie sempre a amou e foi sua companheira de confiança. Deveria ser demitida agora, por que agiu de boa-fé? Confiar em Arnold foi um erro, sim, mas Hettie claramente sofreu. Portia decidiu que faria por sua criada fiel o que queria que Marcus fizesse por ela.

— Não, não deve ir embora. — disse calmamente — Quem cuidaria de mim tão bem quanto faz, se partisse? Eu a perdoo, Hettie.

Os soluços de Hettie ficaram altos. Portia agarrou as mãos de sua criada, apertando-as muito — Calma, ficará doente. Vá para a cama, Hettie. Não há necessidade de ficar acordada.

Esta enxugou seu rosto em sua manga — Milady, obrigada.

— Pode não me agradecer quando morar aqui, durante o inverno. — Portia brincou. — Acredito que o tempo pode ser terrível.

— Estou disposta a suportar as intempéries pelo seu bem, *lieben*.

Quando ela se recolheu, Portia se levantou e examinou seu reflexo no espelho. Foi como olhar para um retrato. Essa mulher, linda e sofisticada, não era ela, não mais. Mudou. Mas esta noite fingiria ser Lady Ellerslie novamente, por causa de Victoria e pelo bem do futuro de Marcus.

Enquanto Portia ia para a sala de jantar, o sino começou a tocar um aviso na torre. Como um mau presságio, a névoa estava vindo do mar.

Capítulo 29

Velas brilhavam pela sala, corajosamente enfrentando as sombras, mas não exatamente vencendo a guerra. Mercy moveu céu e terra para apresentar uma refeição digna da realeza, e a mesa estava repleta de pratos. Victoria ocupava um lugar de destaque na ponta e atrás dela estava um de seus altos guardas. Arnold e Lara estavam juntos de um lado, enquanto Portia sentava-se do outro lado, com Sebastian. Marcus estava voltado para a rainha, da ponta da mesa mais perto da porta.

Estava sendo o anfitrião perfeito, escrupuloso e irritadiço em sua cortesia, apesar do fato de que Victoria o visse como o homem que traiu Lorde Ellerslie e tomou sua esposa. Sabia que ela nunca gostaria dele, e isso era uma questão de indiferença para ele.

Portia era algo completamente diferente.

Precisava falar com ela, sozinho. Mal olhou para ele, desde que a rainha chegou; era como se estivesse com medo de desagradar sua benfeitora. E agora, aqui, ela estava vestida em seu vestido lilás, sua máscara firmemente no lugar. Tinha um pressentimento de tristeza de que ela seria convencida por Victoria a voltar para Londres e nunca a veria novamente.

Não tinha esperança de sequestrá-la uma segunda vez.

Isso era tão terrivelmente frustrante. Desde que colocou seus olhos em Portia, passava seus dias ou muitíssimo feliz, ou desesperadíssimo, não parecia haver nenhum meio-termo. Mas, ainda assim, ele não teria isso de nenhuma outra maneira. Ele a amaria agora e para sempre.

Arnold Gillingham estava lhe dando aquele olhar que fazia Marcus querer socá-lo, mas não achou que seria aconselhável nas circunstâncias atuais. E quanto à sua esposa, Lara, estava sorrindo para si mesma, como se tivesse ganho na loteria, exceto quando lembrava de parecer a enteada preocupada. Era muito engraçado, realmente.

Exceto que não sentia vontade de rir.

O sino tocou tristemente, avisando sobre a neblina. Ele notou, a caminho do jantar, que o mar branco já estava pressionando as janelas, como se estivesse tentando encontrar uma maneira de entrar.

Mesmo que um deles quisesse partir, não poderiam fazê-lo com segurança.

— Minha querida, suas mãos estão geladas. — Arnold estava esfregando os dedos de Lara entre os seus — Pegarei sua manta.

Lara abriu sua boca e fechou-a novamente, parecendo perplexa.

Seu marido se levantou e, com uma reverência, pediu licença. Quando a porta fechou atrás dele, a atmosfera pareceu aliviar.

— As condições aqui sempre são tão “estimulantes”, Sir Worthorne? — Victoria perguntou, pegando mais carne de carneiro.

— Existem compensações, madame.

— Sêrio? E quais seriam?

— Dormir cedo, madame.

Olhou-o inexpressivamente, então sorriu — É muito travesso, Sir Worthorne.

— É o que me disseram.

Portia o estava olhando, como se quisesse dizer exatamente o que pensava de tal risco e, em troca, ele lhe deu seu sorriso mais inocente.

A porta abriu e Arnold voltou com a manta de Lara. Mas, em vez de colocá-la carinhosamente sobre os ombros dela, ele se aproximou da mesa com a peça embrulhada nos braços.

— Esperei tanto por este momento, — disse — mal sei o que dizer. A ocasião exige algum tipo de discurso, mas talvez explicações possam esperar.

— Arnold? — Lara o estava olhando ansiosamente — Posso ter minha manta agora?

Mas Arnold não estava ouvindo. Ele desembulhou a forma nos braços e agora a manta de seda deslizou para o chão e todos puderam ver o que era. Um par de pistolas preparadas e engatilhadas.

O guarda de Victoria não hesitou. Avançou, mas Arnold mirou, atirou e o homem caiu para um lado, agarrando seu peito. Sangue escorria por seu colete. Sebastian ficou de pé, levando o soldado ferido para uma cadeira, enquanto Lara dava pequenos gritos de desespero.

Portia ficou pálida, olhando para Arnold, enquanto este virava e calmamente trancava a porta da sala de jantar. A rainha não se moveu, e o medo em seus olhos estava oculto pela elevação orgulhosa de seu queixo.

— Meus homens ouviram o tiro e virão atrás de ti, enquanto conversamos. — anunciou — Entregue sua arma, Sir Gillingham.

— Não tenho medo, Vossa Majestade. — respondeu, seu sorriso se alargando.

— Enquanto estive fora, há um momento, desci e fui à cozinha. Seus homens estavam lá, festejando com os criados, todos estavam muito embriagados. Barriquei a porta muito bem e não parecem nem ter me ouvido. Não há dúvida de que abrirão caminho no devido tempo, mas então será tarde demais e estará morta. Lembre-se, ainda tenho uma pistola carregada.

— Arnold! — Lara chorou.

— Cale-se. Esperei toda a minha vida por este momento. Inglaterra para os ingleses e, Vossa Majestade, minha rainha, não é mais inglesa que o kaiser.

Marcus esteve assistindo à cena se desenrolar. Sentia-se frio, alerta e extraordinariamente vivo. Sabia que não poderia deixar Arnold assassinar a rainha, que devia fazer algo quanto a isso, mas teria que escolher bem seu momento.

Sebastian chamou sua atenção, em um aviso silencioso. Tirou seu casaco e estava pressionando-o no peito ferido do homem. Do seu outro lado, Portia estava pálida e abalada, mas simplesmente tão inabalável quanto à rainha.

Arnold ainda estava falando. Discursando sobre as crenças de seu pai e os

livros que escreveu, os quais nunca foram lidos. Parecia acreditar que, atirando na rainha, iria espalhar a mensagem dele ao mundo. Marcus não achava que isso funcionaria assim, mas não discutiria. Quanto mais Arnold discursava, mais tempo tinha para dominá-lo e tomar sua pistola.

— Arnold, por favor, sabe que não conseguirá escapar. Será enforcado. E o que acontecerá a Lara, então? — Portia, a voz da razão.

Este olhou para ela, enquanto Lara começava a soluçar — Se não tivesse decidido se satisfazer, Portia, eu teria completado minha missão muito antes. Como está, terei que esperar, e não estou feliz com isso.

— Poderia ter atirado em mim na carruagem, no caminho para cá. — Victoria disse — Por que não o fez?

— Queria tornar isso um evento. — Arnold respondeu, mas seus olhos se voltaram para Portia.

Marcus riu — Não, não queria. — zombou — Queria fazer isso na frente de Portia. Queria mostrar-lhe que homem horrível realmente é. Queria impressioná-la. Admita isso, Gillingham. Está apaixonado por ela.

Arnold ficou muitíssimo furioso. A pistola estava tremendo tanto, que teve que firmá-la com sua outra mão — Tem que reduzir tudo ao seu nível. — sussurrou — Meu objetivo é puro e verdadeiro. Os sentimentos que descreve me contaminariam.

Mas o estrago estava feito. Lara estava esforçando-se para levantar-se, derrubando a taça de vinho, seu rosto feio com mágoa — Arnold, oh, Arnold, pensei que fosse melhor do que isso. — soluçou.

— Sente! — ele berrou, mas, naquele momento de distração, Marcus agiu.

Ficou de pé em sua cadeira, lançando-se sobre Arnold e estendendo a mão para a arma carregada. Errou, Arnold se moveu no último momento, mas bateu com força e a arma caiu sobre a mesa, alojando-se em um prato de torta de frango. Mas o homem também foi rápido. Estava ao redor da mesa em um instante, pegando uma faca de legume, enquanto corria. Quando alcançou Portia, apertou seu braço em volta da garganta dela, segurando a faca na sua bochecha.

Sebastian tentou detê-lo, mas foi impedido por seu paciente, e Arnold deu um chute, derrubando a cadeira debaixo dele e fazendo-o cair no chão, com o guarda ferido em cima dele. Portia gritou; um rastro de sangue escorria pelo seu rosto, no local onde a ponta a cortou.

— Para trás! — Arnold ordenou a todos — Cortarei a garganta dela. Farei. Não pode dizer que ela não merece isso.

Ele iria. Marcus leu a verdade nos olhos azuis selvagens do homem. Portia choramingou, agarrando-se ao braço de Arnold, tentando manter o equilíbrio, enquanto ele a puxava contra si, arrastando-a pela sala e caminhando em direção à porta. Suas saias se enroscaram nas pernas, ameaçando fazê-la tropeçar, mas ela deu um chute, libertando-se a tempo.

A frieza que mantinha Marcus sob seu controle até agora, se transformou em uma torrente violenta — Deixe-a ir.

Arnold sorriu — Oh, não, acho que não. Ela virá comigo.

Colocou a mão atrás dele, atrapalhando-se para abrir a porta trancada e sair. Portia grunhiu, tentando pegar o batente, mas ele bateu violentamente nas mãos dela, forçando-a a soltá-lo. Ele bateu a porta e os demais ouviram o som da chave virando do lado de fora, e depois passos correndo.

Levou, a Marcus e Sebastian, meio minuto para arrombar a porta, e então Arnold e Portia tinham partido, para fora, na neblina e no pântano.

Portia tentava acompanhar. Se não conseguia, Arnold a arrastava pelo braço ou, uma vez, pelo seu cabelo. Gritou quando ele fez isso. Estava arranhada, abalada e assustada, além de cansada de ser corajosa.

— Sempre o detestei, — disse-lhe, sua voz tremendo — mas nunca pensei que fosse capaz de assassinato.

— Bem, agora sabe. — Por aqui. — acrescentou, puxando-a, pelo caminho, ao lado dele.

Ela podia ouvir o barulho da água debaixo deles e soube que a maré estava subindo. Havia o perigo de cair nos pântanos e afogar-se no redemoinho da corrente, e, em suas saias pesadas, Portia sabia que não conseguiria se salvar.

— A ponte será fechada. — arfou — Não conseguirá escapar, Arnold. Por favor, se entregue.

— Não. — olhou em volta, mas a neblina estava tão grossa que não podiam ver nada. Sons estavam distorcidos e abafados, e várias vezes ele se assustou por seus próprios passos, ecoando de volta para ele. Isso era como estar em outro mundo — Há um barco? — exigiu.

Ela foi muito lenta para nega.

— Mostre-me onde está. — ele disse, sacudindo-a. Seu cabelo estava caindo em volta dela, e ela o empurrou de seus olhos.

— Não tenho certeza se posso. Tudo parece diferente.

— Portia, o encontrará ou irei jogá-la na água. Não pense que não irei. Vê-la morrer me daria grande prazer.

Olhou nos olhos dele e soube que falava sério.

— Por aqui. — murmurou, não sabendo se este era o caminho ou não. Isso não importava. Seu plano era ficar viva tempo o suficiente para Marcus encontrá-la. Sabia que ele a estava procurando. Sabia que nunca a deixaria morrer aqui, sozinha e assustada.

O caminho estava ficando mais estreito, e, de cada lado, a água que subia batia contra as margens. Portia levantou as saias e caminhou na frente de Arnold, agora que não havia espaço para andar lado a lado. Ele ficava olhando para trás, embora não houvesse nada para ver. Ocasionalmente, o sinal de alerta de nevoeiro tocava.

Tentou pensar. Estava tudo muito bem esperar que Marcus a encontrasse, mas, e se ele não a encontrasse? E se ficasse com Arnold, provavelmente morreria por sua mão ou em seus esforços desesperados de escapar. Ficaria melhor escapando dele.

Foi então que o viu, vários metros à sua frente e à sua direita, flutuando

alto, na água. Apenas um vislumbre, antes da neblina mover-se novamente, escondendo-o completamente. Um barco. Um olhar atrás dela mostrou que Arnold não notou; estava muito ocupado, procurando atrás dele por qualquer sinal de perseguição. Ela tropeçou, fingindo cair, e pegou uma pedra pesada dos cascalhos pelo caminho. Arnold a xingou, estendendo-lhe a mão, mas ela se afastou e continuou lutando. Da próxima vez que ele virou, jogou a pedra, com o máximo de força que pôde, na neblina atrás deles.

O barulho ecoou por todos os lados, parecendo vir de todas as direções ao mesmo tempo. Arnold virou-se ao redor, olhos arregalados, e Portia aproveitou sua chance. Jogou-se para o lado, deslizando pela margem e entrando no barco.

Balançou perigosamente.

Atrapalhou-se com a corda, conseguindo sair do cais e lhe deu uma empurrada.

Arnold estava gritando. Ela o viu brevemente, uma forma negra acima dela, e então ele desapareceu novamente e não houve nada.

Por um longo tempo, ela ficou no fundo do barco, flutuando. O ar estava frio e úmido e estava tremendo de frio, quando ouviu vozes a chamando. Passaram vários momentos, antes dela poder convencer-se de que não eram de Arnold, tentando recapturá-la, e respondeu.

Gritos e passos correndo. O clarão de um lampião. E então alguém estava deslizando na margem, em direção a ela. O barco balançava enquanto o agarravam, e logo mãos estavam Tateando-a, levantando-a, segurando-a.

— Meu amor. — Marcus murmurou, sua voz rouca de tanto chamar — Meu querido amor. Nunca me deixe novamente.

Portia agarrou-se a ele, enterrando seu rosto no perfume familiar de seu casaco — Não, nunca... — suspirou — Nunca irei.

No dia seguinte, a neblina sumiu.

Procuraram por Arnold por horas, até encontrarem seu corpo, flutuando no pântano. Marcus era da opinião de que ele escorregou e caiu, mas Portia se perguntava se ele se afogou, depois que seu plano falhou. Lara estava inconsolável, mas Portia pensou ter detectado um indício de alívio nas lágrimas dela. Afinal, como alguém sobrevive à vergonha de estar casado com um traidor vivo? Lara era a filha de seu pai nesse sentido, e mais forte do que parecia. Victoria já estava em seu caminho de volta para Londres, mas exigiu segredo de todos eles. Não seria bom espalhar histórias do que aconteceu em Duval Hall. Tudo seria atribuído a um trágico acidente.

— Informarei ao público que Lady Ellerslie está para se casar — disse — e que eu sabia tudo sobre isso. Isso deve calar os duvidosos.

— Obrigada, madame.

— Esperarei um convite para seu casamento — Victoria continuou — e sua primeira filha terá meu nome.

Marcus curvou-se, tentando esconder seu sorriso.

Mas Victoria o viu e riu — Acho que posso vir a gostar de seu Marcus. —

declarou para Portia — Nunca o amarei tanto quanto a Lorde Ellerslie, mas ele servirá.

Mais tarde, caminhando juntos no jardim, Portia agarrou seu braço e disse — Não sei como faz isso.

— Faz o quê? — ele perguntou, completamente à vontade.

— Consegue tudo o que quer.

— É um talento.

Ela sorriu, então suspirou.

Ele levantou o queixo dela com seu dedo e olhou em seus olhos — Fale-me sobre a filha do pastor.

Ela não fingiu não saber o que ele queria dizer — Eu estava apaixonada por voc. Tive uma... uma paixão de adolescente.

— Paixão? — manteve seus olhos nos dela, recusando-se a soltá-la — O que foi aquela história que contou a Minnie, sobre os tocadores de sino? Isso foi você... e eu? Bom Deus, foi isso, não foi?

— Sim.

Ele sorriu.

— Não se atreva. — ela disse — Se rir, vou esbofeteá-lo.

— Não estou rindo. — ele protestou — Pelo menos, não pretendo. Estou feliz. Agrada-me pensar que estive apaixonada por mim, todos esses anos atrás.

Falava sério. Ele a amava loucamente, e pensar que ela o amou quando eram jovens, mesmo que tenha sido muito estúpido para reconhecer isso, deixava-o orgulhoso.

Deu-lhe um sorriso lento e sensual, e, quando tinha sua completa atenção, disse: — Espere até eu lhe contar sobre meus sonhos.

Epílogo

Portia cobria seus olhos contra o sol. O caminho estava banhado pelo sol nesta bela manhã, perfeita para uma caminhada. Mudou sua cesta para o seu braço e partiu. A princípio, via apenas um contorno preto, um homem sobre seu cavalo, mas, conforme ele se aproximava, percebia que era ele.

Marcus Worthorne.

Seu coração começou a bater descontroladamente. Diminuiu seus passos, perguntando-se se ele pararia hoje e falaria com ela, e o que ela diria. Talvez sua garganta fosse travar e ficaria muda, como quando ficava, às vezes, quando a olhava na igreja. Ele era o homem mais lindo que já viu e sabia que o amaria para sempre.

Seu cavalo estava diminuindo. Ele pararia, afinal.

Podia vê-lo agora. Cabelo preto, um pouco despenteado, seu queixo barbado, seus olhos estreitados. Ele não estava usando um lenço de pescoço e podia ver o espaço de seu peito debaixo da camisa de tecido branco. As mãos dela apertaram a cesta.

— Srta. Stroud, não é? — ele perguntou, em sua fala arrastada.

— Sim, Sir.

— Está fazendo suas boas obras, não é?

— Sim, eu... eu tenho uma família para visitar, descendo a estrada.

Ele sorriu. — Merece ser elogiada.

— Faço meu melhor, Sir.

Este olhou atrás dele — Há um acampamento de ciganos lá embaixo, por falar nisso. Não desejaria arriscar-se com esses sujeitos. Acho que seria melhor se eu a acompanhasse. Aqui, pegue a minha mão.

Fascinada, olhou para ele.

Ele torceu seus dedos, impacientemente — Vamos. Fique de pé naquele tronco ali, pronto.

Portia subiu no tronco e lentamente, como se alcançando o santo graal, colocou seus dedos nos dele. Ele ergueu-a sobre seu cavalo, na frente dele. Foi uma escalada nem um pouco elegante, mas ela estava realmente em seus braços. Sentia-se ofegante e excitada, e pulou, quando ele se inclinou contra as costas dela.

O hálito dele em sua orelha a fez estremecer — Acho que deveríamos tomar o caminho longo, depois do acampamento de ciganos, Srta. Stroud.

— É mais seguro assim, Sir?

— Não diria isso. Não, mas descobrirá que vale a pena, minha inocente beleza. Tenho algo para lhe mostrar, que não esquecerá.

E ele bateu seus calcanhares em sua montaria e partiu em um galope.

Portia pegou uma folha em seu cabelo e suspirou. Ao lado dela, Marcus estava semiadormecido, seu grande corpo quente pressionado no dela. Olhou-

o e ele deu-lhe um sorriso preguiçoso.

— Não lembro de vê-lo sendo tão lascivo. — ela disse.

— Oh, acredite em mim, fui lascivo. Era simplesmente muito inocente para reconhecer isso. — acariciou sua coxa nua — Gostei disso, meu amor. Terá que me contar outro de seus sonhos.

— Irei. — tirou o cabelo dele de seus olhos, olhando-o com todo o amor em seu coração — Assim que voltarmos para Duval Hall, quando terminarem as redecorações.

— Sempre há o Aphrodite's Club. Ela deixou claro, através de Francesca, que está muito satisfeita com a forma como as coisas aconteceram.

— A cortesã se tornou uma casamenteira. — Portia disse com um sorriso.

Ele se apoiou sobre um cotovelo — Arrepende-se disso? De casar comigo? Não ser mais a famosa Lady Ellerslie, o anjo em vestes de viúva?

— Nem um pouco. Prefiro muito mais ser a simples Sra. Worthorne.

Marcus sorriu — Bom. — os dedos dele ficaram mais ousados — Não temos que voltar ainda, temos? Há muito tempo antes de Seb e Francesca acordarem para o café da manhã.

— Muito tempo. — ela murmurou enquanto ele a pressionava sobre as folhas, mais uma vez.

Conheça outros títulos da Leabhar



ANNA CAMPBELL

9786554442732

[Compre aqui](#)

“Um deleite exuberante e sensual” (Laura Lee Guhrke, autora de best-sellers do New York Times), perfeito para os fãs de Eloisa James e Tessa Dare.

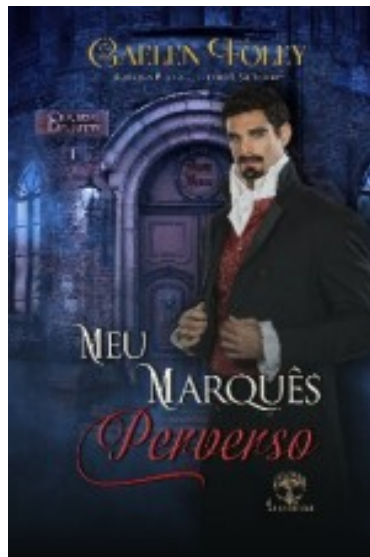
SERÁ QUE UMA SEMANA DE SEDUÇÃO...

Desesperada para salvar a vida de sua irmã, Sidonie Forsythe concordou em se submeter a um destino terrível: Além das muralhas do Castelo Craven, um canalha notório e com cicatrizes horríveis tomará sua virtude ao longo de sete noites de pecado. No entanto, em vez de um monstro, encontra um homem como nenhum outro. E durante essa semana, passa a se interessar por Jonas Merrick de uma forma que desafia toda a lógica - mesmo quando um segredo sombrio que ela carrega ameaça a ambos.

... DESPERTARÁ UMA VIDA INTEIRA DE ENTREGA APAIXONADA?

Jonas, um solitário implacável, sabe exatamente quem é. Caso se esqueça, mesmo que por um momento, da maldição que carrega, um simples olhar no espelho serve como um lembrete angustiante. Portanto, quando a adorável Sidonie aparece em sua porta, sua sedução é uma perspectiva ainda mais deliciosa do que ele planejou originalmente. Mas o pária endurecido logo se comove com sua beleza inocente, sua inteligência afiada e sua coragem surpreendente. Agora que inimigos perigosos se reúnem no portão para

destruí-los, será que seu novo e frágil amor conseguirá sobreviver?



GAELYN FOLEY
9786580754786

[**Compre aqui**](#)

Para restaurar a honra familiar, o Marquês de Rotherstone enfrenta sua missão mais perigosa - encontrar a noiva perfeita...

Para a aristocracia londrina, o Clube Dante é um escandaloso clube de homens que nenhuma jovem dama apropriada reconheceria. Mas, embora sejam notórios publicamente por estarem envolvidos em todo tipo de devassidão, em particular são guerreiros que fariam de tudo para proteger o rei e o país.

O Marquês de Rotherstone decidiu que chegou a hora de restaurar o bom nome da família. Mas como membro do Clube Dante, sabe que só há uma maneira de se redimir aos olhos da sociedade: casar-se com uma dama de grande beleza e criação impecável, cuja reputação é, acima de tudo, irrepreensível.

Alguém muito diferente de Daphne Starling. Realmente, é tentadoramente adorável, mas um pretendente abandonado quase arruinou sua reputação. Mesmo assim, Max não consegue resistir ao seu fascínio - ou ao desafio de provar que os mexericos de Londres estão errados. Faria qualquer coisa para conquistar sua mão... e mostrar que mesmo um marquês malvado pode ser um marido perfeito.

Sobre Sara Bennett



Sara Bennett é uma autora australiana best-seller de romance histórico. Escreveu muitos livros ambientados em várias épocas - Medieval, Regência e Vitoriana - bem como Romance Paranormal sob o nome de Sara Mackenzie.

Começou sua carreira escrevendo sob o pseudônimo de Deborah Miles para a Mills & Boon. Seus livros foram publicados pela Avon/Harper Collins e estão disponíveis em todo o mundo. Ela também escreveu vários livros australianos de ficção feminina como Kaye Dobbie. Atualmente, alterna entre publicações independentes e com editoras tradicionais.

Foi finalista do prêmio RITA (Romance Writers of America) e do RUBY (Romance Writers of Australia).

Sara mora em Victoria, na Austrália, em uma casa antiga em uma cidade da época da corrida do ouro, com seu marido e dois gatos incríveis. Ela adoraria passar mais tempo em seu jardim, mas há muitas histórias a serem escritas.

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail
[Leabhar Books®](#)

Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Dedicatória
5. Prólogo
6. Capítulo 1
7. Capítulo 2
8. Capítulo 3
9. Capítulo 4
10. Capítulo 5
11. Capítulo 6
12. Capítulo 7
13. Capítulo 8
14. Capítulo 9
15. Capítulo 10
16. Capítulo 11
17. Capítulo 12
18. Capítulo 13
19. Capítulo 14
20. Capítulo 15
21. Capítulo 16
22. Capítulo 17
23. Capítulo 18
24. Capítulo 19
25. Capítulo 20
26. Capítulo 21
27. Capítulo 22
28. Capítulo 23
29. Capítulo 24
30. Capítulo 25
31. Capítulo 26
32. Capítulo 27
33. Capítulo 28
34. Capítulo 29
35. Epílogo
36. Conheça outros títulos da Leabhar
37. Sobre Sara Bennett
38. Informações Leabhar

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)

39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)

83.	83
84.	84
85.	85
86.	86
87.	87
88.	88
89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126

127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)

171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)

215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)

259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)

303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)